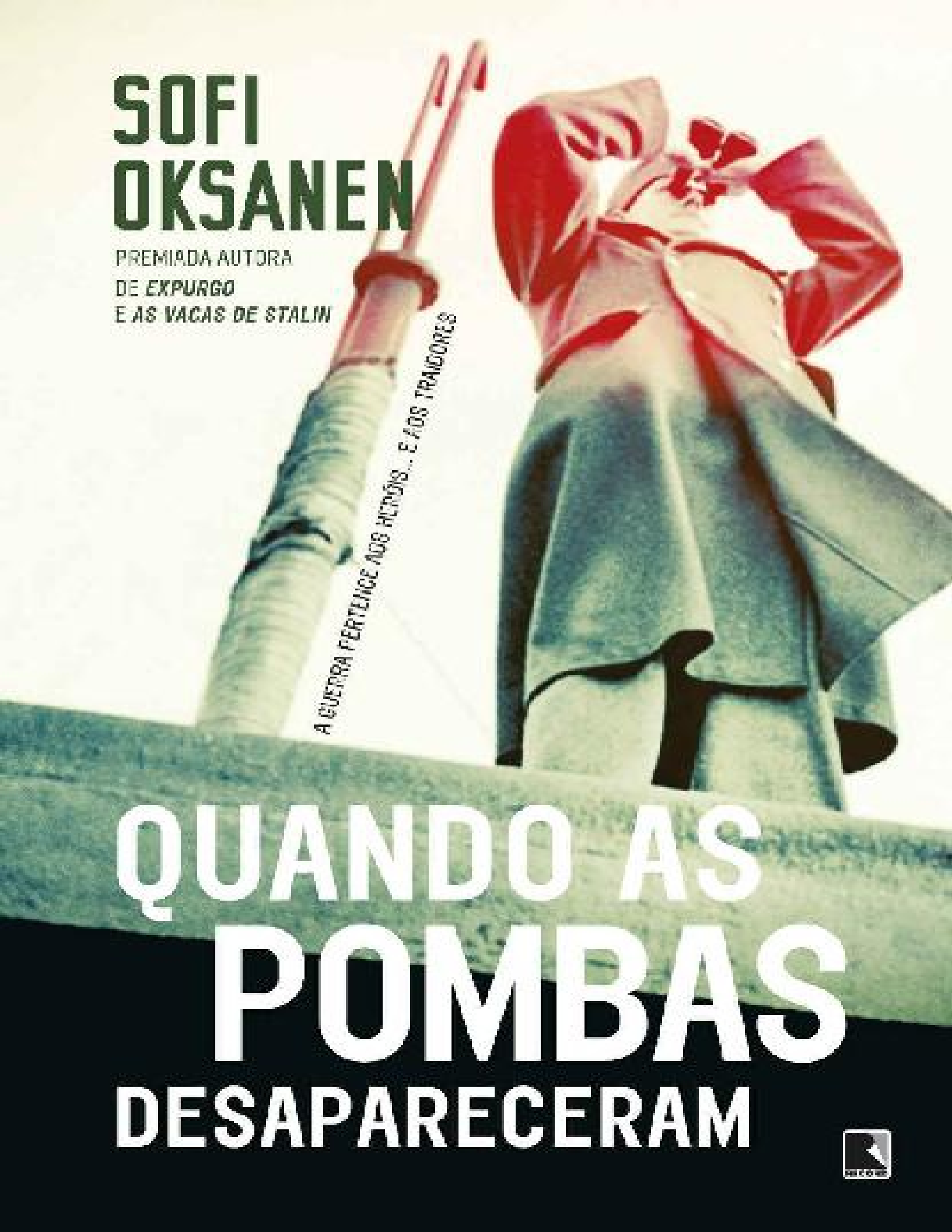




**SOFI
OKSANEN**

PREMIADA AUTORA
DE *EXPURGO*
E *AS VACAS DE STALIN*

A GUERRA PERTENCE AOS HERÓIS... E AOS TRAÍDORES

QUANDO AS POMBAS DESAPARECERAM





**“Ler é aprimorar seus conhecimentos e
compreender a vida ao seu redor.”**

~ e-Livros.SITE, e-Livros.WIN ~

SOFI OKSANEN

QUANDO AS POMBAS DESAPARECERAM

Tradução de
PASI LOMAN E LILIA LOMAN

1ª edição



E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2016

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

Oksanen, Sofi
O36q Quando as pombas desapareceram [recurso eletrônico] / Sofi Oksanen; tradução
Pasi Loman, Lilia Loman. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2016.
recurso digital

Tradução de: Kun kyyhkyset katosivat
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-10870-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção finlandesa. 2. Livros eletrônicos. I. Loman, Pasi. II. Loman, Lilia. III. Título.

16-37127

CDD: 894.543

CDU: 821.511.111-3

TÍTULO ORIGINAL: KUN KYHYKSET KATOSIVAT

Copyright © Sofi Oksanen, 2012

Publicado mediante acordo com Salomonsson Agency.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de
quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos
pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10870-8

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre
nossos lançamentos e nossas promoções.



Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

SUMÁRIO

Prólogo

1948 | Estônia Ocidental, RSS da Estônia, União Soviética

Primeira parte

1941 | Estônia Setentrional, RSS da Estônia, União Soviética

1941 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética

1941 | Estônia Ocidental, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland

1941 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland

1941 | Vilarejo de Taara, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland

1941 | Vilarejo de Taara, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland

1941 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland

1942 | Vilarejo de Taara, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland

Segunda parte

1963 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética

1963 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética

1963 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética

1963 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética

1963 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética

1963 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética

Terceira parte

1942 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1942 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1942 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1942 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1942 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1942 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1942 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1942 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1943 | Vaivara, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1943 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1943 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland

Quarta parte

1963 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética
1963 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética
1963 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética

Quinta parte

1943 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1943 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1943 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1943 | Reval e vilarejo de Taara, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1943 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1944 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1944 | Vaivara, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1944 | Klooga, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1944 | Reval, Comissariado-Geral de Estland, Comissariado do Reich para Ostland
1944 | Klooga, RSS da Estônia, União Soviética

Sexta parte

- 1965 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética
- 1965 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética
- 1965 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética
- 1965 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética
- 1965 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética
- 1965 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética
- 1965 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética
- 1965 | Vilarejo de Tooru, RSS da Estônia, União Soviética
- 1965 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética
- 1965 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética
- 1965 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética
- 1965 | Vilarejo de Tooru, RSS da Estônia, União Soviética
- 1965 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética

Epílogo

- 1966 | Talim, RSS da Estônia, União Soviética

Termos que aparecem no romance

Nota da autora

PRÓLOGO

1948
Estônia Ocidental,
RSS da Estônia, União Soviética

Visitamos novamente o túmulo de Rosalie e colocamos algumas flores em cima do monte coberto de grama sob o luar. Por um momento, ficamos em silêncio, com as flores entre nós. Eu não queria que Juudit partisse, não queria deixá-la ir; assim, tive de dizer algo que não se deve dizer jamais nesse tipo de situação.

— Nunca mais vamos nos ver.

Ouvi a aspereza nas minhas palavras e fiz os olhos dela se encherem de lágrimas. As mesmas lágrimas que me embalaram muitas vezes e transformaram minha mente sã em uma casca de noz balouçante. Agora ela se movia nas ondas dos cantos dos seus olhos. Talvez eu quisesse aliviar minha dor e, assim, tenha me expressado de forma indelicada. Talvez eu só quisesse ser cruel, para que, no processo, ela pudesse me amaldiçoar e amaldiçoar minha falta de sensibilidade. Ou talvez eu simplesmente ansiasse por uma prova final de que ela não queria partir — eu ainda não estava certo sobre os sentimentos de Juudit, embora tivéssemos passado por muitas coisas juntos.

— Você está arrependido por ter vindo me buscar depois de tudo que aconteceu — murmurou Juudit.

Fiquei surpreso com sua percepção aguçada e, envergonhado, cocei o pescoço. Ela ainda tivera tempo de cortar meu cabelo à noite; alguns fios haviam caído na parte interna da gola e me pinicavam.

— Tudo bem, eu entendo — continuou ela.

Não protestei, embora pudesse tê-lo feito. Eu acreditava que teria me saído pior na floresta sem Juudit, ainda que fosse uma pessoa a mais para cuidar. Os homens sugeriam o contrário. Mas eu tivera de levá-la comigo ao ouvir que ela havia fugido de Talim para a casa dos Armis por causa do avanço dos russos. Aquela casa não era segura para nós, a floresta era melhor. Ela era como um pássaro ferido na palma da minha mão, fragilizada, com uma febre nervosa que durava semanas. Somente depois da morte do nosso médico militar em uma batalha que os homens permitiram que a senhora Vaik viesse nos ajudar, a mim e a Juudit. Eu teria sido capaz de salvá-la de novo, mas, depois que ela avançasse à nossa frente na estrada, não mais poderia protegê-la. Entretanto, os homens estavam certos: mulheres e crianças pertencem ao lar, Juudit tinha de voltar à cidade. O cerco se fechava ao nosso redor, e a proteção que a floresta nos oferecia se esvaía. Olhei rapidamente para sua expressão: sua cabeça estava voltada para a estrada que tomaria, a boca entreaberta; Juudit inspirava o mais fundo que podia, e sua expiração fria tentava abalar minha decisão.

— É melhor assim. Melhor para todos nós. Você vai voltar para a vida que deixou — falei.

— Não é mais a mesma coisa. Jamais voltará a ser.

PRIMEIRA PARTE

“E então veio Mark, o guarda; ele levou um por um para a vala e os executou lá mesmo com sua pistola.”

12.000. Tartu, 16-20 de janeiro de 1962, material do caso judicial referente aos responsáveis por assassinatos em massa Juhan Jüristeä, Karl Linnasia e Ervin Viksiä. Editora Nacional da Estônia, 1962.

1941

**Estônia Setentrional,
RSS da Estônia, União Soviética**

O barulho dos motores ficou mais alto; eu sabia o que vinha do outro lado das árvores. Olhei para minhas mãos: não tremiam. Em um instante, eu correria em direção a uma coluna de carros e não pensaria mais em Edgar nem nos nervos dele. Eu via pelo canto do olho como ele apalpava as calças sem parar, com as mãos tremendo. Seu rosto tinha uma palidez que não combinava com uma batalha. Recentemente, havíamos recebido treinamento na Finlândia, onde cuidei do bem-estar de Edgar como se ele fosse uma criança, mas em uma situação de batalha era diferente. Nossa missão era aqui. Logo. Agora. Comecei a correr, as granadas batendo nas minhas coxas; peguei uma do cano da minha bota, tirei o pino e a lancei com força. A camisa do Exército finlandês que eu havia recebido durante o treinamento na ilha ainda parecia nova e fazia minhas pernas ficarem mais fortes. Logo, todos os homens no meu país vestiriam apenas o uniforme do Exército estoniano, de mais ninguém, não daqueles conquistadores estrangeiros nem dos aliados, apenas o nosso próprio uniforme. Era isto que buscávamos: recuperar nosso país.

Ouvi os outros me seguindo, como o chão tremia com nossa força, e corri mais rápido que nunca rumo ao estrondo dos motores. Sentia o cheiro do suor do inimigo, minha boca começava a sentir o gosto de ferro e fúria; não era eu quem corria em minhas botas, eu era aquele guerreiro impassível que, um instante atrás, na batalha, pulara em uma vala e jogara granadas no batalhão de traidores — remover o pino e arremessar, remover o pino e arremessar —, era outra pessoa

— remover o pino e arremessar —, e essa outra pessoa agora corria até o som dos motores. Todas as nossas metralhadoras estavam apontadas para a coluna de carros. Havia um número maior do que tínhamos imaginado, um número incontável deles, russos e voluntários estonianos do batalhão de traidores, e eles traziam um número incontável de carros e metralhadoras. Mas não tínhamos medo; eles, sim. Fúria corria nas nossas veias, e corria com tamanha força que o inimigo parou por um momento. Os pneus do ônibus Mootor derraparam. O ódio os paralisou até abrímos fogo; arremeti com os outros em direção ao ônibus e matamos todos eles.

Os músculos dos meus braços tremiam com as balas que eu disparava, meu pulso sentia o peso das granadas lançadas, mas pouco a pouco compreendi que a batalha havia terminado. Quando meus pés se acostumaram a ficar parados e os cartuchos não jorravam mais no chão, notei que o fim do combate não trouxera silêncio, e sim o clamor de vermes emergindo do solo no sentido dos corpos, o rufar borbulhante dos aliados da morte avançando rumo ao sangue fresco. E fedia, excremento e vômito de ácidos estomacais. Minha visão foi ofuscada, mas, quando a fumaça da pólvora se dissipou, parecia haver uma carruagem dourada reluzindo à beira de uma nuvem para coletar os mortos: nosso pessoal, os homens do batalhão de traidores, russos, estonianos, todos na mesma carruagem. Estreitei os olhos. Meus ouvidos zumbiam. Vi como os homens respiravam, ofegantes, limpavam a testa, oscilavam sobre os pés como árvores frágeis. Tentei olhar para o céu, para a carruagem cintilante, mas não pude permanecer apoiado no Mootor amassado. Os mais rápidos já agiam como se estivessem fazendo compras na feira: era preciso coletar as armas dos mortos, apenas armas, bandoleiras... e esvaziar os bolsos. Andamos sobre pedaços de corpos, membros convulsivos. Eu ia tirar a bandoleira de um cadáver inimigo, mas alguém no chão agarrou meu tornozelo com uma força surpreendente. Meus joelhos me traíram antes que eu tivesse tempo de mirar, e desabei ao lado do homem moribundo, tão frágil quanto ele, certo de que minha hora havia chegado. Mas o olhar do homem não se dirigia a mim; as

palavras pesadas eram para outra pessoa, alguém querido. Não consegui entender o que ele dizia, falava russo, mas seu tom era do tipo que só se usa com uma noiva. Eu sabia disso mesmo se não tivesse visto uma saia branca na foto que o homem segurava com a mão suja. Agora estava manchada de vermelho com o sangue dele, um dedo cobrindo o rosto da mulher. Soltei meu pé com um movimento brusco e a vida desapareceu dos olhos do homem, onde há pouco eu me vira refletido. Esforcei-me para me levantar; tinha de continuar.

Uma vez que as armas foram coletadas, começamos a ouvir o barulho de carros novamente, e o sargento Allik deu ordem de retirada. Prevíamos que o batalhão de traidores fosse esperar por reforços antes de começar um novo ataque ou de procurar pelo nosso acampamento, mas no fim ele viria atrás de nós. Nossos homens com metralhadoras já haviam alcançado os limites da floresta quando vi uma figura familiar atacando um cadáver: Mart. As botas dele tiveram tempo para esmagar o crânio, o cérebro já se misturava ao solo, mas Mart continuava a desferir golpes e golpes e golpes com a culatra do rifle, como se quisesse fundir o cadáver com o solo. Corri até ele e lhe dei um tapa tão forte que o fez soltar a arma. Mart protestou sem ver nada, sem me reconhecer, gritou com inimigos invisíveis enquanto socava o ar sem parar. Mas consegui amarrá-lo com meu cinto e levá-lo para a enfermaria, onde homens carregavam coisas apressadamente. Sussurrei que aquele homem tinha de ser observado, girando o dedo ao lado de minha têmpora. O médico militar olhou rapidamente para Mart, que estava com a respiração pesada e espumava pela boca, e assentiu com a cabeça.

O sargento Allik ordenou que seus homens se apressassem, arrancou uma frasqueira da mão de alguém e gritou que um estoniano não luta bêbado como os Ivans asquerosos, os russos. Comecei a procurar Edgar, temendo que ele tivesse fugido, mas meu primo estava agachado em cima de uma pedra tapando a boca com a mão, o rosto coberto de suor. Agarrei-o pelos ombros e, quando o soltei, ele começou a esfregar o casaco com um lenço sujo no lugar onde eu o havia segurado com meus dedos sujos de sangue.

— Esse lugar não é para mim — declarou ele. — Não me culpe.

Senti uma súbita aversão no peito. Atravessou minha mente uma lembrança da minha mãe fazendo café escondido para Edgar, mas não para os outros. Balancei a cabeça. Eu tinha de me concentrar, esquecer o café, esquecer Mart e voltar a me identificar com aquele homem de olhar ofuscado que calçara minhas botas e se entregara ao combate. Tive de esquecer o inimigo agarrando meu pé, o inimigo em cujo olhar eu havia me reconhecido, e esquecer que eu não me via no rosto do sargento Allik. Nem no rosto do médico militar. Nem no de ninguém que eu sentia que sobreviveria até o fim. Essa era minha terceira batalha desde que tinha voltado da Finlândia, e eu ainda estava vivo, com as mãos sujas de sangue inimigo. Então de onde vinham essas dúvidas repentinas? Por que eu não me reconhecia naqueles que eu sabia que eram capazes de ver o tempo de paz com os próprios olhos?

— Você vai procurar pelo nosso pessoal ou ficar para lutar com esses homens? — perguntou Edgar.

Virei a cabeça para as árvores. Tínhamos uma missão: enfraquecer o Exército Vermelho que ocupava a Estônia, transmitir informações para nossos aliados na Finlândia. Eu me lembrava bem de como estávamos felizes ao vestir os novos uniformes finlandeses e de quando, à noite, havíamos ficado em fila e cantado Saa vabaks Eesti meri, saa vabaks Eesti pind, “Libertaremos o mar da Estônia, libertaremos a terra da Estônia”. Depois de chegar à Estônia, minha unidade tivera tempo apenas de cortar algumas linhas telefônicas quando nosso rádio parou de funcionar e decidimos que seria mais útil nos unirmos aos outros soldados. O sargento Allik havia provado ser um homem corajoso e os Irmãos da Floresta avançavam com grande velocidade.

— Os refugiados podem precisar de proteção — sussurrou Edgar.

Ele estava certo. O grupo no meio da floresta precisava de uma boa escolta porque seria um avanço lento, pois o único caminho para fora do cerco era através de um pântano. Havíamos lutado como loucos para dar tempo a eles, para segurar o inimigo, mas teria nossa vitória

sido suficiente? Edgar percebeu a movimentação da minha mente indecisa. Completou:

— Sabe-se lá como as coisas estão em casa. Não temos notícias de Rosalie.

Antes que tivesse tempo de pensar no assunto, eu já havia assentido com a cabeça e ia aconselhar que fôssemos proteger os refugiados, embora Edgar tivesse dito aquilo provavelmente para evitar um novo ataque, para salvar a própria pele. Meu primo conhecia meu ponto fraco. Todos nós tínhamos deixado em casa noivas e esposas, mas apenas eu olhava para minha mulher em busca de uma razão para deixar a batalha. Porém, me convenci de que minha escolha era perfeitamente honrosa, até mesmo sábia.

O capitão achou que partir era uma boa ideia. Entretanto, eu me senti estranhamente desorientado no caminho. Talvez porque a audição do meu ouvido esquerdo não tivesse retornado, ou porque as últimas palavras que o inimigo dissera para sua noiva ainda ecoassem na minha cabeça. A impressão era de que nada do que havia acontecido fora de fato real, mesmo que o cheiro de morte não tivesse saído das minhas mãos, ainda que eu as tivesse lavado por um longo tempo em um riacho pelo qual passamos por acaso. As linhas na palma da minha mão — da vida, do coração e da cabeça — ainda estavam em um tom marrom-escuro, o sangue seco penetrava mais profundamente na carne, e eu continuava em frente, de mãos dadas com os mortos. Em certos momentos, me lembrava de como minhas pernas haviam corrido para a batalha, como minha mão fizera a metralhadora disparar sem hesitação e, depois que todas as balas acabaram, agarrara uma pistola, e, depois dela, uma pedra que tinha encontrado no chão, e depois golpear a cabeça de um soldado vermelho contra o para-lama do ônibus Mootor. Mas esse não era eu, era o outro.

Minha bússola havia desaparecido na batalha, e caminhávamos em florestas desconhecidas. Eu, entretanto, seguia adiante como se soubesse para onde estava indo e comecei a me sentir um pouco melhor quando ouvi um pássaro cantar. Mais cedo ou mais tarde, Edgar notaria que eu não estava certo sobre a rota, mas ele

provavelmente não reclamaria; era mais seguro para nós ficarmos longe dos refugiados, que eram seguidos pelo batalhão de traidores. Isso não precisava ser dito em voz alta. Algumas vezes, Edgar tentara sugerir que esperássemos em paz pela chegada dos alemães, que todo o resto era inútil e que não valia a pena arriscar tudo àquela altura. Eu não o ouvia, simplesmente seguia adiante: iria para a casa dos Armis para proteger Rosalie e sua família, também verificaria a situação na casa dos Simsons, e, se a luta continuasse, encontraria um irmão de confiança e me juntaria às tropas dele. Edgar me seguia como havia me seguido no golfo da Finlândia, a caminho do treinamento. Ao ver água brotando de uma rachadura no gelo, meu primo empalideceu e quis voltar. Quando nossos esquis congelaram, eu ajudara Edgar a tirar o gelo. Depois disso, esquiamos em fila, eu na frente e Edgar logo atrás de mim, como agora. Mas desta vez queria manter uma distância decente, deixando a respiração ofegante do meu primo se perder por trás das árvores. Há um minuto, meus dedos tremeram quando peguei meu saco de tabaco; não queria que Edgar visse. O rosto do homem agarrando meu pé retornava à minha mente de novo e de novo. Aumentei a velocidade — minha mochila tornava meus passos pesados, mas, mesmo assim, aumentei o ritmo. Queria deixar o rosto do homem para trás, o homem que eu pensava ter morrido por causa de uma bala minha, o homem cuja noiva jamais saberia onde ele tinha caído nem que seu último pensamento fora que a amava. Havia outras razões também pelas quais eu tinha partido tão avidamente, deixando os outros se preparando para a próxima batalha: os aliados alemães já haviam despertado minhas dúvidas antes.

Eles nos enviaram para o Exército Vermelho com algumas granadas, pistolas e um rádio quebrado, mais nada. Não havíamos recebido nem um mapa decente da Estônia. Tínhamos sido enviados para morrer, isso era certo. Porém, eu obedecera às ordens e havia fechado minha boca cheia de suspeitas. Como se nada tivesse sido aprendido nos séculos anteriores, nos tempos em que os barões bálticos nos usaram, fazendo com que morrêssemos no lugar deles.

Antes de ir à Finlândia, eu pensava em me juntar às tropas do capitão Verde e até pretendia planejar um atentado. Meus planos

mudaram quando fui chamado para o treinamento organizado pelos finlandeses e, no fim, o mar congelara, facilitando o acesso à Finlândia. Eu havia considerado isso um sinal: a fanfarronice e a negligência dos Irmãos da Floresta não venceriam guerra nenhuma, eles não expulsariam os invasores, ninguém seria trazido de volta da Sibéria e lares não seriam devolvidos. Além disso, eu considerava as atividades do capitão Verde temerárias — ele carregava um caderno no bolso interno do paletó no qual anotava todos os dados sobre seus homens e planos minuciosos de ataques e túneis. Minhas suspeitas foram confirmadas pela filha de Mart. Ela havia me contado que o batalhão de traidores encontrara os cadernos de sua mãe, em cujas margens havia anotações cuidadosas sobre quem ia à casa delas comer e quando. O capitão Verde também prometera que todo o esforço e toda a comida delas seriam compensados mais tarde. Agora a casa de Mart era uma pilha de cinzas, o próprio Mart tinha perdido a razão, e sua filha vagava em algum lugar à nossa frente, entre os refugiados. Alguns dos irmãos mencionados nos cadernos já haviam sido executados.

Compreendi que as pessoas iriam querer examinar aqueles anos com a consciência limpa, quando a Estônia fosse livre novamente: que deveria haver prova de bom comportamento e da legalidade das nossas atividades, materiais documentados. Mas bom comportamento era algo que não podíamos ter, as ações dos bolcheviques já haviam mostrado que nosso país e nossos lares estavam sob o controle de criaturas abomináveis e selvagens. Em voz alta, porém, eu não criticava o capitão; sendo um homem culto e um herói da guerra de independência, ele conhecia mais sobre a arte da batalha do que eu, e seus ensinamentos eram repletos de sabedoria. Ele treinara tropas, as ensinara a atirar, a usar código Morse, e se assegurara de que a habilidade mais importante na floresta, a corrida, fosse praticada todos os dias. Se não fosse pelo hábito do capitão Verde de tomar notas detalhadas, eu talvez até tivesse ficado com suas tropas na Estônia. Ou se não fosse pela câmara de seus homens. Eu já estava com eles havia algum tempo e, certa manhã, eles começaram a se preparar com entusiasmo para uma foto em grupo. Um homem que

eu desconhecia escapara, e eu seguira seu exemplo, dizendo “por que eu”, já que não pertencia ao grupo. Os rapazes posavam em frente ao esconderijo subterrâneo, apoiando-se um nos ombros dos outros, com granadas nas cinturas, um deles metendo a cabeça dentro de um gramofone para fazer graça. Eles trouxeram uma mochila cheia de dinheiro tirado do cofre de comunistas, o dinheiro que o capitão Verde havia distribuído aos montes aos empregados do conselho no dia anterior, porque ele seria acusado de fazê-lo de qualquer forma. “Peguem o quanto quiserem”, incentivou. “Esses rublos são notas confiscadas da União Soviética para o povo.”

O capitão já era uma lenda, coisa que eu jamais seria; não queria ser um herói. Seria isso uma fraqueza? Seria eu melhor que Edgar?

Rosalie teria ficado muito orgulhosa das fotos tiradas na ilha de treinamento e das fotos coletivas com as tropas do capitão Verde. Mas eu não ia repetir os erros do capitão e, assim, também rasguei a foto de Rosalie com dedos involuntários. Seu olhar me confortara em muitos momentos de desespero, e eu precisaria dele se a vida escorresse das minhas veias para o solo; já precisava dele agora, quando marchávamos sobre as rochas e o musgo enquanto deixava meus irmãos de batalha para trás. Eu precisava do seu olhar. Edgar, que corria atrás de mim, jamais carregou uma lembrança da própria mulher. Quando ele aparecera na cabana da floresta onde eu esperava o momento de ir para a Finlândia, havia deixado claro que nada poderia ser dito a ninguém sobre seu retorno à região. A preocupação de um desertor era compreensível, os nervos fracos de sua mãe eram bastante conhecidos. Entretanto, eu não conseguia me imaginar agindo da mesma maneira, sem dar nenhum sinal do meu paradeiro a Rosalie. Ouvi a respiração ofegante de Edgar atrás de mim e não consegui entender por que meu primo ainda queria que sua mulher acreditasse que ele era um soldado do Exército Vermelho. Eu desejava voltar o mais rápido possível para Rosalie, mas Edgar sequer pronunciava uma palavra a respeito da esposa. Cheguei a pensar que ele pretendia deixá-la covardemente, que teria achado um novo amor, talvez em Helsinque. Edgar ia com frequência fazer suas coisas sozinho, entrava e saía do restaurante Klaus Kurki. Mas minhas

suspeitas contrastavam com o fato de que seus olhos nunca se viravam para uma mulher, e ele nem mesmo sucumbia às tentações do vinho com os outros — isso era óbvio pelo frescor de seu hálito toda vez que voltava para o acampamento. Meu primo também sempre usava as mesmas roupas civis que havíamos recebido de graça do Exército, embora ele se remexesse dentro delas, obviamente odiando-as. Não poderíamos ter levado mulheres para um passeio vestindo aquelas roupas, nem teria sido possível fazê-las sorrir com os vinte marcos que recebíamos por dia; e com certeza isso não era o suficiente para os bordéis de Helsinque. O dinheiro dava apenas para cigarros, meias e outras necessidades.

Os outros olhavam para meu primo, achando-o diferente, e eu já temia que ele fosse expulso da ilha por não se adequar à missão. É por isso que tive tanto trabalho com ele depois que o coice de um rifle havia feito um corte em sua sobrancelha e sua fobia de armas piorou. Ao mesmo tempo, eu me perguntava como ele havia conseguido entrar no Exército Vermelho e como ficara com aquela barriga grande; as refeições do Exército provavelmente se limitavam a banha e pão de centeio. Na ilha de Staffan, pelo menos, a pança tinha desaparecido — na Finlândia tudo era racionado.

Meu primo tinha sido perdoado de muita coisa por ser um tipo loquaz. Quando palestrantes do alto escalão do Exército finlandês começaram a nos visitar para discursar, ele teve a oportunidade de exhibir seu conhecimento sobre as insígnias militares do Exército Vermelho e seu russo educado e fluente; até tentara ensinar paraquedismo aos outros, embora jamais tivesse saltado uma única vez. Passava as noites aperfeiçoando sua habilidade em falsificar documentos, necessária para seu retorno à Estônia. Cochichara para mim algo sobre organizar um grupo ideal, com sua base estabelecida na ilha. Eu deixava meu primo tagarelar, porque estava acostumado com a natureza falante daquele que havia crescido comigo. Os demais, por outro lado, ouviam atentamente a tagarelice de Edgar. Tínhamos bastante tempo livre, momentos em que os outros se dedicavam a olhar para as voluntárias do Exército como se elas fossem a primeira mulher do mundo. Eu passava meu tempo pensando em Rosalie e na

plantação da primavera. Em junho, ficáramos sabendo dos exílios na Sibéria. Nada se ouvira do meu pai desde que fora preso, um ano antes. Minha mãe gritava que ele devia ter aceitado que era necessário cantar a Internacional e tirar o chapéu durante sua execução, que devia ter ficado calado sobre os negócios do comitê da batata e não ter sido contra a nacionalização, mas eu sabia que ele não teria sido capaz de fazer essas coisas. Mas, por causa disso, a casa dos Simsons fora tirada, um filho, enviado à floresta e o pai, à prisão. Queriam fazer dele um exemplo, uma lição. Ao mesmo tempo, tranquilizaram as pessoas dizendo que nenhuma terra seria tomada delas, mas ninguém acreditava nos bolcheviques.

Edgar parecia não dar a mínima para a propriedade dos Simsons, muito embora o dinheiro da nossa fazenda tivesse pago por seus estudos, os mesmos estudos que deram a ele muito o que conversar com os outros sobre sua vida de estudante em Tartu — no nosso grupo havia muitos estudantes e poucos fazendeiros. Suas experiências de vida eram percebidas pelo modo como ele e os outros estudantes riam de tudo que consideravam mais simples do que eles próprios. Para eles, “sem estudo” era uma expressão de escárnio, e definiam uma pessoa com base no fato de ela ter ido à escola por três anos ou mais. Em certos momentos, a conversa dos garotos dava a impressão de que eles haviam lido romances de espionagem ingleses demais, e faziam grandes planos sobre como sairiam tantos espões da ilha de Staffan que os dias do Exército Vermelho estavam contados. Edgar, o líder do grupo, tinha pregado esse evangelho pelo front. Eu classificava alguns como aventureiros, mas não havia traidores no grupo, e aquilo trouxera confiança e afastara minhas suspeitas sobre o que realmente sairia daquele grupo. Coisas básicas também foram aprendidas com maestria — todos havíamos treinado para sermos operadores de rádio, havíamos praticado código Morse, e, embora Edgar fosse desajeitado com armas, telegrafar combinava com seus dedos delicados, que chegavam a bater até cem toques por minuto; minhas mãos se davam melhor segurando um arado. Pelo menos nos aspectos principais e na orientação inglesa estávamos de acordo.

Eu tinha meus próprios planos: em vez da foto de Rosalie, desde que deixara a ilha eu carregava um bloco de folhas soltas, com furos de um lado para arquivamento — carregar todo o material era arriscado demais. Também havia comprado um caderno de capa de couro para ser meu diário. Minha intenção era coletar evidências sobre a destruição causada pelos bolcheviques. Elas seriam necessárias quando tivéssemos paz. Então eu entregaria minhas anotações para pessoas com mais habilidade com as palavras, para aqueles que escreveriam a história da luta pela liberdade. Estar consciente da importância dessa tarefa fortalecia minha mente quando eu deixava de participar de planos maiores por covardia, ou quando escolhia uma opção que me eximia do combate. No fim, eu tinha minha missão, da qual meu pai ficaria orgulhoso. Não tinha nenhuma intenção de escrever algo que prejudicasse os outros, ou qualquer coisa que revelasse demais sobre nossos contatos. Não usaria nomes, talvez nem mencionasse locais. Usaria uma câmera, mas não para tirar fotos coletivas dos nossos irmãos, e sim dos olhos dos espiões, que reluziam por toda parte. Os olhos deles brilhavam como ouro; os nossos, os dos demais, tinham cor de terra.

1941

Talim,

RSS da Estônia, União Soviética

Os celeiros queimavam e as colunas de fumaça se adensavam no céu. Ônibus, caminhões e carros apressados preenchiam as ruas, os pneus gritavam por uma saída, assim como as pessoas... Uma explosão! Fogo da defesa aérea. Estilhaços de vidro caíam como tempestades. No canto da cozinha da mãe, Juudit abriu a boca; a mãe havia fugido para o campo com sua irmã Liia e a deixara sozinha à espera da bomba, a bomba que acabaria com tudo. Já fazia algum tempo que as estradas de Talim para Narva haviam sido bloqueadas para a evacuação de mercadorias, e, aparentemente, fora estabelecido um comissariado para evacuação: comissários para o gado, para o trigo, para as lentilhas, para qualquer tipo de material a ser evacuado — os bolcheviques planejavam levar tudo, absolutamente tudo, até as batatas ainda não maduras; não deixariam nada para os alemães nem para os estonianos. O Exército tinha dado ordens para que os homens deixassem os campos. Todos em direção a Narva, todos em direção aos portos. Outra explosão!

Juudit tapou os ouvidos. Já havia aceitado que a cidade seria destruída antes de os alemães a alcançarem; só desejava que sua hora viesse em condições mais comuns: que os últimos sons que ouvisse fossem o tilintar de talheres, o tinido de grampos enchendo uma caixa, o som oco da jarra de leite sendo colocada sobre uma mesa. Pássaros! O canto deles! Mas a Luftwaffe e os Flaks os haviam engolido; ela nunca mais iria ouvir os pássaros. Nem ouviria os cães. Nem os gatos miando, as vacas mugindo, o barulho no andar de cima, as crianças do

andar de baixo, mensageiros correndo, carrinhos rangendo, nem baldes batendo quando a vizinha esbarrava no batente debaixo da janela de Juudit. Ela já tentara colocar um balde sobre a cabeça, dentro de casa e em segredo, posando em frente ao espelho e se perguntando por que os estilistas de moda não haviam criado um chapéu que pudesse ser colocado em cima de uma bacia ou de um balde. Seria sucesso garantido. As mulheres eram tão infantis ou bobas que algo tolo como um chapéu-balde seria bem-visto. Mas o ruído das bacias já pertencia ao passado, um passado dominado pela normalidade cotidiana. Marcado por perdas e colorido pelos bolcheviques, mas, de qualquer maneira, normal, com sons do dia a dia. Na primavera, seu irmão Johan a levava para morar com a mãe na rua Valge Laeva, só por precaução. Contudo, os dias apenas passaram normalmente, ainda que o irmão e a esposa dele tivessem sido levados no verão. Desde então, Juudit não ouvira nada sobre Johan ou a cunhada, e estranhos haviam se mudado para a casa deles, pessoas importantes do comissariado. Antes disso, o marido de Juudit já havia sido mobilizado pelo Exército Vermelho. Por sua vez, Elisa, que morava no andar de baixo do apartamento de sua mãe, tinha sido condenada por atividades contrarrevolucionárias — suspeitava-se de que ela sabia que Karin, a quem alugara um quarto, tinha planos de deixar o país. Juudit também fora questionada no caso de Karin. Porém, mesmo depois disso, a vida continuou, conformada em um cotidiano melhor do que esses dias de destruição. No campo, na casa de tia Leonida, sua prima Rosalie continuara a ordenhar as vacas, apesar de a família do noivo ter se tornado vítima do terror: a fazenda dos Simsons fora tomada, o pai de Roland havia sido preso e a mãe dele se mudara para a casa dos Armis, para que Rosalie cuidasse dela. Juudit era grata à prima por isso. Não teria aguentado sua sogra, nem mesmo em tempos de necessidade — não tinha a paciência de Rosalie. Se o seu marido soubesse disso, teria ainda mais uma razão para ralhar com ela: sua mamãe não merecia tal tratamento impassível da esposa do filho favorito. Talvez não, mas Rosalie com certeza cuidava melhor da própria sogra do que Juudit, e ela logo encheria a cabana de filhos, para fazer a sogra feliz. Juudit jamais veria isso.

Começou a pensar em qual imagem e em quais vozes selecionaria da normalidade do seu passado como seu último pensamento antes do fim. Talvez em um dia de sua infância, Rosalie e sons normais vindos da cozinha, um momento que soaria igual a todas aquelas manhãs do tempo de paz, que tornava óbvio que o dia seria exatamente como o anterior: um dia em que a cadeira de madeira compensada sob a janela da mãe arranhou o chão e o som a irritou, um dia em que não tivesse pensado em nada importante, um dia em que tais coisas triviais a tivessem deixado de mau humor. Ou talvez, afinal, antes da morte, gostaria de ver em sua mente um dia do tempo em que era uma senhorita solteira, um tempo em que nada era mais empolgante do que um vestido embrulhado em papel de seda dentro de uma caixa, um vestido para futuros pretendentes; não pensaria no marido naquelas circunstâncias. Mordeu o lábio — ele não saía de seus pensamentos, mesmo que tentasse. Se a explosão que acabara de iluminar a sala tivesse acertado a casa, o casamento teria sido seu último pensamento. Uma nova rajada de tiros fez seus músculos se contraírem, mas as explosões não mais a impressionavam e não a faziam se agachar.

A ideia de desaparecer com a cidade havia surgido em sua mente no dia anterior à viagem da mãe e tinha ficado lá como se ela jamais tivesse desejado outra coisa. Gostava de Talim, e não da sogra, e agora a sogra estava na casa dos Armis. Era para lá que sua mãe tentara fazer com que ela fosse também: quase a família inteira estava agora aos cuidados de tia Leonida, e em horas como essa era bom estar com seus entes queridos.

— Graças a Deus seu pai não está mais aqui para ver isso. Vamos dividir as bocas extras a serem alimentadas, de forma que uma das minhas irmãs me leve para a casa dela e a outra leve você. Por pouco tempo. E, Juudit, tente pelo menos se dar bem com sua sogra.

Juudit fingira concordar para fazer com que a mãe partisse. Ela não iria para a casa da tia Leonida. Não era otimista como a mãe, mas secretamente era grata pela pneumonia que levava seu pai quando tudo estava bem no campo. O pai não teria conseguido aceitar o comportamento dos bolcheviques, tampouco teria aceitado o

desaparecimento de Johan. O número de homens da União Soviética era infundável; por que a situação mudaria logo agora? Por que não havia acontecido antes dos exílios de junho, antes de seu irmão ser preso? O rumor das batalhas seguiria em frente com as rodas pesadas e enlameadas dos tanques e mataria todos eles, pronto. Juudit fechou os olhos. A sala estava iluminada: os raios de luz no ar lembravam os fogos de artifício no solstício de verão no balneário de Pirita, quando ela já fazia parte da classe de senhoras casadas havia um ano. Naquela época, Juudit não tapava os ouvidos e as preocupações eram diferentes: seus anseios se limitavam ao desejo reduzido que sentia pelo marido ou, melhor dizendo, pela imagem que fazia dele. E na noite do solstício de verão em Pirita ela desejou, ela desejara tão fortemente... Pensou profundamente naquela noite, concentrada nos barris de alcatrão em chamas, a floresta que sibilava como um ouriço recém-despertado da hibernação para o verão. Sentia o gosto rançoso do batom na língua, um pouco borrado, mas ela não ligava, porque aquilo era um sinal de que sua boca fora beijada. E os músicos haviam feito seu melhor: a canção era sobre a juventude como um sonho efêmero, sobre veados despreocupados bebendo em um riacho. A noite estava repleta de jovens tagarelando e formando pares com sorrisos maliciosos, e as amigas solteiras de Juudit gracejavam, balançavam a cabeça desafiadoramente com seus novos penteados. Tinham o mundo à sua frente e era possível que a mágica do Mittumaari, o solstício de verão, se tornasse realidade. Juudit sentia que a posição de casada cortava a pele de seu rosto, a firmeza de sua carne e a leveza de sua respiração. Como não havia mais nada que valesse a pena buscar, ela fingia ser uma mulher experiente, um pouco melhor, um pouco mais sábia, e segurava o braço do marido da forma relaxada de uma mulher casada; ao mesmo tempo, tentava afastar a semente amarga da inveja, inveja de suas amigas, daquelas que ainda não haviam escolhido ninguém e que ainda não tinham sido escolhidas para o altar. Mas então o marido de Juudit a puxara para dançar e cantara a letra da canção, que dizia que sua mulher era pequena como um relógio de bolso, e a doçura de sua voz os afastara dos outros. A banda já havia começado a tocar outra música, o veado

despreocupado já fora esquecido e Juudit se lembrara da razão pela qual tinha se casado com ele. Naquela noite. Sim, naquela noite tudo correu bem.

Abriu os olhos, sobressaltada: tinha pensado no marido de novo. O sol parecia nascer no golfo da Finlândia. Mas não era a luz do dia, eram as chamas da Talim vermelha se lançando sobre o mar, as flotilhas gritando como pássaros em pânico. Os sons de uma retirada. Juudit atravessou a sala e se apoiou na parede. Não acreditava que os bolcheviques estavam indo embora. Desabou em um canto do quarto e percebeu que os aviões da Luftwaffe estavam interessados apenas nos navios em fuga, não em Talim, mas saber disso não a fez sentir nada. As pernas trêmulas se lembravam muito bem do que o som de um avião significava: era preciso correr para o mato, para um abrigo, para algum lugar, exatamente como quando ela estivera no campo ajudando Rosalie e a tia a fazer aguardente e um inimigo que havia aparecido subitamente no céu fizera a tia chutar o barril, derrubando-o; elas correram para se esconder debaixo de algumas árvores e, arfando, olharam fixamente para o avião, que voava baixo e felizmente não estava armado.

Juudit prensou as costas contra a parede, os pés firmes no chão. Estava pronta para dar boas-vindas à explosão. Embora o ar estivesse pesado com os odores da guerra, nem todos os cheiros familiares haviam desaparecido: o papel de parede ainda emanava o cheiro de um asilo para idosos, vetusto e seguro. Juudit apertou o nariz contra o papel de parede. Seu desenho era tão antiquado quanto aqueles na casa de Johan, nos cômodos onde ela vivera com o marido enquanto esperava a própria casa ficar pronta. A casa nunca ficou pronta; jamais iria mobiliá-la, nem veria os papéis de parede de nenúfares cujo desenho ela mesma havia escolhido na loja Tapetiladu Fr. Martinson, depois de mudar de ideia várias vezes e de ficar mal-humorada ao discutir as estampas floridas com o marido, o irmão e a cunhada — esta última ao menos entendia a importância da escolha de um papel de parede. Após tomar a decisão final, Juudit tinha saído da loja completamente aliviada por não ter mais de estudar amostras, compará-las em casa, depois na Fr. Martinson e depois novamente em

casa. Conseguira, com triunfo, um carro que a levasse para dar as boas notícias ao marido, que ficara aliviado com a resolução do problema com o papel de parede. A decisão tinha sido celebrada com sua cunhada no restaurante Nõmme. Havia sujado o nariz com o creme do bolo, e sua pele estava macia e radiante, pois na época ela esfoliava o rosto todas as noites com açúcar. Imagine, com açúcar! Teriam elas bebido coquetéis, teriam dançado a noite toda? Teria seu marido se juntado a elas mais tarde e teria Juudit pensado mais uma vez que tudo correria bem naquela noite? Teria ela pensado nisso, como sempre pensara e desejara de novo e de novo?

O fim que Juudit esperava não chegou. Pela manhã, a cidade balançava, queimava e exalava fumaça, mas permanecia de pé, e ela ainda estava viva; o Exército Vermelho partira. Os gritos alegres vindos das ruas fizeram com que ela se arrastasse para a janela protegida com fita adesiva e a abrisse, apesar dos estilhaços de vidro. A Wehrmacht ocupava a rua, capacetes e bicicletas se aproximando como uma nuvem de gafanhotos. Havia tantos deles que era impossível estimar seu número, as máscaras de gás balançando e os soldados cobertos por uma chuva de flores. Juudit pôs a mão para fora. Havia sorrisos tão efervescentes quanto bolhas num refrigerante, os braços acenavam para os libertadores provocando um vento com odor feminino, e as mãos eram como folhas em uma árvore de verão, agitando-se, vibrantes. Outras mãos arrancavam os cartazes do Partido Comunista, as fotos pomposas dos líderes: suas bocas foram rasgadas, cabeças, partidas, pescoços, quebrados, saltos acertaram seus olhos e os amassaram no chão. Em fúria, enchiam a boca de papel dos líderes com pó. Logo pedaços de papel eram carregados pelo vento como uma chuva de confete. Os estilhaços de vidro haviam se espalhado por todo lado e se esmigalhavam na neve limpa. O vento fechou a janela, e Juudit se assustou.

Não devia ter sido assim. Onde estava o fim pelo qual esperava? Juudit estava decepcionada, a solução fracassara. Pela janela, respirou o ar da Talim livre. Hesitando, experimentando. Como se uma respiração errada pudesse levar a paz embora ou trazer um castigo

para a mulher que não havia acreditado na vitória dos alemães e na retirada da União Soviética. Não ousava correr para a rua; suas pernas inquietas também foram contidas por pensamentos impróprios. Pensamentos que vieram à tona quando a menininha da vizinha saiu correndo para o pátio, gritando que seu pai voltaria para casa. Isso lembrou Juudit mais uma vez de sua situação, e ela teve de se apoiar em uma cadeira, como uma pessoa idosa.

Em breve, as lojas saqueadas pelo Exército Vermelho seriam reabastecidas e abririam suas portas; as vendedoras atrás do balcão voltariam a embrulhar mercadorias com papel, e a central de purificação de água seria consertada; pontes seriam reerguidas, tudo que havia sido roubado, destruído e sacrificado voltaria ao seu estado anterior, como um filme sendo rebobinado. A cidade ainda estava ferida e pilhada, as ruas ainda estavam cheias de cavalos mortos e cadáveres de soldados do Exército Vermelho sendo devorados por besouros, mas logo tudo isso desapareceria. Os portos seriam reparados. Estações de trem, consertadas. Os buracos das ruas causados pelas bombas, cobertos. Das ruínas, emergiria a paz, a argamassa taparia as rachaduras nos edifícios, as viagens não mais seriam interrompidas por estradas bloqueadas, e as velas poderiam ser tiradas da mesa e guardadas em uma gaveta; as lâmpadas elétricas se acenderiam por trás das cortinas escuras. Talvez os exilados retornassem; Johan poderia voltar para casa, ninguém mais seria levado embora, ninguém desapareceria, não haveria mais batidas noturnas às portas e a Alemanha ganharia a guerra; poderia o futuro ser melhor que isso? A normalidade seria restaurada. Porém, embora Juudit tivesse ansiado por ela há apenas um minuto, em um piscar de olhos a ideia de normalidade havia se transformado em algo intolerável, e a despreocupação sentida um instante atrás se transformou em medo do que estaria por vir. A normalidade que teria não seria a que desejava. Do outro lado da janela, uma cidade sem bolcheviques aguardava — as botas dos primeiros estonianos que retornavam já estavam nas ruas, e logo estariam todas elas em um misto de uniformes da Estônia, da Rússia e da Letônia; e, em torno deles, garotas, senhoritas, noivas, viúvas, filhas, mães e irmãs

correriam para todos os lados, mulheres tagarelando, chorando e dançando.

Juudit não queria se encontrar com essas mulheres, que falariam do retorno dos maridos ou de como noivos, pais e irmãos já haviam saído da floresta ou escaparam para casa na Estônia, ou do Exército Vermelho no golfo da Finlândia. Ela não tinha nada para lhes dizer; não enviara uma única carta ao marido. Havia tentado, certamente: pegara papel e tinta, se sentara à mesa, mas sua mão não conseguira formar palavras. Escrever até mesmo a primeira letra do nome do marido era difícil demais; pensar em uma primeira frase, impossível; ela era incapaz de escrever uma carta como uma mulher que sentia falta do marido, e somente esse tipo de carta podia ser enviado para a frente de batalha. Todas as noites em que tinha tentado sem sucesso e as noites em que nem mesmo tentara voltaram à sua mente. Tampouco havia se esquecido de todas as vezes que tentara usar uma blusa decotada, mas mesmo assim fracassara em chamar a atenção do marido. Lembrava-se com clareza do desconforto que se seguia, lembrava-se de como todas as suas ideias sobre o que tinha de atraente se mostraram equivocadas; lembrava-se de como o marido recém-casado havia afastado os seios que ela oferecera, empurrara-os para o outro lado da cama como quem empurra comida estragada para o outro lado da mesa.

Logo nos primeiros dias de domínio bolchevique, seu marido escapara com outros homens da mobilização obrigatória, refugiando-se nos sótãos de mansões e granjas. Juudit se sentira aliviada. Tinha a cama só para ela, mas não se esquecia de franzir o cenho para fazer as expressões apropriadas, de fingir ser uma esposa preocupada com o marido. Quando ele havia sido sequestrado em um carro ZIS preto dos tchekistas, Juudit conseguira anuviar os olhos com lágrimas, porque era o que devia fazer. Desejava que aquela fosse a última viagem do marido — como o carro dos tchekistas o era para muitos —, e, ao mesmo tempo que se assustara com o pensamento, sentira uma alegria selvagem pelas possibilidades trazidas pela guerra. Não havia mulheres divorciadas em sua família; logo, a viuvez era sua única opção, se quisesse ter de volta sua liberdade. Sua teimosa sogra,

entretanto, havia descoberto pelo comissário que seu marido fora enviado para a linha de frente e, mais uma vez, Juudit agarrara um lenço, como era de costume. Não podia contar a ninguém o quanto gostava da cama sem o marido. Ansiava, de fato, por um amante, mas onde encontraria um? Era completamente inapropriado até pensar em algo assim. Apesar disso, leu mais de uma vez *Madame Bovary* e *Anna Karenina*, e, embora as personagens dos romances não sofressem exatamente da mesma situação marital, identificou-se profundamente com elas, pois também entendia muito de frustração.

Antes do casamento, a mãe de Juudit deixara escapar alguns conselhos matrimoniais a respeito de problemas em potencial — mas os problemas enfrentados por Juudit não faziam parte daquele repertório. Uma suspeita havia ocupado sua mente já durante o noivado, e ela contara à mãe, com rodeios, que, ao contrário do que esta havia insinuado, ele não se aproximara fisicamente dela. Que suas amigas tinham experiências diferentes com os noivos, que não conseguiam esperar até o casamento. Rosalie com frequência dava a entender a natureza fogosa de Roland. A mãe de Juudit sorriu para as preocupações da filha, interpretando-as como um sinal de respeito, e disse que o pai de Juudit havia sido igualmente cavalheiro. Tudo ficaria bem uma vez que fossem morar juntos.

Assim, Juudit havia concluído que, em sua estupidez, uma característica que considerava estranha era algo que na realidade significava um grande amor, e ela ansiosamente antecipara o casamento e reservara um quarto para a lua de mel no Rannahotell de Haapsalu. Entretanto, colocar uma aliança de casamento não mudara nada, e a noite de núpcias tinha sido desconcertante. O marido a penetrou e chegou ao clímax, mas então algo aconteceu. Ele se afastou, foi para trás do biombo, e Juudit pôde ouvi-lo derramar água na bacia e se lavar furiosamente. Depois disso, ele se acomodou do outro lado da cama, o mais distante possível da esposa. Juudit fingira estar dormindo. A noite seguinte não fora nada melhor. O marido adormecera no sofá e parecia absolutamente normal pela manhã. Durante o dia eles andaram pela praia de Aafrika e, à noite, dançaram no pavilhão do balneário, como um casal normal em lua de mel.

Depois de voltar a Talim, o marido começara a trabalhar como assistente no cartório de Johan, e ela se ocupara com a criação de seu lar, enquanto se perguntava o que poderia fazer.

Em locais públicos, ele se comportava como um marido-modelo, oferecia o braço e beijava sua mão; quando se fazia de brincalhão, até a beijava nos lábios, mas seu comportamento mudava completamente quando estavam sozinhos. Se não sentia nenhuma atração por ela, por que a pedira em casamento? Teria tudo sido uma mentira desde o início? Quando Rosalie ficou noiva, apresentara a família Simson para Juudit. De início, Juudit não prestara atenção no primo de Roland que adorava ler, não antes de Rosalie ter lhe contado que o garoto não era tão sem graça como se podia supor em uma primeira impressão: ele ia ser piloto de avião. Juudit havia lido sobre o Barão Vermelho, e cada pergunta que fazia ao garoto o interessava tanto que o fazia resplandecer. Tiveram intensas discussões sobre Manfred von Richthofen. Havia algo de impressionante, apaixonado, no modo como ele se entusiasmava, e Juudit não duvidava de sua escolha, nem do lugar que ocuparia na tribuna quando seu marido fizesse a Manobra de Immelmann em shows de acrobacias aéreas. Rosalie havia elogiado a escolha de Juudit e vice-versa. Elas se consideravam sortudas. Em suas cartas, o noivo prometera levá-la de avião a Paris e a Londres; ambos queriam ver o mundo, viajar. A ideia de ter apenas ar sob seus pés a amedrontava, mas valia a pena ver o rosto das amigas quando contava a elas sobre seu futuro como esposa de um piloto, como uma senhora que conhece as metrópoles; como ela iria comprar luvas em Paris, e como as vendedoras usariam um pincel de pó dentro das luvas antes que ela as experimentasse. Talvez um dia seu marido fosse visto até no noticiário, e o público ficaria tenso em seus assentos, suspiraria, algumas mulheres até ficariam sem fôlego. Às vezes, Juudit se perguntava o que teria levado um homem com um futuro tão empolgante a se interessar por ela; quando noivaram, ele beijara sua testa, e Juudit havia ficado tão quente que não ousava pensar em outros tipos de contato. E, então, não houve outro contato.

Por fim, Juudit tomara coragem de fazer perguntas às amigas sobre assuntos íntimos. A Rosalie não tinha coragem de perguntar nada, ela

ainda estava montando seu enxoval e a casa dos Simsons se preparava para receber a nova senhora. Apesar das faíscas entre Roland e Rosalie, eles não tinham pressa para casar: queriam fazer tudo absolutamente certo. Mas, após seu próprio casamento, Juudit não se via mais capaz de participar dos planos de Rosalie. Antes, as primas examinavam juntas vestidos de noiva e buquês, pensavam no dia em que fossem mulheres casadas — cartas sobre o assunto haviam ido e vindo entre Talim e a casa dos Armis —, e Juudit tinha feito Rosalie prometer que elas levariam os maridos a Haapsalu, tomariam banhos de lama em um balneário e tentariam fazer com que os esposos se dessem bem — embora não houvesse nada de errado com o relacionamento dos rapazes, seria melhor se os dois, que haviam crescido juntos, fossem efetivamente amigos, tão próximos quanto Juudit era de Rosalie. No início, Rosalie considerara o curso grátis de costura da Singer como a opção mais adequada para uma dona de casa, mas depois admitira que talvez pudessem contratar alguém para fazer o serviço de casa alguns dias por semana, para que os dois casais pudessem viajar e passar o tempo juntos. No campo era sempre tudo tão corrido que eles não tinham tempo de socializar direito. Por fim, Rosalie considerara o plano de Juudit bom. Juudit, por sua vez, o havia abandonado após sua lua de mel. Tinha certeza de que Rosalie veria por trás das aparências, perceberia uma mentira em seu casamento que ela não seria capaz de explicar. Como poderia confessar a Rosalie que, de fato, o casamento a condenara à inutilidade? Rosalie não entenderia. Não acreditaria. Ninguém acreditaria.

Desamparada, Juudit se aferrara ao *Dicionário da dona de casa* que havia recebido de presente de casamento. No verbete “Casamento”, falava-se nas entrelinhas de relações sexuais. Na letra S, de “Sexo”, falava-se de “frigidez sexual”, e havia uma explicação de que ela vem de razões espirituais: medo de dor, aversão ao parceiro ou lembranças traumáticas. Juudit percebeu que o artigo não fazia referência a homens, apenas a mulheres. Então ela era o problema. Muitas de suas amigas casadas lhe contaram que seus maridos pareciam nunca estar satisfeitos: uma dera a entender algo sobre tamanho insuficiente;

outra mencionara o fato de que o marido não a deixava em paz nem mesmo quando ela estava “naqueles dias”, o que era terrivelmente anti-higiênico e, certamente, perigoso; uma terceira suspeitava de que o marido lhe trouxera uma doença venérea de suas viagens. A situação de Juudit era excepcional, mas por fim ela tinha no que pensar: gonorreia, sífilis e cancro mole. É claro! Ela havia encontrado uma razão! Seu marido não ousava mencionar o fato por vergonha! Ele teria de ser levado a um médico, mas como? Juudit não podia dizer a ele que suspeitava de que tivesse uma doença.

Pôs o livro de lado. Uma foto ao pé da página de um bebê de colo com sífilis hereditária a havia feito se lembrar de uma mulher de sua infância: ao avistá-la, sua mãe diminuía o passo e atravessava a rua com Juudit, decidindo que era melhor voltar à loja de importados mais tarde — a mulher tinha a doença das moças de vida fácil, que podia ser transmitida, por exemplo, usando os mesmos pratos que os clientes. Nesse assunto a mãe estivera certa: o *Dicionário da dona de casa* mencionava o mesmo fato. Mas não teria Juudit manifestado algum sintoma? Ela ainda se lembrava do rosto da mulher. Era claro e não havia sinais de vício em cocaína, apesar de o médico da família cochichar algo sobre a disseminação da doença em suas visitas de domingo.

— Entre os médicos afirma-se que a loucura causada pelo uso terapêutico da cocaína vem diminuindo em nosso país, embora o número de psicopatas e neuróticos não tenha diminuído, e são precisamente eles os portadores da doença. Você pode até imaginar quantos deles existem.

O *Dicionário da dona de casa* não oferecia nenhum comentário relativo ao fato de a condição afetar ou não a potência do homem. Juudit não chegou a nenhuma conclusão. Sífilis, a mais séria e mais temida doença sexualmente transmissível. Ela não podia ter tamanho azar. Tinha de estar errada. Os olhos do marido não estavam vermelhos, e ele tampouco tinha abscessos na boca ou nas pernas, nem deformidades. Mas, ainda assim, como ela poderia descobrir se seu marido tinha a doença, se ele beijara ou fizera algo mais com

mulheres da vida, e, em caso positivo, o que ela faria? Como saber se o marido tinha ido a um médico?

Juudit havia começado a se observar, examinava a língua e as extremidades todos os dias, ficava assustada com picadas de inseto e o inchaço causado por elas, espinhas no queixo, calos nos dedos do pé. Ela se perguntava se tinha deixado passar algum nódulo, ou se agora estava na fase assintomática mencionada no *Dicionário da dona de casa*. Preocupados, os outros já começavam a fazer insinuações sobre futuros herdeiros, pois a pressa de Juudit em se casar fora interpretada como um sinal de gravidez; o rumor fora posto em circulação especialmente pela boca de sua sogra, cheia de certeza e reprovação. Por fim, Juudit havia tomado coragem, pois precisava saber com certeza. O médico tinha sido muito amigável, embora o exame tenha sido desconfortável e até doloroso. Após a consulta, ele concluía que não havia nenhum problema fisiológico com Juudit nem uma doença.

— Querida senhora — dissera o médico —, a senhora nasceu para dar à luz.

1941

**Estônia Ocidental,
Comissariado-Geral de Estland,
Comissariado do Reich para Ostland**

Por uma semana, atravessamos regiões castigadas pelas batalhas, caminhamos entre corpos de cavalos infestados de vermes e cadáveres inchados de gases, tentamos evitar pontes que haviam sido dinamitadas e interpretar o rugido dos bombardeiros DB. No fim, a floresta começou a parecer familiar e acolhedora, aliviando a saudade de casa, até que encontramos uma estrada que levava a uma velha conhecida, a garota que trabalhava na caixa postal. Deixei Edgar tremendo de frio à beira da floresta e me aproximei da casa com cuidado, mas o cachorro nos reconheceu de longe e correu na nossa direção. Pela empolgação do animal, deduzi que não havia perigo; assim, relaxei e, acompanhado pelo cachorro, fui até a janela e dei a batida combinada. Ela abriu a porta imediatamente, deu um sorriso largo e nos contou as novidades: os bolcheviques continuavam sua retirada, o front do leste estava desmoronando, os finlandeses e os alemães perseguiam o inimigo na região do lago Ladoga; os russos haviam jogado gasolina nos bosques e os incendiaram, mas as tropas fino-germânicas não seriam detidas por florestas em chamas. Os irmãos Andrusson surgiram atrás da jovem e chegaram até a porta. Quando gritei que estava tudo bem, Edgar se aproximou tranquilamente da casa.

A animação preencheu a cabana em um instante: todos riam e falavam ao mesmo tempo. Para mim, aquilo parecia muito distante, e eu os observava um pouco afastado. Mais tarde, naquela noite,

recebemos outras notícias positivas; mas, ainda que eu começasse aos poucos a acreditar no que ouvia, não estava explodindo de alegria. Volta e meia, olhava para as linhas das minhas mãos, e esfreguei-as por bastante tempo quando fomos para a sauna com os irmãos Andrusson. Às vezes parecia haver sangue nelas, às vezes pareciam limpas. Meu primo já era outro homem, sua postura era boa e sua fala começava a surgir como se uma rolha tivesse sido retirada de um barril: ele coloria as histórias de seu tempo na escola de pilotos, levantava a possibilidade de ir para lá como professor após a guerra e encorajava o caçula dos Andrussons, Karl, dizendo que ele também teria uma chance de se tornar piloto, apesar da canela quebrada; a habilidade da senhora Vaik para engessar era famosa, o futuro estava em aberto! Os irmãos se animaram com os sonhos para o futuro, e Edgar se entusiasmou, narrando a construção do hangar para hidroaviões. Não comentei nada sobre a covardia de Edgar e deixei que meu primo se divertisse. Também omiti o fato de que, quando o hangar para hidroaviões havia sido construído, ele nem era nascido.

— Veja bem, essa região da fronteira era uma área de defesa importante para a Rússia já naquela época — comentou Edgar, agitando os braços, e eu deixei que ele também agitasse seus sonhos.

Apalpei o bolso da camisa, sentindo os papéis avulsos; a hora deles chegaria em breve. Eu já havia começado a escrever, mas fracassara. Todas as palavras pareciam erradas, como se desonrassem meus irmãos e eles não passassem de um bando de trocadilhos baratos, comparadas às coisas que eu tinha testemunhado. Os eventos não se deixavam reduzir a palavras. O odor do pântano estava nas minhas botas, as linhas das minhas mãos estavam vermelhas; os traços da minha caneta não podiam ser limpos.

A garota da caixa postal relatava mais notícias sempre que Edgar dava uma trégua em suas histórias. Ao menos em Viljandi, o centeio era cultivado pelos proprietários das terras anteriores às reformas agrárias bolcheviques, e eles deviam vendê-lo como alimento por trinta copeques aos novos habitantes, para quem os bolcheviques tinham dado suas posses. Por sua vez, em troca de um salário, os novos habitantes deviam, em nome dos bolcheviques, ajudar os

antigos proprietários das fazendas nos serviços de casa — não podiam tocar nas florestas nem derrubar árvores, apenas terminar de cortar os galhos que já haviam começado a podar. O cargo de diretor das *sovkhozy*, as fazendas estatais, tinha sido abolido; a cúpula da fábrica estatal de lençóis Kase fugira com o Exército Vermelho, e o antigo proprietário, Hans Kõiva, voltara a comandar a fábrica. Quem precisava de tratores tinha de se registrar; pedia-se ao povo que desse informações a respeito de propriedades abandonadas; a reconstrução das casas queimadas pelos comunistas havia começado, e era possível pedir ajuda para tal fim. E o serviço dos correios voltara a funcionar. As notícias boas eram abundantes. Peguei os jornais finos, que continham instruções detalhadas, e aumentei a luz da lamparina. Visitantes de lugares mais distantes trouxeram ao ponto de encontro algumas edições do *Sakala*, nas quais se encontravam mais decretos sobre a colheita do centeio. Passei rapidamente para a outra coluna. Não queria pensar em que condições estariam nossas casas e campos, quem estaria cultivando os grãos.

Concentrei-me em outros decretos dos novos governantes: os habitantes deviam se registrar; os proprietários de casas estavam proibidos de alugar quartos para pessoas não registradas — todos os judeus, pessoas que foram presas, refugiados e comunistas tinham de se registrar imediatamente no governo local, e os inquilinos e proprietários deviam denunciar a eventual periculosidade dessas pessoas. Quem vinha da União Soviética teria de se apresentar aos comandantes locais dentro de três dias; todos os judeus deviam usar a estrela de davi; ouvir estações de rádio russas ou inimigas da Alemanha estava proibido; caberia à polícia e à polícia auxiliar aplicar as disposições anteriores.

Tudo isso significava que havíamos nos livrado dos bolcheviques. Larguei o *Sakala* e peguei um exemplar do *Järva Teataja*. Um anúncio de óbito na primeira página me fez levar a mão à cabeça, embora meu chapéu já estivesse sobre a mesa. “Em memória a todos os caídos pela libertação da Estônia. O país os recorda com emocionado pesar e profunda gratidão...” No jornal, a liberdade tinha bordas pretas; na minha mente, dela escorria sangue vermelho. Os outros ainda

tagarelavam, e, de repente, percebi que eles já viviam em um país livre. Como se nunca tivéssemos participado de uma batalha. Como se a paz já estivesse aqui. Edgar entrara no novo tempo instantaneamente. Mas estaria tudo realmente terminado agora? Esconder-se, morar em abrigos na floresta, tudo isso era parte do passado? Poderia eu me atrever a sonhar que nossa casa nos fosse devolvida, que logo buscaria a garota de olhos grandes com quem ia me casar? Poderia eu, já na próxima primavera, plantar alfarroba para nossas vacas, colher rabos-de-gato aos montes? Estaria eu em breve trabalhando descalço nos campos dos Simsons, com terra entre meus dedos, enquanto o cavalo castrado se recusava a rastelar o terreno. O ancinho não deixava rastro de feno, por isso o cavalo não gostava do trabalho, mas levar os fardos de palha para o celeiro o animaria; e à noite minha garota de olhos azuis faria café de verdade e tiraria seu avental cheio de lâminas de feno, e seus olhos teriam a cor das flores de alfarroba. Edgar iria, enfim, construir a própria casa, cuidar de sua esposa, e eu estaria livre de ouvir aquela conversa constante. Talvez quem tivesse sido deportado para a Sibéria retornasse à nossa terra; talvez a União Soviética fosse forçada a isso. Meu pai voltaria para casa.

Eu havia memorizado cada ruína fumegante com a qual havia topado, e, embora fosse incapaz de colocar em palavras cada par de olhos sem vida e a carne preenchida de vermes, contabilizava com cruces os cadáveres em decomposição. Procuraria pessoas que soubessem usar minhas anotações e não ficaria mais triste por meu papel insignificante na libertação do país; não ficaria mais abalado por não ter me juntado às tropas do capitão Verde ou às tropas dos Irmãos da Floresta do capitão Talpak quando eles libertaram Tartu e Talim. Logo seria hora de reconstruir o país. Este era o começo. Estava prestes a perguntar para a jovem onde poderia encontrar as autoridades a quem se disporia inicialmente levar minhas informações sobre os atos de barbárie bolchevique. Então, eu me dei conta da minha estupidez. O Exército alemão me alistaria imediatamente em suas fileiras, assim como a Edgar, que, pelo que se apreendia de suas histórias, não parecia entender a situação. A guerra

não havia acabado. Eu não semearia alfarroba no próximo verão, não ouviria a risada cristalina de Rosalie ao cair da noite. A retirada dos bolcheviques me cegara; minha falta de perspicácia era infantil. Xinguei a mim mesmo. Com um mau pressentimento, observei como a garota da caixa postal tirava para dançar o mais velho dos Andrussons enquanto Karl tocava gaita. Eu tinha certeza de que logo as ordens de mobilização, coladas nas paredes dos celeiros pelos bolcheviques, seriam substituídas pelas dos alemães.

1941

Reval,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

Quando Juudit ousou sair de casa, ela se deteve primeiro à porta para escutar. Os sons da guerra haviam desaparecido, realmente cessaram. Endireitou a gola do casaco e dobrou o braço que carregava a bolsa até formar um ângulo reto; a luva mascarava a tensão dos dedos no punho fechado. Os primeiros passos na rua de paralelepípedos foram experimentais, os cacos de vidro ainda se quebravam sob seus sapatos. Não encontrou aquele andar adequado para as ruas de uma capital, um andar deixado no passado — a cidade corria em sua direção já na primeira esquina, havia uma inundação de carrinhos de bebê à sua volta, vira-latas pareciam surgir do nada, senhorinhas davam risada e soldados alemães tocavam gaita e davam piscadelas. Juudit respirou fundo e corou, mas mal havia se recobrado da vergonha quando o zumbido dos correios chegou aos seus ouvidos. Portas de banco abriam e fechavam, meninos mensageiros corriam pela rua, e um moleque vendendo fotografias do Führer agarrou seu braço. Paralisada e perplexa, ela não soube como se livrar do garoto: o dinheiro das vendas iria para o auxílio das vítimas das casas incendiadas, certamente a senhorita gostaria de ajudar famílias sem-teto, e Juudit enfiou uma foto na bolsa, dobrou o braço que a carregava novamente e se assustou com um estrondo vindo do cinema e do caminhão barulhento que passava carregando azulejos. Estava prestes a se agachar de novo, mas agora eram os sons da reconstrução, não da guerra. Um rapaz na esquina achou graça daquela jovem

assustada pelo caminhão, e Juudit, com as bochechas quentes, arrumou o chapéu. Floresciam bandeiras da Estônia e da Alemanha, emboladas umas nas outras pelo vento. O Palácio era restaurado a toda velocidade; um grupo de crianças se juntara para admirar os cartazes de filmes, e os adultos também paravam para examiná-los ao passarem. Juudit viu de relance o pequeno sorriso vermelho de uma atriz alemã, os longos cílios de Mari Möldre. O rebuliço esporeava seus tornozelos, e Juudit teve a impressão de que ela mesma estava em um filme. Aquilo não era real. Entretanto, desejou se unir àquela gente, continuar seu passeio sem destino e nunca mais voltar para casa. Por que não? Por que não poderia? Por que ela não poderia participar da alegria coletiva? Não havia mais o cheiro de queimado, pelo menos não lá, não como ainda podia ser sentido da janela de sua casa; respirou como se o ar cheirasse a pãozinho fresco, até quase ficar enjoada. A cidade não tinha sido destruída, afinal; os russos estiveram tão ocupados queimando depósitos e fábricas e explodindo o trem blindado na estação de carga de Kopli que não tiveram tempo de atacar as residências. Juudit continuou seu passeio, buscando novas evidências de paz. Passou pelo Soldatenheim, a Casa do Soldado; os olhares dos jovens que papeavam relaxados se fixaram em seus lábios, e ela apressou o passo. Desviou o olhar de uma mulher que colocava uma grande foto de Hitler na vitrine de sua loja de botões; desviou os olhos do texto escrito sob a foto — “Hitler, o libertador” —, e olhou para outras coisas, especialmente para as pessoas gananciosas, que pareciam já ter esquecido os últimos anos. Subitamente, homens jovens inundaram a cidade, e Juudit ficou incomodada com isso — havia homens demais, e de repente ela desejou voltar para casa. Comprou jornais apressadamente e também pegou, num banco de praça, um exemplar do *Otepään Teataja* que servira de embrulho de comida. Olhou fixamente para um café que estava aberto, cujas garçonetes ela conhecia pelo nome. Teriam retornado ao trabalho, ou teria o café um novo dono e novos empregados? Antes, Juudit teria entrado para provar os bolos, teria desejado bom-dia, passado o tempo com amigos; agora o anel de casamento apertava seu dedo sob a luva. Perto do hospital, alguns soldados da Wehrmacht caçavam

pombas. Um deles notou Juudit e sorriu; os outros motivaram o soldado a continuar a caçada:

— A panela já está no fogo!

A distância, Juudit via os moleques que haviam se reunido junto à sua porta, interessados no DKW com traseira de madeira compensada que estava estacionado na rua. Os garotos não fariam mal, não fariam perguntas sobre seu marido, mas ao lado deles estava a senhora do vizinho, sempre pronta para um papo. Seria difícil passar por ela e, de fato, Juudit não conseguiu. A mulher a agarrou pelo braço e se lamentou.

— Então agora todos os carros serão feitos de madeira compensada? Qual é a próxima? — Juudit assentiu com a cabeça educadamente, mas a mulher não a deixou ir; queria continuar refletindo sobre as estradas de ferro nas quais estavam sendo colocados trens a vapor e geradores movidos a fogo. — Você pode imaginar bondes circulando sobre trilhos de madeira? Os alemães inventam cada coisa!

Juudit seguiu para o pátio e só ouviu fragmentos das últimas palavras da vizinha, assim como uma pergunta sobre o regresso de seu marido. Ela se afastou rudemente da mulher e subiu correndo as escadas. O telefone ecoava por todo o corredor. Ainda tocava quando Juudit entrou na cozinha, mas ela não atendeu, como não o havia feito no dia anterior; não ousava. Também não abriu a porta, embora tivessem batido; não tivera coragem; espiara de sua casa escura os fogos-fátuos azulados das lanternas alemãs, assustando-se com as sombras estranhas e escutando o ressoar das botas, carros fazendo a curva sob as luzes fracas, gritos em alemão. Não havia dúvida quanto à vitória definitiva dos alemães: os jornais diziam que até os restos mortais de Lênin haviam sido deportados de Moscou. Juudit abriu os jornais sobre a mesa, preparou um café de cereais e acendeu um dos últimos cigarros antes de ler as notícias, mas as publicações ainda não tinham nenhuma informação sobre os repatriados. Em vez disso, os jornais encorajavam os leitores a mandar piadas sobre a era de opressão e listavam os novos preços de vários alimentos. Emmmental

1,45-1,60 marcos do Reich; Edam, 1,20-1,40 marcos do Reich; Tilsit, 0,80-1,50 marcos do Reich. Iogurte, 0,14 marcos do Reich. Ganso de segunda, sem tripas, cabeça, asas nem pés, 0,55 marcos do Reich o quilo. No dia seguinte ela teria de pegar cupons de alimentos, registrá-los na loja mais próxima, entrar na fila e cutucar aqueles que não respeitassem sua vez até que voltassem ao lugar, exatamente como antes. A vizinha acolhera os parentes cheios de filhos vindos de Tartu, que havia sido bombardeada; os barulhos da família atravessavam as paredes e lembravam a Juudit uma vida familiar que ela não tinha nem teria. Sua vida arruinada estava inevitavelmente prestes a voltar ao que era antes do marido partir, faltava apenas que ele regressasse.

Pouco a pouco, Juudit começou a entender que estivera pensando bobagens. Os homens não seriam enviados de volta para casa em massa antes que a guerra terminasse, precisavam deles no front do leste. E eles não correriam para casa em um dia: apenas os desertores que se encontravam na Estônia e em áreas próximas haviam retornado. Se ela tivesse atendido ao telefone, aberto a porta ou simplesmente falado com as pessoas que conhecia, teria percebido isso. A guerra tinha levado embora sua capacidade de raciocinar — havia acabado de imaginar o marido à porta, um marido que ela teria de tolerar ainda mais que antes, porque era preciso ser tolerante com aqueles que foram à guerra. A espera agonizante poderia ser infinita, seu marido podia estar sabe Deus quão longe. E, se ele tivesse morrido, quanto tempo Juudit teria de esperar até ser apropriado começar uma nova vida? Talvez ela devesse ter feito como Karin, por quem Elisa, a vizinha do andar de baixo, havia sido sentenciada por crime contrarrevolucionário — arrumar um emprego na cozinha de um barco e sair navegando, ir para uma terra estrangeira, largar tudo, começar do nada, encontrar um novo homem em um novo país, esquecer que fora casada. Mas então Rosalie, sua mãe, todos de sua família sofreriam o mesmo destino que Elisa.

Quando as listas daqueles que retornavam ao lar começaram a aparecer nos jornais, uma vizinha separou uma garrafa de vinho no

alto da cômoda para aguardar o retorno do marido. O telefone não parava de tocar dia e noite e, por fim, Juudit teve de atendê-lo, pois supunha que sua mãe estivesse tentando localizá-la. De fato, era sua mãe, exigindo notícias, dizendo que estava perguntando aos que retornavam se algum deles conhecia seu genro, se havia notícias de Johan. Juudit não pôde negar: ela se assustava cada vez que o telefone tocava porque ele anunciava uma sentença de volta à vida como era antes. Ainda assim, devia organizar sua rotina, encontrar um modo de ganhar a vida. Já havia sido parada nas ruas muitas vezes por pessoas que pediam comida, mesmo que apenas um pedaço de pão. No campo sempre havia comida. No campo eles destilavam aguardente caseira: ela podia tentar contrabandear artigos do campo e começar a fazer negócios na cidade. Era a única opção; sua mãe pensava o mesmo, e pediu a ela que fosse à casa de Rosalie por volta da época do abate, e preferivelmente que ficasse por lá também. Juudit devia ir, embora soubesse que teria de escutar as preocupações da sogra e da tia sobre como uma jovem mulher casada podia se virar sozinha na cidade, os discursos da sogra sobre a excelência de seu filho favorito, reflexões sobre o que elas poderiam cozinhar quando o menino voltasse para casa. Não se falaria do sogro de Juudit. Ela tinha certeza de que ele jamais voltaria; Rosalie contara que os ratos visitaram a casa dos Armis em junho, e os ratos nunca mentiam.

Embora a maior parte dos comboios ferroviários transportasse soldados, às vezes os soldados ofereciam carona aos viajantes comuns pelo caminho, e foi por isso que Juudit se arrumou mais que o necessário para uma viagem difícil. Quando a ajudaram a entrar no trem, os assovios fizeram suas bochechas corarem. No bolso do casaco levava uma autorização de viagem obtida no mercado negro, e fumava seu último cigarro, embora estivesse em um local público; ao longo de toda a viagem temeu que sua sogra visse a verdade, que lesse a hipocrisia em seu coração. Não tinha ela fingido ser uma esposa feliz no início do casamento, não tinha ela feito tudo o que podia para que eles parecessem um casal normal? Brigara apenas uma vez com o marido, após um ano de casados e dois contatos sexuais.

Juudit pensara por um longo tempo em como perguntar se ele havia ido a um médico, ou, pelo menos, a algum tipo de curandeiro. A frase escapou abruptamente, enquanto jantavam batata e carne. Ele ficara atônito, baixara o garfo, depois a faca, mas continuara a mastigar. No silêncio, ouviu-se a molheira reverberar quando ele tirou a colher.

— Mas por quê? Não há nada de errado comigo.

— Você não é normal!

A cadeira havia caído, arranhando o chão de madeira. Juudit tivera de correr para o quarto, fechar a porta e empurrar uma cadeira debaixo da maçaneta. Os remédios eram guardados em uma gaveta, mas ela não encontrara nada além de pó Hufeland. Despejara tudo na boca e se sentira grata por Johan e a esposa estarem visitando parentes.

O marido tinha vindo bater à porta.

— Querida, abra. Vamos descobrir o que deu em você.

— Vamos ao médico juntos.

— Há algo de errado com você?

— Você não é um homem!

— Querida, você parece histérica.

O tom de seu marido era paciente. Com calma, ele dissera que ia preparar água com açúcar para ela, que a mãe dele sempre fazia isso quando eles eram pequenos e acordavam com pesadelos. Isso a acalmaria. Depois eles pensariam se Juudit precisava visitar um neurologista.

A própria Juudit havia marcado um horário na clínica particular Greiffenhagen. O doutor Otto Greiffenhagen era conhecido por ser especialista em doenças masculinas, e sua clínica era sem dúvida a mais moderna da cidade. Se não fosse possível obter ajuda lá, não seria possível em lugar algum. Juudit gaguejava, engolindo saliva e tossindo sem parar, enquanto explicava seu problema na consulta.

O doutor suspirara.

— Talvez vocês dois devessem vir aqui. Juntos. Seu marido poderia vir sozinho também, é claro.

Juudit havia se levantado para ir embora.

— Querida senhora, há alguns preparados, é claro. Ampolas de testosterona poderiam ajudar, por exemplo. Mas, antes, eu teria de examinar seu esposo.

Mas Juudit não conseguira fazer com que o marido fosse à consulta com Greiffenhagen ou que tomasse Testoviron ou fizesse qualquer coisa, nem mesmo que a levasse a uma viagem de avião. O tempo passou e ela parou de ir às aulas de inglês, e logo também às de francês, que havia acrescentado às suas tardes durante o noivado. Na época, pensava que seria bom para a mulher de um piloto desenvolver habilidades em línguas.

1941

**Vilarejo de Taara,
Comissariado-Geral de Estland,
Comissariado do Reich para Ostland**

Já de longe, da cabana na floresta, ouvia-se o rangido seco do trenó: Edgar voltava, agitado, de seus afazeres na cidade. Quando o trenó parasse, ele começaria a contar as histórias dos alemães imediatamente. Eu sabia disso, e já fechava a boca de antemão. Pela manhã, eu havia sugerido casualmente que visitássemos Rosalie; eu a ajudara a abater um porco e sabia que Edgar gostava de sopa de almôndega, assim, ele poderia aproveitar a visita para tomar um pouco. Contudo, minha mãe aparentemente já havia anunciado a visita. Edgar tinha recusado e fora embora sozinho. A atitude do meu primo para com a esposa não era a única coisa nele que me irritava. Ele não sabia nada de cavalos, por isso saí para lhe dar as boas-vindas; eu teria de tirar os arreios, de qualquer forma. Meu cavalo estava cansado, soltando vapor pelas narinas; notava-se que havia cavalgado rápido demais. Como sempre, Edgar tinha esquecido a aveia, e restavam apenas cerca de dois quilos no saco. Por outro lado, parte do feno que eu havia empilhado no trenó na noite anterior desaparecera.

Não respondi ao cumprimento jovial do meu primo. Ele se deteve no meio do caminho, a neve estalou sob seus sapatos. Limitei-me a levar o cavalo para o estábulo, concentrando-me em tirar a escarcha dos cascos e escovar vigorosamente o flanco, que era onde o animal sempre sentia mais coceira. Edgar me observava, triscando o solo com as botas de feltro para chamar minha atenção. Claramente levava algo nas mãos. Como eu tinha certeza de que não teria nada a ver com o

feno, fiz pouco-caso. A situação estava ruim: Leonida havia prometido que vinte fardos bastariam para o inverno, mas já era necessário misturar um pouco de palha, embora o focinho seletivo do meu cavalo buscasse o capim. As coisas não estavam melhores no estábulo dos Armis, o apetite dos grandes cavalos alemães havia enfraquecido os animais do povo. Eu duvidava que Edgar fosse se preocupar em conseguir mais fardos em suas viagens, a menos que eu conseguisse chamar minha mãe a um canto e falar sobre a situação. Mas ela nunca pedia nada a Edgar. Assim que havíamos voltado para nossa região, Edgar correra para a casa de sua mamãe, de quem ele sentira muita falta. O sorriso da minha mãe brilhara como uma panela bem areada, e Edgar parecera aliviado ao ver que ela estivera sob os bons cuidados de Rosalie. Também havia conseguido fazer com que Leonida e minha mãe fossem para o seu lado quanto a manter seu retorno em segredo — ainda não haviam contado a ninguém, nem mesmo à esposa dele. Segundo minha mãe, se fosse reconhecido no vilarejo, Edgar poderia ser capturado como comunista, algo que não entendi muito bem, pois no período soviético os comunistas não enfrentaram contratempos semelhantes aos dos Simsons. Eu entendia que meu primo desejasse esconder o fato de que havia desertado do Exército Vermelho, mas por que isso agora? Havia outros desertores do Exército Vermelho andando pelo vilarejo, e nós, que tínhamos ido a Staffan, havíamos lutado contra os bolcheviques. Claro que minha mãe não queria nenhum de nós no front, seus nervos eram frágeis, e eu não tinha forças para encarar suas lágrimas. Ela sempre ficava tão feliz quando Edgar ia visitá-la... logo tratava de preparar carne para fazer um consomê ou a procurar outras delícias para servir. Porém, eu não acreditava que Edgar tivesse adotado uma nova identidade sem motivo. Seu novo nome, Fürst, era convenientemente alemão, elegante como uma camisa de viscose, e na minha boca sempre se tornava Vörst. Eu me perguntava se meu primo tinha algo a esconder. Rosalie pensou em enviar uma mensagem para a esposa de Edgar, mas ele a proibiu, minha mãe a proibiu e Leonida a proibiu. Quanto mais tempo se passava desde a volta de Edgar, mais complicado seria explicá-la a Juudit.

Meu primo continuava arrastando os pés atrás de mim. À meia-luz do estábulo, dei uns tapinhas no flanco do meu cavalo, que já exibia sua pelagem de inverno.

— Não vai perguntar se tenho alguma novidade? — disparou Edgar, mexendo ruidosamente nos jornais que sacou da bolsa.

Impaciente, sem nem esperar que entrássemos em casa, começou a ler com os olhos apertados sob a luz do lampião: em Talim, duzentos e seis prisioneiros políticos foram libertados, um presente de Natal do comissariado-geral da Estônia às pobres mulheres e crianças que viviam em dificuldades desde que o chefe da família havia sido aprisionado. A voz do meu primo era transcendental, seus olhos pálidos pareciam ganhar cor.

— Você está ouvindo? Quantos tratariam as famílias dos inimigos de forma tão generosa? Ou você já está pensando no seu campo de tabaco de novo?

Resmunguei uma resposta afirmativa antes de me lembrar de que não pretendia falar com Edgar, que, apesar de suas conexões, não parecia conseguir qualquer avanço positivo para os Simsons. Não havia notícias do meu pai, e nossos campos continuavam nas mãos erradas. Era uma pena não poder semeá-los com batatas, considerando que, depois de três anos coberta por trevos, a terra estava rica em nitrogênio, o mais adequado para o tubérculo. Os alemães proibiram o cultivo de tabaco, e Rosalie não conseguiria recuperar suas plantações, mas ao menos as terras dos Armis, que foram coletivizadas pelos bolcheviques para os soviéticos, haviam sido devolvidas aos seus legítimos proprietários. Eu borrifaria o pomar dos Armis com Estoleum; eu os aconselhara a estocar este eficaz inseticida, prevendo que haveria escassez dele. O pai de Rosalie, Aksel, me via como a um filho e havia aceitado o conselho. Eu tinha explicado a ele que Estoleum era melhor que verde-paris, e que haveria maçãs o suficiente para vender na feira. O jovem chefe da família Simson podia cuidar das terras da esposa, mas não podia fazer o mesmo pelo próprio lar. Essas coisas me incomodavam. Edgar nunca se interessara pelo trabalho na fazenda, embora sempre

recebesse de bom grado o leite fresco da ordenha matinal, bom para seus pulmões fracos.

Ele continuou lendo seu jornal enquanto eu trabalhava no estábulo; a guerra não havia mudado meu primo nem um pouco.

— “Todos ainda nos lembramos de como a propaganda bolchevique havia retratado os nacional-socialistas alemães, e principalmente o Führer, como seres brutais e primitivos. Não os descreviam como seres humanos.” — Edgar elevava a voz, ele queria que eu o ouvisse. — “Mas, na verdade, o nacional-socialismo tem como objetivo unir todos os níveis da sociedade em um só, ser o construtor do bem-estar de seu povo. Instigar o ódio mortal entre classes, uma sangria fratricida de seu povo, é algo completamente alheio a esse movimento. O objetivo é apaziguar as classes e oferecer a todos o mesmo direito à vida... Para nossa pequena nação, cada pessoa, cada ser humano constitui de fato o bem mais valioso.”

As orelhas do cavalo se moveram.

— Pare — ordenei. — Você está assustando o cavalo.

— Roland, você não vê? O comissariado-geral encontrou as palavras exatas para definir do que a nação sente falta.

Não respondi. Minha indignação era tamanha que fiquei petrificado, como uma estátua de sal. Imaginei que meu primo tivesse suas razões para exaltar as bondades dos alemães, talvez desejasse que eu me unisse a ele em seus planos. No entanto, para que eu poderia lhe ser útil? Eu me lembrava bem de como Edgar havia se escondido na cabana quando, após a retirada do Exército Vermelho, a área estava infestada de homens do batalhão de destruição temendo por suas vidas e de alemães que os perseguiam. Várias unidades especiais foram liberadas da Omakaitse e corriam com as demais por entre os abetos, envoltos por uma neblina de fumaça causada pela pólvora. Então eu notara dois homens de tocaia perto da nossa cabana: eram os tchekistas que sitiaram as tropas do capitão Verde. Eu os havia reconhecido porque estivera de guarda naquela ocasião e olhara fixamente para seus rostos, para não os esquecer. Eles escaparam de mim uma vez, mas aquilo não ia se repetir. Ao ver as manchas de sangue no pátio da cabana sob os corpos estendidos,

Edgar levou a mão à boca, exatamente como quando era menino e vira pela primeira vez um porco abatido. Ele havia acabado de chegar à nossa casa; a irmã da minha mãe, Alviine, o enviara ao campo para que ficasse mais forte. Depois que o pai de Edgar havia morrido de difteria, a anemia do menino começara a ser motivo de preocupação. Edgar tinha ficado enjoado. Eu e meu pai estávamos certos de que um garotinho mimado como aquele não sobreviveria em uma fazenda. Mas ele se virou muito bem, agarrando-se à saia da minha mãe. Ela conseguira o segundo filho que tanto desejava, dois enfermos imaginários se encontraram. Tínhamos outra palavra para isso no campo: preguiça.

Quando se recompôs da comoção, Edgar mostrou surpreendente iniciativa e prometeu se desfazer dos dois corpos. Duvidei de sua determinação, mas coloquei os corpos em um carro e Edgar os levou para algum lugar. No dia seguinte, voltou com um sorriso mal disfarçado. Sua pressa em ir à cidade tinha sido esquecida, a calma havia voltado à floresta. Eu imaginava que meu primo tivesse inventado uma história conveniente a respeito dos cadáveres, graças a qual havíamos sido deixados em paz. Porém, cedo ou tarde os alemães começariam a se perguntar o que dois espiões treinados na Finlândia estavam fazendo na floresta, a menos que Edgar já tivesse chegado a um acordo com eles e não tivéssemos nada a temer. Talvez aquele fosse o momento de perguntar sobre seus assuntos com os alemães. Não obstante, parecia impossível indagá-lo a respeito disso. Edgar ficaria feliz se eu demonstrasse interesse em seus negócios, mas não queria ver sua expressão de satisfação. Notei um nó nas rédeas, o desfiz, entrei na cabana e procurei arame para fazer um remendo. Apalpei o couro curtido e concluí que era preciso engraxar as rédeas, então senti saudade dos nossos campos, eu me senti frustrado. Enquanto não devolvessem as terras roubadas pelos bolcheviques e trouxessem as pessoas de volta, os alemães não teriam nenhum valor aos meus olhos, não importava o que meu primo dissesse. Lembrei-me mais uma vez do campo de tabaco no qual algum bolchevique burro havia jogado esterco humano para plantar sabe-se lá o quê, e do cavalo das *sovkhozy*, que era tão magro que eu não entendia como

conseguia puxar a carroça. Edgar não reparava nesse tipo de coisa, do campo de tabaco arruinado estranhara apenas o cheiro. O terreno era parte das nossas terras, das terras dos Simsons, e aquele cavalo havia sido meu. Todas as vezes que participamos das feiras agrícolas, ele voltara trazendo laços azuis junto às orelhas. Eu reconheceria meu cavalo em qualquer lugar, e ele me reconheceu, mas tínhamos de abandonar os campos arruinados e deixar o cavalo partir.

Edgar entrou na cabana depois de mim, espanou um pouco de fuligem da tampa do lampião e o acendeu. Então continuou a ler em voz alta do ponto em que parara no estábulo. Por acaso ele pretendia que eu aprovasse suas atividades? Ele ansiava por algo, queria algo, mas o quê?

— Você não está me ouvindo — reclamou Edgar.

— O que você quer?

— Que comecemos a planejar nossas vidas, é claro.

— E o que os comissariados-gerais têm a ver com isso?

— Você precisa conseguir novos documentos de identidade, assim como os outros. Houve ordens para isso. Eu posso ajudá-lo.

— Não preciso dos conselhos do senhor Vöorst.

— Mamãe não iria gostar se eu não cuidasse de você.

Eu ri da ideia. Edgar estava ficando arrogante.

— Você daria um bom policial. Agora é uma boa hora para entrar para a polícia, eles precisam muito de sangue novo.

— Isso não é para mim.

— Roland, todos os bolcheviques já foram retirados. O trabalho é fácil, e você não precisa se alistar no Exército alemão. Não é justamente por causa disso que você está sentado aqui? O que mais você quer?

Enfim entendi do que tudo aquilo se tratava. Quando a parte que exigia músculos e pólvora havia chegado ao fim e a força policial ficara desesperadamente reduzida, Edgar vira que seu momento tinha chegado. Encarei-o e vi um brilho ganancioso em seus olhos: os barões bálticos, os bolcheviques e os líderes da república foram embora, os cargos de liderança vazios esperavam por ele. Por isso meu primo estivera cheio de si, era isso que vinha ocultando. Ele sempre

considerou os alemães melhores, admirava as bicicletas trazidas de Berlim, era apaixonado pela fonovisão, e, às vezes, até mudava a ordem das palavras nas frases à moda germânica. Mas eu ainda não entendia por que ele estava apresentando seus planos para mim. O que eu teria a dizer sobre suas intenções? Edgar, como alguém que havia sido enviado a Tartu para a escola e para a universidade, teria oportunidades sem mim também. Eu me lembrava de seu andar altivo no pátio durante as férias. Minha mãe sempre lhe dava algumas coroas quando ele queria encomendar livros de aviação de Berlim, fotos de aviões e de ases da aviação alemã. Enquanto os outros trabalhavam no campo e minha mãe descansava em casa devido à saúde frágil, Edgar ficava sentado ao pé de sua cama, falando o dia todo sobre aviação e as acrobacias aéreas de Ernst Udet, apesar de este comportamento ser considerado estranho no campo. Eles eram parecidos, minha mãe e Edgar. Nenhum dos dois precisava dos meus conselhos, mas eu sempre tinha de cuidar de ambos. Comecei a desejar que Edgar fosse de uma vez atrás de sua carreira, que cuidasse de si mesmo.

— Vá você para a polícia, não precisa de mim lá — falei.

— Quero que você venha comigo, por causa de todo tempo que passamos juntos. Quero que você tenha uma boa oportunidade para começar de novo.

— O senhor Vöorst parece se preocupar bastante com minha vida, mas por que não está em casa com a própria esposa? Ou encontrou uma amante que beneficiaria suas manobras?

— Pensei primeiro em arrumar um pouco minha vida. Depois será mais fácil para minha esposa se adaptar a uma vida já pronta. Ela é tão exigente...

Comecei a rir. Edgar parecia irritado, mas suprimia a raiva; seu pomo de adão subia e descia, até que ele sossegou, desviou o rosto e disse:

— Gostaria que viesse comigo. Pela nossa amizade.

— Você falou sobre os seus planos com minha mãe?

— Não, só quando tudo estiver certo. Não quero que mamãe tenha falsas esperanças. — Ergueu a voz novamente. — Não podemos ficar

aqui na cabana de Leonida para sempre. E eu já dei a entender que conheço um homem adequado para a força policial, bem-treinado para a área. Você! Eles precisam de você. A Estônia precisa de você!

Decidi voltar para o estábulo para dar água ao cavalo, esperando que Edgar não me seguisse. Não me faltavam planos, embora meu primo assim pensasse. Eu havia recompilado e ordenado minhas anotações, e, quando encontrava ocasionalmente um dos nossos, coletava mais informações, sem esquecer as conclusões que eu tirara da conversa com Edgar. Pensava em trabalhar no porto de Talim ou na ferrovia de Tartu; pelo menos conseguiria um salário para ajudar a família. Edgar não trouxera um xelim para mamãe, e da granja dos Armis saía também a carne para a esposa de Edgar na cidade. Eu teria de cobrir a parte dele — vigiar o alambique de aguardente caseira e ir ao bosque não bastava; as costas de Leonida estavam se encurvando, minha mãe não servia para nada, e Aksel não tinha uma perna. O porto me atraía mais que a ferrovia, pois Talim estaria mais próxima de Rosalie e evitaria o Exército alemão. Se os alemães também acabassem indo ao porto recrutar homens para o Exército, minha identidade tinha a data de nascimento falsa. Porém, se Edgar havia me comprometido a entrar para a polícia, talvez os alemães já soubessem demais do meu histórico. Provavelmente não deixariam que eu trabalhasse no porto por muito tempo, a menos que Edgar providenciasse novos documentos de identidade com outro nome. E, mesmo se o fizesse, eu poderia confiar que ele não me delataria para os alemães? Eu poderia confiar que Edgar não lhes contaria que eu pretendia trabalhar no porto?

1941

**Vilarejo de Taara,
Comissariado-Geral de Estland,
Comissariado do Reich para Ostland**

Quando Juudit por fim chegou ao vilarejo, ninguém disse nada sobre seu marido. As mãos de sua sogra estavam ocupadas com agulhas de tricô e a meia aumentava, uma meia de criança, e Juudit tinha certeza de que ela não estava sendo feita para os futuros filhos de Rosalie e Roland. Sua sogra sempre se importara mais com o filho adotivo do que com o próprio. Aparentemente, Roland estava se escondendo na cabana de Leonida na floresta e de vez em quando vinha ajudar com o serviço na granja. Não voltaram ao assunto, embora Juudit esperasse o tempo todo que o fizessem. Mas isso não aconteceu. Rosalie apenas mencionou por alto que Roland continuava escondido, e seu rosto não demonstrou o tipo de alegria que Juudit havia esperado; afinal, pelo menos seu noivo retornara inteiro. Era estranho que ali, ao contrário do que ocorria em outros lugares, as pessoas não falassem dos que tinham voltado. Tirando isso, havia tópicos de sobra para conversas. A princípio, lamentaram efusivamente a existência dos “lobos”, inspetores de trem que acabavam com a comida dos passageiros; depois, discutiram como Juudit deveria agir se fosse inspecionada no caminho de volta. Também eram gratos pelo fato de que o trem de Juudit não tivera de parar por causa de um ataque aéreo, e, pelo restante da noite, a conversa girou em torno da mansão do vilarejo. Estava vazia desde que Hitler chamara os alemães bálticos de volta à pátria, e agora era o quartel-general alemão. Na sacada acima da porta principal da mansão fora preparada uma armadilha para pombos.

Aparentemente os alemães os comiam, um fato que fez as mulheres rirem. Depois, banheiras foram carregadas para dentro da mansão; os alemães eram pessoas limpas e afáveis; os jardineiros e as mulheres que trabalhavam na lavanderia disseram que seus filhos sempre ganhavam caramelos e que havia apenas um soldado de guarda. Toda vez que os olhos de Juudit se encontravam com os de Anna ou Leonida, estas logo estampavam um sorriso mecânico no rosto. Havia algo errado. Juudit esperara que a sogra estivesse uma pilha de nervos, uma vez que os paradeiros do marido e do filho favorito eram desconhecidos, ou que ela tivesse insistido para que ficasse com eles no campo. Mas a mulher não parecia preocupada com a nora vivendo sozinha em Talim, e até sorria de vez em quando ao tricotar. O fato de Roland ter sobrevivido não era suficiente para tal felicidade. Talvez ela estivesse assim porque os Armis tinham conseguido expulsar de suas terras os inquilinos trazidos pelos bolcheviques. A granja se encontrava em um estado tão deplorável que eles não podiam trabalhar na fazenda sem ajuda, o que também não era algo a ser celebrado.

Rosalie adormeceu antes que elas tivessem uma chance de conversar a sós, embora sempre o fizessem ao apagar das luzes. Na manhã seguinte, Juudit começou a suspeitar que Rosalie tivesse apenas fingido dormir: pela manhã, ostentava um sorriso de orelha a orelha e estava muito ocupada. Após um dia de trabalho, o assunto do bloqueio escapou da boca da sogra, como que por acidente.

— Pelo visto comprar meio litro de água por dia dentro da zona sitiada custa dois rublos, morrem dez mil pessoas por dia. E comeram os cavalos. Mas me pergunto se os sitiados estão em condições melhores.

Leonida pediu a Juudit que a ajudasse a moer sal, e Juudit sacou o martelo e reduziu os cristais a pó. A sogra fez um muxoxo, e não era de tristeza, embora o bloqueio não fosse motivo para sorrir. Talvez ela estivesse ficando senil, ou simplesmente não soubesse lidar com a ausência de lágrimas nos olhos de Juudit. Deveria ela ter caído em prantos ao pensar que seu marido poderia se encontrar na cidade sitiada? Devia fingir estar sofrendo ou ter esperança? Segundo a mãe

de Juudit, alguém aparentemente vira seu marido entre os homens enviados para Leningrado, mas quem podia confiar nesses rumores? Pelo menos a sogra não tinha feito referências a isso, pois as fofocas angustiavam Juudit. Queria ir embora, voltar para Talim. A vigilância furtiva de Leonida e da sogra eram um verdadeiro tapa na cara. Era impossível falar a sós com Rosalie; as duas velhas estavam sempre por perto, colocando a cabeça na porta no exato momento que Juudit pensava que elas haviam ido para o celeiro, aparecendo quando ela tentava acompanhar Rosalie ao levar comida para as galinhas. Rosalie não parecia reparar, e, quando não estava ocupada, punha-se a remendar um pedaço gasto da bata que usava no celeiro e que sua vaca favorita sempre lambia. Evitava contato visual com Juudit, pegava um lampião e desaparecia dentro do celeiro assim que a sogra partia para o ataque: começava inocentemente e explicava como estava preocupada com a dificuldade de encontrar compradores para os potes de banha em Talim, algo que era fácil no campo. Os alemães iam de casa em casa pedir ovos e manteiga, sempre com a mesma ladainha: *Eier, Butter, Eier, Butter*. Repetiam com tal desespero que a sogra se apiedava deles.

— As crianças estão morrendo de fome. Muitos desses homens têm filhos — acrescentava. — Você também vai entender um dia, quando seus próprios filhos estiverem correndo à sua volta. — Os olhos de Anna baixaram para a cintura de Juudit. — Mas ainda não entende.

Juudit levou as mãos ao ventre e fixou o olhar no aparador da prataria, em cuja prateleira aguardavam alinhados os potes de conserva para os soldados; elas não podiam consumir os próprios produtos, mas os outros podiam. Em uma fresta do chão viu algo passar correndo: um rato se precipitou por trás de sua mala, seguido por outro. Pressionou a barriga com mais força, e sua sogra continuou com suas queixas enquanto abria as gavetas cheias de rações de chocolate para os soldados. Leonida as levava para as sentinelas, que tiritavam de frio na plataforma de defesa antiaérea construída no telhado da escola; também levava para elas sopa quente, guardada em um pote de cinco litros enrolado em um cachecol de lã. Depois da

dose de chocolate Scho-Ka-Kola, as sentinelas conseguiam manter os olhos abertos.

— Esses meninos soldados não têm nada para dar em troca, no máximo alguns marcos da Alemanha Oriental. Eu aceito, claro, mas essas crianças...!

Se Juudit não precisasse desesperadamente de coisas para vender, teria partido imediatamente. Tudo que a sogra dizia parecia incidir sempre na inutilidade dela. Decidiu não se importar, não voltaria mais ali, mas então o que venderia? Teria de pensar em outro meio de se sustentar, estenografia e alemão já não bastavam, havia garotas demais que sabiam datilografar melhor que ela, jovens demais procurando trabalho, e não era possível ter uma destilaria ilegal na cidade. Quando se vira obrigada a deixar a casa do irmão Johan, deixara lá todos os pertences do marido, e agora estava arrependida. Era inútil lamentar pelo casaco de inverno e pelas botas novas. Sua mãe pensava em exigir de volta a casa de Johan quando voltasse a Talim, mas a residência já não seria de grande serventia. A casa havia sofrido demais com a destruição dos bolcheviques, e ninguém sabia onde Johan guardara as escrituras da propriedade. Mas ela precisava pensar em algo. Algo que não os potes de banha e as garrafas de aguardente. Outra coisa, pois ela não voltaria à granja dos Armis e não sobreviveria apenas com os pacotes alemães de auxílio. Juudit ainda mantinha as mãos cruzadas sobre a barriga, como se os olhares de insinuação de sua sogra a tivessem forçado a protegê-la, mesmo sem motivo. O que aconteceria quando seu marido voltasse para casa? Juudit estava certa de que exigiria que sua querida mamãe vivesse sob o mesmo teto que eles, para ficar de olho nela e em que tipo de sopa de almôndega ela fazia. Na cidade era possível prepará-la toda semana.

A atmosfera desconfortável trazida pelo assédio verbal se acalmou apenas quando Aksel entrou para pegar um facão e jogou suas luvas para secar ao passar pelo forno. O cheiro de lã molhada se espalhou pela cozinha, a luz do lampião oscilou. O porco havia sido pendurado no galpão na véspera, e Aksel dormira ao lado dele com um olho aberto caso houvesse ladrões. Rosalie voltou do celeiro e, quando eles

foram pegar a carne, Juudit se agarrou ao braço dela e não largou mais.

— Aconteceu alguma coisa que eu não saiba? — perguntou Juudit.
— Vocês andam tão estranhos...

Rosalie tentou soltar o braço, mas Juudit não deixou. Tinham ficado sozinhas no pátio. Leonida, que estava no galpão, perguntava em voz alta de que tamanho Anna queria que cortasse os pedaços do porco. Os lábios rachados de Juudit ficaram tensos.

— Nada — respondeu Rosalie. — Só que Roland voltou. Eu me sinto mal em tê-lo de volta enquanto seu marido continua no front. Isso não é certo. Nada disso é certo. — Rosalie conseguiu se soltar, enfim.

— Rosalie, eu não sou a única mulher cujo marido está na linha de frente. Não precisa se preocupar comigo. Se você soubesse... — Juudit se calou. Não queria continuar o assunto com Rosalie, não agora. — Minha sogra tem causado problemas?

Os ombros de Rosalie relaxaram com a mudança de assunto.

— Nem um pouco. Anna se ocupa com os serviços da casa e faz pequenas tarefas, lava as escovas para filtrar leite, essas coisas que geralmente são feitas por crianças. É de grande ajuda. Roland tem uma preocupação a menos, sabendo que a mãe está sendo bem-cuidada. Vamos, estão esperando por nós.

Rosalie se apressou para o galpão. Juudit respirou fundo e a seguiu; a noite estava silenciosa, até demais. Logo sairia dali, logo o trem faria vibrar seus joelhos ossudos. Tinha de aguentar um pouco mais, apenas o bastante para conseguir os potes de banha de porco e uma ou duas garrafas de aguardente para levar escondidas sob a saia. Não voltou a falar com Rosalie, apenas enfileirou as carnes sobre a mesa. Com cuidado, Leonida e Anna selecionaram os pedaços a serem colocados no fundo de um barril para o verão; o primeiro lote a ser salgado em um balde; costelas para preparar com molho; o lombo para fritar; apertaram o pernil que seria defumado na Páscoa; o rabo do porco um pouco acima no barril para ser usado em uma sopa de chucrute no inverno. As duas mulheres tagarelavam sobre os

acontecimentos do vilarejo com tanto entusiasmo que o silêncio de Rosalie e Juudit passou despercebido.

1941

Reval,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

O barulho da praça da Câmara Municipal chegava até o quarto do hotel Centrum. As buzinas de carro e os gritos de meninos vendendo jornais circundavam a silhueta elegante de Edgar em frente ao espelho do armário de madeira escura. Ele levantou o braço solenemente e, com cuidado, contou até três; então o deixou cair e repetiu o mesmo movimento, contando até cinco e até sete. Observou o ângulo do braço: estaria a mão suficientemente reta? E sua voz, teria ela entusiasmo suficiente? Iria se lembrar da distância requerida para a saudação? Não havia usado o cumprimento alemão quando encontrara seus contatos, os encontros eram informais e não deviam chamar atenção. Logo, a situação era nova e o protocolo, desconhecido: seu braço podia ter câibras ou pelo menos tremer. Também tivera algum tempo para praticar um pouco na floresta, sem esquecer que Eggert Fürst era canhoto. Isso inevitavelmente tornaria o cumprimento mais inseguro, iniciando mais lentamente a partir do ombro. O nome surgiu em sua cabeça na ilha de Staffan, quando eles se preparavam para retornar à Estônia controlada pelos bolcheviques; na ocasião, tivera de falsificar documentos de identidade soviéticos para os garotos. Então se lembrou de um Eggert Fürst que havia nascido em uma família estoniana em Petrogrado, amigo de infância de um colega seu no Comissariado de Assuntos Internos. Não seria possível encontrar outra pessoa mais perfeita para seu objetivo: o histórico de Eggert não podia ser verificado do outro lado da

fronteira, e era pouco provável que ele fosse topar com os Fürsts. Tudo o que Edgar tinha de fazer era silenciar sua própria família — e, se tivesse dificuldade para não reagir ao nome Edgar, Eggert era próximo o bastante, logo, sempre poderia dizer que tinha ouvido o nome errado. Esse desconhecido não teria ficado tão nitidamente em sua memória se seu colega não tivesse sofrido tanto com a morte do amigo Eggert por tuberculose. Edgar passara muitas noites com o colega, nas quais revisitaram velhas cartas e memórias de infância. As linhas e as curvas de sua caligrafia eram fáceis de copiar, típicas de canhotos forçados a ser destros; já lhe eram conhecidas desde seu tempo de escola. Enquanto relaxava os nervos com um *biskvit* pedido ao serviço de quarto, Edgar agradecia mentalmente a Voldemar, que com muita frequência precisava da sua ajuda para fazer a lição de casa. Lembrou-se dos gestos e dos movimentos de Voldemar, do uso desajeitado do garfo, da luva enorme amarrada à mão esquerda com o objetivo de impedir seu uso. Praticar os movimentos de um canhoto não era imprescindível, mas a chave para o sucesso estava nos detalhes. Assim, quando Edgar se registrou no hotel, até segurou primeiro uma caneta com a mão esquerda e depois a passou para a direita, rindo do velho hábito, fazendo piadas com as recepcionistas; havia muitas piadas sobre canhotos, e, quando ele recebeu o terno passado a ferro a vapor, até a gorjeta generosa ao serviço de quarto foi entregue com a mão esquerda.

Edgar lambeu o restante da cobertura de chantili do bolo que ficou nos dedos da mão esquerda e continuou a praticar em frente ao espelho. Começou a se sentir satisfeito com seu novo eu — envelhecera apenas o suficiente nos últimos anos, não era mais um garoto. Um dos rapazes treinados na ilha de Staffan já trabalhava no escritório do prefeito de Talim, muitos outros estavam conquistando a fama em países estrangeiros. Edgar não ficaria satisfeito com menos. Muito pelo contrário.

Depois de praticar um pouco mais, ele se sentou à escrivaninha e revisou os papéis que logo deveria levar ao quartel-general do serviço secreto alemão em Tönismägi. A lista de comunistas que haviam publicado no jornal *Noorte Hääl* estava bem completa, e sua confecção

dera um pouco de trabalho. Mesmo sem sua ajuda, os alemães encontraram corpos em prisões e porões do Comissariado do Povo para Assuntos Internos, mas o ss-Untersturmführer Mentzel estava muito feliz com os endereços fornecidos por Edgar de alguns lugares menos óbvios. Tinha passado meses desvendando a identidade das pessoas executadas e onde estavam enterradas. Também já havia entregado ao mesmo tenente da ss, no hotel Klaus Kurki de Helsinque, uma lista de seus antigos colegas no Comissariado do Povo.

A última vez que Edgar vira Mentzel havia sido em Helsinque, por volta da época de seu treinamento em Staffan, e era por isso que ele estava nervoso com o encontro apesar de toda a preparação. Embora a previsão fosse de que todos os participantes do treinamento teriam seu histórico verificado mais cedo ou mais tarde, a aparição súbita no caminho de Edgar do ss-Untersturmführer Mentzel, que sabia demais, inicialmente o tinha assustado. Mas talvez os alemães estivessem precisando de uma pessoa exatamente como Edgar. Mentzel já dera sua bênção à nova identidade elegantemente criada de Edgar, e tinha dado sua palavra de que guardaria segredo, afinal, os dois se tornaram amigos rapidamente, e a Alemanha não gostaria de perder um homem de valor. Tivera de se contentar com isso. Edgar sabia fazer negócios, e Mentzel decerto havia considerado suas informações úteis; contudo, Edgar se perguntava quais seriam os planos que o homem tinha para ele. Devia haver algum, e ele ainda não sabia dizer por quanto tempo durariam suas reservas de informações.

A preocupação quanto ao êxito do cumprimento se mostrou infundada. Ninguém no quartel-general caiu na gargalhada, seus rostos não mostravam a menor perturbação. Mentzel apontou para que Edgar se sentasse diante de um homem de Berlim vestindo roupas civis, que ele não conhecia e cuja postura de alguma forma dava a entender que havia chegado recentemente à distante região de Ostland. Talvez a impressão viesse do modo como o homem examinava o escritório e Edgar ou de como ele se sentava na cadeira,

como se suspeitasse que naquela área de Dienstelle não fosse possível nem encontrar móveis de escritório decentes.

— Faz tempo, Herr Fürst. Klaus Kurki era um lugar muito agradável — comentou Mentzel.

— O prazer é todo meu — disse Edgar.

— Vou direto ao assunto. Espera-se que forneçamos um relatório sobre a questão judaica. Já recebemos, é claro, bastante material, mas o senhor tem mais conhecimento local. O que acha? Até que ponto os bálticos estão cientes dos perigos trazidos para cá pelos judeus?

Foi uma pergunta constrangedora. Edgar sentiu a garganta seca. Estava claro que ele se preparara para a reunião de forma errada. Embora tivesse repassado mentalmente muitos tópicos que poderiam surgir, não estava preparado para coisas como essa. O homem de trajes civis esperava uma resposta; ainda não havia se apresentado. Edgar imaginou que o homem já estivesse se perguntando por que tinha de perder tempo ouvindo os relatos de uma pessoa de pouca inteligência, e esperava que pudesse entregar rapidamente os papéis que estavam em sua mala. Mentzel examinava suas cutículas perfeitas, dele não sairia qualquer ajuda.

— Em primeiro lugar, devo dizer que não tenho muita familiaridade com a situação na Lituânia e na Letônia — conseguiu dizer Edgar, tateando o terreno. — Os estonianos são muito diferentes dos lituanos e dos letões. Nesse sentido, o termo “báltico” é um pouco enganador.

— Ah, é? E, no entanto, os estonianos surgiram dos bálticos do leste e das raças do norte — observou o alemão desconhecido.

— Você deve ter notado que os estonianos são significativamente mais loiros — interrompeu Mentzel. — Então a raça nórdica é dominante. Um quarto dos estonianos é puramente nórdico.

— E há mais olhos azuis, sim, notamos esse fato positivo — concordou o homem em trajes civis.

A discussão foi interrompida por outro alemão que entrou na sala, aparentemente um velho conhecido daquele de Berlim. Edgar foi esquecido por um instante e tentou usar esse momento em seu benefício: tinha de pensar no que dizer, em como agir. Listar

bolcheviques não seria suficiente, embora tivesse sido exatamente o que interessara a Mentzel em Helsinque. Edgar havia cometido um erro. Jamais seria convidado de novo e sua carreira não começaria a crescer. Ao se concentrar na problemática do próprio histórico, ele se cegara e acreditara que um *Ausweis*, uma identidade, no bolso com o nome Eggert Fürst seria o suficiente. As características raciais do Báltico e os significados profundos das obras do Reichsminister Rosenberg surgiram na discussão, e Edgar se preparou para participar. Ao menos ele se precaveria memorizando os títulos das obras do ministro Rosenberg, *Die Spur des Juden im Wandel der Zeiten* e *Der Mythos des 20 Jahrhunderts*. No momento em que começou a temer que lhe perguntassem algo sobre o conteúdo, Mentzel ficou visivelmente cansado dos convidados. Edgar escondeu seu alívio, pois com certeza não tinha se saído bem nas questões raciais mais profundas. Agora só precisava se manter calmo. Ele se prepararia para uma nova reunião e procuraria pessoas que conhecessem o Reichsminister, amigos de escola, parentes, vizinhos da rua Vana Posti, colegas da escola Gustav Adolf em Talim. Encontraria alguém que soubesse que tipo de ser humano Alfred Rosenberg era, e que tipo de planos poderia ter em relação ao seu país. Quando aprendesse a pensar como o ministro pensava, saberia que tipo de informações os alemães esperavam dele, quais eram os seus interesses. Seu cérebro já trabalhava duro, conferindo, dentro de sua cabeça, um arquivo de pessoas adequadas, qualquer um que tivesse ou pudesse ter conhecido judeus que fugiram do massacre na Alemanha para a Estônia ou germano-bálticos que foram evacuados da Estônia para a Alemanha depois da retirada da União Soviética. Não havia muitos.

Mentzel tomou o rumo da porta, para mostrar que a visita havia acabado.

— Se eu puder incomodá-lo mais um pouco no escritório — disse, apontando para que Edgar o acompanhasse. No corredor, Mentzel suspirou. — Herr Fürst, você conseguiu a informação que pedi? Estava realmente esperando sua lista.

O alívio era tão grande que somente ao entrar Edgar notou que vinha carregando a pasta com a mão errada, a direita. Mentzel não

parecia ter notado a confusão, pois estava concentrado nas listas. Edgar entreabriu os lábios para ter mais oxigênio.

— A polícia política B4 é um local de trabalho excelente. Parabéns, Herr Fürst. Homens como você são necessários fora de Talim, há bastante trabalho em Haapsalu. Primeiro vá e se apresente ao Patarei na oficina do B4, você receberá instruções mais precisas lá.

— Herr ss-Untersturmführer, se me permite perguntar... — disse Edgar, gaguejando. — A que devo tal honra?

— As células bolcheviques mais visíveis já foram eliminadas, mas você sabe muito bem o quão importante é uma desinfecção completa quando lidamos com um parasita persistente. E você conhece o parasita muito bem, Herr Fürst.

Mentzel girou sobre os calcanhares em estilo militar e voltou para o escritório, mas Edgar ficou parado no lugar. Havia conseguido, apesar de tudo.

Ao cruzar os muros do Patarei, Edgar sentiu vertigem — estava vivo, enquanto muitos não estavam. Ele começaria a estudar a questão judaica naquela mesma noite. As paredes de pedra de um metro de espessura haviam silenciado os gritos de milhares de pessoas executadas, repercutiam mortes passadas e futuras que não diferenciavam nacionalidades, governantes ou séculos, mas seus passos reverberavam nos corredores e caminhavam com determinação em direção à vida. Foi bem-recebido no escritório do B4, preencheu os documentos com os dados e a caligrafia de Eggert. Não havia rostos familiares; sentiu que estava no lugar certo. Recebeu permissão para visitar a mãe antes de começar a trabalhar no departamento B4 de Haapsalu. Teria de estar preparado para longas jornadas de trabalho, mas isso combinava com Edgar. Uma coisa que ele não sabia ainda era como ia explicar o assunto a Roland. Seria bom se conseguisse fazer seu primo acompanhá-lo, não apenas pelo fato de os antecedentes de Roland serem tão confiáveis mas também porque seria importante ficar de olho nele, e o melhor jeito de ficar de olho em alguém é mantê-lo o mais próximo possível. Além disso, nunca se deve entrar em uma batalha sem um aliado. Roland era um tipo

quieto e confiável, e por isso Edgar não temia que o primo pudesse revelar sua nova identidade. Roland já podia ter feito perguntas incômodas quando ele deixara o Comissariado do Povo para Assuntos Internos. Ser pego aceitando suborno fora um ato amador, isso Edgar admitia e lamentava. Roland não havia feito perguntas; pelo contrário, levava-o consigo para a Finlândia. Ele tinha a mesma expressão enfatiada de quando Edgar fora pego vendendo autorizações para sair do país na Patrulha de Fronteira do Exército estoniano, no qual eles prestaram serviço militar juntos. Roland tinha mentido por ele, livrando-o assim da prisão, ao insistir que lhes disseram que as autorizações tinham de ser pagas. Segundo Roland, Edgar ser expulso do Exército teria sido ruim o bastante para mamãe, e ele estava certo quanto a isso, é claro. De modo geral, os riscos que Roland assumia se provaram positivos: sem seu primo, suas recomendações e a Finlândia, Edgar não teria antecedentes críveis, não teria cruzado com Mentzel. Além disso, Roland obedecia à mãe, Rosalie obedecia a Roland, a futura sogra de Roland obedecia à filha, e mamãe obedecia a Edgar; e mamãe havia aprendido rapidamente seu novo nome, sem fazer perguntas. Bastara olhar Edgar nos olhos e ver que ele falava sério. Sua felicidade viera do simples fato de que seu garoto fora trazido para casa em segurança e que tinha um emprego. Eggert Fürst se saía muito bem. Ainda encontraria uma maneira de fazer Roland se juntar a ele. Mamãe encontraria as palavras certas, se seu primo não ouvisse, ou conversaria com sua futura nora. Afinal, mamãe queria um bom futuro para Roland também.

1942

Vilarejo de Taara,
Comissariado-Geral de Estland,
Comissariado do Reich para Ostland

Parado à porta da cabana na floresta, Edgar mexia a boca e gesticulava. Consegui distinguir o nome de Rosalie, mas não entendi por que ele falava da minha querida. O vento entrava pela porta que havia sido deixada aberta, agitando minha camisa, e a água formava poças escuras no chão.

— Você está ouvindo? Entendeu o que eu disse?

A voz de Edgar parecia vir de longe. Uma jarra de vidro cheia de flores silvestres caiu da mesa e se espatifou no chão. O vento levou as flores, fazendo-as rodopiar contra a parede junto à ratoeira. Olhei-as fixamente. Rosalie as colhera havia pouco, seus dedos ainda entrelaçados aos meus. Tremi feito uma folha de tabaco pendurada ao sol para secar e me senti quente, como se meu coração estivesse dentro de um barril de fermentação. Após o calor, um frio começou a se espalhar do meu peito ao ventre: eu não conseguia mais sentir minhas extremidades. A boca de Edgar continuava abrindo e fechando.

— Você entendeu o que eu disse? Ela já foi enterrada.

— Alemãozinho, feche a porta.

— Roland, você vai ter de ser compreensivo com Leonida e mamãe. O enterro precisou ser feito de forma discreta, havia marcas no pescoço dela.

— Cale a boca, alemãozinho. — Olhei para a ratoeira. Estava vazia.

— O que você quer dizer com marcas? — gritei.

— Que havia marcas! Ela era uma alma sensível, não podemos saber o que a levou a tal pecado.

Eu já estava correndo para colocar a sela na montaria.

Não consegui respostas, mas era verdade: Rosalie se fora. Minha mãe e Leonida me trataram como um estranho. Leonida apertou o nó do lenço como se quisesse encolher seu rosto até se tornar invisível, e continuou a mexer a sopa. Eu não era bem-vindo. A boca da minha mãe estava entreaberta como uma porta rígida, sem quaisquer palavras. Tentei extrair aos gritos pistas sobre o que havia acontecido e por que, quem estivera aqui e quando, o nome dos soldados que frequentavam a casa à procura de banha e ovos. Eu não acreditava nas insinuações imundas do meu primo de que Rosalie havia feito mal a si mesma. Os olhos da minha mãe se desviaram com meu grito, sugerindo que eu fosse embora. Eu queria chacoalhá-la, mas meus punhos se cerraram. Estava prestes a bater nela, porém me lembrei do meu pai. Ele havia se casado com uma mulher inadequada para uma fazenda e carregara sua cruz sem reclamar, sem brigar. Eu tinha puxado ao meu pai, no sentido de que o amor me fizera fraco, mas não queria que ele voltasse para uma casa onde um filho levantou a mão contra a mãe, nem mesmo por amor. Baixei a mão.

— A menina desonrou esta casa com seu pecado — sussurrou minha mãe.

— Desonrou? Como “desonrou”? Do que você está falando? — gritei.

Aksel voltou da despensa e se sentou para tirar as botas de trabalho. Ele tinha uma perna de pau que ganhara na guerra de independência. Não olhou para mim, não disse uma única palavra. Como essas pessoas conseguiam agir como se nada tivesse acontecido?

— Por que não me deixam vê-la? O que vocês estão escondendo?

— Não havia o que ser visto. Nunca imaginamos que ela fosse fazer isso, que fosse capaz de fazer algo assim — disse minha mãe, guardando um lenço debaixo da manga. Seus olhos estavam secos. — Roland, seja sensato. Pensamos que você falaria com Edgar.

Corri por toda a casa e me detive no batente do quarto: vi o lenço de Rosalie sobre uma cadeira. Saí correndo. As pessoas que moravam na casa dos Armis se tornaram estranhas para mim, e eu nunca mais queria vê-las.

Em meu desespero, não consegui pensar em nenhuma outra solução a não ser pedir ajuda a Lydia Bartels. Ir à cidade para uma sessão com ela era imprudente, mas eu tinha de conseguir algum sinal de Rosalie, um sinal de onde ela estava agora, um sinal que me ajudasse a encontrar o culpado — no qual ninguém mais parecia estar interessado. Fui à cidade a pé, caminhei por antigas trilhas de gado à beira de florestas; adentrava no mato ainda mais sempre que ouvia uma moto se aproximando ou o barulho de uma carroça ou o som de cascos de cavalo. Mantive-me bem afastado da mansão que era usada como quartel-general dos oficiais alemães. Pouco antes de escurecer, cheguei ao meu destino. Os cachorros deram o alarme imediatamente quando perceberam uma pessoa estranha em seu território, então evitei ficar próximo à cerca e caminhei pelo meio da rua, preparado para pular para dentro dos arbustos se ouvisse alguém se aproximando. Conseguia vislumbrar postes de telégrafos e as silhuetas das casas, sons domésticos vindos das cozinhas, a batida de um martelo e o miado de um gato. Vozes de pessoas que tinham um lar. Pessoas que tinham alguém com quem compartilhar os afazeres noturnos. Tudo isso havia sido tirado de mim. Eu sentia a dor formigar nas extremidades do meu corpo como um papel queimando em um canto, mas eu tinha de seguir em frente.

Fui em direção ao cemitério antes de ir à casa de Lydia Bartels. Encontrei o lugar — ou um lugar — que acreditei ser o certo. Dei a volta na cerca, saltando túmulos e desviando de cruzeiros. Aqui, mais que em qualquer outro lugar, eu esperava ouvir a voz dela. Aquela igreja deveria ter sido a igreja do nosso casamento, do seu altar eu deveria ter visto o véu atrás do qual ela estaria tão feliz, insinuando sua felicidade com um sorriso tímido. A noite estava clara com o céu repleto de estrelas, e, quando cheguei ao fim do terreno consagrado, comecei a procurar por uma tumba que tivesse sido cavada

recentemente. Foi fácil encontrá-la: não havia cruz nem flores, até um cachorro teria recebido uma sepultura melhor. Bati na parede de pedra com o punho cerrado, fazendo pedaços de musgo caírem, e rezei de joelhos para que meu amor me desse um sinal, de forma que eu não tivesse de ir à casa de Lydia Bartels, um sinal para me dizer que havia encontrado a paz e que eu podia seguir tranquilo. Eu não sabia por que Rosalie havia saído, com quem, quem a encontrara e onde. Por que ela estava enterrada atrás do cemitério, que tipo de padre permitiria isso? Havia a permissão de um padre? Rosalie não tinha se matado, apesar das insinuações e do modo como fora enterrada. Mas não tinha sido assim, não podia ter sido. Senti vergonha por não ter estado lá, por não ter impedido o que havia acontecido. Como podíamos estar tão distantes um do outro que não percebi o desespero de Rosalie? Era impossível aceitar que tudo isso havia acontecido enquanto eu dormia ou vigiava uma fogueira, ocupado com coisas rotineiras. Por que os pensamentos dela não chegaram a mim? Por que eu não estava lá para protegê-la? Era importante saber o que eu estava fazendo no instante exato em que Rosalie partira deste mundo. Se eu soubesse, poderia encontrar algum sinal naquele momento.

Nenhum sinal surgiu, nenhuma resposta — Rosalie era impiedosa. Cuspi nos degraus da igreja e conferi o relógio de bolso. Faltava pouco para a meia-noite, a hora dos espíritos estava próxima. Era hora de ir à casa de Lydia Bartels. Eu não sabia nada sobre a mulher, apenas que as sessões ocorriam às quintas e que sua mãe, no leito de morte, lhe deixara como herança o sétimo livro de Moisés. Leonida reprovava fortemente a atividade de Lydia Bartels por ir contra a Igreja e se basear nos costumes do povo antigo, mas as amigas de Rosalie sempre visitavam a mulher para perguntar sobre pessoas desaparecidas ou parentes levados para a Sibéria. Sempre iam em dupla; nenhuma delas tinha coragem de ir sozinha. Eu não tinha ninguém a quem pudesse pedir que me acompanhasse, então tomei coragem recitando o pai-nosso, embora soubesse que nem o sinal da cruz nem imagens de Deus eram permitidos na casa de Lydia Bartels. Na rua principal, baixei mais o chapéu. Eu não havia feito a barba, que deixara crescer

enquanto estava na floresta; parecia um velho, não achava que fossem me reconhecer. Eu tinha pensado também em arrumar um uniforme alemão. A garota da caixa postal sabia de alguns judeus que haviam feito isso, e alguns até se alistaram no Exército; não havia melhor disfarce. Ela rira das próprias palavras e sua risada fervilhava com medo, como um balde cheio até a borda. Eu sabia que ela falava do noivo.

Na sala de Lydia Bartels havia uma única vela acesa. No chão, um prato com uma linha desenhada no meio. Um pedaço grande de papel tinha sido colocado debaixo do prato, com as palavras “sim” e “não”. Sob o papel via-se a beirada de um tecido que parecia acetinado. Lydia Bartels se sentou no chão com as palmas das mãos abertas para cima, os olhos fechados. A senhora Vaik, que abrira a porta, queria saber quem eu gostaria que fosse chamado. Tirei meu chapéu, dobrei-o, e mal havia começado a me explicar quando ela me interrompeu.

— Não quero saber mais nada. A não ser que o assunto esteja relacionado a ouro.

— Não, não tem nada a ver com ouro.

— Vem muita gente perguntar sobre sacos de ouro, procurando os tesouros ocultos dos parentes falecidos, mas os espíritos não têm interesse em coisas assim. Chamados inúteis fazem com que ela se canse. — A senhora Vaik indicou o quarto escuro com a cabeça.

Agora eu estava sentado em um círculo com outros na mesma sala. Minhas pernas estavam dormientes, suspiros de ansiedade dominavam o ambiente. Uma brisa sacudiu as cortinas, e então Lydia Bartels perguntou se a filha de um homem loiro estava entre nós. Houve um gemido aterrador à esquerda. O prato se moveu um pouco. Os presentes respiraram fundo, corações batiam rápido, esperanças silenciadas começaram a pulsar, e meu nariz captou o cheiro de suor amargo, o fedor azedo do medo. O prato se moveu para cima do “sim”.

A mulher à minha esquerda começou a chorar.

— Ela já se foi. Há mais alguém aqui... Rosalie? Rosalie, você está presente?

O prato se mexeu sobre o papel como se soubesse que direção tomar. Parou em cima do “sim”.

— Você está bem, Rosalie?

O prato se moveu. “Não.”

— Seu fim foi violento?

O prato se moveu. “Sim.”

— Você não fez nada a si mesma, fez?

O prato se moveu. “Não.”

— Você sabe quem a atormentou?

O prato se moveu. “Sim.”

— Sabe onde essa pessoa está?

O prato se manteve no lugar.

— Rosalie, você ainda está aqui?

O prato oscilou levemente. A senhora Vaik se curvou para sussurrar que eu podia fazer uma pergunta. Não cheguei a abrir a boca, pois um homem à minha direita se levantou rapidamente, se afastou em direção à porta e começou a balbuciar o pai-nosso. Lydia Bartels se precipitou.

— Não!

— Rosalie, volte! — consegui gritar.

A senhora Vaik se levantou com um pulo e empurrou a criatura medrosa para fora. A porta bateu, uma luminária se acendeu. Lydia Bartels abriu os olhos, apertou mais o lenço em volta da cabeça e se levantou para se sentar em uma cadeira. A senhora Vaik começou a retirar as pessoas da sala. Eu estava tão abalado que não percebi que todos no círculo olhavam fixamente para mim. Nos olhos de alguns era possível ver a decepção, porque a sessão fora interrompida antes de chegar a vez deles; os olhos de outros diziam que depois disso até mesmo quem não havia conhecido Rosalie falaria dela. Fiquei entre os últimos; apoiei-me na parede, onde circulavam sombras formadas pela luz da luminária, e escorreguei até o chão. Enquanto piscava, notei que olhava para uma fotografia do presidente Päts colada atrás do armário.

— Você tem de ir embora — disse a senhora Vaik.

— Chame Rosalie de volta.

— Não vai mais funcionar. Volte na próxima quinta.

— Chame Rosalie de volta agora!

Eu tinha de descobrir mais. Alguém tinha dito que um vagabundo que molestava mulheres fora visto no vilarejo. Eu não acreditava nos rumores sobre vagabundos, nem sobre os prisioneiros de guerra russos que trabalhavam como empregados nas casas. Na casa dos Armis não havia nenhum; minha mãe teria ficado louca se visse russos ou ouvisse o idioma, embora eu tenha tentado convencê-la a acolher alguns prisioneiros. A casa dos Armis precisava de mão de obra — o homem da casa tinha uma perna de pau e eu não podia ajudar o suficiente. Mas os prisioneiros eram vigiados, os alemães, não.

— Escute aqui, meu jovem. A sessão é muito pesada, ela tem toda a sua energia sugada pelos espíritos, porque eles não têm energia própria. É impossível fazer sessões como essa mais de uma vez por semana. Não consegue ver o quão cansada ela está? Venha para a cozinha, vou lhe fazer uma bebida quente.

A senhora Vaik fez um café de cereais e colocou em um copo com um pouco de uma aguardente caseira de aroma intenso. Eu sabia que ela trabalhava como parteira, até para bastardos, e tratava os ferimentos daqueles que tinham ido para a floresta. Se eu não conseguisse ajuda aqui, não me restariam esperanças.

— Eu pago para você chamar Rosalie de volta. Pago qualquer coisa.

— Não conjuramos espíritos por dinheiro. Volte na próxima quinta.

— Não posso vir aqui de novo, fui visto. Tenho de encontrar o culpado. Do contrário, nem eu nem Rosalie teremos paz.

— Então terá de encontrar o culpado sozinho.

A senhora Vaik me encarou com um olhar tenso. Observei as ratoeiras nos cantos da cozinha; minhas mãos, acostumadas a estarem ocupadas, estremeciam debaixo da mesa. Tomei um gole com tamanha fúria que bati os dentes na beirada do copo. A dor clareou um pouco minha mente, mas não levou embora a consciência dolorosa de que eu não teria mais contato com Rosalie. Mas aquelas mulheres tinham. E eu também agira contra a vontade de Rosalie. Ela

sempre dizia que os espíritos não deviam ser chamados para este mundo, que deviam ser deixados quietos em seu próprio reino. Eu não ligava mais. Abandonara os caminhos da Igreja, eles não eram mais os meus. No fim, a Igreja tampouco acolhera Rosalie em seu seio.

A senhora Vaik foi averiguar uma ratoeira que havia colocado junto ao pé do armário, tirou um rato dela e o jogou em um balde cheio d'água.

— Você ficou aliviado em saber que Rosalie não alcançou a paz? — perguntou ela.

— Não.

— E mesmo assim queria saber, ou não teria vindo aqui. Somos apenas mensageiras. As consequências da informação ou o que ela provoca não são nossa responsabilidade. Afinal, você não quis saber nada sobre seu pai.

Olhei fixamente para a senhora Vaik. Ela balançou a cabeça lentamente enquanto me olhava nos olhos.

— No trem. Ele já era idoso. Aconteceu assim que foi obrigado a embarcar no trem para a Sibéria. Mas você já devia ter adivinhado.

Eu não disse nada. A senhora Vaik estava certa. Rosalie havia avisado sobre a presença de ratos debaixo da cama da minha mãe em junho, mas eu não quis ouvi-la. A filha da senhora Vaik, Marta, entrou com alvoroço na cozinha e começou seus afazeres no fogão. Não me agradava ter outro par de ouvidos no cômodo, porém não me importei.

— Sua noiva veio a uma sessão com uma amiga. Marta se lembra daquela noite muito bem. Havia gente demais na sessão, pois alguns alemães tinham aparecido sem aviso e não se pode recusá-los — disse a senhora Vaik.

— Rosalie estava preocupada com o pai do senhor; a amiga perguntou sobre o irmão e o marido — interveio Marta, tirando o lenço da cabeça, e eu não aguentava mais seu olhar compassivo. — Apenas seu pai apareceu.

— Rosalie não me contou nada disso. Ela era contra invocar espíritos.

— Ela queria saber — disse a senhora Vaik. — E, depois que descobriu, decidiu que a esperança faria bem a você.

Bebi mais um copo da aguardente; não me sentia bêbado. O rato boiava no balde. Eu já tinha um plano, e Juudit poderia me ajudar.

Na cabana da floresta, comecei a me preparar para minha missão, enchendo a mochila, limpando minha Walther e endurecendo meu coração para o que estava por vir e para o que já havia acontecido. Senti a pequena mão de Rosalie na minha nuca, no lugar onde ela a havia pousado na última vez em que tínhamos nos encontrado. Eu a sentia o tempo todo. Ninguém mencionara seu nome por muito tempo, o silêncio à sua volta se tornara inefável. Assim que me viam, as pessoas começavam a falar com todo o entusiasmo sobre a chuva e o tempo e as flores silvestres, sem deixar nenhuma pausa entre as frases, para que eu não pudesse preenchê-las com palavras desconfortáveis. Quem eram essas pessoas? Teriam as deportações de junho as convertido em seres tão pusilânimes que estavam dispostas a ficar caladas, enquanto os alemães mantivessem os bolcheviques longe? Estariam os Armis felizes por nenhum deles ter sido levado, por que apenas meu pai e o irmão de Juudit tinham sido pegos pelas redes dos bolcheviques? Estariam eles tão felizes que se mantinham quietos à custa da vida da filha, para que os salvadores teutônicos não os abandonassem ou pensassem que eles eram ingratos? Estariam eles talvez até com medo de que eu incomodasse os alemães se fosse pedir a casa dos Simsons de volta? Teria Juudit também se tornado uma nora inadequada por causa do irmão, porque estava tentando recuperar a casa de Johan? Teria Edgar conseguido abrigo seguro para a mãe graças aos seus negócios com os alemães? Até onde as pessoas na casa dos Armis estavam dispostas a ir? Eu não os reconhecia mais. Sofreria pelo meu pai mais tarde; continuaria meu trabalho sobre as destruições causadas pelos bolcheviques em sua memória. Antes, porém, iria descobrir os culpados do destino de Rosalie. Era hora de agir — não havia mais tempo para esperar.

— O que você está tramando? Você não está pensando em alguma besteira, está?

Edgar apareceu à porta como um pássaro de mau agouro, o vento fazia sua jaqueta parecer um par de asas negras. Eu já estava arrependido de ter contado ao meu primo o que ouvira no caminho para a floresta: o filho do vizinho tinha visto um alemão vindo da direção da casa dos Armis na noite em que Rosalie se fora. Ou ao menos o homem vestia um uniforme alemão; por causa da escuridão, o menino não havia conseguido ver o rosto dele. Teria o estranho visitado a casa apenas à procura dos potes de banha de Leonida? Eu não acreditava nisso.

— O culpado anda livremente por aí e você só está pensando nos seus assuntos — falei.

— As pessoas no vilarejo têm falado de um vagabundo. Só Deus sabe por onde esse homem anda agora — declarou Edgar.

— Você sabe muito bem que isso é besteira.

— Você culpa todos os alemães por algo que algum maluco fez. Isso deixa você cego, você mesmo está se comportando como um louco.

A voz de Edgar arranhou meus ouvidos. Tive de me levantar. Fui colocar mais lenha no fogo, bati na lareira com o atizador.

— E qual teria sido a vantagem se Leonida tivesse ido à polícia? Isso não traria Rosalie de volta.

Edgar colocou um pouco de mingau em um prato, primeiro com a mão direita e depois com a esquerda. As palavras tinham gosto de condenação e começaram a sair na mesma velocidade que ele levava colheradas à boca, o mingau respingando na mesa.

— Imagine se Leonida alegasse que algum alemão desconhecido fez algo a Rosalie. De onde Leonida e mamãe ganhariam sua renda depois disso, se os soldados comessem a evitar a casa? O dinheiro deles é desesperadamente necessário, e é claro que eles começariam a evitá-la, se rumores infundados fossem espalhados por aí.

Depois dessas palavras, Edgar franziu os lábios; as rugas acusadoras junto à boca se aprofundaram.

— Olhe para você agora. E olhe para mim, Leonida, mamãe e nossos conhecidos. Nossa vida está indo para a frente, a sua deve ir também. Você devia pelo menos fazer a barba.

As palavras de Edgar eram carregadas de arrogância, o que se acentuava ainda mais sempre que voltava de seus negócios. Com frequência, ficava fazendo pose do lado de fora, como se estivesse tendo um debate com algumas pessoas, talvez novos conhecidos ou quem quer que ele fosse visitar na cidade. Pedi que investigasse o que havia acontecido com Rosalie, prestasse atenção em rumores. Afinal, alguém devia saber de algo; nenhum segredo pode ser mantido em um lugar pequeno. Esperei notícias, mas Edgar balançava a cabeça sempre que voltava. No fim das contas, não acreditei que ele estivesse fazendo qualquer coisa sobre o assunto. Quanto a mim, eu não podia ir à casa de Leonida e sua mãe, pois temia erguer a mão para elas. Edgar ia visitar a mãe de vez em quando. Se havia alguém a quem ela diria o que sabia, teria sido a ele, mas Edgar não convenceu sua querida mamãe a falar sobre o assunto, não perguntou nomes, não fez interrogatórios sobre os soldados que visitaram a casa; não o fez, por mais que eu tivesse lhe suplicado.

— E se não foi nenhum dos alemães? E se você também acusa os alemães por nada?

— O que você está insinuando?

— E se um dos pretendentes da sua noiva...

Edgar caiu no chão. O prato de mingau se quebrou em pedaços. Quando abriu a boca, seus dentes estavam ensanguentados. Fiquei parado; eu tremia. Edgar começou a se arrastar em direção à porta. Imaginei que ele tentaria ir ao estábulo. Bloqueei o caminho. Edgar não olhava para mim, ele sempre tivera medo de brigas. Eu temia que, se batesse nele de novo, continuaria até matá-lo. Dei um passo para o lado, levantei a tranca e abri a porta.

— Saia — ordenei.

Edgar se arrastou para fora. Fechei a porta e fui para o curral. Vigiei o estábulo. Edgar havia pegado a bicicleta. Ele a empurrava para a rua até que parou, provavelmente adivinhando que eu o espionava da sombra dos arbustos.

— Sua garota tinha má fama! — gritou Edgar.

Ele começou a correr sem montar na bicicleta. Supus que tinha batido nele forte a esse ponto.

— Você não se lembra de que sua garota tinha uma amiga na destilaria? Na destilaria da mansão! Ela passou a ir lá sempre que podia! Por que você acha que ela ia? Sua garota tinha pretendentes, alemães e dos nossos!

Eu estava prestes a ir atrás dele, mas retesei os músculos e os forcei a ficarem parados. Minha mente se anuviou com pensamentos sombrios, mais até do que nos meus sonhos. Eu era como uma árvore destruída por uma bomba, sem galhos e ferida, e via os arredores da mesma forma. Rosalie, minha Rosalie se fora... Nunca mais ouviria a risada cristalina da minha menina de olhos grandes, nunca mais caminharia pelo campo com ela, não planejaríamos o futuro. Era demais para mim, por mais que meu caderno estivesse cheio de cruzes dos meus irmãos. Aquilo era diferente, eles haviam caído em combate.

Após mandar Edgar embora, eu também parti. Levei comigo o carimbo que Edgar havia feito com esmero, pois certamente seria útil. Deixei meu cavalo secretamente no estábulo dos Armis. Embora parecesse ser meu único amigo naqueles dias, não poderia mantê-lo na cidade. Só parei quando cheguei a Talim, ao portão da casa na Valge Laeva. Eu não sabia se Juudit já havia recebido a notícia, e, se recebera, o que tinha sido dito a ela. Pingava água na minha manta impermeável e, na minha cabeça, eu repassava o momento em que Edgar estava parado à porta e as flores silvestres colhidas por Rosalie rodopiavam no chão.

Quando Juudit, que havia perdido muito peso, atendeu a porta, saí das sombras. Mal a reconheci. Juudit saltou como um passarinho, e senti um aperto no peito, pois toda mulher feliz me trazia memórias do meu amor.

— Roland! O que você está fazendo aqui?

— Vamos entrar.

Também não era nada fácil ficar do lado de dentro. Procurei motivação me lembrando de que havia pouco eu era um homem que perdera tudo, mas agora era um homem com um plano: acharia o culpado e daria paz a Rosalie. Isso não traria de volta nossos campos, meu pai morto pelos bolcheviques, nem Rosalie, mas pelo menos eu cavaría uma fossa sob os pés dos meus inimigos.

— Como você chegou aqui?

— Vim do jeito que deu.

— Como foi a viagem?

— Boa.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Juudit.

Olhei para a varanda frontal. Formava-se uma poça redonda na cadeira onde eu havia colocado minha manta. As palavras eram tão pesadas que eu não conseguia pô-las para fora. Sentei-me à mesa da cozinha. Eu perguntaria sobre meu pai mais tarde; primeiro tinha de colocar Juudit a par do meu plano. Havia sobre a mesa uma caixa cheia de potes de banha derretida. Era estranho sentar daquele jeito, com as mãos livres. Teria sido mais fácil se eu, por exemplo, tivesse uma caneta com a qual pudesse brincar ou um arreio para engraxar. Cofiei a barba e mexi no cabelo desgrenhado; estava todo desarrumado à mesa de uma senhora da cidade. Até coisas assim vieram à minha mente, frivolidades, só para não pensar no assunto principal.

O silêncio pesava. Juudit se movia com ansiedade, mas, embora claramente quisesse fazer mais perguntas, permanecia calada. Pôs-se a arrumar a cozinha, que já estava em ordem, trocou de lugar uma caixa cheia de potes de carne de frango, explicou que Leonida a trouxera quando tinha ido ao mercado vender outra como aquela; os alemães enviavam comida para suas famílias.

— Pode-se conseguir todo tipo de coisa em troca disto. Por dois potes, consegui dois pares de meia. E ovo em pó.

Abri a boca para silenciá-la. Eu não conhecia ninguém melhor que Juudit para o plano que vinha desenvolvendo na minha mente.

— Você está com febre, Roland.

Juudit pôs um lenço diante de mim. Não o peguei. Ouvi uma porta do armário da cozinha bater; Juudit surgiu ao meu lado com um termômetro, colocou uma gota de iodo em um copo que enchera de água e passou o copo e o termômetro para mim. Não os aceitei. Ela deixou os dois diante de mim, começou a preparar uma compressa e já abria a flanela e a cambraia.

— Você parece doente — observou.

— Preciso que você me ajude. Você tem de descobrir informações sobre os alemães. Nada perigoso, nada difícil, só algumas coisas.

— Roland, do que você está falando? Não tenho intenção nenhuma de me envolver em alguma loucura.

— Rosalie...

As mãos de Juudit se detiveram.

— Minha garota foi enterrada do lado de fora dos muros da igreja. Sem cruz.

— Rosalie?

— Os alemães.

— O que você quer dizer?

— Os alemães fizeram isso.

— Fizeram o quê? Você quer dizer que Rosalie...

Levantei-me. A compressa rolou para meus pés. Minha testa estava pelando, eu não conseguia mais falar. A frieza de Juudit me atingiu como um balde de água fria.

— Roland, por favor, sente-se e me conte o que aconteceu — suplicou.

— Rosalie não existe mais, exceto no meu peito e no seio da terra.

Juudit ficou calada. Quando piscou, suas pálpebras lembraram o som das asas de um pássaro batendo na superfície de um lago. Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Ela foi enterrada fora do cemitério. Os alemães fizeram isso...

— Pare de falar mal dos alemães.

— Tenho uma missão para você e você vai cumpri-la. Volto quando tudo estiver pronto — falei, e parti.

Juudit disse mais alguma coisa. Eu já havia chegado ao pé da escada quando a ouvi descer correndo atrás de mim.

— Roland, conte-me tudo, por favor!

— Não aqui.

Lá dentro contei tudo o que sabia.

A cesta de Juudit caiu no chão, a compressa se desdobrando como uma mortalha.

SEGUNDA PARTE

“Nossa intenção é revelar o trabalho de grupos fascistas estrangeiros para reabilitar os invasores nazistas e seus braços direitos.”

O Estado e o povo da Estônia na Segunda Guerra Mundial. Editora Kodumaa: Talim, 1964.

1963
Talim,
RSS da Estônia, União Soviética

O telhado rangeu com os passos. O rangido ia em direção a um aparador, do aparador para a janela, da janela até o armário e do armário de volta ao aparador. Os olhos do camarada Parts miravam fixamente o teto, tensos, sem piscar. Às vezes, ele ouvia a esposa se sentar em uma cadeira, o pé da cadeira arranhava o chão, e o som arranhava a testa de Parts. Tocou as têmporas grudentas de suor, as veias saltando, mas os chinelos da esposa não paravam e continuavam martelando no mesmo lugar, a batida lapidava os tacos do chão, fazia ranger o teto pintado de marrom-claro, testando as rachaduras da tinta e provocando um barulho insuportável, que não deixava Parts se concentrar no trabalho.

Quando o relógio bateu onze horas, as molas da cama rangeram, seu eco áspero e firme durou um instante. E então reinou o silêncio.

O camarada Parts prestou atenção. O teto não cedia, sua silhueta permanecia estável ao longo da moldura, o balanço suave do lustre havia cessado.

Silêncio.

Parts tinha esperado por esse momento o dia todo, aguardara com paciência e, por vezes, tremendo furiosamente. Porém, a espera fora tingida de entusiasmo, um entusiasmo ávido, raro ultimamente.

Uma máquina de escrever o esperava. À luz do lustre, o metal da Optima reluzia suavemente e as teclas cintilavam. O camarada Parts arrumou o suéter, relaxou os pulsos e colocou as mãos na posição correta, como se estivesse se preparando para executar um concerto

de piano diante de um público cheio de expectativa. A obra seria um sucesso, tudo ficaria bem. Apesar disso, Parts precisava admitir que, sempre que se sentava à escrivaninha, o colarinho parecia encolher um número.

Na máquina de escrever, havia uma página inacabada da noite anterior, junto do papel-carbono e da cópia. Os pulsos de Parts já estavam erguidos, prontos, mas ele os recolheu e os pousou no colo. Seu olhar se fixava nas palavras no papel. Leu-as algumas vezes, balbuciando, deleitando-se e aceitando-as. A narrativa ainda parecia clara; seu colarinho começou a afrouxar. Encorajado, tomou nas mãos a primeira página do manuscrito, encaminhou-se até o meio da sala e imaginou um grande público, para o qual recitou em voz baixa o parágrafo inicial.

— De que coisas inconcebíveis eram capazes os malfeitores estonianos, de que crimes terríveis! Nas páginas desta investigação são reveladas conspirações fascistas e assassinatos aterradoros. Você descobrirá formas animais de tortura que os nazistas praticavam com avidez, deliciando-se perversamente com sua crueldade. Esta investigação clama por justiça e não deixará pedra sobre pedra para esclarecer os crimes com que pretendiam exterminar os cidadãos soviéticos.

O camarada Parts estava sem fôlego ao terminar o parágrafo, tão sufocado quanto o próprio texto, e ele considerou isso um bom sinal. O começo era sempre a parte mais importante, tinha de ser expressivo e sedutor. Esse início o era, e também se adequava ao modelo dado pelo Gabinete para a pesquisa e a redação do livro. Devia se distinguir de outros livros que abordavam a ocupação nazista. Ele dispunha de três anos: era o tempo dado pelo Gabinete para que conduzisse a pesquisa e elaborasse a obra. Como sinal de confiança, o gesto era excepcional, e ele tinha até recebido uma nova Optima para trabalhar em casa, na própria mesa. O que estava agora feito não era um pequeno panfleto de contrapropaganda, nem uma leitura adequada para os jovens sobre a amizade entre os povos, nem um livro educativo de fábulas para crianças; era uma obra que mudaria o

mundo, isto é, a grande pátria e o Ocidente. A introdução tinha de ser de tirar o fôlego.

A ideia havia sido do camarada Porkov. Ele era um homem pragmático, por isso gostava de livros e de usá-los para benefício de seus métodos. Os compradores de livros pagavam os custos da operação. Pela mesma razão, Porkov também gostava de filmes, mas esse não era o ramo de Parts — seu talento era na expressão literária. As palavras de Porkov o motivaram em momentos de dúvida, embora Parts soubesse que eram apenas bajulação; por sua vez, o camarada capitão dissera ter recomendado Parts para a missão porque não conhecia melhor artesão das palavras.

Foi um grande momento quando o assunto foi revelado. Estavam sentados em uma reunião semanal no Gabinete de Inteligência e revisavam a situação da rede de contatos postais de Parts, que não tinha a menor ideia dos planos de Porkov para ele. Tampouco sabia que Moscou já havia revisado seu dossiê e dado a bênção. Nem que muito em breve sua prioridade não seria mais a vasta correspondência com o Ocidente, e sim algo completamente diferente. De improviso, o camarada Porkov anunciou de repente que aquela era a hora certa. Quando, um pouco desconcertado, Parts pediu que ele se explicasse, Porkov respondeu:

— É hora de você virar escritor, camarada Parts.

Ele receberia um adiantamento significativo, três mil rublos. Metade disso ficaria com Porkov, pois ele tinha feito parte do trabalho em seu nome e selecionara o material com o qual a obra seria criada. Os documentos estavam trancados no armário de Parts: duas maletas de livros sobre a ocupação de Hitler, incluindo alguns que foram publicados em países do Ocidente e não eram destinados aos cidadãos soviéticos. Parts olhou rapidamente o material e decidiu a linha editorial que seguiria. Em primeiro lugar, e considerando que no Ocidente tinham uma impressão muito distinta, a obra deveria mostrar que a União Soviética estava ansiosa para investigar os crimes nazistas, mais até que os países ocidentais. Ao nome “União Soviética” deveriam ser acrescentados sempre que possível os

adjetivos “justa” e “democrática”, pois não era assim que os ocidentais a viam.

Outro ponto importante era esclarecer a questão dos emigrantes estonianos. Grande parte do material coletado por Parts havia sido criado pelas canetas dos exilados, que pareciam bastante prolíficos. Aparentemente, o politburo estava alarmado com a força de suas vozes e suas opiniões antissoviéticas, que difamavam a pátria. E, como Moscou estava preocupada, era hora de um contra-ataque simétrico. Nem mesmo Parts poderia ter pensado em um jeito melhor de retratar os emigrantes sob uma luz que os tornasse indignos de confiança aos olhos dos países ocidentais. Uma vez que fossem reveladas as tendências fascistas naturais dos nacionalistas estonianos, a União Soviética receberia todos os traidores de bandeja, pois o Ocidente jamais protegeria nazistas; os criminosos teriam de ser mandados de volta para serem julgados. Ninguém mais daria ouvidos às reclamações e às petições dos emigrantes estonianos, ninguém ousaria defendê-los publicamente, pois isso seria interpretado como apoio ao fascismo; e o governo estoniano exilado seria tachado como uma sociedade secreta fascista da escória humana. Evidências não eram necessárias, bastava disseminar suspeitas. Apenas uma sugestão, apenas um sussurro.

— É claro que sua experiência vai nos dar aquele tempero adicional — completou Porkov após revelar o novo trabalho de Parts.

Eles nunca discutiram o passado de Parts antes, mas ele entendeu a sugestão: não havia por que tentar esconder o motivo pelo qual ele fora mandado para o campo na Sibéria. Agora o mesmo motivo se tornara um mérito; cada passo dado na ilha de Staffan tinha voltado em seu benefício, tornara-se um sinal de sua valiosa experiência.

— Sem a sua ajuda, não teríamos conseguido exterminar esses parasitas nacionalistas tão bem como fizemos. Essas coisas não são esquecidas, camarada Parts — continuou Porkov.

Parts engoliu em seco. Embora Porkov tivesse dado a entender que poderia falar do assunto livremente com ele, Parts não gostava muito de tocar nesse aspecto de sua vida, porque isso também o

comprometia. Porkov, entretanto, queria continuar falando. Parts se limitou a sorrir.

— Cá entre nós, posso lhe dizer que o Comitê de Segurança do Estado provavelmente jamais recebeu informações tão completas de qualquer outra pessoa a respeito da atividade estoniana antissoviética. Todos aqueles contatos, espiões ingleses, bandidos da floresta, endereços... Um trabalho notável, camarada Parts. Sem você, nem a rota de fuga do fascista Linnas teria sido descoberta, que dirá todos aqueles traidores que ajudaram os emigrantes estonianos e cujas identidades você ajudou a revelar.

Parts se sentiu exposto. Porkov só dissera todas aquelas coisas para mostrar que sabia tudo sobre ele. Parts, obviamente, não teria esperado outra coisa, mas falar aquilo tudo em voz alta era uma demonstração de força. Uma tática famosa. Forçou a mão a ficar parada, embora ela quisesse conferir se seu passaporte ainda estava no bolso interno do paletó. Ele manteve as pernas paradas, olhou para Porkov e sorriu.

— Quando eu estava operando na frente antigermânica, tive a oportunidade de me familiarizar com as operações dos nacionalistas estonianos; eu as conheço muito bem. Até diria que sou um expert em nacionalismo.

O livro sairia pela editora Eesti Raamat. Porkov iria se assegurar de que tudo corresse tranquilamente. Ele já poderia se preparar para assinar o contrato com a editora, para a festa de lançamento, colocar o espumante para gelar, encomendar uma torta napoleão e alguns cravos para a esposa. Haveria traduções, muitas delas. Medalhas. As tiragens seriam enormes. Teria lugar de honra nas celebrações antifascistas.

Poderia largar o emprego de fachada no gabinete de segurança da fábrica Norma. Os adiantamentos e os envelopes pardos do Gabinete bastariam para viver bem.

Poderia instalar gás em casa.

Claro, Parts mal podia acreditar na própria sorte.

O único problema era conseguir paz para trabalhar: em casa era quase impossível. Aludira veladamente à necessidade de um escritório de pesquisa, mas o assunto não tinha avançado ainda; tampouco podia revelar a natureza do trabalho para a mulher, nem mesmo na esperança de que a importância da tarefa a fizesse controlar seus ataques histéricos. Parts voltou à escrivaninha, abriu os botões do colarinho. Precisava começar a trabalhar. Porkov já esperava partes do texto, primeiros capítulos; havia muito em jogo... o resto de sua vida.

1963
Talim,
RSS da Estônia, União Soviética

O vento que vinha do subsolo do edifício em Pagari já podia ser sentido na rua, centenas de metros antes que o camarada Parts chegasse às portas de metal da entrada. Ele se lembrava daquele vento dos anos soviéticos de sua infância, antes da chegada dos alemães. Estivera no mesmo prédio para encontrar seu antigo colega no Comissariado para Assuntos Internos, Ervin Viks, e Parts teve a impressão de vê-lo entrar pela porta que levava ao subsolo quando parou para passar a mão nas gotas de chuva que se acumularam em seu casaco. Os punhos da camisa de Viks tinham manchas de sangue, e seus sapatos deixavam marcas avermelhadas no assoalho branco. Havia todo tipo de rumor circulando entre as pessoas a respeito da câmara de descompressão que ficava no subsolo. Para Parts, o vento era o pior: a corrente de ar vinha dos pisos subterrâneos e levava embora a confiança que o acompanhara na rua, a caminho de Pagari. O prédio do Comitê de Segurança do Estado tinha o mesmo efeito década após década. Aquele vento, que não existia em nenhum outro lugar, seguiu-o até o elevador e os andares superiores, soprou através das tábuas do assoalho da sala do camarada Porkov e abalou a confiança cuidadosamente construída de Parts quando este se viu diante do capitão. Parts sentiu cada ranhura dos tacos através da sola dos sapatos, como se eles tivessem se transformado nos calçados de sua juventude, com reforços de metal e cujas solas ficavam tão gastas que a areia machucava os dedos do pé.

Sentado em sua escrivaninha com as fotos dos altos dirigentes penduradas na parede atrás de si, Porkov deu um sorriso amigável e apoiou o cotovelo em uma pasta de papelão que ele fechara propositalmente devagar, tão devagar que Parts tivera tempo de vislumbrar a própria foto dentro dela. Por um momento eles admiraram a vista que a sala tinha da rua Laika; a vista alcançava o mar e a torre da Igreja de Santo Olavo, que Porkov apreciava. Estreitando os olhos, Parts conseguia vislumbrar do cabo que ia do edifício de Pagari à Torre de Santo Olavo. Por um breve momento imaginou como seria se um dia tivesse um escritório como aquele, o próprio departamento, passando por corredores onde sentiria estar andando pelos caminhos do poder; a corrente de ar do subsolo chegaria aos tornozelos de outras pessoas, não aos dele. Deixaria que os escriturários usassem o velho elevador de serviço, e passaria a usar apenas o elevador principal. Teria a chave de todas as salas, do centro de comunicação, do arquivo de filmes e dos porões. Toda mensagem que os teleimpressores batessem dia e noite seriam dele. A vida de todos os cidadãos. Todas as conversas telefônicas. Todas as cartas. Todos os movimentos. Todos os relacionamentos. Todas as carreiras. Todas as vidas.

A barra de sua calça balançou com a corrente de ar, e Porkov pigarreou. Parts ajustou a postura, relaxou os ombros. Um convite para o escritório iluminado de Porkov era um sinal de estima, e ele devia se comportar adequadamente, concentrando-se. Uma garrafa de cristal reluzia com os últimos raios de sol, que se punha. Porkov despejou a bebida em copos de cristal tchecos, acendeu a luzes do teto e disse que estava extremamente satisfeito. Parts engoliu em seco — seus papéis haviam sido aprovados. Porkov demonstrou um humor favorável, e sua doce metralhadora de palavras elogiosas tornou a mente de Parts momentaneamente pegajosa, fazendo-o alternar entre corar em silêncio e gaguejar algo semelhante a uma resposta.

Depois da bebida, teve de se beliscar e se lembrar de que tinha questões a tratar. Muitas vezes ele havia passado pelo número 10 da rua Pärnu a caminho de casa agindo como se nada estivesse acontecendo, olhara para as janelas nos andares superiores e sentira um impulso de entrar, mostrar o progresso do manuscrito para os

empregados da Glavlit, o órgão de censura — eles entenderiam sua importância, sua perfeição. Eram apenas devaneios: ele nunca faria isso de verdade. Nunca veria as pessoas da Glavlit, que jamais teriam de ser convencidas. Em vez disso, tinha de ir à editora localizada no mesmo edifício e pegar o adiantamento... mas cada coisa a seu tempo. Era melhor lembrá-los do dinheiro mais tarde. Primeiro, era importante manter Porkov satisfeito, ganhar sua confiança. O bom humor do camarada capitão não devia ser abalado, para que ele não considerasse seu pedido inapropriado: Parts queria ampliar sua investigação com material dos arquivos.

Porkov estava com vontade de beber. Meia garrafa de vodca já havia sido consumida e, à medida que ele continuava a encher os copos, a conversa se tornava ainda mais fácil. De início, Porkov fingiu não entender as indiretas de Parts, com um traço de surpresa no olhar, pelo qual ele percebeu que Porkov estava exagerando sua embriaguez, assim como ele mesmo estava. Em todo caso, Parts poderia culpar a embriaguez por um comportamento que pudesse ser visto como arrogante; com isso em mente, ele se forçou a ir direto ao assunto. Assim, resmungou que tinha certeza de que reconheceria mais exemplares da escória humana nos arquivos e que seria capaz de identificá-los. Porkov riu, deu um tapa nas costas de Parts e disse “Vamos ver, quer outra bebida? Vamos ver”. Enquanto derramava a bebida no copo, Porkov olhou para ele novamente através da embriaguez. Parts secou o rosto, deixou o corpo assumir a languidez de quem havia bebido e fingiu ter dificuldades para colocar o copo na mesa; controlou a mão, que estava prestes a espanar caspa do ombro.

— Mas você já recebeu bastante material para o trabalho. Isso dever ser o suficiente. Temos nossas instruções, camarada Parts.

Parts imediatamente expressou sua gratidão pelo material que havia recebido e completou:

— Tenho certeza absoluta de que o camarada capitão seria considerado um herói em Moscou caso o trabalho final ultrapassasse as expectativas.

Essas palavras fizeram Porkov titubear um instante.

— Certamente você poderia encontrar algo no material que outras pessoas deixaram passar.

— Exatamente. Afinal, fui testemunha ocular dos crimes da corja fascista e teria perdido a vida se o Exército Vermelho não tivesse libertado o campo de concentração de Klooga. Dedico minha vida inteiramente a documentar esses feitos heroicos e a revelar os crimes do câncer nazista. Talvez possa até identificar os guardas. Alguns deles eram nacionalistas que mais tarde viraram bandidos.

Porkov caiu na gargalhada novamente; perdigotos voaram até o copo de Parts, que se juntou à risada embriagada para mostrar cumplicidade. Todo camarada com a patente de capitão almejava uma posição mais alta, e a operação de Porkov estava indo bem. Poderia o camarada resistir à oportunidade de ouro de chegar a Moscou? Nos últimos anos, surgiram tantos livros sobre as aventuras dos nazistas, com uma distribuição tão vasta, que Parts sabia que a operação era importante. Por alguma razão, o politburo investia nesse tipo de atividade na Estônia. Isso criava concorrência.

Porkov encheu os copos outra vez.

— Vou fazer uma reuniãozinha à noite em minha casa de veraneio. Traga sua esposa. Quero conhecê-la. É melhor começarmos a planejar o futuro. Os estonianos estão escondendo nacionalistas, eles não entendem o perigo. É um problema moral; o moral da nação precisa ser elevado, e você claramente tem talento para isso.

O estômago do camarada Parts começou a doer de forma terrível já no ônibus. Não era por causa da bebida, mas por voltar para casa e pela preocupação causada pelo convite de Porkov. O camarada capitão parecera favorável em relação às suas solicitações sobre os arquivos, mas continuaria assim se Parts rejeitasse o convite? O tilintar de talheres nas casas e a luz das cozinhas o desanimavam. Em um dos vizinhos, às quartas cozinhavam almôndegas, e às quintas, macarrão para as crianças e carne assada para os homens. Geleias eram preparadas. Parts era aguardado por um forno apagado e, sobre o fogão, batatas em uma panela cheia de água; os molhos e as costeletas dos primeiros anos de casamento foram substituídos por isso depois

que retornou da Sibéria. As amoreiras do quintal não davam frutos — sua mulher nunca jogava cinzas nelas.

Chegando ao portão de casa, porém, Parts foi recebido por uma visão inusitada: o vento balançava os lençóis que haviam sido estendidos para secar. Por um momento, admirou as ondas que o vento fazia nos lençóis, a mais charmosa imagem em séculos, embora àquela hora do dia já fosse melhor recolher as roupas para dentro. Então sua esposa lavara as roupas, e em casa! Subitamente, ele não se incomodava com o hábito dela de secar roupas íntimas debaixo dos lençóis, nem com o fato de que a banheira estivera vazia pela manhã, nem com o fato de que algumas horas de molho no bicarbonato certamente não bastaram para obter bons resultados, nem com o fato de que logo a luta sobre o uso de lavanderias públicas começaria de novo, embora Parts soubesse que esses estabelecimentos desgastavam as roupas; os lençóis tinham, afinal, renda feita pela mamãe. Mas quem se importa com esses detalhezinhos? A situação talvez não estivesse perdida, talvez uma mudança para melhor tivesse ocorrido. Talvez eles pudessem aceitar o convite de Porkov.

Parts se aproximou da porta. Liszt vinha do toca-discos de sua esposa até o quintal, pelos corredores e pelo corrimão, até reverberar sob a mão de Parts, que se apoiava na barra. A esperança e a suspeita de que ia se decepcionar lutavam em sua mente, quando tirou as chaves do bolso, abriu a porta e entrou sem acender a luz. Um gemido vinha da sala, uma luz brilhava através do vidro da porta. Os gemidos aumentavam e diminuía, às vezes acompanhados de palavras. O tempo todo, Parts esperava que a porta da sala se abrisse e sua esposa viesse lhe dar as boas-vindas, mesmo que estivesse um tanto ébria, mas a decepção foi revelada como bolor dentro de uma cebola ao descascá-la: a faísca de esperança que havia acendido lá fora no pátio morreu no cinzeiro transbordando de cigarros sobre a mesinha do telefone. Parts deixou a maleta de couro ao lado da mesa no vestibulo, pendurou o casaco em um cabide e calçou os chinelos; só então estava pronto para abrir a porta da sala e encarar o estado da mulher.

Sua esposa se balançava para a frente e para trás sob a luz laranja do teto, a barra da saia levantada até a cintura. A renda da anágua

estava manchada, o inchaço do rosto ocultado pelos cabelos bagunçados, e o toca-discos retumbava. Um cigarro queimava no cinzeiro com a ponta acesa brilhando, a garrafa de Belyi Aist estava pela metade, sob a mesa havia uma pilha de lenços masculinos molhados de lágrimas. Parts fechou a porta silenciosamente e foi para a cozinha. Seus passos eram pesados, os lençóis podiam esperar. A reunião em Pagari tinha corrido bem e conseguira embalá-lo em uma esperança ridícula. Ele só esperava, esperava tanto, que pudessem ir como um casal. Era um tolo.

Anos atrás teria sido diferente. Na Sibéria, Parts havia recebido uma carta da mãe, na qual ela contava que sua nora estava bem e sendo cuidada. A notícia de que sua mulher estava bem não despertara nenhum sentimento nele, embora fosse a primeira vez em anos que recebia notícias sobre ela. Não sabia o que a esposa estivera fazendo até pouco antes da retirada dos alemães. Ele mesmo tinha acabado no tribunal e em um trem para a Sibéria logo depois, onde notícias da mulher não eram sua prioridade; mas, quando por fim estava a caminho da Estônia, fora uma sensação boa saber que tinha um lar para onde voltar. Mamãe e Leonida haviam falecido, assim como sua mãe biológica, Alviine; estranhos moravam na casa dos Armis; não havia mais ninguém. Encontrara a mulher em Valga, em um cômodo pequeno mas arrumado cujo ar era dominado pelo fedor proveniente do banheiro, o único da comuna, localizado atrás da porta do vizinho. O quarto em si era bom, a esposa estava sã, cuidava de sua higiene e acenava lentamente com a cabeça quando ele enfatizava que, se alguém lhe perguntasse qualquer coisa sobre seus anos na Sibéria, ela deveria lembrar que ele tinha sido condenado por atos contrarrevolucionários e por colaborar com uma terceira alternativa, os ingleses, que ele havia recebido dez anos de pena por reunir tropas estonianas depois de os alemães terem se retirado e por seu treinamento como espião na ilha de Staffan. Sua mulher poderia falar sobre isso com outros que estiveram na Sibéria e se lembrar do destino do irmão.

A esposa não havia feito mais perguntas; provavelmente, ela também queria caminhar em segurança pelas ruas e entendia que,

para isso, era importante lembrar que Parts era um verdadeiro homem estoniano. Eram tempos difíceis para aqueles que não tomaram partido da Estônia, mas o Gabinete, por sua vez, não gostava daqueles que escolheram a Estônia. Para a sorte de Parts, os campos endureceram suas feições e transformaram seu rosto, e era improvável que ele encontrasse seus velhos colegas, que supostamente foram exterminados. Sua nova vida tinha começado bem. Embora para ele e a esposa o quarto jamais tivesse significado um espaço de descanso ou de paixão, eles aprenderam a dividir a cama e a manter os lençóis frescos mesmo nos verões mais quentes. Com sua frieza, eles aprenderam o companheirismo, quiçá a amizade. Parts não reclamara da nova residência e não perguntara por que a esposa saíra de Talim para ir para lá. Àqueles que voltavam da Sibéria era inútil esperar qualquer coisa melhor, não tinham permissão para morar na capital. Teria de se limitar a ser discreto, deixar o tempo curar as feridas, deixar que a ponte dos óculos criasse marcas entre os olhos, construísse uma nova expressão facial.

Quando Parts já vivia em Valga tranquilamente havia algum tempo, um desconhecido se juntara a ele a caminho de casa. Parts compreendera imediatamente do que se tratava. As instruções eram claras: ele devia se tornar amigo dos trabalhadores da cooperativa que voltaram da Sibéria para a Estônia e informar ao sistema os ânimos e os níveis do sentimento antissoviético daqueles que estiveram na Sibéria, apresentar avaliações a respeito de suas habilidades para sabotar a fábrica e listar as reações deles ao receberem cartas do exterior. Ele tivera um bom desempenho, tão bom que fora considerado a pessoa certa para lidar com a correspondência, em nome de um homem que uma vez estivera à noite em sua casa. Parts havia compreendido que sua habilidade com diferentes caligrafias já era do conhecimento do Gabinete. Mais tarde, até ouvira dizer que os experts em escrita e artes gráficas do Comitê de Segurança sentiam inveja.

Graças a suas habilidades, Parts continuara frequentando o círculo de emigrantes. Para inspirar confiança, havia compilado suas fotografias

e adicionara a medalha do general Laidoner a elas, escrevendo uma descrição detalhada de como o general lhe apresentara pessoalmente aquela honra. O Gabinete estava satisfeito com a linguagem usada por Parts e com seu repertório de frases meticulosamente construídas. Ele sabia como evitar o rigor e as críticas ao sistema soviético, pois apenas os mais inocentes tolos do Ocidente acreditariam que cartas contendo opiniões que abalem a pátria e o equilíbrio da sociedade soviética passariam pela fronteira sem a bênção do controle dos correios ou do Gabinete.

Duas semanas depois, recebeu resposta a uma carta sua, escrita de acordo com as recomendações e enviada a um tal Villem em Estocolmo. Ambos estudaram em Tartu na mesma época. Villem ficara maravilhado de receber uma mensagem de sua pátria. O Gabinete abriu um arquivo próprio para ele, o departamento de controle postal acelerou o tráfego de cartas da mãe de Villem para a Suécia e, depois de apenas um mês, Parts fora a Tartu em um carro oficial para estabelecer contato com a mãe de Villem. Em dois meses, coletou provas suficientes de que Villem pertencia a uma rede de espiões americanos. Foi recompensado com a permissão de voltar a Talim com a esposa, onde começou a trabalhar na fábrica Norma, e a esposa se tornou vigilante em uma estação de trem; ela tinha a própria cadeira nas plataformas de trem de longa distância. Por fim, também tinham espaço para um sofá-cama, que sua mulher arrumava para ele na sala todas as noites. Havia sido muito bem-sucedido, mas agora sequer era capaz de manter a esposa sóbria para o jantar de Porkov. Não podiam ir. Nunca poderiam ir. Ele não experimentaria a carne de beluga servida no jantar do camarada capitão.

O ponto de virada na existência tranquila e fria do casal foi o caso de Ain-Ervin Mere, diretor do grupo B da Polícia de Segurança, dois anos antes. Parts fora chamado para depor como testemunha dos horrores cometidos pelo câncer fascista, e desempenhou bem esse papel: primeiro seguiu com empenho o curso para testemunhas na rua Maneeži, e, então, se saiu bem no julgamento, denunciando veementemente o réu e aplicando com maestria tudo o que havia

aprendido. Ao mesmo tempo, estava feliz que a Inglaterra tivesse se recusado a extraditar Mere para a União Soviética, pois ficar cara a cara com o comandante teria sido desconfortável. As ondas de rádio multiplicaram a força do testemunho de Parts, foram escritos longos textos sobre a testemunha dos horrores de Klooga, e ele até foi convidado para receber flores em um jardim de infância. Os flashes explodiram, e, quando gravaram um programa de rádio sobre a visita, o pessoal do jardim de infância chorou e as crianças cantaram.

O Gabinete estava feliz, mas sua esposa, não. A mudança havia sido radical: ela começou a faltar ao trabalho; os papéis de parede ficaram impregnados com o odor de álcool velho; sua aparência sempre bem-cuidada se desfez, um cacho de cabelo de cada vez; sua pele se acinzentou tão rápido quanto as cinzas tingiam os cabelos das mulheres depois de um bombardeio. Parts ouviu dizer que a esposa também fedia a álcool na estação de trem, e, por vezes, até caía da cadeira de guarda. Em dias bons, podia começar a fazer o serviço de casa — como hoje, em que tinha lavado as roupas —, mas, após o primeiro copo, esquecia-se de fechar a torneira ou de abrir o forno e deixava a banheira transbordar. Agora, Parts sempre conferia o fogão várias vezes ao dia, e, constantemente, sentia cheiro de gás.

As condenações de Karl Linna e Ervin Viks aceleraram as coisas e transformaram os passeios ocasionais dela em uma atividade noturna regular. Parts se lembrava de um incidente em que flagrara a mulher lendo o livro de Ervin Martinson sobre os julgamentos de Linna e Viks, as mãos tremendo e um fio de saliva escurecida pelo cigarro escorrendo da boca. Cada sopro de sua respiração agitada formava uma bolha. Parts tirara o livro dela e o trancara no armário do escritório. A voz da esposa soava aterrorizada: como seu marido sabia daquelas coisas, em que cadeira iria se sentar no próximo julgamento, como ele sabia no que tudo aquilo daria, como eles acabariam?

Enquanto ela perdia o controle por causa do caso Ain-Ervin Mere, Parts agiu de forma oposta. Começava uma nova era, e ele não ia perder a oportunidade de tirar proveito de tudo. Uma carreira apenas como testemunha, como testemunha ocular e vítima do sadismo nazista, iria lhe garantir um futuro seguro. Talvez o convidassem a

outros julgamentos também, até mesmo no exterior; ele era útil. Por que sua mulher não conseguia entender isso?

O livro apenas trouxera novas dimensões à questão, possibilidades maiores. Na melhor das hipóteses, ele permitiria que Parts acessasse informações privilegiadas; se as usasse de forma apropriada, isso garantiria uma vida confortável para eles, férias na costa do mar Negro, acesso às lojas especiais.

Parts estava certo de que os julgamentos de Karl Linna e Ervin Viks seriam seguidos por ações similares. Algumas já tinham ocorrido, e naquele momento havia julgamentos sendo preparados em outros lugares, como na Letônia, na Lituânia, na Ucrânia e na Bulgária. Os erros causados pelo início lento no julgamento de Linna não seriam repetidos. A *Sotsialističeskaja Zakonnost* havia divulgado o resultado do julgamento de Linna e dos outros já no fim de 1961, embora ele só viesse a ser realizado no ano seguinte. Parts riu disso, mas se lembrou de não sorrir quando o tópico era discutido com outras pessoas. De modo geral, os avanços feitos pelo Gabinete eram significativos; novas ferramentas eram criadas o tempo todo, o departamento de tecnologia se desenvolvia rapidamente e o aparato dos agentes aumentava. Mais livros sobre o assunto se faziam necessários. Parts tinha sorte: sua oportunidade surgira em um ponto crucial das atividades do Gabinete.

E, se ele mantivesse o Gabinete — com suas mudanças de humor que lhe lembravam as de sua mulher — feliz, quem sabe chegaria o dia em que o camarada Parts entraria despreocupado em um estúdio de fotografia e pediria que tirassem uma foto para um passaporte, simples assim; falaria em um tom que faria isso parecer comum, como se ele sempre tivesse sido um *viezdnoj*, um bom cidadão soviético com um visto estrangeiro. Depois disso, alguns colegas e conhecidos dos quais ele nem se lembraria mais o perturbariam pedindo revistas pornográficas, ou ao menos baralhos com fotos de mulheres nuas. Veio à mente de Parts a imagem de uma guia da agência oficial soviética Inturist. Dizia-se que a mulher de bochechas grandes tinha um contato no Ocidente e sempre se lembrava de trazer algumas revistas amarradas em torno da barriga. A prática se estendeu por

muito tempo, e ainda assim a guia sempre conseguia passar pelas inspeções: o Gabinete precisava dessas revistas.

O livro de Parts não ficaria pronto a tempo das celebrações do ano seguinte, quando seriam comemorados os vinte anos da libertação de Talim das garras dos invasores fascistas e ladrões, mas, quando chegasse a vigésima quinta festa, o camarada Parts estaria presente já como um herói famoso, autor respeitado e testemunha. Talvez o público na exposição filatélica de Talim viesse a admirar seus traços em selos e envelopes. Ele não teria mais de passar um tempo infinito mantendo sua rede de correspondências, não teria de passar horas e horas redigindo cartas falsas ou autênticas, nem cartas com informações erradas, nem cartas preventivas, nem cartas para sondar os ares. O trabalho com os emigrantes repatriados teria um fim. O Gabinete entenderia sua necessidade de um escritório; a *Cross and Cockade* e outras revistas ocidentais implorariam por artigos seus sobre pilotos soviéticos. Ele só continuaria a se corresponder com aqueles que quisessem trocar ideias com um respeitado autor soviético ou discutir sua especialidade: aviadores soviéticos. O emprego de fachada na fábrica e a tagarelice dos refugiados estonianos seriam coisa do passado, pelo simples fato de que, aos olhos deles, Parts estaria contaminado. Ele seria uma nova pessoa, teria uma nova vida.

O único empecilho eram os nervos da esposa. Depois de todos aqueles anos, eles estavam muito alterados... justamente quando o futuro se mostrava claro e Parts contava com o apoio do Gabinete.

1963
Talim,
RSS da Estônia, União Soviética

O prédio da inteligência estava vazio, exceto pelo camarada Porkov e por Parts, duas mesas, um magnetofone, algumas cadeiras e o telefone que não parava de tocar. Parts estava atônito: tinha nas mãos um arquivo com listas de nomes do campo de Klooga e ouvia um estranho ronronar. Já estava prestes a perguntar ao camarada capitão se ele havia trazido um gato, mas sabia que tinha de manter a boca fechada, e enfim compreendeu que o som vinha de sua cabeça. A cor verde dos papéis de parede se tornara tão brilhante que ele precisava fechar um pouco os olhos. O camarada Porkov balançou a cabeça enquanto olhava para as listas e disse que elas não estavam completas. Embora os fascistas tivessem levado os arquivos com eles, o Comitê de Segurança do Estado conseguira obter muitas informações úteis, e a comissão especial de investigação de crimes fascistas também havia produzido um trabalho significativo.

— Obviamente, a maior parte das vítimas foi deixada sem identificação. Gostaríamos muito de completar a lista — disse Porkov. — Infelizmente, o nome de muitos assassinos permanece nas sombras. Nomes demais. Quanto a isso, eu dependo da sua ajuda. Deixar criminosos escaparem sem punição não combina com a moral da União Soviética. Não atuamos assim. Você pode estudar o material em casa.

Através da mala deixada no piso da guarita de segurança da fábrica, os arquivos de Klooga cutucaram as pernas e ocuparam a cabeça de

Parts a tarde inteira. Ele tinha vontade de pegá-los só para dar uma olhada rápida, mas não sabia como reagiria se encontrasse algo. Ainda estava nervoso, embora as cores tivessem voltado ao normal. O sol nunca estivera tão alto, nem o dia tão brilhante. Parts punha a mão acima dos olhos como uma viseira, mesmo dentro da cabine, e tentou pensar em todo tipo de assunto durante o dia. Tentou agir da maneira mais natural possível, concentrando-se nos assuntos menores do dia a dia: a multidão entrando pelos portões, a cintura das mulheres que iriam se enfiar nas calcinhas da fábrica, os bolsos cheios das camisas dos homens. Observou o caos gerado pela visita de uma supervisora, e como o conhaque oferecido fez com que ela corasse, e como gracejava com as piadas feitas pelos homens que ficavam à sua volta enquanto o grupo atravessava o pátio da fábrica. Os mais atraentes atuavam como seus anfitriões. Parts, com calma, aceitou algumas barras de chocolate e fez sinal de positivo com a cabeça ao motorista que levava uma carga de painéis de chapa corrugada para a casa da supervisora. Pensou na esposa, que havia prometido comprar leite, mas em parte já sabia que, a menos que ele mesmo passasse na leiteria, à noite encontraria apenas algumas garrafas com poucos centímetros da bebida esperando-o na geladeira. Tentou manter os pensamentos em qualquer coisa, exceto no conteúdo da maleta, e, no caminho para casa, já se preocupava com o que poderia encontrar nos arquivos. Se achasse algo, aonde levaria? Estava tão nervoso que se esqueceu de comprar leite. Na geladeira, havia uma fila de garrafas de leite com data de validade de semanas atrás. Parts as esvaziou na pia e, depois de lavá-las com uma escova, colocou-as uma diante da outra, numa fila que sua esposa jamais levaria para a loja. Depois, controlando a respiração, trocou o bujão de gás. Fechou os olhos por um momento e se sentou. Não havia necessidade de se aborrecer por causa de umas garrafas de leite. Ele devia se concentrar no assunto essencial, nas listas de nomes de Klooga. Resolveu colocar creme de leite na xícara, em vez de leite e misturar um pouco de açúcar e a compota de maçã que havia trazido da loja; misturou tudo fazendo barulho com a colher e seguiu em direção ao escritório. Conferiria as listas e, se nada de interessante surgisse do material de Klooga,

olharia as listas de outros campos, um a um. Porkov havia demonstrado um humor tão favorável em relação a ele que era perfeitamente possível que recebesse outros materiais. A menos que encontrasse nomes que comprometessem sua posição, Parts estudaria mais listas, qualquer tipo de lista, desenterraria cada nome e investigaria com atenção todas as pessoas que pudessem conhecê-lo: se a pessoa estivesse viva, ele descobriria onde ela morava.

O instinto do camarada Parts estava certo. Surgiu um nome familiar na lista de 1944. Apenas o nome, sem data de óbito ou menção de transferência para outro campo ou evacuação para a Alemanha. Um nome que ele desejava que fosse de outra pessoa. Qualquer pessoa. Estivera procurando por qualquer nome que reconhecesse, mas não queria ter encontrado esse em particular; um nome que, se pronunciado em voz alta, fazia sua língua empolar. Um nome que nem deveria estar naquela lista.

Roland tinha desaparecido mais ou menos quando os alemães chegaram, e Parts não ouvira falar dele depois disso — nem o menor dos rumores ou fofocas, nem mesmo de mamãe, que teria falado se tivesse ouvido algo. Parts pensara que Roland tinha escapado para o Ocidente ou morrido antes da chegada das tropas soviéticas. Era, portanto, uma boa pergunta: por que Roland acabara em Klooga, e não em qualquer outro lugar? Acima de tudo: por que figurava seu nome completo, Roland Simson, na lista de prisioneiros de Klooga? Parts estudou os papéis com fervor, refrescando sua boca com creme de leite de quando em vez. Três prisioneiros mencionaram Roland pelo nome, mas não havia nenhum testemunho do próprio. Um homem chamado Antti se lembrava do dia em que Roland havia chegado, porque por acaso era seu aniversário, e ele decidira dar pão ao primeiro prisioneiro que encontrasse. Roland Simson tinha acabado de ser trazido, e o homem se apresentara em estoniano fluente; queria se comportar como se não estivessem em um campo. Antti pedira a ele que fosse parte de seu grupo de trabalho. Os judeus eram mais fracos, e Roland provara ser um trabalhador árduo.

Parts cerrou os punhos com tanta força que as unhas entraram na carne, e ele praguejou contra todos os aniversários do mundo. A dor clareou sua mente. O dia de entrada de Roland era próximo da retirada dos alemães. Ele provavelmente tinha sido executado ainda no campo e seu corpo apenas não fora identificado; ou, se deixara o campo com vida, havia levado um tiro na floresta ou logo depois da chegada do Exército Vermelho. Mas quem ele teria tido tempo de encontrar, caso tivesse escapado? Com quem ele tivera tempo de conversar? Quanto tempo havia passado na floresta, no grupo de quem? Tinha de haver um arquivo sobre Roland, tinha de haver informações dizendo se havia sido fuzilado ou preso. Parts mastigou o lápis até parti-lo em dois. Precisava encontrar uma confirmação do assunto.

1963

Talim,

RSS da Estônia, União Soviética

No meio da pilha de documentos havia um caderno com capa de couro. Um diário. Parts reconheceu imediatamente a caligrafia; o chão da sala estava prestes a se abrir sob seus pés e um canto da mesa pareceu ceder. Por essa ele não esperava. Todo o resto sim, mas não isso. Nem mesmo a cuidadosa preparação mental para a visita aos arquivos bastou para que mantivesse a calma: a descoberta era significativa demais. Concentrou-se por um momento para acalmar a respiração e conseguiu esticar as pernas trêmulas, erguer a cabeça após uma série de movimentos compulsivos, ansiosos. Obrigou-se a focalizar os documentos, embora o tampo da mesa e a cadeira tivessem virado plástico, que se derretia no ar estranhamente quente da sala: sentiu a madeira compensada debaixo de si se dobrando, quase ouviu seu estalo ao se partir ao meio, ainda que continuasse repetindo mentalmente que se tratava apenas de uma alucinação, que sua cabeça o estava enganando, era só isso. Agarrou-se à beira da mesa como ao manche de um avião e abriu o diário em uma página aleatória. O ano escrito na margem superior o atingiu como um míssil.

Quando o vigia foi vistoriar o homem sentado à mesa de leitura mais distante, o diário escorregou para dentro da camisa de Parts como se por vontade própria. Ele não entendeu totalmente o que fizera, mas compreendeu. Roubo de material era um ato sancionável e facilmente detectável se qualquer um cotejasse o material devolvido ao arquivo com as colunas onde eram anotados os documentos entregues aos usuários, ou se alguém repassasse o nome dos que

havam consultado aquele diário em particular. Sequer poderia devolvê-lo, o arrependimento chegara tarde demais. O diário já estava junto a sua cintura, e Parts sentiu cheiro de queimado: haviam atingido sua fuselagem.

Após ter furtado o material, tentou agir com naturalidade, concentrar-se em estudar o restante do material que havia espalhado pela mesa; mas o suor brotava de sua pele sob o diário, o barulho de papéis vindo de outras mesas arranhava seus ouvidos, e até mesmo a menor das tosses ou pigarros o faziam se sobressaltar, certo de que aqueles sons eram um sinal de desaprovação dirigido a ele, de que seu ato ilícito tinha sido descoberto, de que os músculos trêmulos de seu rosto o haviam delatado. Quando os olhos de Parts se cruzaram com o do vigia, ele controlou as pupilas para que não dilatassem; o outro tampouco afastou o olhar rápido, disse Parts estava certo, tão certo como se o rosto do vigia revelasse um traço de suspeita. Uma suspeita sobre ele. Entretanto, o vigia passou a olhar para os catálogos que organizava sobre a mesa e, como se nada de estranho tivesse acontecido, voltou a ler o que provavelmente eram solicitações de livros, cobrindo parágrafos que fossem considerados inadequados para o futuro leitor.

Parts já tivera antes a chance de conhecer livros perigosos, marcados com duas estrelas de seis pontas; mas agora que havia tido acesso a um material ainda mais incendiário, que consequências poderia sofrer? Para início de conversa, ele pusera em risco a possibilidade de que tais oportunidades se repetissem. A permissão para ter acesso a materiais em bibliotecas e arquivos especiais havia sido dada apenas meses depois de Parts e Porkov beberem juntos. Aquilo tinha consolidado ainda mais a posição de Parts. A abertura da porta de metal dos arquivos foi um momento de triunfo: Parts tivera a honra de vê-la ser aberta especialmente para ele. Ao mostrar sua credencial para o chefe do departamento, sentiu-se privilegiado. Ele não era qualquer um. Mas agora poderia sê-lo em breve. Poderia voltar a ser um ninguém. Arriscara tudo por causa de um diário.

Parts tentou se concentrar novamente, forçou-se a olhar para os desenhos do refúgio subterrâneo, concentrou-se em cada título dos

panfletos dos bandidos. Teria de se comportar com a mesma naturalidade que o inspetor e os outros na sala de leitura e sugar todas as informações possíveis do material entregue a ele naquela instância, pois não sabia se receberia uma segunda chance de estudar os impressos quase profissionais dos criminosos, se teria acesso a eles, se seria preso ou coisa pior. A maioria dos jornais não era mais que uma folha impressa na frente e no verso, mas dentre eles havia edições com quatro ou mesmo seis páginas. Sua linguagem exaltada também era facilmente reconhecível. Parts se lembrava dela do período de treinamento na ilha de Staffan. Na época ele havia planejado a criação de um grupo de idealistas cujos atos heroicos deveriam incluir a expulsão do Exército Vermelho da Estônia. Em outra ocasião teria sorrido diante da inocência típica da juventude; agora, não podia fazê-lo, mas sorriria de novo, ia se assegurar de que poderia sorrir diante daquilo novamente. Para isso, contudo, teria de ser bem-sucedido em seu furto e não ser pego. Se o item roubado fosse menos importante ou se o ano no alto da página fosse outro, não teria se dado ao trabalho de cometer aquele ato. Mas a data e o nome do autor eram comprometedores demais para ele, e a capa do diário queimava contra sua pele nua e corroía seu estômago. Estava prestes a desbravar o oceano com um leme em chamas. O trêmulo dedo indicador de Parts corria os desenhos, oscilando sobre as chaminés e as lareiras, as camas dobráveis encostadas nas paredes e os canos de ar, e, não importava o quanto tentasse corrigir seu curso, os danos à sua fuselagem eram reais — ele afastou os dedos do desenho e se forçou a abrir o colarinho, as veias do pescoço pulsando freneticamente; seu coração batia junto ao diário, a área em volta do umbigo empapada de suor, pedaços das asas já haviam desaparecido nas ondas. Atrás de uma mesa de leitura, pôde ouvir o estalo da língua de um homem que fumava um cachimbo; um fósforo fez um ruído áspero ao riscar a caixa, e o homem se levantou, olhando diretamente para Parts, soprando fumaça pela boca. Teria notado algo? Parts não conseguia mais ficar parado, precisava deixar a cabine, parar de estudar o material, tinha de saltar.

Ao se levantar, a cadeira arranhou os tacos do piso; a mão diligente do vigia parou e ele ergueu o olhar. Parts se aproximou da mesa e deixou os documentos consultados em frente ao vigia. Seus dedos suados haviam deixado marcas escuras nos desenhos, mas o homem não fez nenhum comentário sobre isso. Ele era lento, fazia anotações nas colunas com uma precisão exagerada. Parts já estava preparado para responder, caso ele perguntasse por que faltava um documento na pilha de devolução. Alegaria que não o tinha recebido; preparou-se para um ataque total e para projetar sua voz com raiva, lançar insultos sobre a negligência do departamento e especialmente da mulher que lhe dera o material. Mas, naquele exato momento, chaves bateram na porta de metal e a mulher em questão apareceu. Parts congelou. A mulher tentou passar por trás do vigia até o índice de cartões e seu quadril, coberto por uma chita colorida, derrubou um cinzeiro da beira da mesa. O cinzeiro se partiu em vários pedaços ao bater no chão e fez com que todos os olhos se voltassem para o vigia; a mulher se sobressaltou, a caneta fez um borrão feio nas anotações, o vigia grunhiu, o tinteiro caiu, ele pegou um monte de papel para limpar, palavrões em russo ecoaram; o vigia ordenou que as pessoas se concentrassem em seus trabalhos, e a pilha de livros amontoadas na beira da mesa dele também caiu. Parts anunciou friamente que estava com pressa, que eles certamente conseguiriam gerenciar sem ele o material devolvido. Deixou o homem discutindo com a mulher, a tinta se espalhando pelas anotações, as cinzas flutuando no ar. Pegou as chaves que a mulher havia largado na mesa, abriu a porta de metal e as jogou em cima da mesa mais próxima, antes de sair sem que ninguém prestasse atenção nele.

1963

Talim,

RSS da Estônia, União Soviética

O camarada pôs a mão na mesa ao lado do diário. O andar de cima estava silencioso, sua esposa havia sucumbido à bebedeira. A umidade havia descolorido as folhas do caderno, seus cantos estavam gastos por causa do uso. Parts respirou fundo, levantou a capa com o polegar e abriu nas primeiras duas páginas. Embora já o tivesse examinado várias vezes, o diário ainda tinha o mesmo efeito nele: o pulso acelerava, calafrios percorriam a espinha. As linhas no diário haviam sido densamente preenchidas, alternando entre lápis e caneta-tinteiro fraca; a ponta da caneta deixara marcas, atravessando o papel quadriculado manchado de roxo. Nas curvas das letras, Parts reconhecia o sentimento com o qual foram escritas, mas as páginas não revelavam nenhum nome de lugar, muito menos o nome real de alguém. Os nomes em código também eram estranhos, claramente criados pelo próprio autor, pois não podiam ser encontrados nos escritos ilegais que Parts estudara.

Alguns donos de diários anotaram informações completas sobre os integrantes de seus grupos, a localização dos refúgios subterrâneos, datas em que entraram para o grupo, quantidades e horário das refeições, os lugares onde os equipamentos eram guardados, esconderijos de armas; registravam absoluta, incrível e estupidamente tudo. Menos este autor, uma exceção no gênero. O diário fora catalogado como pertencente a um bandido desconhecido e tinha sido encontrado em uma caixa de metal dentro de um abrigo incendiado. Três corpos foram encontrados no local, três bandidos pertencentes à

União da Luta Armada; foram identificados, mas Parts os desconhecia. Na investigação, concluiu-se que o diário não podia pertencer a nenhum deles, pois o departamento contra o banditismo fornecera amostras da caligrafia dos três mortos e nenhuma delas batia com a do autor. A única evidência de sua existência era o diário anônimo, e somente Parts sabia que se tratava do diário de seu primo Roland Simson.

As anotações começavam em 1945 e terminavam em 1950 e 1951. Eram precisamente as últimas páginas as mais chocantes — não tanto pelo conteúdo, mas pelas datas. As últimas frases foram escritas sete anos após o início do domínio soviético e o fechamento das fronteiras. Isso provava que Roland estivera vivo dois anos após as deportações de março, quando os grupos de apoio dos bandidos foram erradicados do país, cúmplices arrancados como ervas daninhas, e não restara uma única fazenda que apoiasse os Irmãos do Bosque. Tudo fora coletivizado e a resistência havia sido esmagada.

Ao contrário do que pensara Parts, Roland não tinha levado um tiro nas costas em Klooga; não terminara em um túmulo anônimo no porão de uma casa queimada pelos alemães, não havia sido capturado nem morrera mais tarde de ferimentos à bala na floresta. Como prisioneiro, ele não poderia ter fugido do país, não poderia ter sido evacuado a tempo. Se tinha conseguido sobreviver em liberdade até 1951, nada o havia matado. Ele estava aqui.

Parts decidiu não entrar em pânico. Ele solucionaria aquilo, pensaria, aprenderia a conhecer Roland como a si próprio, teria de se identificar com o primo. Só assim chegaria a uma pista. Quanto mais rápido compreendesse os autores dos diários e dos cadernos ilegais, mais rápido encontraria vestígios dos homens que desapareceram na clandestinidade, especialmente do dono daquele diário. Teria de compreender como eles pensavam melhor do que compreendia a própria maneira de pensar. Pois, mesmo que uma pessoa conseguisse adquirir uma nova identidade, um novo nome, construir uma nova história pessoal para si, sempre haveria algo de sua velha vida que a delataria. O camarada Parts sabia disso como ninguém.

O perfil que surgiu do diário não combinava bem com a pessoa que Parts havia conhecido, um homem que se lançara à batalha sem medo, desafiadoramente. O autor do diário era muito mais cuidadoso. Não obstante, o diário fora escrito tendo em vista um futuro leitor. Isso Parts não entendia. Roland vivia no vale da morte, não tinha nenhuma esperança de voltar à vida normal, absolutamente nenhuma possibilidade de sobreviver; então, de onde vinha aquela confiança de que sua voz seria ouvida um dia? Embora, nesse aspecto, Roland não fosse o único. Parts se lembrava bem da obsessão fervorosa com a qual as pessoas na Sibéria escreviam suas histórias de vida, memórias, “nestes escritos alguns dos crimes cometidos pelos bolcheviques foram reunidos para as gerações futuras”, sabe lá que outras anotações, e as guardavam em garrafas de vidro; estas deveriam ser enterradas junto de seus autores, em túmulos anônimos. Algumas das tais garrafas provavelmente estavam guardadas em algum arquivo, assim como o diário que Parts astutamente afanara, e seriam estudadas apenas por pessoas aprovadas pelos conselhos de segurança; mas o restante das garrafas jamais seria encontrado ou lido. Parts também se lembrava de um colega que fora levado quando criança para Katyn, na Polônia. Com as palavras embargadas pela bebida, o homem havia murmurado que eles entendiam claramente o que estava acontecendo com os poloneses e que os estonianos seriam os próximos. “Você precisava ver o rosto das mães.” Todos os poloneses receberam uma vacina e foram levados a um ônibus, mas ninguém resistiu: se eles iam ser mortos, não teriam recebido alimentos para a viagem, tampouco teriam sido vacinados, certo? “Mas nós, estonianos, nós entendíamos. No carro onde nos enfiaram estava escrito ‘capacidade: oito cavalos’.” Mas por que teriam os poloneses enchido as paredes de um mosteiro transformado em prisão com seus nomes e suas patentes militares, apenas para serem cobertos pelos nomes e pelas patentes dos próximos ocupantes da cela? Seria um impulso primário de escrever que acomete aqueles que estão próximos da morte, a necessidade de deixar algum tipo de marca no mundo? Teria Roland sentido essa necessidade, alimentado uma quimera de que a verdade sempre vem à tona? Sim, Roland sucumbira a essa necessidade.

E se Roland fosse como aquele russo que conduzira experimentos de gás mostarda em um escritório especial em Moscou e escrevera desesperadamente fórmulas químicas na beira da cama? Parts dividira seu estreito alojamento com o homem em um acampamento provisório, e ele havia explicado que o líder do escritório especial demonstrara um interesse particular pelos efeitos que o gás tinha na pele humana. Nas injeções de curarina. Na ricina. Era claro que os resultados mais detalhados seriam obtidos com humanos. “Usei em um soldado alemão quatro vezes e só na quinta encontrei uma quantidade letal.” Parts não conseguira memorizar as fórmulas do pesquisador, embora tivesse entendido imediatamente que aquilo viria a ser uma ótima mercadoria. Muitos países ficariam loucos com elas, mas, na época, negociar com estrangeiros parecia um sonho distante. Era mais prudente deixar os laboratórios de tecnologia em paz; o homem tinha dito que era o último de seus colegas ainda vivo. Talvez fosse exatamente por isso que ele sentia necessidade de compartilhar seu conhecimento. Teria sido também esse o motivo de Roland para manter um diário, a certeza de que seus dias estavam contados?

Parts repetiu o nome do primo algumas vezes. Pouco a pouco começou a se acostumar com ele, teria de se acostumar. Nos próximos anos, o nome passaria pelo seu cérebro inúmeras vezes, e ele teria de permitir que o atravessasse para que deixasse de espetá-lo como urtiga.

Havia cruzeiros desenhadas na contracapa do diário: a página estava cheia de pequenas cruzeiros para os mortos, o lápis havia calcado o papel até quase rasgá-lo. Nenhum nome.

O camarada Parts colocou o diário sobre a mesa com cuidado e começou a verificar as anotações que tinha feito sobre os jornaizinhos dos bandidos. No fim, as notícias haviam se tornado mais descuidadas, tentavam levantar os ânimos, claro. O diário também revelava uma preocupação com o fato de que não estavam mais recebendo sangue novo. Até a morte de Stálin, a maioria dos ilegais já havia sido exterminada — seiscentos e sessenta e dois grupos de

bandidos e trezentas e trinta e seis organizações clandestinas. Depois disso, quantos conseguiram se esconder no bosque mesmo assim? Centenas, algumas dezenas? Dez? Cinco? Estaria Roland ainda na floresta? Sozinho ou com alguém, ou até mesmo com um grupo? Ou teria ele recebido anistia? Muitos dos que se esconderam na floresta haviam-na recebido, mas seu nome teria de constar em algum registro e, depois de ser legalizado, ele teria sido trazido para um interrogatório sobre os eventos em Klooga; haveria um registro do testemunho. Não, Roland não tinha recebido anistia. Teria ele conseguido uma nova identidade? O fluxo de russos-estonianos e ingrianos dera uma oportunidade a muitos ilegais de obter um passaporte temporário, pois passaportes sempre eram roubados nos trens. Por um tempo, bastava registrar a perda de um documento de identidade e demonstrar um conhecimento rudimentar de russo para obter um passaporte; era só declarar que era procedente do *oblast* de Leningrado e que algum habitante local havia lhe oferecido moradia. Alguns desses impostores foram pegos quando seus passaportes expiraram. Se Roland pertencia a esse grupo, como teria conseguido adquirir novos documentos? E com quem teria falado durante esses anos, com quem estava lidando? Precisaria ter recebido ajuda de alguém, ainda tinha de estar recebendo ajuda, fosse na floresta ou na civilização.

Parts pegou um lápis e garatujou algumas palavras suaves como um teste em um mata-borrão: “Meu primo poderia estar no Canadá ou na Austrália, ficaria grato por qualquer informação sobre ele, não tenho mais nenhum familiar.” Levaria o anúncio para a redação do *Kodumaa* na manhã seguinte. Contanto que o Gabinete não soubesse que ele estava buscando o autor do diário, ele poderia procurar livremente pelo primo e pelas pessoas que o conheciam, justificando tudo como um método de despertar a compaixão dos estonianos expatriados, aumentando sua credibilidade entre eles. Parts já conseguira encontrar muitas pessoas e criar laços de confiança por meio do *Kodumaa*, que tinha como público estonianos expatriados e havia sido entusiasticamente recebido pelos emigrantes. A coluna de anúncios, criada para amigos e parentes dos desaparecidos, contava

com a simpatia até mesmo daqueles que viam a União Soviética com suspeita — lançar o jornal com certeza tinha sido um golpe de mestre do Gabinete. A tarefa de Parts até então fora apenas mapear o humor dos emigrantes — pensamentos amenizados pela saudade de casa e pela confiança —, mas a situação havia mudado. Talvez pudesse sugerir diretamente aos responsáveis que inventassem anúncios de pessoas desaparecidas no jornal, para assim buscar nomes que surgiam nas listas de testemunhas de Klooga. Alguém sempre sabia de alguma coisa, conhecia alguém que conhecia alguém, e as pessoas confiavam em Parts: ele estivera na Sibéria, não pertencia ao Partido e tinha uma medalha Laidoner.

Parts havia falhado somente em relação a Ain-Ervin Mere. Quando lhe perguntaram sobre a época em que Mere atuara na liderança do grupo B, ele não devia ter exagerado a profundidade de sua amizade — mas quem teria imaginado que Mere ia se recusar a cooperar com o Gabinete? A decisão era surpreendente, especialmente porque entre as informações dadas pelo comitê de segurança havia material favorável para um informe: Mere agira como um tchekista, um integrante da polícia política nos tempos do Comissariado do Povo para Assuntos Internos, antes da chegada dos alemães. A Parts foi recomendado que trouxesse à luz a informação quando ele contatou Mere ou Müller, como se o tivesse conhecido no tempo do comissariado. Então, em uma de suas cartas para Mere, Parts o lembrou de seus encontros perto do velho moinho e de quando o chamou de “Ain Müller” de brincadeira. Mere nunca respondeu. Foi pura tolice de Parts. Ele tinha certeza absoluta de que teria obtido resultados melhores se lhe tivessem permitido visitar o major na Inglaterra; mas não, ele só podia escrever. E a Inglaterra não extraditou Mere para a União Soviética. Ele não fracassaria uma segunda vez. A pedido de Parts, seu testemunho no caso Ain-Ervin Mere foi omitido das páginas do *Kodumaa*, embora o caso tenha sido amplamente noticiado no jornal; aquilo não combinava com a imagem que Parts havia oferecido aos estonianos expatriados, que não tinham confiança alguma no judiciário soviético.

Era um pequeno milagre Roland ainda não ter sido procurado ou encontrado, uma vez que as informações sobre ele eram tão evidentes nas listas de Klooga, e ainda mais quando prisioneiros estonianos que sobreviveram ou evitaram a evacuação alemã eram considerados suspeitos de espionagem. Por isso, Parts não seria o único que iria atrás de Roland, mas teria de ser aquele que o encontraria antes que se visse como testemunha no mesmo caso que o primo. Havia grande demanda por testemunhas de Klooga no momento, agora que as atividades nazistas estavam sendo analisadas minuciosamente. Parts sabia disso como ninguém. Tudo seria investigado. O livro que escrevia seria uma boa oportunidade para a missão secreta de pôr as mãos em Roland.

1963

Talim,

RSS da Estônia, União Soviética

“Mark era um modelo perfeito da degeneração e do fascismo dos estonianos.” Parts saboreou a frase que havia datilografado. Um trem que passava fez as janelas vibrarem e isso quebrou seu ritmo; o manuscrito empilhado página por página ao lado da Optima estremeceu. A frase era concisa e de impacto, mas era fria demais, não causaria nenhuma emoção em ninguém. Pesadelos, os leitores tinham de ter pesadelos. É por isso que o canibalismo fora uma ideia genial de Martinson, embora Parts não gostasse de chamá-lo de gênio. Nunca haveria uma criança em cujos sonhos o canibalismo não entrasse, e tais marcas emocionais no início da vida seriam impossíveis de se apagar; ninguém jamais mudaria um velho preconceito a pessoas definidas como canibais desde a mais tenra infância dos leitores. Com uma palavra, Ervin Martinson mudara o rumo da história para a direção que o Gabinete queria. Com uma palavra! A emoção era maior que a razão, por isso era necessário causar primeiro uma reação emocional. Parts limpou a geleia dos dedos, pôs uma nova folha de papel-carbono na máquina de escrever e correu os olhos sobre a última edição do guia *Informações proibidas em publicações, programas de rádio e televisão* e em seus glossários. O camarada Porkov hesitara ao entregar o guia a Parts, mas mesmo assim o havia marcado como usuário do livro. Nas listas de palavras havia uma coluna separada para aquelas que suscitavam emoções negativas e outra para emoções positivas. Parts inicialmente pensara que estar preso a instruções rígidas arruinaria sua chance de criar a própria linguagem, de lapidá-

la, mas, no fim, segui-las se tornou natural: o filtro era um acerto. “Sabia-se que Mark seguira o exemplo de seu supervisor decorando sua árvore de Natal. Enfeitou-a com os anéis de ouro dos cidadãos soviéticos que haviam chegado ao acampamento e nunca o deixaram; deixou suas crianças brincarem perto da árvore e ficou feliz com o que via.” Parts estalou os dedos. Não se lembrava bem de onde vira uma árvore de Natal decorada dessa forma, ou se havia de fato visto uma, mas a imagem era tão forte que não podia deixar de usá-la. Ao mesmo tempo, era reforçada a noção negativa de uma árvore de Natal em si, o que tampouco era ruim. Teria ele encontrado o tom certo? Parts mordeu os lábios. Talvez. Talvez ele ainda devesse acrescentar a visão detalhada das testemunhas. Uma mulher que tenha sido obrigada a assistir a essa peça grotesca. “Maria, que fora levada ao campo de concentração de Tartu, tinha sorte por ter sido escolhida como empregada na casa de Mark. Tinha sorte de ter evitado um destino mais cruel e de poder roubar restos de comida, mas era infeliz por ter de servir a ceia enquanto as velas na árvore de Natal derramavam cera nos anéis de cidadãos soviéticos mortos. Estaria o anel de sua mãe entre eles? Ou o de seu pai? Maria jamais saberia.”

O camarada Parts batera as teclas da Optima tão ferozmente que furou o papel, as barras de ferro engatando umas nas outras, as teclas se recusando a se mover. Nos anéis de cidadãos soviéticos? Ou dos judeus? Mencionar os judeus colocaria o sofrimento dos cidadãos soviéticos no pano de fundo, diminuiria o valor do sacrifício e da grandeza do cidadão soviético, poderia até mesmo ameaçá-lo? Parts havia notado que, nos livros publicados nos países ocidentais que ele tinha em seu armário trancado, a questão judaica era claramente enfatizada.

Começou a separar as barras de ferro das teclas, soltou o papel do rolo e se levantou. Leu algumas frases em voz alta como um teste. O texto já começava a ter uma carga emocional. Mulheres, era preciso se concentrar em mais mulheres, mulheres sempre despertavam sentimentos; Maria era com certeza uma boa personagem, uma que provocava pena. Mark não pareceria suficientemente mau sem que houvesse uma pessoa por meio da qual sua maldade fosse revelada,

alguém por cujos olhos o leitor pudesse ver a árvore de Natal, a ceia. Sim, o testemunho de Maria era necessário. Mas onde estaria o limite do sentimentalismo? Não, não aqui ainda. Ele simplesmente não tinha coragem de acrescentar canibalismo. Já era ruim o bastante ter de se referir constantemente aos livros de Martinson, os quais pertenciam às suas referências favoritas. Embora, no futuro, sua obra fosse atrair uma avalanche similar de citações e, citação por citação, cresceria em importância e credibilidade, mas não datilografava o nome de Martinson com o coração leve.

Parts retraiu os dedos dos pés dentro dos chinelos e comeu um pedaço de Pastilaa. No livro de Martinson havia um personagem perfeito para as necessidades de Parts: Mark, um tirano irreconhecível e sem sobrenome, um criminoso de guerra que nunca havia sido pego e cujo nome talvez nem fosse aquele — seria um apelido? Por isso era fácil continuar a história. Havia testemunhos dos atos de Mark, mas nada vindo dele próprio. Parts balançou a cabeça, pensando em como os erros de seus colegas se voltaram em seu benefício. Pelo material, ele percebia que os órgãos de segurança usavam mão de obra jovem e inexperiente, as instruções eram muito fragmentadas e os oficiais competentes brilhavam em sua ausência. Durante os interrogatórios, ninguém pensara em fazer mais perguntas específicas nem pedir detalhes pessoais; numerosas testemunhas falaram de outras pessoas usando apenas seus primeiros nomes ou sobrenomes, então, rastrear os suspeitos encontrados via testemunhos era impossível. Somente mais tarde os problemas dos métodos do fim dos anos quarenta foram notados. Já quase não havia mais testemunhas vivas, pois ser capturado era o suficiente para se receber uma sentença de execução. Era uma ironia do destino que os dados de Roland tivessem sido tão bem-documentados em Klooga.

“Mark era musculoso, tinha ombros largos, a força de seus braços imediatamente aturdiava qualquer um que fosse alvo de sua crueldade; estava frequentemente embriagado. Maria, que passava muitas noites engraxando as botas de Mark, lembrava-se bem de como ele ensinava matemática aos filhos contando quantos prisioneiros cabiam no carro

cinza da fábrica de chocolate Brandtmann que os levava para o campo. A porta do carro da Brandtmann bateu...”

Seus dedos se detiveram sobre as teclas. A batida não viera da porta do carro, e sim do andar de cima. Os ombros de Parts se retesaram e ele prestou atenção. Silêncio. Um silêncio, entretanto, que não fez com que seus ombros relaxassem; ao contrário, o pescoço endureceu ainda mais. Ele pegou uma caixa de aspirina da gaveta da escrivaninha, abriu-a e tirou um comprimido da cartela. Não podia mais se lembrar da frase interrompida — ela se fora, a tensão subindo em direção à nuca. Não havia tempo para dor de cabeça agora. Já se levantava para pegar Analgin na cozinha, atrás da garrafa de valeriana da mulher, porém se sentou novamente e engoliu as aspirinas a seco. Seu trabalho tinha de progredir. Um pedaço de Pastilaa amenizou o gosto do remédio. Parts colocou as mãos sobre o teclado, lembrando-se dos músculos de Mark e de sua figura imponente. Uma dose suficiente de verdade era a chave de tudo. O bastante para o texto ser crível. Uma palavra bastaria. Uma palavra e seu livro estaria em todas as livrarias do leste, do oeste, do mundo. Tentara adicionar algumas citações do diário, testemunhos reais. Mas sua linguagem era muito diferente e muito vaga — o manuscrito precisava soar concreto. Talvez as cruzes na contracapa pudessem ser mencionadas como cruzes que Mark desenhava para cada pessoa que ele matava, mas seria o Mark de seu livro uma pessoa que contava as vítimas?

Certamente, Martinson estava trabalhando em sua próxima obra naquele momento, talvez uma continuação do canibalismo, apresentando-o como sendo natural aos estonianos; que, dentre os fascistas estonianos, ele saíra de controle e que, sem a libertação trazida pela União Soviética, os estonianos teriam se devorado até a extinção. A ansiedade pesava no estômago, teria de ser capaz de fazer melhor que Martinson, melhor que qualquer outro, não deixaria ninguém o ultrapassar. No exato momento em que estava prestes a se reconectar com a frase interrompida, os saltos duros dos sapatos de sua esposa bateram nos tacos do chão e, mais uma vez, começaram a andar acima da cabeça de Parts; primeiro apenas alguns passos, indo e

vindo da cama para uma cômoda em um passo rápido. Como se não tivesse intenção alguma de voltar para a cama. Parts colocou as mãos nos joelhos. Mamãe tivera um problema parecido no campo, no começo dos anos cinquenta. Ratos corriam em grupos sob os pisos e dentro das paredes, e ela não conseguia dormir. Mamãe tinha escrito para ele na Sibéria. Era assim na época, os ratos proliferavam. Ratos do desespero, como eram chamados. Agora ele tinha uma esposa que era como um rato.

Parts fechou os olhos, deixando a doçura cremosa de Pastilaa iludir sua audição, fechou os olhos e se concentrou, pensando em sua pesquisa. O personagem principal da obra, Mark, se desenvolvia bem. O Gabinete provavelmente estaria interessado nas possibilidades que um personagem como Mark podia oferecer, e ele desejava que algum emigrante estoniano fosse pintado como Mark. Talvez assim o país onde ele estivesse pudesse ser pressionado a extraditar tal criminoso de guerra. No entanto, Parts podia encontrar algum outro nome adequado para o mesmo propósito e lugar que o personagem em seu livro. Manteria Mark para si. Mark era sua estrela e revelar a identidade dele para o mundo inteiro seria seu grande momento. Daria todas as informações necessárias somente ao Gabinete na hora certa. O Gabinete podia cuidar das medidas finais. O verdadeiro Mark podia estar em qualquer lugar — no Canadá, nos Estados Unidos, na Argentina ou debaixo da terra —, e, caso estivesse vivo, ele provavelmente não teria nada contra o fato de outra pessoa servir de bode expiatório para seus atos. Era uma pena, certamente, que Roland tivesse de levar a culpa pelos atos de Mark, mas aquela era uma ação tão idônea... Dos atos de Roland, Parts já escolhera havia anos os melhores para a glória pessoal.

TERCEIRA PARTE

“Todos nós sabemos que as mulheres também participaram do terrorismo fascista, a despeito da gentileza de seu sexo e do poder de dar a vida. Aquelas que se venderam ao nazismo não eram verdadeiras mulheres, apenas pareciam espécimes do gênero feminino. Tornaram-se representantes dos cruéis invasores.”

Edgar Parts. *No coração da ocupação nazista*. Eesti Raamat: Talim, 1966.

1942

Reval,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

Juudit estava no café Kultas, flertando com um estranho como uma mulher casada não deveria fazer. Ela falava gentilmente e jogava charme, alternando entre arrumar e alisar o cabelo. Roland, que caminhava com aparente indiferença nas proximidades, imaginava-a flertando com tamanha vivacidade que a todo momento trombava com as pessoas. Só havia conseguido se assegurar totalmente de que Juudit cumpriria sua parte do plano quando a viu se aproximando do café e da Galeria de Arte, perto da rua Karja. Só então Roland se virou aliviado e desapareceu na multidão barulhenta em frente ao café na praça da Liberdade, para que ela não o visse. Não conseguira manter a promessa que havia feito a Juudit de não se aproximar para vigiá-la. A missão dela era importante demais, ele tinha de caminhar pelas proximidades como se nada estivesse acontecendo, olhar com ansiedade para o telhado do prédio da Companhia de Seguros da Estônia e baixar a vista discretamente pela lateral do edifício até chegar à vidraça do café. Seus olhos faziam o mesmo trajeto toda vez.

Um oficial alemão estava sentado diante de Juudit, mas era o oficial errado. O alemão certo apreciava seu café do outro lado da sala, lendo jornal e fumando cachimbo. As insígnias militares que reluziam em seu peito chamavam a atenção de Juudit, cujos dedos suados agarravam os braços da cadeira; seu coração batia rapidamente, e ela não sabia o que dizer. O chocolate quente diante dela fumegava, sua

mão escorregou do braço da cadeira, uma gota de suor perlava sobre seu lábio superior, e atrás de sua testa um buraco sem palavras se abriu. Ela já não sofria com a escuridão imposta pelo toque de recolher, já não sentia falta das luzes da rua nem do neon do prédio da Companhia de Seguros: ela mesma estava iluminada. Sua alma se inflamara com um desejo imperioso de estar com aquele alemão sentado adiante. Seu coração estava perturbado, seu rosto avermelhado como se ela ainda fosse uma moça virgem e desconhecesse seus desejos, e estava suada atrás dos joelhos, apesar do chão frio sob seus pés desnudos, cobertos apenas pelas meias. Às suas costas havia uma câmara frigorífica, diante dela um dia tórrido de verão; calor e frio se alternavam descontroladamente.

Juudit ainda tinha tempo de se levantar, abandonar o homem que naquele momento lhe oferecia biscoitos e criar um novo plano para agarrar o alemão que Roland escolhera, seduzi-lo e colocar suas mãos macias em torno do pescoço dele. Mas ela já voltara o rosto para o homem errado, olhara para ele fixamente e, o pior de tudo, quando a boca do homem começou a esboçar um sorriso, Roland e sua missão, Rosalie enterrada em um túmulo anônimo e tudo o que havia acontecido nos últimos anos foram esquecidos. Esquecera-se das bombas e dos cadáveres jogados nas ruas, dos besouros e das moscas devorando os corpos, da venda desesperada de potes de banha, do seu estado civil e da decência a ele atrelada. Esquecera até que usava apenas meias nos pés, que seus sapatos haviam sido roubados, seu único par; não se lembrava mais da gangue pérfida que a empurrara e derrubara no chão diante da Galeria de Arte, e tirara os sapatos de seus pés. Esquecera-se das dores, da vergonha, da irritação e das lágrimas de raiva assim que o oficial havia lhe oferecido a mão, ajudando-a a se levantar e levando-a para o calor do Kultas; tudo porque ela havia cometido um erro fatal e olhado para ele nos olhos.

— Certamente a senhorita precisa deixar que eu a leve até em casa. Não pode andar por aí assim, sem sapatos. Fräulein, por favor. Se a Fräulein me desse a honra de visitar minha casa, eu pediria a um criado que trouxesse sapatos novos para a senhorita. Moro aqui perto, do outro lado da Freiheitsplatz.

Enquanto Juudit se apaixonava no café Kultas, Roland caminhava em meio a cavalos bufando, cascos batendo, soldados da Wehrmacht e mulheres carregando suas bolsas graciosamente. Passou pelos cartazes de filmes no Gloria-Palace, mas não conseguiu se concentrar neles, e cruzou a cantina, onde os garçons podiam ser vistos através das vidraças cortando os cupons dos clientes com tesouras. Passou pela bosta quente dos cavalos e pelas costas retas dos habitantes da cidade e circundou o hotel Palace sob o olhar cheio de suspeita do porteiro. Foi além do Palace, e, ao entardecer, simplesmente andou entre as pessoas, entre os próprios pensamentos, entre carros de olhos azuis. Esbarrou em uma senhora e, quando esta gritou, Juudit já estava apaixonada.

Juudit entregou o casaco e as luvas para a criada, mas os panos rasgados em seus pés ela mesma tirou, pois havia um limite para a humilhação. Foi levada diretamente para o salão, embora tenha tentado recusar e seus pés tivessem deixado marcas molhadas no mosaico do piso. Estava enrubescida, mais de vergonha que de frio, e, quando o alemão foi até a biblioteca para procurar alguma bebida para esquentar, Juudit escondeu os trapos debaixo de uma cadeira, longe do tapete. No Kultas, o próprio homem tinha envolvido seus pés com panos de prato com a ajuda de uma garçonete, amarrara um barbante em volta deles e dera uma gorjeta para a gerente do café pelo gasto extra, apesar de Juudit ter recusado a ajuda. A lã cinzenta remendada era vergonhosamente aparente mesmo à luz fraca do café, cada ponto dela. As pontas de algodão das meias mal podiam ser vistas por baixo dos panos então, mas agora o candelabro de cristal do salão as revelava impiedosamente, e Juudit tentou dobrá-las para escondê-las. Uma bacia de água quente surgiu diante dela, e, ao lado da bacia, pó de mostarda, toalhas e pantufas com penas esvoaçantes nas pontas. No sofá foram colocados um aquecedor a carvão e uma bolsa de água quente; o gramofone tocava Liszt. Juudit não perguntou à criada alemã de onde ela iria tirar os sapatos prometidos. Seus lábios estavam dormentes com o frio, embora o salão estivesse quente, e ela mal teve coragem de olhar para o homem quando ele retornou com

uma garrafa de cristal e taças. Fechou os olhos e memorizou o rosto dele, pois não queria esquecê-lo; tal beleza não devia ser esquecida. Sua pulsação rápida batia junto ao lenço que ela colocara sob o punho da camisa, a letra J bordada raspava contra a pele — J sem um sobrenome. O homem colocou a bandeja no sofá, serviu vinho nas taças e se virou de costas para que Juudit pudesse tirar as meias. Ela entendeu a sugestão, mas não sabia como se comportar, então agarrou a taça e bebeu o vinho como se fosse água, avidamente, para se lembrar de como era ser uma mulher, como se comportar como uma mulher. Todas as suas tentativas de se comportar como tal acabaram em situações degradantes no leito conjugal; ela não queria se lembrar daqueles momentos, por isso bebeu mais vinho, sem muita educação. Serviu-se da garrafa e bebeu; o homem virou a cabeça um pouco ao ouvir barulho de vidro, e o olhar dele encontrou os cílios de Juudit se abrindo de súbito. Os olhos do homem não tinham mais coragem que os dela, não tinham mais elegância que sua mão paralisada no alto de suas meias.

De manhã, depois de se levantar da cama, Hellmuth cobriu Juudit com cuidado, lentamente envolveu seus pés com o cobertor, mas ela se descobriu e deixou o ar suave acariciar sua pele. Ela colocou os pés descalços no tapete, esticou as canelas como se fosse mergulhá-las em uma banheira, esticou os braços, virou o pescoço, e o ar se derramou em sua pele como leite recém-ordenhado. A falta de combustível a deixara ávida por calor. Mas não sentia vergonha disso, nem de girar nua sobre o tapete, nem de estar sozinha no quarto com um homem que tinha conhecido na véspera. O aroma de café de verdade chegou ao seu nariz, ainda mesclado ao cheiro de vinho do dia anterior. Eles beberam bastante para se divertir, ou talvez para encobrir a agitação diante do que sentiam um pelo outro; sim, fora isso que acontecera.

Na rua, ressoavam as batidas dos tamancos de madeira de prisioneiros russos. Hellmuth pôs Bruckner no toca-discos e pediu a Juudit que o acompanhasse ao teatro Estônia naquela noite.

Juudit subiu novamente na cama e cobriu os pés com o cobertor.

— Não posso ir.

— Por que não, Fräulein?

— Frau.

Hellmuth era bonito em seu uniforme, belo de se olhar. Diante do espelho, ele começou a colocar no peito sua Ritterkreuz, a cruz de cavaleiro.

— Mas gostaria.

— E por que não vem, bela senhora?

— Alguém poderia nos ver — sussurrou ela.

— Por favor.

Hellmuth se aproximou dela, abriu a cigarrilha e acendeu um cigarro; olhou para as mãos de tal modo que Juudit percebeu que ele temia ouvir uma palavra de rejeição tanto quanto ela.

— Perdão, pode me dar um também? — pediu Juudit.

— É claro. Peço desculpas. Acho que fiquei tempo demais em Berlim.

— Como assim?

— Você parece tão jovem. No meu país, os cigarros são proibidos para mulheres com menos de 25 anos.

— Por quê?

— Imagino que seja porque eles acreditam que afeta a fertilidade.

Juudit ficou envergonhada. Hellmuth sorriu.

— Não reclamei de ser enviado para Ostland, pois imaginei que aqui ao menos eu poderia fumar no meu escritório. O Reichsführer nos proibiu até disso durante o horário de trabalho, mas talvez ele não tenha tempo de vir até aqui para supervisionar. Naturalmente, fumar foi proibido em departamentos e lugares fechados. Eles lutam constantemente contra o fumo passivo.

— Passivo?

— Quando não fumantes são expostos à fumaça do cigarro dos outros.

— Parece estranho — comentou Juudit, sentindo vergonha novamente. — Eu não disse isso como uma crítica.

— O Reichsführer simplesmente deseja que todos sejam o mais férteis possível e está preocupado com a degeneração da nossa raça. É claro que eu deveria me opor a isso com firmeza.

Hellmuth acendeu outro cigarro e o colocou nos lábios de Juudit. Ela não soube o que a havia deixado mais tonta, o cigarro ou a maneira como o homem o entregara. Não queria que aquela manhã acabasse jamais, sua cabeça ainda cheia do sereno da noite, seus cachos perolados de sereno. Quando Hellmuth a olhou nos olhos, ela sentiu que sob aquelas palavras vazias seus corações se moviam constantemente em direção um ao outro, e a ideia de que aquele movimento parasse era inconcebível.

— Há cada vez mais restrições, então é preciso aproveitar as coisas enquanto ainda é possível. Em Riga, fumar já é proibido dentro dos teatros; talvez logo o seja na Estônia, embora eu não imagine quem teria tempo de supervisionar essas regras e proibições. Mas agora tenho de ir, o trabalho me espera. Vamos nos ver no Estônia esta noite? Poderíamos fumar nosso último cigarro em um evento cultural.

Havia faíscas na piscadela que ele lhe dera, e essas faíscas estavam cheias de promessas.

1942
Reval,
Comissariado-Geral de Estland,
Comissariado do Reich para Ostland

O alemão que eu havia escolhido deixou o Kultas sozinho. Observei seu quepe se distanciar, seu casaco esvoaçante, e corri para dentro do café. Juudit não estava lá. As garçonetes olharam para mim com suspeita quando perguntei por uma senhora com a descrição de Juudit e balançaram a cabeça. Nos dias seguintes, liguei para o apartamento na rua Valge Laeva muitas vezes; Juudit havia desaparecido. Comecei a ficar preocupado. Nos outros dias, pedi ao nosso contato no departamento B4 que procurasse por uma mulher chamada Juudit Parts. Descobri que ela havia, de fato, se tornado amante de um alemão que eu desconhecia, mas nada menos que um ss-Hauptsturmführer, um capitão da ss. Primeiro digeri a notícia e engoli minha decepção, então descobri o endereço do alemão. Pensei em enviar meus homens atrás de Juudit, assustá-la com as informações que eu sabia que ela tinha; eu pularia na sua frente e diria a ela que era seguida o tempo todo: a que horas entrara no restaurante Du Nord com seu alemão, quando estivera no cassino. Imaginei a expressão assustada em seu rosto, como ela o esconderia em seu casaco de pele de raposa, ocultando a boca coberta de batom e a traição: ela ficaria com medo. Isso aliviou a dor dentro de mim. Entretanto, não levei a cabo minhas fantasias, pois, segundo minhas informações, aquela presa era melhor que o alemão que eu havia escolhido originalmente, e eu não queria que ninguém nos nossos círculos prestasse mais atenção em Juudit. Seria mais seguro se eu não

mencionasse o nome dela para ninguém. Eu mesmo a seguiria e, quando tivesse seu antebraço sob meus dedos, não pensaria duas vezes e o apertaria com força, para deixar claro que ela não tinha nenhuma alternativa além de cooperar, a menos que quisesse que seu marido soubesse de suas aventuras ou que o alemão soubesse de seu jogo duplo. Eu diria a ela que jamais a deixaria em paz.

1942

Reval,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

Roland conseguiu um lugar para dormir na rua Roosikrantsi. De lá, seguia Juudit sempre que seu trabalho no porto permitia, o qual ele conseguira graças aos documentos de identidade fornecidos pelo seu contato no departamento B4. No porto, os dias eram longos: Roland saía provavelmente antes de Juudit ter acordado e voltava muito tarde. Ele não recebera nenhuma resposta às mensagens que tinha colocado debaixo da porta da Valge Laeva. Juudit certamente não ia mais para lá, entrara em um mundo cujos portões estavam fechados para Roland. Semanas se passaram antes que ele a visse novamente: sua echarpe ondulava no ar enquanto ela entrava no carro que viera buscá-la à sua porta. Roland pôde apenas olhar, impotente, para o Opel Olympia que acelerava e o grupo animado que entrara nele, e anotar os nomes dos convidados que acabavam de sair do prédio: o comissário-geral Litzmann e Hjalmar Mäe, que estava em todo lugar. Uma vez viu ninguém menos que o major da ss Sandberger. Visitantes famosos frequentavam a casa do alemão de Juudit, e muitos deles iam e vinham durante o toque de recolher, alguns usavam a porta de serviço. A informação dada por Richard, que trabalhava no departamento B4, não prometia nada de bom nesses encontros.

Os gracejos de Gerda vindos do Opel podiam ser ouvidos das escadas. Juudit se sentou ao lado dela, de mãos dadas com Hellmuth, e eles foram ver o pôr do sol no mar. Depois de uma garrafa de champanhe

e da chuva de verão ter umedecido os penteados das mulheres, decidiram deixar o pavilhão do balneário e ir para as mesas agitadas do Du Nord. Na opinião de Hellmuth, o chef de lá era melhor, e o Riesling também. Juudit era muito agradecida a Gerda, que não a julgava; na companhia dela, podia mostrar-se loucamente apaixonada, pois, quando estavam sentadas sozinhas no divã do banheiro feminino do Du Nord, Gerda lhe perguntou, enquanto passava batom:

— Suponho que você tenha se precavido.

Juudit enrubesceu.

— Imaginei. Não fico nem um pouco surpresa que Hellmuth tenha caído de amores por você. Em Berlim, uma inocência assim é rara, fique sabendo. O melhor amigo de uma mulher é o diafragma, todo o resto é mentira. Conheço um médico que pode conseguir um para você — sussurrou Gerda. — É caro, mas isso certamente não será problema. Confie em mim, é completamente imperceptível, e com ele você poderá ficar tranquila.

Gerda anotou o endereço do médico na parte de trás do cartão de visitas de seu Walter e, com isso, acabara com o maior problema de uma mulher casada que tem um amante. O suspiro de alívio de Juudit fez Gerda rir, e a risada era tão contagiante para Juudit que as duas riram como meninas, abraçadas no divã, até que Juudit começou a soluçar e a maquiagem dos olhos de Gerda ficou borrada, e elas decidiram se recompor. O mundo parecia tão diferente com Gerda, com quem ela podia falar sobre tudo! Gerda, que simplesmente a reprimia sem uma palavra quando Juudit sussurrava que estava preocupada com o que seu marido podia pensar da esposa flertando em público nos braços de um estranho; Gerda, que acreditava que ela seria louca se largasse Hellmuth e tinha certeza de que Hellmuth ia se casar com ela, pois até o Reichsminister Rosenberg tinha uma esposa estoniana, a bailarina Hilda Leesmann. Gerda se recusava a ouvir os argumentos de Juudit de que a carreira do Reichsminister progredira muito mais depois que substituíra Hilda pela alemã Hedwig; Juudit também lembrava a Gerda que o Reichsminister era um alemão báltico, não um autêntico, como Hellmuth, e para um oficial da ss de

raça pura não convinha ter uma esposa do leste. Gerda simplesmente rira de sua lógica e ria disso novamente no divã do banheiro.

— Escute, sua boba. Isso se resolve. Eu a observei. Meu Walter continua olhando para outras mulheres quando estou nos braços dele, Hellmuth não. Segundo Walter, Hellmuth tem um futuro brilhante, e aparentemente tem uma percepção para todas aquelas estratégias que eu não entendo. Quando a guerra terminar, ele será convidado a Berlim com medalhas no uniforme, e você vai desfilar como mulher dele nos salões. Você fez uma boa escolha. Seu alemão é perfeito e você se parece com uma autêntica Fräulein alemã. Esse queixo! E esse nariz! — gritou Gerda, acalmando as preocupações de Juudit com um toque em seu nariz. — Você não foi a uma escola alemã por nada. Aposto que era a melhor da turma! Minha querida, agora vamos tomar um sidecar. Afoguemos as preocupações!

Gerda agarrou a mão de Juudit e a apertou. Ela conseguia fazer com que tudo soasse simples... Talvez Gerda estivesse certa, talvez tudo fosse fácil assim; pelo menos o era no divã do Du Nord. Juudit complicava tudo, preocupava-se com questões fúteis, embora, com Hellmuth, tivesse entrado em um mundo completamente diferente, no qual as inquietações de sua vida antiga não cabiam. No dia anterior, os Paalbergs se entreolharam justamente quando Juudit se aproximava deles em Liivalaia. A senhora Paalberg ergueu a sobrancelha de forma sarcástica e, depois disso, o casal se virou para a vitrine da padaria. Juudit havia pensado em como Gerda reagiria a tal encontro e supôs que ela teria simplesmente dado de ombros. Assim, ela também erguera o nariz e levantara o rosto em direção ao sol e, naquele mesmo instante, se sentiu melhor, talvez até triunfante. Gerda odiava a arrogância com que a olhavam as mulheres vestindo casacos compridos. Ela dizia que não precisava de gente assim, nem de nada. Gerda estava certa. Agora Juudit via filmes na própria sala de projeção na rua Roosikrantsi e realmente gostava disso, pois nos cinemas podia encontrar por acaso conhecidos com os quais não tinha mais nada em comum. Também achara maravilhoso convidar Gerda para ver *Liebe ist Zollfrei* na casa deles. No próprio cinema. Não tinha mais razão para reclamar que era preciso ir a todo lugar andando,

nem reclamar das linhas de transporte público pouco frequentes. Tinha um motorista e um Opel Olympia à sua disposição. Não saberia o que dizer se as pessoas que conhecia caçoassem de Hitler ou dos alemães quando Hellmuth estivesse por perto — os alemães não entendiam estoniano e as pessoas se aproveitavam disso. Os alemães eram muito mais tranquilos que os russos. Juudit vira recentemente um garoto fazendo caretas para um soldado alemão, que não se importou nem um pouco. Não se podia imaginar nada desse tipo em relação aos ocupantes anteriores. Mesmo assim, ela não queria acabar em uma situação dessas com Hellmuth por perto. Não seria adequado; Hellmuth fazia tanto por ela... Até prometera procurar informações sobre seu irmão Johan.

A companhia de Gerda a alegrava, e alguns coquetéis a alegrariam ainda mais, porém, enquanto seguia a amiga de volta ao salão do restaurante, Juudit ainda olhava para os lados. Ela havia se acostumado a fazê-lo desde a primeira noite, embora fosse raro encontrar conhecidos nos lugares frequentados pelos alemães — pelo menos não Roland, o único assunto do qual não podia falar com Gerda.

Enquanto Juudit tomava um coquetel sentada a uma mesa branca do Du Nord, Roland fingia ler o quadro de avisos na rua Roosikrantsi, em cuja parte branca superior haviam sido pintadas vagas para quartos; já conhecia cada sussurro que o ar levava até ele. O odor de ácido carbólico que vinha das portas do hospital se tornara o cheiro da espera e da frustração. Ele já reconhecia as enfermeiras e os homens da ambulância pelos passos ao correr para o hospital, como reconhecia os recrutas que frequentavam as lojas do Exército alemão e os escriturários marchando para o armazém de equipamentos. Embora a dona da casa onde Roland morava fosse quase surda e cega pela idade e não prestasse atenção no que ele fazia, as ruas estavam cheias de alemães e seus escudeiros e, uma vez que todos nas ruas se tornaram rapidamente familiares a Roland, ele tinha assumido que sua aparência também teria se tornado reconhecível para muitos, por isso havia decidido se mudar. Iria para o sótão da mansão vazia em

Merivälja. Quem vivia na clandestinidade tinha de ser cuidadoso, e ele já seguira bastante as idas e vindas do alemão de Juudit e de seus amigos. Combinando suas informações com aquelas que tinha recebido de Richard, havia apenas uma conclusão: os alemães eram tão corruptos quanto os bolcheviques, que roubaram tudo da terra, tendo-o feito oficialmente sob as leis da União Soviética. Quando as tropas soviéticas deixaram o castelo de Kuressaare, Richard fora um dos primeiros a testemunhar as pilhas de cadáveres, mulheres com os seios mutilados, corpos cheios de agulhas. As paredes do porão da fábrica Kawe foram pintadas com sangue. O mesmo aconteceria de novo, tão legalmente quanto antes. Fariam de tudo para que o caso de Rosalie não viesse à tona, ao menos para manter a ilusão de legalidade. Roland começou a ter certeza de que testemunharia eventos parecidos com aqueles que passaram com os bolcheviques, e suas mãos tremiam ao escrever sobre a situação à noite. O correio levaria a carta para a Suécia: “Segundo o ss-Sturmbannführer Sandberger e Mäe, o líder do governo fantoche, era necessário que a Alemanha ganhasse novamente a confiança dos estonianos. Na época da República da Estônia, os judeus fugidos da Alemanha e de outros lugares fizeram tanta contrapropaganda que os massacres, que vinham funcionando tão bem na Lituânia e na Letônia, não conseguiriam ter resultados similares aqui. Sandberger havia percebido isso imediatamente e, assim, decidiu manter os Sonderkommandos o mais invisível possível e não tolerava violência cometida ilegalmente. Trabalhando dessa forma e enfatizando a legalidade, Sandberger demonstrou inteligência e sabedoria psicológica. As operações tinham de transcorrer de acordo com as leis da Alemanha.”

1942

Reval,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

— Eu me lembro de quando o pavilhão do balneário foi aberto. Aquelas foram longas noites, noites iluminadas. Você acredita que serviam coquetéis até as três da manhã?

Juudit havia chegado. Esse comentário sobre coquetéis me lembrou do fato de que ela era diferente de Rosalie, de que pertencia a outro mundo. Ela passara seus anos de solteira tomando coquetéis e relaxando em salões, movendo-se ao ritmo do suingue.

Sentamo-nos em silêncio por um momento e escutei a música que vinha do restaurante do balneário de Pirita. Dissimulei meu alívio. Conseguir um momento livre tinha sido difícil e uma fila de homens estava pronta para tomar meu lugar no porto. Eu estava certo de que Juudit não iria de novo ao encontro e esperava não ter de me decepcionar com as notícias, como acontecia com frequência. Com muita frequência.

— Você sente saudade do campo? — perguntou Juudit.

Não respondi, não entendia o que ela tinha em mente. Eu não gostava da cidade, e ela sabia disso. Ainda assim, tentei me comportar: escondi a raiva que crescia em mim, proveniente de todas as noites inúteis que eu passara espionando-a em vão. Quando por fim a vira se aproximar sozinha, alívio e raiva lutaram dentro de mim. Os olhos de sua raposa prateada eram tão sem emoção quanto os dela. Não havia vestígios da memória de Rosalie neles. Apesar disso, eu tentara controlar meus sentimentos, não podia assustá-la demais,

apenas o suficiente. Não tínhamos nenhum contato na posição de Juudit e, apesar de tudo, eu confiava mais nela que em qualquer outra amante dos alemães.

— Onde você está morando atualmente? — perguntou Juudit.

— É melhor você não saber.

— Imagino que sim. Muitos dos casarões na costa de Merivälja ainda estão vazios. É o que dizem.

Olhei para as pessoas caminhando na praia: um cachorro correndo atrás de uma bola, mulheres de maiô com coxas tão reluzentes que chamavam atenção, casais saindo do salão em direção à praia de mãos dadas, limpando restos de waffles dos lábios um do outro. A felicidade deles cintilava nas ondas, e meu peito doía. Eu não podia continuar com aquela conversa vazia.

— Você descobriu alguma coisa?

Minha pergunta surpreendeu Juudit, embora eu tivesse perguntado a mesma coisa toda vez que nos encontrávamos. Ela fechou a boca e eu fechei os punhos.

— Por que você se deu ao trabalho de vir aqui, se não tem nada a dizer?

— Eu poderia não ter vindo — respondeu Juudit, afastando-se de mim no banco.

Compreendi imediatamente que minhas palavras haviam sido inoportunas. A esperança que sempre nascia em mim quando eu via Juudit desaparecera mais uma vez, e em seu lugar fluíam os mesmos pensamentos que me atormentavam à noite, cujo rufar soava em meus ouvidos quando eu acordava. Juudit correu os olhos pelos meus punhos cerrados, moveu-se para a beira do banco e olhou para o mar como se houvesse algo interessante lá. Senti arrepios. Juudit era como os outros. Não acreditava em nenhuma palavra de ruim sobre os alemães, não agora que a angulosidade talhada pela pobreza desaparecia de seu rosto. Mesmo que eu lhe dissesse o que sabia, ela diria que sou um mentiroso. Depois da vitória em Sebastopol, ninguém duvidava do sucesso alemão, nem que apenas a Alemanha podia nos salvar do novo terror bolchevique; mas nosso grupo acreditava em Churchill e na Carta do Atlântico, que restituiria a

independência após a guerra e declarava que nenhuma mudança territorial seria feita contra a vontade das pessoas. Nossos mensageiros constantemente levavam material para a Finlândia e para a Suécia, meus relatórios entre eles; recebíamos recortes de jornais e análises de notícias do exterior. Nada indicava que os alemães respeitariam nossos desejos além de alguns discursos empolados durante celebrações. Não obstante, muitos acreditavam neles, tal como Juudit, que havia se acostumado com o sabor da vida boa.

— Eu só trabalho cuidando da casa. Ninguém fala nada de importante na presença dos criados, entende? Além disso, ele estuda ameaças de sabotagem, não crimes contra a autoridade e a disciplina militar, e aqui eles só lidam com crimes ocorridos em Talim. Ele provavelmente nem tem acesso a registros nacionais. Você precisa entender que eu não posso ajudar — declarou Juudit.

Eu já ouvira as mesmas desculpas muitas vezes, as mesmas terríveis desculpas, sempre igualmente inúteis, embora eu tivesse enfatizado que qualquer informação poderia me levar ao assassino de Rosalie, até mesmo o menor dos crimes disciplinares. Toda vez ela negava tudo, negava rumores, negava que os alemães se vangloriassem, negava que tivessem maus hábitos. Eu não acreditava nas regras rígidas e na disciplina dura dos alemães. As respostas que não paravam de se repetir faziam minha boca se fechar com firmeza, e eu esperava que Juudit não mentisse tão mal para o alemão dela. Entendi sua escolha, pois a situação de seu casamento não era normal, mas o que eu não entendia era o fato de precisar lembrá-la de Rosalie.

Juudit deu a entender que queria ir embora, levantou as ombreiras e mexeu no fecho da blusa com suas unhas brancas. Ela tinha informações, eu estava certo disso, e percebê-lo me fez controlar meus sentimentos. Mantendo a voz calma, permaneci falando do mesmo assunto.

— Aqui está um número de telefone. Ligue para ele se seu alemão sair de viagem e diga que o tempo está bom. Quero visitar o escritório dele. Qualquer coisa pode ajudar nosso movimento.

Juudit não pegou o papel. Eu o enfiei na bolsa dela. Juudit colocou um pacote ao meu lado, embrulhado em um lenço, e olhou fixamente

para o mar.

— Roland, você precisa ir para o campo imediatamente.

Juudit falou rápido, seus olhos fixos no mar. A Feldgendarmerie sabia que havia vagabundos e homens fugindo do recrutamento nos portos. Haveria uma inspeção especial no porto e simultaneamente procurariam por um homem que planejava um atentado. Hellmuth Hertz tinha recebido informações de que tal pessoa estava se escondendo entre os estivadores.

— Você estava indo atrás de Alfred Rosenberg quando seu trem chegou à estação. Não foi você, foi? — Juudit fechou a boca. Olhei para ela. Falava sério. — Você tem de ir embora, era o que Rosalie iria querer. Estou lhe deixando dinheiro.

Juudit se levantou, deixou o pacote em cima do banco e foi embora. Seria isso o que ela queria me dizer, seria por isso que tinha vindo? Eu estava decepcionado e ao mesmo tempo subitamente ciente. Eu não ouvira falar de um atentado fracassado, mas, se Juudit havia perguntado seriamente sobre minha participação nele, outras pessoas poderiam estar pensando o mesmo, e a tentativa com certeza havia feito com que os alemães reforçassem o protocolo de segurança. Eu não iria mais para o porto na manhã seguinte.

Embora com frequência verificassem documentos no bonde, pulei no primeiro que passou para economizar tempo. Meus preparativos para a viagem já estavam atrasados. Até então meu novo *Ausweis* havia sido considerado genuíno e a data de nascimento falsa nunca fora questionada. Eu o mantinha no bolso interno do paletó, onde antes carregava uma foto de Rosalie e, no bonde cheio e barulhento, percebi que fazia tempo que não a tocava. Ainda que eu tivesse rasgado a foto havia muito, apenas agora sentia que ela desaparecera e nunca mais a teria de volta, nem mesmo em pensamento. No lugar de Rosalie, havia uma identidade falsa, e o som dos passos de Juudit permanecera em meus ouvidos. Seus passos faziam um barulho errado: o som de sapatos de couro legítimo e saltos de metal. Com eles, ela havia partido, frívola, a saia ondulando com o movimento dos quadris, e eu quase atirara longe o pacote de dinheiro. Por um momento, lamentei não ter aproveitado a oportunidade de machucá-

la. Não contei a ela o que Richard tinha descoberto no B4: Johan fora levado para os porões da fábrica Kawe e, embora a cela fosse de uso temporário, seu rastro acabava lá. Não havia informações sobre a esposa. Eu não contara a Juudit porque não era bom em confortar mulheres, e porque Juudit era muito instável. Se ela não quisesse cooperar, quando eu voltasse a Talim, iria lhe dizer como era o porão quando Richard entrou lá pela primeira vez e que aquele tinha sido o fim da linha para ele. Saber disso não faria com que Juudit se voltasse contra os alemães, mas talvez diminuísse as bolhas de champanhe em sua cabeça e lembrasse a ela que os alemães não devolveram os pertences do seu irmão para a família, lembraria a ela a importância do nosso trabalho. Eu precisava de armas como essa, por mais baixas que fossem, pois não seria fácil conseguir uma informante como ela. Havia motivos para se preocupar e manter a vigilância. O coração de Juudit se aquecia com aqueles homens. Eu os seguia. Eu os vira. Sabia que Juudit queria ficar com seu alemão, seu olhar era de uma mulher apaixonada, ela andava sobre pétalas de rosas. Essa era minha arma, eu tinha de aprender a usá-la.

Juudit ainda seguia cabisbaixa ao subir as escadas. Com suas perguntas dolorosas, Roland pouco a pouco lhe arrancava algo que ela costumava ter: a honra. Ele não entendia que nem todos conseguiam amor por métodos dignos, e Juudit era um exemplo disso. Ao pisar nos tapetes macios do vestíbulo de Hellmuth, ergueu a cabeça desafiadoramente, uma postura altiva. Entregou seu chapéu de verão e suas compras à criada, como se ela tivesse nascido para ter criados lhe esperando quando voltasse para casa, e foi até o aparador para espremer suco de limão. Manteve a postura, acendeu um cigarro para acompanhar o sidecar e com o mesmo fósforo queimou o número de telefone entregue por Roland. O mundo era diferente agora, e Juudit tinha um futuro distinto, uma vida melhor que a anterior; não deixaria que Roland, que havia perdido tudo, a destruísse. Não, Roland não a arrastaria com ele, não tiraria dela o que conseguira alcançar: havia esperado tanto tempo para ter alguém que pudesse chamar de “meu amor”, alguém que a quisesse por completo e a quem pudesse ser boa.

Esperara por um homem como Hellmuth a vida inteira, para poder amar dia após dia e noite após noite, para que em sua língua sentisse o sabor de mel e leite, não enxofre e ferrugem. Hellmuth nem se importava com o casamento de Juudit — o assunto parecera inoportuno por muito tempo, mas no fim Juudit havia contado tudo, que não se tratava de uma união. E Hellmuth não partira. Pelo contrário, ele acariciara sua orelha, chamara-a de garota mais doce do império, pois sua língua havia encontrado resto de açúcar na orelha dela dos tratamentos de beleza da noite anterior.

Acima de tudo, Hellmuth não a atormentava com pedidos intermináveis para que contasse o que os estonianos falavam sobre os alemães. Pelo contrário, eles conversavam tranquilamente. Esses momentos não eram interrogatórios, e Hellmuth respeitava as opiniões dela, mesmo em tópicos que Gerda considerava como políticos. Pela manhã, Juudit havia refletido com Hellmuth qual seria a razão pela qual as exposições de fotografias organizadas pelo Departamento de Propaganda falhavam em atrair um grande público como o esperado. Salões vazios eram constrangedores. Juudit considerava que, para os padrões do Reich, era inadequado organizar exposições que não interessavam ao público. Isso dava a impressão de que o povo não apoiava o Reich!

— Você é inteligente. — Hellmuth rira. — Mas as questões do Departamento de Propaganda pertencem à Wehrmacht. A Wehrmacht sempre complica tudo. Mas esse tópico não é um pouco chato para minha querida?

Juudit havia balançado a cabeça, negando com firmeza. Sua paixão por Hellmuth aumentava ainda mais quanto mais ele ouvia suas opiniões e quanto mais responsabilidade lhe dava. E ele de fato lhe dava responsabilidades: Juudit havia se tornado sua secretária pessoal, cujas tarefas incluíam tradução, interpretação, estenografia, assim como apresentar o folclore e as crenças estonianas para os pesquisadores de Berlim quando estes os visitavam, e organizar uma sessão espiritualista para oficiais interessados. Com uma agenda lotada, Hellmuth deixava seus convidados inteiramente sob a responsabilidade de Juudit, e ela sabia lidar bem tanto com os

berlinenses quanto com os espiritualistas; tinha acabado de enviar um telegrama à senhora Vaik, que organizava as sessões de Lydia Bartels. As pessoas agradeceram profusamente a Hellmuth; ele considerara que Juudit tinha uma eficácia “germânica” e lhe dera um broche para o chapéu com uma rosa de ágata. Confiava nela, e Juudit nunca poderia trair sua confiança. Trabalhava cada vez mais, tinha um desempenho cada vez melhor organizando festas, e assinara a revista feminina alemã recomendada por Gerda para ajudá-la; recolhera o *Dicionário da dona de casa* de seu antigo lar e havia estudado as instruções para arranjos de mesa, tentara ensinar a criada a dobrar melhor os guardanapos e tinha procurado empregados adequados para jantares. A receita de pomba criada com a ajuda de um cozinheiro se provara insuperável, e ela a fornecia com prazer a qualquer um que pedisse, deleitando-se com cada momento, pois, ao cuidar de tudo isso, finalmente conseguira a vida para a qual havia se preparado por toda a sua infância e juventude. Usava sua educação e suas habilidades sociais em o benefício próprio, e tinha pressa, nem teria tempo para Roland. Por isso tinha inventado que a pessoa que planejava a tentativa de assassinato de Rosenberg estava entre os estivadores; Juudit havia aprendido a mentir melhor do que imaginara, algo que seu casamento a ensinara.

Após se assegurar de que Maria estivesse na cozinha — podia ouvi-la gracejando com o reparador de painéis —, foi para o quarto, abriu rapidamente o armário com uma expressão desafiadora, a cabeça e as costas totalmente retas. As botas de feltro escondidas no fundo do armário eram de couro de boa qualidade, suas solas e laterais estavam cuidadosamente engraxadas com lã. Com aquelas botas era possível sobreviver a qualquer clima. Quando Leonida enviara lã suficiente para dois pares de botas, Juudit decidira dar a outra para Roland quando ele chegasse a Talim, mas as exigências dele se tornaram tão obscuras e ameaçadoras quanto ele próprio. Pela manhã, Juudit jogaria as botas pela janela para os prisioneiros de guerra... Ou não, por que esperar? Abriu as janelas e as atirou, fazendo um grande arco. Alguém teria botas muito boas, ela já as tinha em número suficiente. Logo Hellmuth voltaria para casa, e mais

tarde, naquela noite, eles saíam com Gerda e Walter para se divertir. Juudit ia se divertir como não o fazia havia anos, mas agora beberia outro sidecar, enrolaria seu cabelo em ondas suaves e não sentiria nenhum peso na consciência. Só mais uma bebida e ela poderia aplicar o rímel sem medo de que a cor escorresse.

Depois do terceiro drinque, Juudit estava pronta diante da penteadeira e pegou um espelho de bolso. Após duas ondas bem-sucedidas, seu cabelo se recusou a cooperar. Ela jogou o cacheador sobre a penteadeira. O vestido da noite, cheio de estilo, a esperava em um cabide, e, em uma caixa de papelão em cima da cômoda, havia outro para a noite seguinte, de *crêpe de Chine*, dobrado entre papéis de seda. Um problema havia sido resolvido, mas sua mente não se acalmara por causa dos ratos. Ou melhor, por causa da ausência deles. Tinha colocado ratoeiras nos cantos do quarto e nas gavetas, em toda parte, mas as armadilhas continuavam vazias. Às vezes, acordava durante a noite, imaginava ouvir ruídos, e sempre estava errada. Os ratos nunca falharam com ela, sempre vinham para anunciar a morte de uma pessoa próxima, e, por causa disso, Juudit estava certa de que seu marido ainda estava vivo. Na última vez os ratos a avisaram do destino de Rosalie. Juudit desejava que eles pressagassem a própria liberdade.

1942

Reval,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

Quando o caminhão que transportava os lenhadores deixasse Talim pela manhã, eu me infiltraria entre eles. Antes disso, teria de empacotar minhas coisas no sótão do casarão em Merivälja. A casa estava vazia e, portanto, era perfeita. Mas eu não gostava dela, pois não gostava dos lugares de onde a vida humana tinha desaparecido. Os alemães tinham comido as pombas daqui também e não havia mais o arrulho do bando atrás da barraca; os gatos vira-latas perambulavam livremente pelos salões e pelas varandas. Eu dormiria minha última noite em Merivälja no barraco, só por precaução, e o faria com prazer. Junto à porta, notei que uma tábua que eu tinha deixado como armadilha fora movida. Com cuidado, mas fora. Talvez tivesse sido apenas um gato. Em todo caso, destravei minha Walther e parei para prestar atenção. Esquivei-me pela varanda e pelo salão escurecido. Alguém havia tropeçado em uma poltrona coberta por um lençol. Ao subir as escadas, desviei dos degraus barulhentos. Fui até a porta do sótão, abri-a ligeiramente e quase atirei em Richard, que esperava por mim lá.

— O que você está fazendo aqui?

Mantive a pistola apontada para a testa dele. Richard havia perdido a voz com o susto e quase não conseguiu sussurrar que estava sozinho. Ele sabia a senha. Baixei minha arma.

— Me mandaram vir para cá, tenho de deixar o país.

— Pelos vestígios que deixou, você nem teria notado se estivesse sendo seguido.

— Dois escriturários do diretório interno desapareceram, e as pessoas estão olhando para mim de um jeito estranho. Você precisa me ajudar. Falsifiquei vistos para você.

Coloquei rapidamente minhas coisas em uma mochila e pedi a ele que me seguisse. Estávamos com pressa, eu tinha certeza de que Richard tinha sido seguido. Ele estava prestes a descer pelas escadas, mas eu o proibi. Iríamos pelo telhado.

Consegui um uniforme alemão com a garota da caixa postal e ela até me deu algumas latas de munição. Pedi a ela que cuidasse de Richard até eu lhe arranjar um lugar em um navio ou em um barco a motor. Richard colocou uma pasta em cima da mesa e disse que pegara tudo que podia. Coloquei o pacote de dinheiro que Juudit me dera ao lado do arquivo, e Richard o pôs no bolso. Quando abri a pasta, ele me alertou que eu não iria gostar do que leria.

— Relatórios da polícia política, todos originais.

Dorpat é uma cidade surpreendentemente europeia, apesar do infortúnio dos últimos anos. Segundo o Reichsminister Rosenberg, os países bálticos têm um caráter europeu. Infelizmente, as excelentes obras do Reichsminister são desconhecidas aqui: os bolcheviques mantiveram o país longe da civilização.

Como medida de atuação, sugerimos uma tentativa de divulgar a nova pesquisa do Instituto Histórico Alemão do Reich em Estland; talvez fosse apropriado abrir o próprio Referentur aqui também. Caso contrário, os estonianos não entenderão a importância da questão dos judeus. Durante a república, Estland era para o povo judeu sinônimo de autonomia cultural. Justamente por causa disso, seria bom estudar o quanto Estland foi lesada por uma situação em que os judeus não têm restrições e como a perfídia característica da raça judaica tem conseguido avançar em tais condições sociais. A criminalização do antissemitismo em 1933 tem como resultado também, sem dúvida, a conspiração judaica, podendo-se assim concluir que o governo tem sido muito fraco ou que a raça estoniana é excepcionalmente

desprovida de inteligência. A raça é, entretanto, bem-criada, e esta característica é surpreendente. É também possível que o governo seja extremamente degenerado ou até que judeus façam parte dele. É preciso estudar como uma nação tão negligente conseguiu se manter inteira, para começar. Talvez seja bom fazer de Estland a maior reserva judaica em Ostland. Por outro lado, o comodoro Sandberger enfatizou que massacres não são adequados para Estland, por causa de seu passado excepcionalmente simpático aos judeus. O país foi salvo da ruína total pela herança cultural alemã, graças ao Aufseglung dos alemães. Há também pouquíssimos judeus, menos que na Lituânia e na Letônia. Talvez eles saibam se camuflar para que a população geral não preste atenção neles.

Como contatos locais, escolhemos pessoas com traços germânicos. Dentre aqueles enviados de volta a Estland pelo Reich, encontramos muitos indivíduos adequados.

Unificar as diretrizes é de suma importância também em Ostland, absolutamente necessário para a solução final.

Deixei o arquivo na mesa e pedi uma bebida para a garota da caixa postal. Richard abriu um saco de tabaco e enrolou cigarros para nós dois. Ela chorou.

— Leia as últimas páginas — encorajou-me Richard. — Aquelas em que eles falam de uma operação. Com isso eles querem dizer as deportações de junho.

Os estonianos se comportam como judeus: todos marcharam obedientemente para o caminhão, para o trem. Não há incidentes embaraçosos. Mulheres e crianças choram um pouco, nada mais. A permissão de levar pertences pessoais acalmava os nativos, como o fez com os judeus.

Baixei os papéis novamente. A garota da caixa postal veio se sentar ao nosso lado. Seus olhos úmidos estavam arregalados como em noites de bombardeio. Pensei no meu pai. Pensei no meu pai em um trem. Eu não podia pensar mais. Recolhi os papéis de novo e me lembrei da nossa tarefa.

— Quem escreveu isso? — perguntei.

— É obra do seu primo.

— Edgar?

— Ele usa o nome de Eggert Fürst aí. Apareceu todo ocupado no nosso departamento, e prometi não contar a ninguém seu antigo nome. Edgar disse ter se casado de novo e adotado o sobrenome da esposa, mas isso me pareceu lorota: a esposa era aparentemente uma aventureira e o tinha deixado. Não sei... Ele mencionou algo sobre letras de câmbio.

— Você não contou nada sobre o nosso trabalho, contou?

Richard parecia magoado.

— Não, é claro que não.

Eu acreditava em Richard, mas sabia o quão habilidoso era Edgar.

— Ele faz algo mais, além de datilografar relatórios para Berlim?

— Não sei. Ele se dá bem com os oficiais alemães, frequentemente fala alemão. Poderia quase se passar por um verdadeiro ariano.

Nos meus pensamentos, amaldiçoei mais uma vez a tentativa de assassinato de Rosenberg. Agora era sério, e eu teria de fugir como um cachorro sarnento. Continuei a ler. Os alemães estavam felizes que a força policial tivesse sido reorganizada tão rapidamente, embora todo o departamento de polícia estoniano tivesse sido liquidado na operação de verão da União Soviética. A operação dos russos tinha sido considerada de grande ajuda, pois ela amaciara os estonianos: ninguém queria dar atenção ao tráfego em direção aos campos, muito menos a vagões de trem cheios. Ninguém queria entrar naqueles vagões.

— Mas por que os alemães comparam os estonianos aos judeus? Estariam na Alemanha planejando algo como as deportações? — perguntei. — Ou aqui mesmo? Os alemães fizeram com os judeus algo similar ao que os russos fizeram conosco aqui? Quem aprendeu com quem? O que raios eles estão tramando?

— Coisas ruins — sussurrou a garota da caixa postal.

Lembrei-me de que ela tinha um noivo e que o noivo era judeu. Alfons havia oferecido abrigo para judeus fugidos da Alemanha, mas se recusou a ir para a União Soviética quando os alemães se aproximaram do nosso país. O pai de Alfons fora deportado, ele não tinha nenhuma ilusão sobre a União Soviética. Olhei para a moça com ar questionador.

— Todos nós seremos mortos.

As palavras dela eram frágeis e certas. Senti vertigem. Diante de mim, vi o sorriso reluzente de Edgar.

1942
Reval,
Comissariado-Geral de Estland,
Comissariado do Reich para Ostland

Edgar não conseguia dormir. Levantou-se para preparar um copo de água com açúcar e o bebeu em um único gole. Pela manhã, iria encontrar o ss-Untersturmführer Mentzel no quartel-general da polícia de segurança. Mentzel queria saber dos planos de Edgar após ter sido transferido para Talim, e ele teria de causar uma boa impressão. Estava nervoso. A visita de Mentzel a Talim viera em hora oportuna; o treinamento da companhia militar estoniana havia terminado e eles foram recebidos na cidade com festa, o que tinha abalado a paz de espírito de Edgar, calcando sulcos de preocupação em sua testa. Se o país estava ficando cheio de especialistas treinados na Alemanha, eles teriam mais avanços na carreira que ele próprio? Seriam suas habilidades ainda consideradas úteis nas operações mais importantes, alguém iria se lembrar delas?

Mais uma vez, Edgar verificou o estado de seu terno, adquirido recentemente e passado com perfeição. Ele o escovara duas vezes à noite. O ombro esquerdo do proprietário anterior era mais baixo que o direito, e por isso Edgar havia precisado tirar um pouco do algodão da ombreira; mesmo assim, os ombros não ficaram idênticos. Mas teria de ir com aquele mesmo, o terno velho já tinha sido consertado vezes demais. Se a reunião com Mentzel corresse bem, talvez ele pudesse levar o terno para um alfaiate melhor, talvez arranjasse lã no mercado negro para uma roupa nova, um terno cruzado.

O ss-Untersturmführer Mentzel começou a reunião com agradecimentos: a informação dada por Edgar se mostrara correta, ao contrário das de muitos outros, e seus relatórios eram excepcionalmente profissionais. Edgar respirou fundo. O sentimento de alívio o relaxou, mas, ao mesmo tempo, sentiu o cheiro de colônia. Enquanto tentava ficar o mais apresentável possível, conseguira derrubar um frasco inteiro de colônia no terno novo naquela manhã. Limpá-lo com uma toalha molhada não tinha ajudado e não havia tempo para arejá-lo. Para que a colônia não se espalhasse por todo o escritório, tentou ficar o mais imóvel possível, depois de afastar discretamente sua cadeira do alemão. Como Mentzel não parecia notar nada de estranho, Edgar recobrou a coragem. Talvez o ss-Untersturmführer apenas tivesse um tato germânico, ou talvez ele mesmo imaginasse que o cheiro fosse mais forte do que de fato era, talvez seus nervos o estivessem confundindo.

— Como se sente no B4, Herr Fürst? Seja franco — encorajou Mentzel.

— Bom, o que causa mais dor de cabeça são os muitos casos em que os informantes locais se contradizem entre si, Herr ss-Untersturmführer. Eles se acusam de bolcheviques a torto e a direito, veem esconderijos comunistas onde não tem nada, é possível até receber três relatos diferentes sobre um mesmo ato de sabotagem. É provável que o motivo seja pura inveja, rancor e vingança, todos esses sentimentos baixos que podem controlar um ser humano — respondeu Edgar. — Certa vez alguém foi acusado por um informante até mesmo no prédio usado por nosso Referentur. Quando questões como essas nos mantêm ocupados, é difícil focalizar em questões importantes para nossos interesses. É pouco produtivo, eu diria.

Mentzel ouvia com atenção, inclinando-se um pouco para a frente. A insegurança que deixava Edgar agoniado desapareceu, e a confiança se derramou sobre ele de forma mais surpreendente que o frasco de colônia no terno. O cheiro dessa confiança era tão forte quanto o da colônia, mas de uma forma positiva: ela fazia as ombreiras se ajeitarem nos ombros como se o terno tivesse sido feito sob medida, deixando-o com as costas eretas.

— A situação tem de voltar ao controle, sem dúvida, ou pareceremos totalmente ridículos. A Alemanha não trabalha assim. E não se deve tirar proveito da Alemanha! — gritou Mentzel, depois de Edgar terminar seu relato, e sugeriu: — Conhaque? Este é da Letônia, tem um gosto estranho de petróleo, peço desculpas. Meu outro grande pesar é por que tão poucos estonianos se alistam como voluntários nas nossas Forças Armadas. Esperávamos mais entusiasmo.

Mentzel enfatizou que não queria ouvir uma resposta politicamente correta, queria ouvir a verdade. Edgar fazia girar o conhaque no copo apenas rodando o pulso e seguia o movimento concentrado. O cheiro da colônia ficara flutuando desconfortavelmente na sala quando Edgar pegara o copo a ele oferecido, e rachaduras surgiram em sua confiança. Enquanto falava, não tivera tempo de se concentrar no odor, a atitude encorajadora de Mentzel tinha ajudado. Ou talvez só estivesse imaginando coisas. Hesitou. Tinha de jogar suas cartas corretamente, mas não sabia discernir as certas das erradas. Depois que o B4 se mudara para o mesmo quarteirão que a polícia de segurança alemã, ele acompanhava com amargura como os outros subiam em suas carreiras de uma tarefa para a outra, aceitavam desafios e, às vezes, corriam lá fora com seus uniformes de gala com patentes mais elevadas, enquanto ele perdia tempo com as informações de senhoras fofoqueiras e mal-intencionadas.

— Há rumores circulando de que, após a guerra, os estonianos seriam levados para viver além do lago Peipus ou na Carélia, Herr SS-Untersturmführer. — Edgar tomou coragem. — Rumores como esses fazem as pessoas duvidarem se o Exército alemão é a escolha correta para um estoniano. Os exílios forçados de junho tornaram os estonianos sensíveis a tudo que é relacionado a uma ameaça de deixar seus lares e suas terras.

Mentzel ergueu as sobrancelhas e se levantou da cadeira.

— Vou contar algo absolutamente confidencial. É possível que o realojamento seja uma preocupação dos judeus do Báltico e talvez dos suecos que vivem na costa, mas, dos estonianos, sob hipótese alguma. Por acaso os estonianos desconhecem o conceito de gratidão?

— Tenho certeza absoluta de que não há limites para a gratidão no que se refere aos esforços do Reich para libertar a Estônia. De maneira geral, o humor é bastante calmo, ninguém planeja explodir os veículos da Wehrmacht ou coisas assim, a não ser que considere um ou outro bolchevique. Apenas a falta de alimentos realmente deixa as pessoas nervosas. Talvez houvesse mais voluntários se os homens pudessem usar as cores da Estônia.

— Vejamos o que se pode fazer a respeito disso. E os rumores sobre a Grande Finlândia, ainda estão circulando?

— Praticamente nada, eu não me preocuparia com o assunto.

A reunião terminou. Edgar se levantou e mais uma vez sentiu fortemente o cheiro de colônia.

— Recomendei você a um colega meu — acrescentou o tenente em alemão. — Você receberá detalhes mais específicos mais tarde. Ele quer receber um relatório confiável sobre a situação do ponto de vista dos habitantes locais. Você pode apresentar livremente suas opiniões, Herr Fürst.

Um homem aliviado e cheio de esperanças saiu do quartel-general. Agora parecia engraçado o desespero que sentira ao ver o trem transportando a companhia da polícia de segurança: as janelas não fechavam direito, alguns dos vagões do trem foram construídos às pressas com galhos de bétula. Na plataforma, Edgar praguejou contra o fato de não ter entrado para a força policial antes, de não ter seguido os outros, em vez de acompanhar Roland. Teria estado na companhia magnífica daqueles que voltam para casa, ouvindo na estação de trem os mais altos representantes da polícia de segurança alemã, as palavras amigáveis dos ss-Obersturmführer Störtz e Kerl, os discursos animadores do diretor Angelus.

A preocupação que surgia com a incerteza tinha aumentado porque os homens treinados na ilha de Staffan foram classificados como voluntários da Finlândia. Com isso, a proibição de outorgar condecorações alemãs como a da cruz de ferro a um membro dos povos conquistados do leste não se aplicava a eles — aqueles rapazes eram tão respeitados que mudaram as regras para que conseguissem

uma Ritterkreuz. E eles conseguiram. A inveja se tornou amargura quando Edgar ouvira que, com uma Ritterkreuz no pescoço, até os estonianos tinham acesso aos estabelecimentos destinados aos alemães. Se não tivesse seguido Roland, talvez tivesse agora uma cruz no pescoço. Talvez um dia fotos suas também fossem vendidas por todo o Terceiro Reich, ou pelo menos em Ostland, e as crianças iriam grudá-la em álbuns. Tudo era possível. Edgar não via o primo desde que Roland o havia mandado embora da cabana de Leonida na floresta, nem se importava com a briga. A irritante interrupção da ascensão de sua carreira causada por Roland fora consertada como que por conta própria, e agora tudo era passado: a inútil espera, sentados em uma cabana na floresta, com Roland choramingando por Rosalie, a completa insanidade que brilhara nos olhos do primo, os interrogatórios constantes sobre sua esposa... Seu casamento não era da conta de Roland.

1942
Reval,
Comissariado-Geral de Estland,
Comissariado do Reich para Ostland

Embora Hellmuth tivesse encorajado Juudit a ficar em casa no dia 5 de outubro e a houvesse alertado sobre um risco de atentado, Gerda a convenceu a acompanhá-la para se despedir dos legionários. Quem se importa com atentados, os garotos precisavam ter uma boa imagem da Estônia ao partir para a guerra.

— Que não haja apenas mães aos prantos! É nosso dever ir à estação — gritou Gerda, olhando com desaprovação para os rituais de beleza de Juudit.

Ela misturara cuidadosamente dois terços de peróxido de hidrogênio e um terço de cloro e havia começado a aplicar no cabelo com um chumaço de algodão. De acordo com Gerda, ela deveria deixar uma cabeleireira clarear seu cabelo, os resultados seriam muito melhores.

— Admita, você só estava se embelezando para os garotos, afinal. Mas não tem de fazer tudo sozinha. Às vezes tenho a impressão de que você realmente não entende — comentou Gerda. — Que seja a última vez! Parece que fizeram algumas provisões para os legionários, pensei apenas em pintar as unhas.

Juudit riu. Ela nunca resistia a Gerda e, pela manhã, as duas correram para o ginásio Gustav Adolf a tempo de ver o comboio partir em direção à praça da prefeitura. O pátio e a rua estavam enfeitados com flores, o povo seguia a orquestra, a multidão aumentava. À frente dos legionários havia garotas em trajes nacionais

colocando flores no peito dos homens. Pessoas sacudiam bandeiras da Estônia com entusiasmo, enquanto as bandeiras alemãs pendiam flacidamente. Alguém foi ralhar com as pessoas que as seguravam; a atitude delas melhorou, e as bandeiras da Alemanha se ergueram. A praça estava lotada, grupos de crianças assistiam com olhos fixos, quase sem respirar, à fila de voluntários com a postura ereta e os cabelos penteados. Gerda puxou Juudit para trás de si, a multidão quase as pisoteou; em vez de ver, elas só conseguiam ouvir a chegada do SA-Obergruppenführer Litzmann. Juudit ficou na ponta dos pés: Hjalmar Mäe estava curvado atrás de Litzmann, e seria aquele outro o comandante da polícia de segurança Sandberger? O colarinho branco se espalhava sobre o peito do homem como a asa de uma gaivota, ou seria aquele o ss-Oberführer Möller? Gerda acenou com a mão livre. Fotógrafos cercaram Litzmann, correndo de um lado para o outro, procurando o melhor ângulo para tirar fotos, jogando nos paralelepípedos os flashes queimados, que haviam recebido de sobra. A praça florescia com as bandeiras, brancas, azuis, pretas, vermelhas, o barulho era estonteante. Juudit desceu das pontas dos pés e tocou gentilmente seus cachos recém-clareados. Nas têmporas, os cabelos já haviam começado a se desenrolar. Não havia ninguém que ela reconhecesse dentre aqueles que partiam, nem mesmo os parentes de Gerda; o que elas estavam fazendo lá? Gerda dissera que elas tinham de viver o momento em que os estonianos finalmente tinham permissão para lutar por sua liberdade, nossa própria legião, Juudit, você entende, não entende?, há quanto tempo esperávamos por isso, o destino da Estônia agora depende da contribuição dos estonianos na batalha contra os bolcheviques, Juudit, você não entende?

Juudit ergueu a mão, na qual Gerda colocara uma pequena bandeira azul, preta e branca. Os gritos se intensificaram e logo a razão deles passou por Juudit: o suboficial Eerik Hurme, com uma cruz de ferro que competia em seu peito com as medalhas da Guerra de Inverno da Finlândia. Juudit já sabia o que estaria escrito no jornal do dia seguinte. Os passos dos legionários seriam descritos como firmes, os pais seriam apresentados como orgulhosos, iriam se lembrar de mencionar a bandeira estoniana muitas vezes, mas sempre

junto da bandeira alemã, e talvez houvesse uma foto na qual o nariz aquilino de Litzmann estremeceria entusiasticamente, sua mão apertando a mão do suboficial Hurme. Pelos relatórios que Hellmuth recebia, Juudit sabia que a população estava irritada, porque aqueles que estavam sendo mobilizados tiveram de assinar documentos que diziam que o alistamento no Exército era voluntário. Os relatórios expressavam preocupação com a disseminação de tais opiniões e com o fato de que havia homens evitando o alistamento. Juudit contemplava ali autênticos voluntários junto à entusiasta Gerda quando, subitamente, viu um rosto familiar a distância. O homem desapareceu na multidão. Juudit tapou a boca com a mão. A cabeça escura surgiu mais adiante, o homem se virou... Não, Juudit havia se enganado, sua mente a fizera imaginar coisas de novo, mas houve um vislumbre outra vez, a apenas alguns metros do homem que Juudit identificara erroneamente. Os olhos dela varreram inutilmente a multidão; ela tentou atravessar a praça, mas era impossível. Talvez simplesmente tivesse tido uma alucinação. Talvez tivesse visto uma pessoa morta, os mortos tinham três meses para ficar e dar adeus a este mundo. A praça estava tão lotada que ela só conseguia ficar ao lado de Gerda; teve de ouvir os discursos até o fim, apesar de se sentir fraca, e teve de cantar o hino alemão e seguir a amiga pelas ruas Harju e Toompuiestee até a estação de trem. Hellmuth estava lá em algum lugar, rastreando os sabotadores bolcheviques; os legionários, com equipamentos variados, já haviam formado uma fila na plataforma. Juudit procurou sem sucesso por Roland, ou um homem parecido com ele.

— Escreveram “Vitória ou morte” nos vagões — gritou Gerda, admirada.

Então todos começaram a cantar — *saa vabaks Eesti meri, saa vabaks Eesti pind* —, e o trem começou a se mover. A canção continuou. As lágrimas no rosto de Juudit pareciam sufocá-la.

Apenas alguns meses antes, telegramas de Litzmann e do Reichsführer foram lidos no escritório de Hellmuth. Uma criada acabava de servir as visitas quando Juudit voltou das compras com

uma caixa de doces da confeitaria Kagge. Quando ouviu o barulho de colheres no escritório, correu para levar os doces para acompanhar o café. Conseguiu apenas ouvir como Hjalmar Mäe tagarelava.

— Temos de prometer que o treinamento será feito aqui. E que eles serão usados apenas na luta contra a União Soviética, jamais contra o Ocidente.

No quartel-general, a secretária de Hellmuth havia ficado doente, e Juudit fora chamada. Taquigrafara o dia inteiro, seguira Hellmuth a reuniões e entrevistas, um caderno após o outro era preenchido com estudos sobre os estonianos, que consideravam que o Exército alemão os tratava como inferiores. Eles mesmos não se viam como soldados de segunda classe. Portanto, juntar a Waffen-ss às tropas de elite e torná-las sua própria legião poderia trazer resultados completamente diferentes, e isso acabaria com a constante fuga de recrutas para a Finlândia. Juudit escrevera e entendera que a Alemanha devia estar desesperada, tão desesperada que até os estonianos podiam ser enganados para se juntar às suas fileiras, estonianos cujas características raciais e de saúde eram apenas cinquenta a setenta por cento adequadas para a Waffen-ss. Quando Juudit saiu para transcrever as anotações, um alemão chegou trazendo cartas e falou com Hellmuth sem baixar a voz: o Führer quase havia desmaiado quando lhe sugeriram que os ucranianos recebessem armas. Mãos tão pouco confiáveis jamais deveriam receber armas! Nunca deveria armar povos primitivos!

Em casa, Juudit preparou um sidecar e depois desatou em choro. Para os alemães, ela era só cinquenta a setenta por cento válida; seu caráter racial e sua saúde eram com certeza adequados da cintura para baixo, mas não para cima. Era o que Roland diria, se soubesse, e caçoaria: para Hellmuth, Juudit nunca seria tão boa quanto uma Fräulein cem por cento apta. Juudit também não sabia que tipo de carreira os amigos de Hellmuth na Alemanha tinham planejado para ele, e que tipo de planos seus parentes tinham para o homem, independentemente do que o próprio Hellmuth quisesse para si. Como ela podia saber se uma noiva adequada, cem por cento alemã, já não havia sido escolhida para ele, alguém que não fosse uma mulher

divorciada e que não viesse de um território do leste conquistado, alguém cujos cabelos tivessem ondas suaves e não se enrolassem e se bagunçassem na chuva. Com o sidecar seguinte Juudit já chorava pelo desespero que a Alemanha lhe provocava; no terceiro drinque, começou a apertar colheres frias contra os olhos para diminuir o inchaço e tentar se acalmar antes que Hellmuth chegasse.

Juudit não foi chamada ao quartel-general novamente. Isso não importava nem um pouco, embora antes tivesse esperado que isso acontecesse e que ela se tornasse a secretária oficial de Hellmuth, alguém que tivesse algum tipo de status no quartel. Ela gostaria de ter se unido a grupos de secretárias, intérpretes e datilógrafas, correndo para o Tõnismägi pelas manhãs; teria sido a última datilógrafa a tomar anotações com prazer, só para estar mais perto do dia a dia de Hellmuth.

Agora ela se contentava em traduzir em casa relatórios chatos sobre a segurança de uma fábrica de bebidas alcoólicas, relatos sobre as operações das fábricas de chocolate Kawe e Brandmann e artigos de jornal em estoniano. Estava feliz, pois queria saber apenas o necessário. Gerda tinha sorte, ela não sabia taquigrafar.

1942
Reval,
Comissariado-Geral de Estland,
Comissariado do Reich para Ostland

Edgar sentia as pernas fracas ao deixar o chapéu e o casaco com a garota que trabalhava no guarda-volumes. Por que a reunião tinha sido marcada aqui? Por que não em um banco de praça, em um café comum ou no Tõnismägi? Eles queriam salientar seu status, provocá-lo com a comida sendo trazida da cozinha, colocá-lo em um território estranho? Os cheiros fortes dos estabelecimentos e das lojas de alimentos destinados aos alemães chegavam à rua. Edgar sempre quisera ir a um deles, e aquele restaurante não era exceção. Os oficiais se juntavam no salão principal do restaurante e nas escadas, garçons atarefados corriam entre os uniformes fazendo o chão ranger, o cheiro de carne sendo preparada na cozinha chegava até eles, o tilintar dos talheres se misturava ao cheiro do polidor de bronze. Os copos batiam como relógios, garrafas deslizavam para dentro de geladeiras, sherry cobblers nas mãos das jovens, todos se divertiam.

Não se via o ss-Untersturmführer Mentzel, mas aparentemente Edgar era reconhecível, pois, antes que o maître tivesse tido tempo de conduzi-lo, as pessoas gesticularam, chamando-o à mesa no meio do salão. Um capitão da ss: Edgar reconheceu a patente militar e ergueu o braço para saudá-lo. O capitão respondeu ao gesto com certa indolência, depois de ter se levantado. O ss-Hauptsturmführer Hertz era bonito. Bonito demais.

— Prazer em conhecê-lo, Herr Fürst.

— O prazer é meu, ss-Hauptsturmführer!

— O Untersturmführer Mentzel me fez ótimas recomendações suas. Infelizmente ele teve de deixar Reval às pressas, mas pediu que eu lhe transmitisse suas lembranças. Pelo que entendi, você estudou em Dorpat.

Edgar fez um gesto afirmativo. Sentia o rubor se espalhando até a ponta dos dedos.

— Muitas pessoas recomendam o teatro local. Você o recomendaria?

— Recomendo fortemente, assim como a ópera, Herr ss-Hauptsturmführer. No Vanemuine interpretam Puccini tão bem que certamente será de seu gosto. Pelo que sei, há músicos vindo até de Stuttgart para tocar lá — acrescentou Edgar com a voz firme. Agradeceu mentalmente pelo seu conhecimento cultural, embora tivesse achado o começo da conversa um pouco estranho.

O barulho do cortador de carne que chegava da cozinha o perturbava. Mais uma vez um garçom passou correndo por ele com cloches de prata sobre os pratos. Os lábios dos alemães à mesa ao lado estavam vermelhos de vinho, e Edgar estava com sede. Sua língua parecia inchada, como se não bebesse nada havia dias; além do ronco no estômago, havia uma queimação que não sentia havia muito tempo. Não sabia se queria que a sensação continuasse ou passasse.

— Obrigado, Herr Fürst. Ainda não me familiarizei muito com os eventos culturais de Dorpat, mas vou tentar corrigir isso na primeira oportunidade. Mas agora, negócios. O que acha de mudar o nome das ruas para alemão? O diretório interior é contra isso, parece que os estonianos não gostam da ideia de uma Adolf Hitler Strasse. E como o discurso do Reichsmarschall Göring foi recebido pelo povo?

O capitão mudava de assunto despreocupadamente, terminando as frases com um vago sorriso que formava rugas em torno dos seus olhos. O homem lembrava Ernst Udet, o ás dos ases da aviação: a semelhança do nariz era evidente, os lábios também tinham algo similar aos de Udet no cartão-postal favorito de Edgar. Naquele cartão, Udet era muito jovem; o homem sentado à sua mesa havia passado por mais coisas. Edgar virou o lado direito do rosto em

direção ao ss-Hauptsturmführer, para que ele visse o ângulo mais adequado de seu nariz.

— O discurso do Reichsmarschall Göring no dia de Ação de Graças foi um pouco problemático. Em especial porque a falta de alimentos já é bastante grave. Você deve se lembrar de que o Reichsmarschall disse no discurso que...

O ss-Hauptsturmführer franziu a testa.

— Sim, sim. Que os alemães tinham de ser alimentados primeiro, depois os outros.

— Logo, é possível, talvez, até fazer uma estimativa preliminar de que, por causa do discurso, houve uma pequena queda da popularidade alemã. As atividades do doutor Veski também têm causado preocupação.

— Quem é o doutor Veski?

Mais uma vez, outro prato cheio de croquetes passou voando. O ronco do estômago havia parado, mas a queimação persistia. Edgar levantou um pouco as sobrancelhas, para que a área sob seus olhos parecesse mais clara, e as manteve erguidas. Do reflexo em uma faca, via que sua pele brilhava como se tivesse passado pomada com uma espátula; a cada gole de Schnapps, uma nova camada era espalhada.

— O doutor Veski é um filólogo da Universidade de Dorpat. Aparentemente, ele está preparando um mapa preciso das áreas do leste. E o mapa está sendo preparado porque os estonianos serão deslocados para morar na Rússia. Dizem que em seu mapa todos os vilarejos russos já têm nomes estonianos.

Edgar ouviu a própria voz e percebeu que fazia sentido, mas havia trechos de discussões que ele ensaiara em sua cabeça antecipadamente e não estava certo se conseguiria responder perguntas que diferiam do que havia previsto. Seus olhos inevitavelmente se voltavam para a cruz de ferro. Edgar teve de desviá-los várias vezes.

— Verdade? Isso é surpreendente, ou até incompreensível. Quem alimenta esses rumores, e quem os espalha? Posso assegurá-lo de que tais planos não são do interesse do Reich.

— É claro que não, Herr ss-Hauptsturmführer!

— Você sabe muito melhor que os outros o que está acontecendo no país, Herr Fürst. Muito melhor. O quadro geral, você tem o quadro geral.

Um sorriso atravessou novamente o rosto do capitão Hertz. Edgar, encabulado, levou a mão ao lado de seu rosto que o sorriso tocara.

— E quanto a atividades antigermânicas?

— Quase não existem.

— Li relatórios que você escreveu. Um trabalho excelente, até em Berlim as pessoas expressaram gratidão. Tenho certeza absoluta de que você é a pessoa certa para uma tarefa em particular. Gostaria que continuasse trabalhando no departamento B4 do grupo B, mas em uma missão ligeiramente diferente. Acredito que você nunca tenha encontrado pessoalmente o Gruppenleiter Ain-Ervin Mere. Você com certeza o encontrará em alguma ocasião, ele é meu subordinado direto. Sua tarefa é me manter informado sobre o clima interno e possíveis ameaças a mim no departamento. Fiquei sabendo que organizações clandestinas conseguiram infiltrar espiões até em órgãos confidenciais, e quero saber qual é a situação no grupo B.

Quando Edgar saiu do restaurante, o Schnapps que havia jogado no estômago vazio tentou voltar. Correu até uma esquina, encontrou uma porta e esperou seu estado se normalizar. A colônia não havia causado problemas dessa vez — Edgar se lembrara de guardar o frasco longe o suficiente de suas roupas —, mas devia ter se lembrado de comer antes da reunião. Percebeu que toda reunião era marcada por algum tipo de acidente, fosse um Schnapps tentando voltar ou uma colônia derramada. Agora não era só isso mas também seu interlocutor. Quando suas pernas se roçaram casualmente sob a mesa, Edgar decidira se tornar insubstituível para o ss-Hauptsturmführer Hertz. Aquele homem confiava nele, e logo iriam se encontrar novamente.

1943

Vaivara,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

Quando o Opel deixou Talim para trás, Juudit tentou entoar "*Das macht die Berliner Luft*", porém Hellmuth olhava fixamente pela janela, um dos braços distraidamente em torno dos ombros de Juudit, a outra mão parada acima de um cinzeiro que se abria com um leve toque. A voz dela se apagou lentamente. Desta vez eles não cantariam nenhuma marchinha animada, nenhuma canção alegre, como fizeram com tanta frequência no passado. Hellmuth não sacaria seu pequeno dicionário de frases estoniano-alemão, com o qual Juudit lhe ensinara expressões úteis para quando viajassem e em cuja capa ela escrevera frases de Maria Under em ambos os idiomas, e ele tampouco sussurraria ao pé de seu ouvido, em estoniano, "sua boca em minha boca". Os cabos elétricos que passavam se transformavam em arame farpado. Hellmuth abriu a janela, jogou a guimba de cigarro ao vento e virou o rosto para a corrente de ar, como se não houvesse oxigênio suficiente dentro do carro. Juudit sentiu a tensão de Hellmuth ao seu lado; ele a olhava nos olhos a intervalos regulares, regulares demais, como se o fizesse conscientemente, apenas porque não queria que ela percebesse sua testa franzida.

Fazia tempo que os homens da companhia Baltische Öl entravam e saíam misteriosamente de seu andar na rua Roosikrantsi. Palavras tensas se infiltravam por debaixo da porta do quarto até os ouvidos de Juudit: a missão financeiro-militar mais importante da Alemanha nos países bálticos era a exploração de xisto betuminoso, um assunto a

respeito do qual a mais alta liderança do Reich não desistiria. Era por isso que o Opel Olympia acelerava em direção a Vaivara e às possibilidades de produzir petróleo, com uma Juudit inquieta no carro. Talvez tudo fosse simplesmente por causa de Stalingrado e das retiradas constantes nas áreas do leste. O nervosismo tinha começado a se insinuar entre os amigos de Hellmuth, e Juudit não tinha nem coragem de pensar o que isso significava. Ela bloqueou o pensamento, bloqueava-o repetidamente e tentava ser uma companhia animadora, enquanto Hellmuth resmungava sem parar sobre como a classe dos oficiais se tornara um playground para reservistas.

Inicialmente, Juudit considerara um bom sinal que houvesse casas sendo construídas para os trabalhadores e que as fábricas destruídas pelos bolcheviques estivessem sendo recuperadas. Os alemães não iam querer investir na produção local dessa forma, a não ser que estivessem certos de que os bolcheviques não conseguiriam ir tão longe, certo? Mas por que Hellmuth estava preocupado, então? As notícias eram pura propaganda. Gerda dizia que a política não era para as mulheres, que não deviam se envolver nisso. Gerda estava certa. A fumaça do escapamento fazia as têmporas de Juudit franzirem, tudo era tão complicado, ela não entendia nada e temia que a paixão fosse abandonar o quarto quando as preocupações militares entrassem.

Ao chegar, Juudit observou como Hellmuth corria para falar com homens importantes, calcanhares batendo, cumprimentos. Ela saiu para procurar um local adequado para aquela que talvez fosse a última sessão de banho de sol do verão. Colocou os óculos escuros, tirou os sapatos, enrolou as meias e ergueu a saia — não demais, para manter a decência e por causa do clima. Já era possível sentir o outono no vento gelado, e ela tremia, mas não o bastante para tirar o Pervitin da bolsa. Tinha começado a carregá-lo durante os bombardeios de fevereiro. O Exército aparentemente queria se livrar de seus estoques, e Hellmuth tinha várias caixas. Ele estava certo: o Pervitin realmente ajudava. Dissolvia a ansiedade da mesma forma que as bombas derretiam a neve; Juudit se lembrava da terra anormalmente negra em

fevereiro, das filas nas estradas, dos carros lotados deixando a cidade e de como ela vira pela primeira vez um soldado alemão embriagado na noite anterior ao bombardeio. Abriu a bolsa. Não notava mais as ruínas, seus olhos passavam por elas como pelo pó de casa. Tinha se tornado imune a tudo, exceto a seu marido. As unhas vermelhas dos pés reluzindo ao sol lhe trouxeram novamente a desaprovação de Edgar: sua sogra certamente não aprovava esmaltes. Agora as unhas pintadas podiam aproveitar a luz, tão livres e tão vermelhas quanto as de Leni Riefenstahl, cujo bronzeado era famoso e que sempre viajava acompanhada de dois fotógrafos para tirarem fotos dela e de suas roupas.

— O que acha... Ter algumas galinhas, umas vacas, as coisas simples do campo? Juntos.

Juudit não estava certa se entendera bem as palavras de Hellmuth. O Opel sacolejava pela estrada esburacada, ela bateu o cotovelo na maçaneta da porta e gritou com o susto e a dor. Quando o entardecer caiu e eles começaram a viagem de volta para casa, Hellmuth entrara no carro muito quieto e continuara em silêncio no banco de trás por muito tempo. Sequer havia segurado a mão dela nem a beijara. Teria Hellmuth realmente falado sobre a possibilidade de ficar aqui depois da guerra? Estava falando sério? No interior?

— Muitos oficiais estão planejando o mesmo. Minha querida, não quer se mudar para o campo?

A princípio Juudit não entendeu nada além do fato de que Hellmuth não iria para a Alemanha sem ela; ele iria ficar, ela não perderia seu homem. Depois os pensamentos voaram para a imagem dos dois vivendo no meio de um vilarejo como Taara, o aroma de centeio, garotas carregando latões de leite para as charretes; ela viveria com um alemão embora já fosse casada, as pessoas mal-humoradas falaria dela, cuspiriam a seus pés assim que ela virasse as costas. A situação não seria nem um pouco melhor se Hellmuth escolhesse uma mansão em vez de uma fazenda: Juudit não queria viver feito uma amante. Os pedidos de casamento de oficiais da SS eram inspecionados pelo quartel-general da segurança do Estado, e

ela com certeza não passaria no teste. Mesmo que tivessem permissão para se casar, isso destruiria a carreira de Hellmuth, pois Juudit não seria bem-vinda em Berlim. Talvez fosse exatamente por causa disso que ele falava em se mudar para o interior: a Alemanha ficaria, a Alemanha venceria, os bolcheviques não retornariam. Caso contrário, Hellmuth não estaria planejando um futuro ali.

— Escrevi para alguns amigos que me recomendaram o interior de Estland. Você foi uma guia rural maravilhosa. O solo parece rico, o crescimento é bom, o que mais se pode querer? Por que não criamos nosso próprio paraíso no campo?

— Mas depois da guerra você certamente terá grandes oportunidades de fazer o que bem entender em qualquer lugar — retrucou Juudit.

— Pensei que você quisesse ficar aqui.

— Você nunca me perguntou sobre o futuro antes.

Hellmuth abriu a caixa de cigarros e acendeu um.

— Você quer ir para a Alemanha, então?

— Você nunca me perguntou isso também.

— Nunca tive coragem.

As palavras eram tranquilizadoras. Ela se afobara por nada. Hellmuth não estava adiantado em seus planos afinal, ainda não havia encontrado uma fazenda ou uma mansão. Talvez Juudit não tivesse de lhe explicar como os estonianos viam as amantes; não teria de colocar sua vergonha em palavras. Os alemães pareciam ser muito mais receptivos às amantes: ninguém ficava nervoso com o crescimento da barriga das acompanhantes e das secretárias. As mulheres eram simplesmente mandadas de férias para alguma cidade alemã, onde, aparentemente, seria melhor passar o tempo, mais seguro, e com melhor alimentação. Tinha sido assim com Alice, com quem Juudit frequentara as mesmas aulas de costura, e com Astrid, que ia ao mesmo cabeleireiro que ela. Gerda também fizera as malas, mas ao menos havia prometido escrever. Juudit perguntaria a ela como era morar na Alemanha, talvez até a visitasse antes de tomar a decisão final. Na Alemanha não haveria ninguém da sua vida antiga; talvez lá ela não se importasse de passar o resto da vida como amante.

Hellmuth poderia se casar com alguém adequado à sua família e ao Reich. Juudit aceitaria até isso, desde que ficassem juntos.

— Eu vou aonde você quiser — sussurrou.

1943

Reval,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

Edgar conferiu o relógio de bolso: não estava atrasado. O tecido do bolso havia cedido por causa dos movimentos impacientes de sua mão — contava as horas para a reunião todos os dias. Cada mínima informação que recebia o motivava ainda mais, pois cada detalhe incluído no relatório lhe parecia um presente pessoal ao homem. O ss-Hauptsturmführer estava feliz com ele, podia-se notar, e talvez fosse convidado a passar a noite com sua comitiva. Ele havia se preparado para isso encomendando um terno novo com o alfaiate, dizendo que deveria parecer ter sido feito em Berlim.

No restaurante, a comoção era a mesma de sempre: os homens da ss de preto, os da Wehrmacht de cinza, sempre aquelas pernas compridas. As medalhas Gefrierfleischorden chamavam atenção, assim como as águias e as suásticas. Edgar teve de desviar o olhar. As histórias de Stalingrado não eram adequadas às mulheres e crianças, tampouco a ele.

O Hauptsturmführer acenou com as mãos e se levantou.

— Que bom vê-lo novamente, Herr Fürst. Garçon! Recomendo a pomba, está simplesmente deliciosa. Traga também aquele Riesling excelente.

Ao se sentar à mesa de toalha branca, Edgar tentou novamente não olhar para a Ritterkreuz do capitão e se lembrou de manter as sobancelhas sofisticadamente arqueadas, apenas o suficiente para que seus olhos parecessem mais abertos. Sem exagero. O lado direito

do rosto voltado para Hertz. Ele passara a manhã inteira nervoso: a toalha morna que havia colocado sobre o rosto antes de se barbear tinha ficado quente demais, perdera o afiador e a navalha irritara sua pele. Seu comportamento se parecia com o de um jovem recém-saído da adolescência antes de um primeiro encontro com o objeto de sua adoração; estava igualmente inquieto, repetia para si com a voz tremendo as frases que possivelmente usaria. A associação mental tinha feito com que seu rosto avermelhado ardesse ainda mais, e o ardor não arrefecera nem mesmo ao ar livre. Felizmente, a meia-luz do restaurante era misericordiosa. Edgar notou como as moças que passavam olhavam para Hertz e, para sua alegria, notou também que ele não dava atenção aos olhares delas. O homem era cortês com as mulheres, mas seus olhos não vislumbravam seios ou quadris. A mancha de pó facial no colarinho era, portanto, uma surpresa.

— Você fez um trabalho excelente, não sei como lhe agradecer. Agora tenho um serviço novo e interessante para você. Como provavelmente sabe, precisamos de mais mão de obra aqui em Estland, e foi decidido que ela será enviada.

Edgar se concentrou nos pratos servidos para acalmar sua mente agitada e umedeceu os lábios com vinho, mas não chegou a bebê-lo. Não teria coragem de pedir mais bebidas, embora a carne tivesse ficado entalada em sua garganta, seca, por causa de seus pensamentos. Edgar tossiu. Teria de se concentrar em assuntos de trabalho, não podia perder a confiança de Hertz.

— Não há homens suficientes — disse o Hauptsturmführer. — A indústria não pode ganhar impulso assim, e a técnica dos bolcheviques de queimar terras na retirada causou um dano inacreditável, mas nada disso é novidade. Precisamos de novas fábricas e casas para a mão de obra. Os Arbeitserziehungslagers anteriores estavam sob o controle do Reichssicherheitshauptamt, mas o campo de trabalho que vamos estabelecer agora pertencerá ao departamento central de economia e administração, a SS-Wirtschafts-Verwaltungshauptamt. Eles acreditam que a seção *Amt D* trará melhores resultados. Para ser totalmente sincero, os resultados dos Arbeitserziehungslagers não foram exatamente o que se esperava.

Atuamos diretamente sob o comando do ss-Gruppenführer, o general de divisão e inspetor de campos de concentração Richard Glücks, que responde diretamente ao Reichsführer Himmler. Fui transferido, em outras palavras, e agora estou juntando trabalhadores responsáveis para essa importante tarefa. Semana passada fui conhecer a área do novo campo de trabalho e devo dizer que há muito a se fazer. As estradas estão em condições deploráveis, por isso fiquei muito feliz em constatar as habilidades mecânicas do meu motorista. O ss-Hauptsturmführer Hans Aumeier foi nomeado comandante de Vaivara; ele tem dez anos de experiência no departamento de economia, então espero que leve a eficiência do campo para outro nível. Estamos no momento negociando assuntos administrativos. Trabalhamos juntos na Baltische Ölgesellschaft GmbH e no Einsatzgruppe Russland-Nord da Organização Todt. Preciso de um homem de confiança no grupo que entenda os humores dos moradores locais.

1943

Reval,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

No momento que Juudit passava pela rua Roosikrantsi, Roland saiu pelo portão e parou à sua frente; usava um uniforme alemão e tirou educadamente o chapéu. Ela ficou paralisada, pensou se devia correr, se teria tempo de abrir a porta, se conseguiria entrar — a distância era de cerca de dez metros apenas. O olhar sério do homem assustou a criada que carregava sacolas de compras. Juudit notou seus movimentos hesitantes.

— Pode entrar, Maria — disse, e a garota não hesitou em fazê-lo.

Juudit forçou uma expressão educada e acenou com a cabeça para a vizinha que passava ao lado e para o dono da loja do Exército alemão. Roland a agarrou pelo braço e a forçou a se mover.

— Vamos dar um passeio.

Andavam de braços dados. O olhar de Roland era calmo, mas sua voz não.

— Preciso do apartamento da sua mãe.

Juudit ficou em silêncio. Se gritasse, poderia se livrar de Roland para sempre, e não teria mais de se preocupar em vê-lo na multidão nem se assustar com suas aparições súbitas e temer que Hellmuth descobrisse a verdade algum dia. Estavam no meio da multidão, qualquer policial a ouviria se ela gritasse. Juudit abriu a boca, mas não emitiu nenhum som. Seus olhos se moveram de uma pessoa para a outra, ela pensou nas frases que diria se cruzasse com alguém que precisasse cumprimentar, as alternativas davam voltas em sua cabeça,

mas cada frase preparada morria nos olhos gélidos de Roland. Ele apertava seu braço e a forçava a andar no seu ritmo quando tentava resistir.

— Há menos transportes de refugiados para a Finlândia agora que os dias ficaram mais curtos. Mesmo assim, há uma enorme falta de moradia; para aqueles que vivem na clandestinidade é difícil arranjar um lugar para ficar, todos têm medo, pedem documentos em todo lugar.

— Fale mais baixo — sussurrou Juudit.

— Você também está com medo. Você já pensa em alemão?

— Não.

— O apartamento da Valge Laeva é convenientemente ao lado do parque, que oferece alguma proteção. Os bolcheviques destruíram os armazéns em torno do parque. É fácil chegar lá. Você não precisa daquele apartamento, mas outros precisam — argumentou Roland. — A propósito, tem notícias do seu irmão? Seu teutônico não consegue descobrir nem isso?

Juudit abriu a boca de novo, mas nada disse. Hellmuth afirmara que seria melhor esperar a guerra acabar. Então haveria mais chances de investigar o que havia acontecido com Johan. O homem a abraçara, e o toque de compaixão tinha feito Juudit chorar. Ela não queria falar de Johan com Roland; a voz do homem era fria, a garganta dela estava seca, mas não choraria na frente dele. Pegaram a rua Lühike Jalg e começaram a subir as escadas para Toompea. Ela poderia passar por baixo do corrimão e descer correndo para o lado de paralelepípedos da rua, as escadas eram tão cheias, Roland não conseguiria segui-la tão rápido, ela poderia gritar e o assunto estaria resolvido, mas tudo o que conseguiu dizer foi:

— Não posso me envolver em algo assim.

— Não pedi sua opinião. — Roland arrancou a bolsa do braço dormiente de Juudit, revirou-a e pegou as chaves.

Haviam chegado ao fim da rua Kohtu. Na plataforma panorâmica havia novamente um grupo de oficiais alemães com seus binóculos, pessoas da Ostland Film mostrando a paisagem, fotógrafos e repórteres registrando a fronteira de Ostland. Roland levou Juudit

para longe. Nas escadas da Patkuli ele tomou as mãos de Juudit como se fossem um pintinho recém-nascido.

O relógio parecia não ter se movido nem um pouco; o tempo não passava. Ou passava rápido demais, mas nunca andava como deveria. Amanhã, então. Amanhã Juudit iria ao apartamento da rua Valge Laeva cumprir a tarefa que Roland lhe dera. Ela dava voltas no escritório, incapaz de começar a trabalhar, embora houvesse uma pilha de documentos a serem traduzidos ao lado da máquina de escrever. As frases se grudavam umas nas outras quando ela tentava começar. Felizmente, Hellmuth estava mergulhado em trabalho, então Juudit podia se sobressaltar à vontade com o barulho dos escapamentos, com os sons de ambulâncias passando a toda velocidade e com as sombras nos cantos de sua visão. Podia tentar se acalmar andando em círculos, embora cada volta fizesse com que ela se sentisse mais e mais como um animal enjaulado. Hellmuth não sonhava mais com a vida no campo, e sim com Berlim; falara da infância lá, lugares que Juudit tinha de ver, e no fim sua testa se enrugara como papel.

— Talvez algum outro lugar, afinal, algum lugar longe da guerra — propôs Hellmuth.

Ele levava a sério a relação com Juudit, entretanto ela estava pondo tudo em risco: por exemplo, o gesto amável de Hellmuth ao liberar uma mesinha para sua máquina de escrever, aquele escritório mesmo, e os jornais que a criada empilhava na escrivaninha de Hellmuth. Com frequência, ele só fazia uma breve visita ao quartel-general e passava o resto do dia no escritório de casa, pois preferia ouvir Juudit aos intérpretes do trabalho. Juudit traduzia para ele o que estava escrito nos jornais estonianos. Ela não só arriscava aqueles dias, seus melhores dias, como também a possibilidade de enviar jornais em estoniano para a mãe, para quem os jornais não pareciam mais estar disponíveis, apesar de as fábricas de papel estarem funcionando com capacidade total. Os jornais alemães não tinham esse problema. Havia o suficiente de tudo para os alemães e, assim, havia também para Juudit: podia esfoliar o rosto com açúcar, mas não sem Hellmuth.

Juudit continuou a andar pelo escritório. Não conseguiria mais trabalhar hoje, sua pele estava sensível, suas meias pareciam irritá-la. Suas canelas coçavam, como se suas pernas estivessem cobertas por camadas múltiplas de meias de lã, como fazia nos verões de sua infância para protegê-las de cobras. Juudit abriu a cinta-liga e baixou as meias. As varizes na panturrilha direita a faziam se lembrar de Adelina, cujo pai tinha sido executado pelos bolcheviques e cujos restos mortais foram desenterrados da rua Pikk, e da mãe de Adelina, e do cheiro do talco suado quando a senhora bufava, tirando as meias de borracha que usava por causa das varizes. Sua pele estava vermelha. E aquelas veias... Juudit não podia ter varizes, simplesmente não podia, não podia deixar que Hellmuth perdesse o interesse nela, não podia deixar que seus dedos não subissem por suas pernas na escuridão estoniana. As preocupações de Hellmuth aumentaram e, com o departamento de economia, suas viagens também, no entanto ele queria voltar à área em que era especializado. Ultimamente, as carícias dele haviam passado a ter um eco ausente, algo que deixava Juudit mais e mais preocupada todos os dias, a assustava e fazia com que cuidasse de sua beleza ainda mais. Sua vida dependia dos sentimentos de Hellmuth. Caso contrário, não haveria nada.

O barulho da rua fez Juudit se assustar de novo, embora o som fosse apenas de crianças saindo da escola. O relógio marcava meio-dia, mas ela já queria um drinque. Amanhã logo chegaria. Amanhã ela daria boas-vindas aos refugiados. Em trinta horas. E se ela arruinasse tudo? Se ela não soubesse o que fazer? E se fizesse alguma coisa idiota? Se houvesse pessoas que ela conhecia dentre os refugiados? E se ela não fosse? Por que Roland não podia achar outra pessoa para aquela tarefa? Como ele sabia que os programas da guarda costeira que ela obtivera estavam corretos? Como sabia se os pescadores do grupo eram confiáveis? Por quanto tempo eles conseguiriam enganar as inspeções? Seria o dinheiro suficiente? E as serras e as ferramentas bastariam para cobrir os refugiados nos caminhões? E se os pescadores os chantageassem, onde conseguiriam os caminhões e o combustível? Juudit não queria saber. Por que ela não havia se

recusado de forma mais veemente, o que calara sua boca? Stalingrado, Tunísia, Rostov, ou o fato de que havia cidadãos das áreas conquistadas do leste no Exército alemão? Se tivesse confidenciado a situação a Gerda, ela poderia ter pensado em alguma solução, provavelmente teria ordenado que ela usasse seus atributos femininos e dito que Juudit tinha de aprender a mandar em Roland, e não deixar que ele mandasse nela. Mas Juudit não era Gerda, não tinha os talentos instintivos de Gerda para amolecer, flertando, até o oponente mais difícil. Sentia falta de Gerda, dos conselhos de Gerda. Nem uma única carta chegara, embora a amiga tivesse prometido que escreveria.

No dia seguinte Hellmuth não estaria lá para perguntar por que Juudit saía disfarçadamente após o toque de recolher; pela manhã, toda a comitiva, à exceção de Juudit, iria à Vilna por alguns dias. E depois? Juudit não poderia prever quando Hellmuth estaria em casa e quando não estaria. O relógio que parecera lento começava a correr. Tinha de se preparar. Hellmuth logo voltaria para casa, logo as solas dos sapatos dos convidados estariam batendo no chão, o cozinheiro parecia já estar misturando os ovos, Maria colocava a mesa, ela teria de se preparar para a noite, para entreter os convidados. Nervosismo é algo imediatamente visível na pele de uma mulher, teria dito Gerda, e Juudit não podia deixá-lo transparecer. Começou a fazer espuma com o sabonete. Há pouco tempo, Gerda a convencera de que a maciez das pernas era garantida com lâminas, não com sulfeto de hidrogênio. Segundo ela, o sulfeto de hidrogênio tinha um cheiro forte demais, e provavelmente estava certa. O bronzeado de suas pernas era fraco, a pele era pálida, algo tinha de ser feito. Depois do banho e de depilar as pernas, Juudit polvilhou as axilas com pó salicílico, colocou o frasco de volta na prateleira ao lado de uma caneta preta, com a qual antigamente desenhava costuras nas pernas, nos tempos em que não havia meias. A pele escurecida dos cotovelos brilhava no espelho como nuvens de tempestade. Juudit pegou um espelho de mão e tentou ver o quão feios estavam. Maria teria de trazer mais limões. Fora isso, sua transformação de pomba em víbora não era visível na pele... ou será que ela só queria convencer a si mesma disso?

Diante da porta do ss-Hauptsturmführer Hertz, Edgar respirou fundo. Uma luz suave do lobby era filtrada através do vidro verde acima da porta. Edgar endireitou os ombros; o alfaiate fizera um bom trabalho, e ele se assegurara de que a divisa em sua manga estava reta: OT-Bauführer, encarregado das infraestruturas da Organização Todt. Por causa da escassez de equipamento, teria de sobreviver com uma divisa na manga e a carteira de trabalho para começar, mas isso não importava, ele tinha razões suficientes para ficar convencido. Esperara por aquele convite por muito tempo. Depois daquela porta, todo o império seria aberto para ele. Homens da BaltÖl e do Grupo Goldfeld estariam presentes, assim como do Einsatzgruppe Russland-Nord, com cujas operações ele já tivera tempo de se familiarizar. Após os alemães se retirarem do Cáucaso e perderem acesso ao mar Cáspio, eles voltaram os olhos para a Estônia. Edgar havia entendido imediatamente o que isso significava. Os alemães não tinham petróleo e nunca desistiriam da Estônia; o futuro estava no xisto betuminoso e os interesses da BaltÖl seriam priorizados. Embora ele ainda não tivesse estudado a indústria, estava decidido a fazê-lo.

Uma criada levou o casaco e o chapéu de Edgar. Já havia um clima festivo no salão, a foto do Führer estava um pouco torta na parede. O Hauptsturmführer Hertz deu calorosas boas-vindas ao convidado, levou-o ao salão para se juntar aos outros e foi procurar sua namorada na direção do aparador. O ss-Sturmbannführer Aumeier se aproximou de Edgar para continuar a discussão que tinha começado pela manhã, sobre a viagem para Vilna e Riga. Aparentemente inventaram uma máquina interessante na Lituânia que tornava os processos mais fáceis, talvez a vissem em ação no campo de trabalho de Paneriai. Talvez fosse bom ter uma máquina similar em Estland. Edgar falou dos avanços na organização da divisão do trabalho graças à polícia administrativa e ao comandante do terceiro batalhão, Johannes Koort. Em seus regulamentos, eles consideraram prudente manter uma distância de um metro e oitenta dos prisioneiros, mas ainda havia o que negociar a respeito de questões administrativas. O comandante assentiu com a cabeça, tratava-se de uma situação familiar — a ss-Wirtschafter queria manter certas seções sob seu rigoroso controle.

A porta do salão estava aberta, e Edgar, concentrado na discussão agradável, não entendia por que a voz da mulher que falava com Hertz lhe parecia familiar. Então entendeu; não podia se enganar quanto à voz, por mais que o tagarelar ébrio dos convidados estivesse alto. Edgar olhou para as janelas. Não, não podia nem pensar nelas, mas entre as janelas do salão havia uma porta dupla de vidro que devia se abrir para uma varanda.

Ele se encolheu no canto da varanda, pressionando as costas contra a parede, e agarrou a grade à sua direita. A parte de baixo da cortina saía pelas portas, lambendo seus sapatos. Do salão, ouvia saltos batendo, o piso rangendo e uma risada facilmente reconhecível, uma risada feminina. Pular estava fora de cogitação, o apartamento era muito alto. As pessoas estavam prestes a se acomodar para o jantar, Edgar ouviu o Sturmbannführer Aumeier mencionar seu nome e algo sobre precisar de ar fresco. Quando a criada veio chamar a senhora ao telefone, Edgar teve sua oportunidade. Enquanto os passos se afastavam, ele se esgueirou de volta ao salão, trocou algumas palavras com o anfitrião da noite e encontrou o toalete no exato momento em que o som de Juudit se aproximava novamente. Edgar se sentou no chão do toalete, Juudit passou por ele a caminho do salão. Era possível ir do toalete ao corredor e do corredor direto para o vestíbulo. Lá ele encontrou o casaco e o chapéu. Sussurrou para o cozinheiro que subitamente começara a se sentir nauseado e tinha de ir embora, pediu que expressasse seu pesar aos anfitriões pela saída súbita e, mais tarde, enviou um recado dizendo que um carro podia vir buscá-lo quando o grupo estivesse pronto para partir. No dia seguinte estaria bem, bem o bastante para viajar.

Quando, cedo pela manhã, o motorista de Aumeier tomou a rua Roosikrantsi, Edgar, sentado no banco de trás, baixou a aba do chapéu até os olhos, só por garantia. Quando o carro parou e os outros saltaram para esticar as pernas, ele continuou sentado, dizendo que ainda se sentia fraco, que tentaria dormir. Por entre o colarinho e a aba do chapéu, viu como a mesma serviçal que lhe devolvera o casaco na noite anterior correu para fora e quase esbarrou em um faxineiro que

varria as escadas. A normalidade da manhã era tranquilizadora. Cortinas escuras haviam sido erguidas, um perfume de pão fresco vinha da padaria, cavalos levavam cargas pesadas em direção à loja do Exército. Por fim, Hertz apareceu; parou para comprar um cone de amêndoas de um garoto, veio cumprimentar Edgar e os outros com bom humor, e logo foi para o carro. Naquele exato instante a porta se abriu, e Juudit saiu correndo, com uma bata florida que esvoaçava na brisa da manhã. A mesma brisa a levou ao Opel Olympia de Hertz. Juudit se sentou no banco de trás e o homem pôs o braço em torno dos ombros dela, ergueu a mão para acariciar muito gentilmente sua orelha e seus cabelos, encaracolados pelos sonhos. A visão cegou Edgar por um instante, passou por seu corpo como se tivesse acidentalmente bebido lixívia e não houvesse mais nada a fazer. Não podia fazer nada sobre sua natureza letalmente corrosiva, pois aquele toque tinha todo o amor do mundo, toda a ternura, tudo o que é valioso, e tudo isso acontecera em público. Diante de todas essas pessoas, meninos, vendedores ambulantes e limpadores de rua, um capitão da SS se comportou dessa forma, deixando uma mulher correr para a rua em roupas de dormir, deixando que ela corresse até seu carro para se despedir, o vento fazendo a camisola se grudar em suas pernas e a seda se mover nos ombros, e recompensou essa exposição tocando sua orelha. Que indecência, gestos que pertenciam aos lençóis, aos *boudoirs* privados, quanta privacidade no meio da rua, quantos gestos próprios às cadelas! Edgar sabia como os homens eram com as namoradas de guerra; isso era completamente diferente. Tais gestos eram reservados apenas a uma pessoa na vida; para muitos, jamais ocorriam.

O gesto ficou gravado na cabeça de Edgar como um movimento contínuo, no qual a mulher corre em direção ao carro e entra nele e o homem põe o braço sobre seu ombro, ergue a mão para acariciar seus cabelos e tocar sua orelha. O movimento não parava de se repetir na cabeça de Edgar — nem a alegria no rosto de um homem que esquecia tudo, o sorriso de Juudit que fazia os paralelepípedos da rua reluzirem de amor, a luz no rosto dos dois. Edgar não conseguia impedir a imagem mental de Hertz e Juudit na cama, embora não

quisesse saber nada sobre isso, o homem tocando o lóbulo das orelhas de Juudit, o rosto, beijando suas sobrancelhas e seu nariz. Não havia nada de especial sobre o lóbulo das orelhas de Juudit; ela era uma garota simples, cujos dons não incluíam uma beleza especial. E casada, para completar. Que direito tal criatura feminina insignificante tinha de tocar o capitão de forma tão indecente e frequentar os salões aos quais Edgar não tinha acesso? Com que direito ela entrara no mundo dos alemães sem mais nem menos, sem mérito? A mulher entra em um carro, dentro dele acende-se uma luz que significa um momento íntimo, e o homem que a esperava põe o braço sobre os ombros dela, ergue a mão para tocar os cabelos da mulher, o lóbulo da orelha dela; a luz do interior do carro ofusca a luz da rua, torna-se um farol no meio do oceano escuro, e eles próprios não percebem isso, pois não veem o mundo ao redor, não precisam dele; pelo contrário, acendem um ao outro, o homem toca o lóbulo da orelha da mulher, a luz é acesa, a luz deles.

Depois de clarear as ideias, Edgar entendeu que mais cedo ou mais tarde Juudit seria útil na alcova do alemão. A hora chegaria. Antes disso, ele teria de estudar as tarefas dadas por Aumeier, realizar cálculos sobre produção; e ele iria visitar a mãe, perguntar por acaso o que ela sabia da nora. Não mais ansiava viver em Talim — o campo lamacento de Vaivara seria a única alternativa, lá não teria como esbarrar com Juudit.

Pela primeira vez na vida, odiou a esposa.

QUARTA PARTE

“Os agentes fascistas já haviam sido estrategicamente enviados ao país antes de a Estônia ser ocupada por parte das forças nazistas. Um desses agentes era Mark, cuja noiva adotou a ideologia do parceiro. Segundo depoimentos de testemunhas, prisioneiros soviéticos viam com frequência a noiva lavando camisas de Mark que estavam vermelhas de sangue. Ela simplesmente afirmava que ele estivera matando aves para o jantar. ‘Para mim, entretanto, era claro que Mark havia participado da execução de cidadãos soviéticos’, conta a testemunha M. Afanasjev. O assassinato se tornou algo rotineiro para os nacionalistas. Após cada matança, os assassinos organizavam sessões de bebedeira e orgias, das quais a noiva de Mark também participava, sacudindo do vestido as unhas que ela arrancara de cidadãos soviéticos.”

Edgar Parts. *No coração da ocupação nazista*. Eesti Raamat: Talim, 1966.

1963

Talim,

RSS da Estônia, União Soviética

Sentada à mesa, a esposa empurrou as sacolas na direção de Parts, como se esperasse ganhar um elogio por ter feito as compras. A renda rasgada da anágua balançava, uma fumaça azulada preenchia a cozinha. Parts colocou as próprias compras no chão, abriu a janela e empurrou de volta para fora a vinha que entrava; manteve seus movimentos estáveis, embora tivesse se assustado com a presença inesperada da esposa na cozinha. Qual o significado disso? O que ela queria dessa vez? Quando, tempos antes, ela lhe dissera que seria a piada da vizinhança se soubessem que ainda usava ferro a carvão, ele não discutira e comprara um ferro elétrico. Quando ela havia falado que queria toalhas que estavam na moda, Parts não se recusara, obtivera novas toalhas chinesas para substituir as de linho, e tinha se esforçado para conseguir pasta de dente polonesa para pôr ao lado do pó dentifrício. Parts havia entrado na fila para obter permissão de ter uma geladeira, e depois fora três vezes para o fim de outra fila até finalmente conseguir comprar a penúltima *Snaige* do dia. Tudo isso foi deixado sob sua total responsabilidade, porque para as coisas do dia a dia o emprego da esposa na estação de trem era completamente inútil. Caso Parts quisesse salsichas secas, ele próprio teria de arranjá-las, fazendo amizades para comprar salsichas que ainda não tivessem água adicionada pelos vendedores, o que aumentava o peso delas. Era inútil até sonhar com sopa de almôndegas enquanto ele não tivesse conhecidos no mercado de carnes; até ratos eram misturados à carne moída no balcão da loja. Tudo isso consumia tempo de trabalho, mas

ainda assim ele o fazia, para o próprio conforto e para manter os ataques da esposa sob controle. O que mais teria de fazer?

A esposa empurrou as sacolas de compras um centímetro mais para perto de Parts, mas ele nem olhou para elas. Teria de se satisfazer com um jantar frio. Não fritaria costeletas hoje e não olharia o que sua esposa havia comprado, queria ir para o escritório em paz antes que ela começasse a exigir outras coisas.

De repente, a mulher abriu a boca e, com seu bafo azedo, começou a lhe contar que tinha passado a tarde com Kersti, que também trabalhava na estação, e como elas foram a esta e àquela loja e aqui e ali havia uma liquidação e, depois de deus sabe quantas liquidações, acabaram no local de trabalho de uma amiga de Kersti, onde as pessoas se amontoavam na porta dos fundos e elas conseguiram laranjas. Ela empurrou as sacolas de novo e de uma delas caiu uma caixa de bolo. Era Pastilaa, aparentemente fresca, da loja de Kalev. A mulher queria o quê, um carro? Um Moskvitš custaria cinco mil rublos. Era um valor impossível, assim como o era a fila de permissão para carros da fábrica, e ainda não havia promessa de adiantamentos.

— E então fomos ver o novo apartamento de Kersti. A cozinha é um cubículo. Pelo menos na nossa há espaço para comer, sentar, cozinhar; no apartamento de Kersti isso não é possível, embora o lugar seja grande e chique.

— É assim que deveria ser. As pessoas podem comer bem em refeitórios coletivos, quem precisa de uma cozinha grande? — argumentou Parts.

Uma conversa.

A primeira conversa em meses.

Ela olhou para Parts e notou que eles estavam em casa e que estavam sozinhos, apenas os dois. Parts se concentrava em colocar o porco de ontem em pratos e evitava tocar as sacolas de compras da esposa, deixando a caixa de Pastilaa no chão. Ele engoliu em seco, com nojo das grandes e grossas unhas dos pés da mulher, assim como engoliu a pergunta sobre como uma mulher sem filhos teria conseguido um apartamento novo. Um novo amante, talvez? Não podia arriscar a paz para trabalhar à noite. E se ele entregasse à

mulher o envelope marrom que tinha recebido do Gabinete? Dinheiro sempre acalmava as mulheres. O hálito da esposa fedia a remédios. Não havia nada de novo nisso, mas, quando passou por ela, sentiu um leve perfume de xampu, e os cabelos dela estavam excepcionalmente macios. Como se sua mulher quisesse mostrar que estava sã.

— Por que você está falando comigo? — perguntou Parts, enfatizando cada palavra separadamente.

Sua mulher se mexeu um pouco, seu vigor se desfez e ela se calou. As cinzas na ponta do cigarro aumentaram, a xícara de café balançando na mão. Parts fechou os olhos, sem dizer nada. Apenas algumas xícaras do jogo de café não tinham trincos; havia sido um presente de casamento de mamãe. Parts se lembrava do que acontecera da última vez. Sua esposa havia rido e dito que não tinha importância, que não precisavam do jogo inteiro, afinal, não tinham convidados a quem servir.

— Eles estavam tão felizes no apartamento novo... Só isso. Todos simplesmente avançam em suas vidas e carreiras, começam famílias, mas para nós este poderia ser o último dia em Talim. Você se comporta como se não soubesse disso.

Parts olhou nos olhos da esposa pela primeira vez em anos. Os olhos, que antes se abriam tão belamente, agora eram engolidos pela carne inchada. Lamentando, e com palavras amargas, Parts declarou em voz baixa.

— Nunca vou voltar para a Sibéria. Nunca.

Sua esposa ligou o rádio de repente.

— Não vai? Tem certeza? Por acaso ouvi o julgamento de Aine Ervin Mere no rádio e os programas sobre ele. Também fui à casa dos oficiais, fiquei do lado de fora enquanto esperava o espetáculo começar. Sem dúvida estavam cientes de que eu estava presente, mas mesmo assim usei lenço e óculos escuros. Você pode procurar por mim nas suas fotos, com certeza tem várias, não tem?

Parts se sentou. O rádio estava alto e sua esposa baixara a voz, de forma que ele teve de ler seus lábios para entender o que dizia.

— O que você estava fazendo lá? Mere nem estava lá... Ele está na Inglaterra e nunca vai ser extraditado — replicou Parts bruscamente.

— Eu tive de ir. Para saber como seria. Como soaria, que aspecto teria. — Ela acendeu mais um cigarro, o último queimava no cinzeiro.

O barulho do rádio fazia a mesa e as cinzas dançarem.

— Pelo amor de Deus, o julgamento era puro teatro! Ain-Ervin Mere não concordou em continuar trabalhando conosco, é por isso!

— Então ele cometeu um erro. Tem certeza de que você não vai cometer o mesmo?

Parts se recompôs da confusão e disse rispidamente:

— Mere era peixe grande, eu não era ninguém. Esse tipo de encenação não é organizado para peixes pequenos.

— E se eles estivessem procurando justamente por pessoas assim, para usar como exemplo? Você já foi condenado uma vez por crimes antirrevolucionários. Ou acha que ser testemunha de um julgamento o fez herói para sempre?

O cotovelo da esposa empurrou mais uma vez a sacola de compras. Uma laranja caiu da sacola e rolou pelo corredor. Parts refletia se deveria falar a respeito do projeto do livro em mais detalhes. Não. A esposa poderia desfrutar dos resultados do livro, porém não havia necessidade de lhe explicar a abrangência do plano nem a parte que o livro desempenhava nele. Parts encheu uma xícara de café de cereais e se sentou à ponta da mesa. A mulher movia o cinzeiro para lá e para cá, um pouco das cinzas voou para a xícara de Parts. Ele engoliu as palavras furiosas que estavam na garganta.

— Eu não quero ser a próxima — disse a esposa. Parts aumentou o volume do rádio. — Chegaram garotas novas para trabalhar no nosso escritório. Uma delas teve de ir embora imediatamente. Não disseram o motivo, mas Kersti sabia que o pai da garota esteve no Exército alemão. Espero todos os dias. Espero pelo dia em que eles virão me pegar, tenho esperado desde que eles voltaram. Sei que estão vindo.

Parts ainda esperaria antes de pousar os dedos nas teclas da Optima, esperaria até que a esposa tivesse esvaziado a garrafa; enquanto esperava, chupava ossos de porco. Limpou os dedos, abriu a tranca do armário, sacou o diário. O que Roland estivera fazendo depois que brigaram, poderia sua esposa adivinhar? Mamãe e Leonida já haviam

partido enquanto Parts estava na Sibéria, mas teria Roland entrado em contato com elas durante sua ausência, o cuidadoso Roland? Mães sempre sabiam de algo... Bruckner começou a soar no toca-discos da sala de estar. A náusea causada pela conversa pouco usual estava melhorando. Parts pousou os dedos nas teclas da Optima e mordeu o lábio. Ainda podia voltar à mulher, pegar a laranja, descascar para ela, segurar sua mão, pedir que lhe contasse tudo que lembrava, dizer “vamos nos salvar juntos, pelo menos uma vez, pelo menos desta vez poderíamos trabalhar como um time”; eles tinham de se apressar, a mulher o ajudaria a encontrar Roland, ela poderia se lembrar de coisas que ele não lembrava, poderia adivinhar as coisas certas que ele não adivinharia, lugares aonde seu primo poderia ter ido, pessoas a quem ele poderia ter contatado. Poderia lhe mostrar o diário, talvez ela reconhecesse a caligrafia, talvez as pessoas no diário também. E se sua esposa tivesse as chaves para as perguntas relacionadas a Roland? Esse poderia ser o momento certo, talvez ela estivesse assustada o suficiente, talvez estivesse pronta para isso depois de todos esses anos. Por que mais teria entrado no assunto, por que falar que assistira ao julgamento de Mere? Seria esse um sinal de que o orgulho dela havia por fim se partido? Teria sido o desespero, ou a conclusão de que ninguém, além de Parts, poderia assegurar seu futuro? Por que ele não podia dar esse pequeno passo, pegar a esposa pela mão, por que não podia confiar nela ao menos um pouco, ao menos uma única vez?

1963

Talim,

RSS da Estônia, União Soviética

No ano de 1943, Mark teve uma ideia para ganhar toneladas de dinheiro. Como alguns nazistas já haviam entendido que a Alemanha nazista perderia, muitos já tinham outro plano em mente — uma fuga para o Ocidente, onde a intenção era sabotar a resistência ao Terceiro Reich e espalhar o nazismo. Mark começou a ajudar esses miseráveis e a organizar as viagens para que eles fossem acolhidos sem receio nos países ocidentais. Por ter sido um atleta famoso durante a era burguesa-fascista da Estônia, o rosto de Mark era reconhecido e as pessoas o admiravam. Por isso era fácil para ele fazer contatos. Mark solicitou transferência de Tartu para Talim. Já provara seus talentos para as agências de inteligência nazistas, portanto, os fascistas de Talim lhe deram as boas-vindas. Mark havia encontrado um apartamento adequado aonde levava os fascistas para esperar o transporte de barco. O apartamento pertencia à mãe da noiva de Mark, que traíra sua nação com um oficial fascista.

Parts apoiou os pulsos na mesa e enxugou o suor do pescoço com um lenço. O bater dos saltos da esposa soava como uma chuva forte novamente, mas o texto fluía bem. A escolha de palavras, entretanto, era pobre. Uma amante? Cadela fascista? Ele provavelmente não podia usar a palavra “vagabunda”, era forte demais, até mesmo vulgar. Uma mulher que mantinha relações íntimas com um oficial da ss? Uma adoradora de Hitler que estava em um relacionamento imundo com um oficial da ss? A noiva de um nazista? A noiva de um invasor? Ou a expressão mais elegante seria “uma namorada de guerra apaixonada por Hitler”?

Parts pensou na natureza de sua esposa, de suas amigas da juventude, da falecida sogra, tentando encontrar a expressão exata. A esposa com certeza teria encontrado a expressão adequada. Ele se lembrou de um desejo infantil seu, que mantivera desde que voltara da Sibéria para os braços da esposa: que aquele passado comum em um país transformado pudesse criar uma base para o casamento, e que eles tivessem um do outro a compreensão que não podiam esperar de outras pessoas. As premissas eram boas. Sua esposa não havia se divorciado dele, embora muitas o tivessem feito durante os anos que seus cônjuges passaram na Sibéria. Parts não havia recebido uma única carta da esposa; pacotes, sim, até o número máximo permitido. Parts tinha sólidos motivos para ser otimista e, na época do julgamento de Ain-Ervin Mere, ele considerara se deveria tê-la levado às visitas que havia feito aos jardins de infância. Ela poderia ter dado depoimentos como a esposa de uma testemunha heroica, agradecido ao Exército Vermelho pela vida do marido, eles poderiam ter posado em meio a crianças, sua esposa teria segurado um buquê de cravos. Talvez o Gabinete tivesse considerado uma oportunidade como aquela, se eles tivessem tido filhos; ou talvez o Gabinete tivesse visto bem e estivesse ciente do histórico de sua esposa e, portanto, não a considerasse adequada ao ambiente de um jardim de infância. Melhor assim, o colapso total dela fora muito súbito.

Parts pensou que, com base em sua experiência, ele compreendia os impulsos primitivos que às vezes tomavam conta da esposa. Certa vez sugerira a ela que arranjasse um amigo, algum contato com homens jovens. Com certeza isso teria tido um efeito tranquilizante, pelo menos em termos de dar a Parts alguma paz para trabalhar. Ela teria outra coisa em que pensar, outros canais para sua libido e para suas emoções. Mas a reação dela fora simplesmente se fechar em si. Parts ficara magoado. Ao contrário do que sua esposa parecia pensar, ele sabia algo sobre exteriorizar a libido, algo que podia transformar uma vida difícil em tolerável ou até mesmo divertida. Nos campos de concentração, ele aprendera as regras rapidamente; era um mundo regido pelos instintos animais e pelas leis da selva. Os delinquentes de seu abrigo eram rapazes de rosto bonito, e Parts tivera de exibir

habilidades especiais para ser aceito no grupo, mas, depois que fora aceito, a vida havia se tornado tolerável. A partir de então, ninguém ousava escolhê-lo para trabalhos na floresta ou nas minas, e ele conseguira com o médico vaselina suficiente, porque até o doutor precisava de um falsificador, para não mencionar os criminosos. Aqueles momentos de loucura que tivera, entretanto, foram deixados para trás e as memórias se afogaram em sua mente como gatinhos indesejados em um rio; a mão forte e suada do *blatnői* em sua nuca se desvanecera nos anseios do passado.

Havia conversado sobre o estado da esposa com um médico e este dissera que as suspeitas de Parts provavelmente estavam corretas. O vazio no útero certamente era a causa da instabilidade da mulher, talvez ela fosse infértil. O especialista recomendara uma visita ao seu consultório. Parts não tivera coragem de sugerir tal coisa para a esposa, embora a esterilidade também fosse uma causa conhecida de instabilidade mental. Se houvesse um filho envolvido na vida deles, ela teria tido outras coisas com que se preocupar durante os julgamentos, e o colapso poderia ter sido evitado, pelo menos em parte. Além disso, eles poderiam ter oferecido uma vida boa para uma criança, que teria se tornado um bom partido quando adulta, graças à moradia unifamiliar e à posição respeitável de Parts. Ele mesmo não teria se incomodado com a chegada de um bebê e, de fato, tentara agilizar a questão algumas vezes apelando aos deveres matrimoniais, até se mudar de volta ao sofá-cama, que no fim havia arrastado para o escritório. Manter as aparências de uma família normal era difícil sem filhos, e manter contato com o Gabinete seria mais fácil se fosse possível visitar outras famílias com crianças. Talvez o trabalho fluísse melhor se tivesse um filho em sua companhia. Parts falaria com o Gabinete: tinha ouvido dizer de alguém cujo recrutamento fora aceito após uma adoção ser arranjada dentro de uma semana.

Por causa das crianças, ele havia parado de andar em Pirita. Lá, proliferavam os pequenos que riam demais, os sons irritantes de piões, o progresso desengonçado dos carrinhos de bebê e os passos desequilibrados daqueles que haviam acabado de aprender a andar. Certa vez vira um pai controlando um aeromodelo com o filho. O

aeromodelo descrevera um oito contra o límpido azul do céu; Parts erguera as mãos no ar para sentir a brisa, absolutamente perfeita para fazer voar um aeromodelo, e diminuía o passo. Ele queria contar algumas histórias ao garoto, talvez como Aleksandr Fiodorovitch Avdeiev abatera a tiros o renomado Walter Nowotny na ilha de Saaremaa. Aleksandr havia sido um homem bonito, como os pilotos sempre são, e seu avião, um Polikarpov I-153, era como uma bela gaivota. Mas asas semelhantes às de uma gaivota eram ruins, e a produção fora suspensa. Os olhos do garoto teriam se arregalado de deslumbramento, ele iria querer saber mais, e Parts teria contado como o avião tinha descido rodopiando selvagememente na ocasião em que ele mesmo pilotara um Polikarpov. O menino teria prendido a respiração de empolgação. Parts teria dito que poderia ter se espatifado no chão, mas calmamente havia puxado a alavanca para o lado oposto ao da rotação, fazendo o avião parar de rodopiar; sua própria cabeça, porém, ainda rodava, e ele tinha sentido que o avião girava na direção oposta. Mas isso era totalmente normal, desafios de pilotos; era o que teria dito, e teria dado um tapinha no ombro do garoto, prometido que eles poderiam mais tarde ir comprar figurinhas de aviões e perguntado se ainda iam pilotar o aeromodelo, e o garoto teria assentido com a cabeça, e então eles teriam assistido juntos à subida do aeromodelo...

O som dos saltos da esposa derrubou o aeromodelo. Parts abriu os olhos e, em vez do céu azul, viu os papéis de parede amarelos cheios de bolhas do escritório e o armário marrom-escuro com acabamento em verniz, do qual Parts limpava impressões digitais com o canto de um lenço sempre que as via. No armário, ele havia escondido alguns álbuns de filatelia obtidos ainda virgens da seção de papelaria de grandes lojas de departamentos. Eles eram dedicados a selos de aviões.

O suporte de papel havia se entortado com o peso de sua cabeça, as barras das teclas se enroscaram umas nas outras. O camarada Parts limpou a baba seca do queixo. Um relógio de carrilhão bateu meia-noite. Uma boa mulher teria vindo acordar o marido, não teria

deixado que ele adormecesse em uma posição desconfortável. O camarada Parts afastou a cadeira, foi trancar o escritório e abriu o sofá-cama; não conseguiria mais trabalhar naquela noite, de qualquer maneira. Talvez o menino do aeromodelo ainda voltasse para seus sonhos. Ainda teria histórias para contar sobre o encontro com ninguém menos que Lênin, sobre como Lênin contara à mãe dele que um dia seu filho seria piloto, o garoto tinha claramente a visão aguçada de um piloto. Quando o sofá-cama se abriu, Parts compreendeu: estava tão só que tinha de encontrar companhia nos sonhos. Sentou-se no sofá por cima dos lençóis, o cansaço tinha desaparecido. A lua cabia na janela redonda como uma luva, e puxou as cortinas, assegurou-se de que nenhuma fresta ficasse entre elas, tirou o papel amassado da máquina de escrever, limpou a mesa um pouco e abriu o diário em uma página que ainda o fazia sorrir, que o confortava. À primeira leitura tinha ficado desapontado, pois nada parecia se referir a ele. Era algo que temera, ou pelo menos pensara nisso com uma desconfiança desagradável. Então relera o diário: “Mas não tínhamos falsificadores bons o suficiente. Faltava um Mestre, um Mestre que pudesse talhar carimbos incrivelmente reais. Sabemos que tais especialistas existem, mas eles não estão aqui conosco.” Levou algum tempo até perceber que sorria. Precisaram dele. Um Mestre. Ele era um Mestre. Parts anotou as palavras no mata-borrão. A caneta parou. Havia escrito com a inicial maiúscula, porque estava assim no diário. Fechou os olhos e os abriu novamente, leu o diário a esmo por um tempo sem encontrar o trecho que procurava. A conclusão clareou sua mente. Ele estivera cego.

Inicialmente as frases curtas de Roland haviam incomodado. Parts tivera certeza de que não tiraria nada delas. Sem nomes, sem localizações. Apenas relatos chatos sobre o clima e lindos nasceres do sol, o movimento antiálcool, condenando o consumo de bebidas com palavras duras. Mas Parts deixara que as descrições triviais o ofuscassem, seu primo tinha conseguido enganá-lo. Os textos continham de fato relatos de pessoas reais codificados. Leria o diário novamente, uma palavra por vez, até conseguir listar todas as palavras formadas por letras maiúsculas, até aquelas que não

pareciam ser nomes. Estudaria cada expressão como se pudesse significar outra coisa. Como se pudesse ser um nome.

Depois de dez páginas, Parts notou que sua atenção voltava a fraquejar; notas sobre a dificuldade de obter tinta e papel e a irritação causada por tintas mal misturadas continuavam página após página. Papel valioso fora estragado por uma mancha de tinta, partes do jornal que vinham editando ficara ilegível, e Roland havia ficado furioso. Das páginas que relatavam as precauções dos ilegais, Parts notou um detalhe adequado ao próprio livro: o fato de que os homens que invadiam casas furtivamente para comer usassem pratos comuns para que fosse mais fácil fugir rapidamente e não tivessem de se preocupar se alguém se esquecera de guardar os pratos extras da mesa. Um bom exemplo da malícia fascista, um detalhe autêntico que deu aos dedos de Parts uma nova velocidade: voavam de uma linha para a outra, das cabanas repletas de fumaça das lamparinas de querosene aos sapatos com buracos na sola, tchekistas vasculhando as florestas, uma operação na qual todos os grandes rochedos do bosque foram revirados à procura de esconderijos, as dificuldades de consertar rádios e a alegria de conseguir mimeógrafos. Reflexões sobre o quão difícil era encontrar bons escritores para os jornais, planos sobre criar um corpo específico de imprensa e, mais uma vez, uma boa descrição da malícia dos fascistas, que Martinson certamente não usara: um agente secreto que havia se infiltrado nos Irmãos da Floresta se entregara ao fazer uma simples pergunta a Roland sobre os últimos resultados esportivos — se Roland soubesse os resultados, poderia ser deduzido que seu rádio não estava a mais que um dia de distância. Além disso, ninguém que pertencia ao grupo teria perguntado tal coisa. Os olhos de Parts voavam de uma linha para a outra; de vez em quando ele anotava palavras escritas com a inicial maiúscula, seus dedos percorrendo ferozmente relatos bastante inteligentes de notícias estrangeiras, páginas sobre a espera pela guerra, uma guerra que nunca veio, uma guerra que libertaria a Estônia, uma guerra descrita com palavras cheias de amargor e páginas furiosas sobre a coletivização ocorrida após as deportações de março.

A vinha bateu na janela. Parts fechou o diário, encontrara o que procurava: “Mas meu Coração está seguro, isso me traz grande conforto. Meu Coração não fugiu como os ratos para a Suécia e, ainda assim, meu Coração não acabou na Sibéria. Muitos outros acabaram naquela estrada, incluindo aquele que prendera meu Coração na igreja.” Roland havia escrito Coração começando com letra maiúscula, assim como Mestre. “Perdi meus parentes, mas não meu Coração, e minha família não me traiu. O futuro não está perdido.” Parts já lera as frases antes, mas não havia entendido que lá estava a chave, Coração, escrito com a inicial maiúscula. Tratava-se de um codinome, talvez até da noiva. A primeira nota sobre Coração datava de 1945. As palavras sobre a Sibéria foram escritas em 1950, depois das deportações de março; o desespero realmente crescia e, sem dúvida, a erradicação do banditismo fora a primeira e mais importante tarefa do novo ministro da Segurança, Moskalenko. O homem tinha feito um bom trabalho, mas no diário não havia indicações claras de quando o marido de Coração havia sido levado, e a referência à igreja tinha de significar um casamento. Talvez ele tivesse sido preso logo no início da era da União Soviética, talvez apenas durante as deportações em massa. O alívio das palavras no diário dava a entender também que Roland temera pela mulher: na primavera de 1949, os trens para a Sibéria ficaram lotados principalmente de mulheres, crianças e idosos, das quais muitas eram familiares daqueles que foram levados antes, ou parentes ou ajudantes dos Irmãos do Bosque.

Parts foi até a cozinha, pegou a gordura das costeletas da noite anterior e a espalhou em uma fatia de pão. A União da Luta Armada fora efetivamente liquidada, as deportações deram conta dos simpatizantes, seus grupos foram reduzidos a um número insignificante, absolutamente qualquer um podia ter se infiltrado como tchekista; ainda assim, Roland escrevera sobre o futuro. Por que fazia distinção entre parentes e familiares? Quem considerava como parentes, quem como família? Ele se referia ao seu grupo na floresta como família?

Isso não era importante. O importante era Coração, a mulher cujo marido tinha sido levado à Sibéria. Uma mulher que podia ser

encontrada e que provavelmente sabia mais sobre Roland que qualquer outra pessoa. Poderia o Gabinete concordar que Parts procurasse, dentre aqueles levados à Sibéria, por um homem cuja esposa havia ficado na Estônia? Provavelmente não. Como ele poderia justificar seu pedido? Poderia o camarada Porkov lhe passar a informação como um pequeno favor pessoal? Como Coração conseguira escapar dos campos de concentração, estivera ela na floresta com Roland? “Perdi meus parentes, mas não meu Coração.” Teria Roland se envolvido com uma mulher casada? Que tipo de mulher ela era? Seria a amante de um líder dos bandidos, a cozinheira do grupo, ou teria ela apenas ajudado os ilegais? Teria morado na floresta, teria participado das atividades da União da Luta Armada? A União não era mencionada no diário, mas os corpos encontrados na cabana pertenciam a ativistas da ULA. E teria Roland, o cuidadoso Roland, compartilhado o que sabia com Coração? Seria o caso de não apenas ter de encontrar Coração porque ela poderia levá-lo a Roland mas também porque Roland dividira um momento de sua vida com ela, porque Coração podia saber tudo o que Roland sabia? Estaria Parts pronto para correr esse risco? A maioria dos pilotos abatidos não via o ataque até ser tarde demais. Ele poderia cometer um erro parecido. Parts mordeu a língua, sentiu gosto de sangue na boca. Roland realmente teria se aberto para Coração? Parts se lembrava de como Roland protegia Rosalie. Teria sido ele assim em relação a Coração? Ou teria a solidão o levado a conversas desesperadas? Teria ele dividido tudo com seu Coração? E, acima de tudo, seria Coração uma ameaça para Parts? Se o casamento de Parts tivesse sido diferente, ele teria conversado sobre o problema com a esposa, pois Coração, o personagem do diário, era precisamente o tipo de enigma para o cérebro feminino.

Parts jamais voltaria a ser tão descuidado como havia sido no passado em relação a Ervin Viks. O choque fora grande quando tinha entrado no escritório do departamento especial do campo em Tartu: Ervin Viks estava sentado a uma mesa, assinando documentos referentes a tarefas especiais, como o próprio afirmara ao se levantar para o cumprimentar. A carreira de Parts estava em um bom ponto,

estivera visitando fábricas com os alemães, e subitamente um antigo colega de seu tempo no Comissariado de Assuntos Internos do Estado estava diante dele. Os olhos de Viks se fixaram nos seus, o reconhecimento os unira mais fortemente que qualquer cama poderia unir amantes; Viks fizera um gesto discreto porém eloquente: deslizara a mão pelo pomo de adão como se cortasse o pescoço. O capitão que tinha vindo com ele pegara alguns documentos da mesa e lia alguns fragmentos; Viks se oferecera para apresentar as tarefas especiais, mas o tempo era curto. Eles saíram, deixando um cheiro de bebida alcóolica na sala. Quando havia cruzado o pátio, temera constantemente que algum dos prisioneiros o reconhecesse e gritasse seu nome: Edgar! Depois de deixar o campo, praguejara em voz alta. Por que não havia verificado o paradeiro de Viks? Ele era o único que restava dentre os colegas que sabiam que havia trabalhado no Comissariado de Assuntos Internos do Estado antes da chegada dos alemães. Viks provavelmente já havia limpado a própria barra; ele tê-lo esquecido devia ter sido um erro, um descuido, ou talvez assumira simplesmente que já haviam dado cabo de Parts. Ele também tinha cometido um erro. Como era possível não se lembrar de Viks, considerando sua contagem de mortos? Viks era um daqueles profissionais cuja especialidade, a habilidade de matar, era sempre necessária. Isso o levava à liderança do B4. Mais tarde, ele havia se perguntado se deveria tentar se aproximar de Viks ou se manter longe. Por causa da alta posição de Viks, Parts não se livraria facilmente dele, mas Viks poderia se livrar de Parts com facilidade. Tudo que podia fazer era esperar que Viks tivesse se tornado um homem tão atarefado que não tivesse tempo de perseguir subordinados. Além disso, Viks havia feito, de certa forma, um favor para ele no campo de Tartu ao ordenar a eliminação de milhares de funcionários do Comissariado de Assuntos Internos do Estado e seus colaboradores. Subalternos, informantes, simpatizantes, bolcheviques. Viks limpava o caminho para ambos.

Parts decidiu ter coragem e apresentar seu pedido ao camarada Porkov. Teria de conseguir uma lista de exilados cujas esposas haviam ficado na Estônia. Era uma tarefa descomunal, mas poderia encontrar

o que procurava, e aquela poderia ser a informação que levaria a uma descoberta definitiva.

1963

Talim,

RSS da Estônia, União Soviética

O camarada Parts mantinha o diário no fundo falso de uma gaveta que ele originalmente reservara para o álbum de fotos. Entre o fundo falso e a lateral da gaveta, havia colocado um pedaço de fio imperceptível, que até então sempre estivera no lugar ao abrir a gaveta. Roland era igualmente cuidadoso em relação ao seu Coração no diário: cuidadosamente protegido de estranhos. Ou não, ele fora ainda mais cuidadoso, até mesmo jogara fora a foto de Rosalie. Ernst, por outro lado, ainda olhava para Parts na capa do álbum. Parts pegou a foto e foi até a lareira, mas o som de saltos acima de sua cabeça deteve a mão no caminho para o fogo. Em sua cabeça, dividira tudo com Ernst Udet, e Ernst sempre o havia compreendido. Soubera aconselhar movimentos evasivos e táticas tão inestimáveis a Parts como o foram para Ernst em suas batalhas. Todos precisavam de uma pessoa como ele, alguém compreensivo; Roland também. Teria Coração substituído o vazio deixado por Rosalie? Teria seu primo dividido suas memórias com Coração, colocado sua cabeça no peito de Coração e contado a ela tudo o que pesava em sua alma, e também coisas que horrorizavam Coração, coisas que aumentariam ainda mais o medo dela? O salto da esposa bateu novamente, estourou no ouvido de Parts, seu olhar se voltou para o teto; o teto rachou, guinchou como um cachorro que levou um chute, os pés da cama no andar de cima arranharam o piso. Parts se levantou, trancou o álbum novamente na gaveta, colocou o fio de volta no lugar e começou a andar pela sala. Seus pés seguiram a trajetória do som dos saltos e, ao notar isso, ele

parou. Embora sua esposa estivesse tentando enlouquecê-lo, a tentativa seria em vão. Parts se virou novamente para o diário. Ainda não sabia como justificaria o pedido de material para o Gabinete, como explicaria a necessidade da lista de nomes. Tal pedido peculiar precisaria de uma justificativa forte. O que Ernst faria, que ideia ele teria? Ernst havia sido responsabilizado pelo declínio da Luftwaffe, mas não fora culpa dele, e sim de uma dor de garganta cujo único remédio era uma cruz de cavaleiro no pescoço. A responsável fora a ganância dos pilotos por fama e honra.

Parts estreitou os olhos, estalou os dedos, e, uma vez que o andar de cima se silenciou, teve uma ideia para uma história. Diria ter se lembrado de uma pessoa antissoviética, alguém que agira como ajudante de Karl Linnas e que seria de enorme interesse do Gabinete, uma mulher cujo marido ele havia conhecido quando estivera no campo de concentração e ficara surpreso que o homem fora levado, não a mulher, embora tenha sido ela a figura ativa. Parts simplesmente não conseguia se lembrar do nome dela, mas certamente se lembraria se visse a lista. A explicação era fraca, admitia. Mas o apelo de Linnas não deveria ser subestimado, nem o fato de que Porkov não resistiria a uma oportunidade de brilhar, se conseguisse outra prova de sua eficiência. A vaidade dos capitães seria sua arma.

As falhas do próprio Parts se relacionavam com a mesma questão. Ele tratara o diário com arrogância demais, tinha considerado Roland alguém mais simples que ele e, portanto, uma pista-chave passara despercebida. Isso jamais voltaria a acontecer. Por essa razão havia aberto o diário novamente, embora o conhecesse quase de cor àquela altura, até mesmo cada palavra de um relatório de duas páginas relacionado à especialidade dos russos na guerra bacteriológica e a preocupação que isso causava nos americanos. Tinha de haver algo ainda, com certeza havia. Tinha de haver mais que apenas Mestre e Coração. No Gabinete, teriam mais capacidade de decifrar os textos criptografados, desnudar códigos; aquela não era a especialidade de Parts. Mas ele ainda não desistiria. Parts continuou até o ano de 1950, até Roland deduzir que ambos os lados tinham medo um do outro.

“Ninguém menciona a Estônia. A Estônia desapareceu do mapa como um corpo não identificado em uma guerra.” O texto exalava certa amargura ao explicar que aqueles que se juntavam aos batalhões de destruição foram deixados sem provisões: “Quem vence não precisa negociar. É por isso que os comunistas não têm de negociar conosco.” Nada relacionado à família ou a conhecidos. “Os ratos deixaram o barco e foram para a Suécia. Nosso barco está furado e não tenho certeza se podemos impedir que afunde.” Mais lembranças dos primeiros anos na floresta com um sentimento de vitória; com “a formação de departamentos”, ele claramente queria dizer a fundação de seções regionais da União da Luta Armada. As linhas que falavam disso eram confiantes, satisfeitas. Roland devia ter viajado pelo país, encontrado as pessoas-chave de cada seção. Ele tivera uma rede ampla, onde estavam aqueles homens agora, quem eram eles?

Parts notou que estava, mais uma vez, impressionado com como as frases curtas de Roland caíam bem no texto escrito, embora elas o tivessem incomodado quando Roland falava; escritas, elas tinham certa beleza, eram quase desengonçadamente poéticas. “Oito mortos, quem nos ouve? Sete ontem, quantos amanhã? A falta de sangue novo nos deixa exaustos, o cansaço nos faz adormecer.” E, mais uma vez, uma menção a Coração: a palavra estava borrada ao pé da página. Coração conseguira apaziguar o mal-estar que as palavras de um comentarista austríaco no rádio causaram entre os homens. O austríaco tinha certeza de que não haveria guerra para libertar a Estônia. “Quando por fim formos livres, todos vão se tornar patriotas, e quantos novos heróis teremos então? Mas, quando a pátria está em perigo, os mesmos se arrastam de joelhos e acompanham a maré, mordendo iscas baratas e lambendo as botas dos grupos de traidores para caçar nossos irmãos pelo simples privilégio de poder fazer compras nas lojas especiais.”

Parts animou-se com um sanduíche e foi até a cozinha. No corredor, seu pé tocou uma ratoeira deixada pela esposa; havia lenços embolados no chão, inclusive alguns roubados da gaveta de Parts. Chutou-os para longe, mudou de ideia e, com a ajuda de uma pá, jogou-os no lixo. Fazer sanduíches clareava sua mente: apesar da

natureza poética da linguagem de Roland, Parts não acreditava que ele tivesse interesse em poesia. Pelo menos não tanto a ponto de escrever páginas e páginas daquilo, a não ser que houvesse uma razão específica para isso. Os pensamentos de Parts se voltaram ao poema intitulado “Cabeça de Repolho”, que tratava do significado da arte. De acordo com Roland, o poema era individualista demais, não ajudaria o movimento. Ele considerava o texto desleal, questionava suas motivações e ao mesmo tempo criticava os poetas da nação. Parts se lembrava muito bem de um trecho: “Criaturas com tão poucos talentos que se chamam de poetas. Preferem delatar e então nadar às fileiras de autores soviéticos, círculos nos quais até alguém com poucas habilidades tem a chance de enriquecer, de ter uma boa vida. Meu desprezo não tem limites, mas por sorte Coração segura minhas mãos. Cabeça de Repolho não merece isso.” Roland mais uma vez havia enganado Parts. Cabeça de Repolho não era um poema, mas um poeta. Roland duvidava da lealdade de Cabeça de Repolho, não porque ele estivesse preocupado com um poema aleatório, mas porque era uma pessoa.

Se a situação de Cabeça de Repolho havia sido regularizada desde então, seria fácil encontrá-lo; ele poderia saber algo sobre Coração. Talvez pudesse adicionar o nome de Cabeça de Repolho à solicitação que apresentaria a Porkov. A fragilidade das justificativas não seria maior por causa de um nome extra, mas ele não podia tornar isso um hábito. Antes de fazer o sanduíche, Parts preparou um copo de água com açúcar. O leite estava vencido de novo.

QUINTA PARTE

“Mark, que era conhecido como o braço direito de Linnas, ganhou fama por sua crueldade, mas quem era este Mark, afinal? Nenhuma das testemunhas oculares e nenhum dos sobreviventes do tratamento horrendo de Mark sabia seu sobrenome. Talvez fosse bom descrevê-lo, falar de seu histórico. Ele era um fazendeiro comum até se tornar um entusiasta da ideologia fascista e começar a frequentar suas reuniões. Encontrou uma esposa com uma ideologia parecida. Eles sentiam um ódio particularmente profundo do comunismo.”

Edgar Parts. *No coração da ocupação nazista*. Eesti Raamat: Talim, 1966.

1943

Reval,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

Faltavam apenas algumas horas. Os adultos estavam acordados, sentados em trouxas de lençóis e fronhas, as crianças dormiam nas camas de ferro. Ou fingiam dormir. A respiração delas não soava como sono, os olhos de algumas brilhavam abertos e se fechavam rapidamente assim que encontravam os meus. Notei que Juudit observava os refugiados, e eu a observava. Ela estava agachada ao lado de uma mulher idosa e a conversa das duas perturbava meus ouvidos como se estivesse cheia de segredos, embora Juudit provavelmente não fosse partilhar seus assuntos particulares ali, no meio de estranhos. Ela se moveu para ajudar um homem sofrendo de dor ciática que havia tirado a camisa em frente ao forno e, com uma pena de ganso, começou a espalhar ácido sulfúrico em suas costas. O cheiro advindo do procedimento fez meu nariz formigar; a sala completamente cheia já era tensa, e com todos os gemidos soava como uma garrafa vazia, porém as mãos apaziguadoras de Juudit me confortaram. Parecia ter encontrado as palavras certas para as mentes em pânico, ela sabia que ninguém devia perder o controle ao entrar em um caminhão. Eu não poderia ter escolhido ninguém melhor para receber as pessoas. Outros duvidaram quando eu dissera que havia encontrado um novo apartamento como ponto de chegada e uma nova pessoa para receber os refugiados; tinha chamado Juudit de Linda. Eu prometera que ela era confiável, não dissera nada sobre seu relacionamento com um alemão. Lembrei-me também de que, quanto

mais Juudit estivesse envolvida nessa atividade, mais certo era que manteria a boca fechada. Migalhas de informação úteis tinham começado a sair de sua boca, e suas opiniões pareciam vacilar sobre tudo que estava relacionado aos alemães.

Aquela ocasião foi particularmente delicada. O discurso de Hjalmar Mäe suscitara em alguns um sentimento de esperança de que a mobilização seria o primeiro passo para a soberania. Vi a hesitação no rosto dos refugiados, a vontade de acreditar nas palavras de Mäe. A credulidade daquela gente nunca deixava de me surpreender. Ou seu desespero. Entretanto, a cada dia aumentava o grupo de pessoas que não acreditava em uma vitória da Alemanha, nem nas promessas do Reich sobre a independência da Estônia ou sobre o aumento de sua autonomia. Ninguém queria ficar e esperar por outra carnificina, as pessoas estavam certas de que os bolcheviques estavam vindo. O clero falava do retorno de um Estado sem Deus.

No ano seguinte transportaríamos muitos desertores do Exército alemão, mas já havíamos começado o processo: era possível reconhecê-los pela postura. Eram rapazes corajosos, com olhos ardentes e prontos para lutar assim que o barco alcançasse águas finlandesas. Secretamente, eu esperava que conseguíssemos formar uma unidade estoniana com eles, que iria se tornar a base do novo Exército estoniano uma vez que a Alemanha se retirasse. Então poderíamos nos aproveitar da oportunidade, como havíamos feito em 1918 quando expulsamos os vermelhos depois da retirada alemã e conseguimos nossa independência. O capitão Talpak já estava na Finlândia preparando as coisas para a unidade. Minha confiança nele era grande, e me referia a Talpak sempre que os rapazes perguntavam sobre o Exército da Estônia. O capitão se recusara a cooperar com os alemães e muitos seguiram seu exemplo. Antes de escapar, Richard tivera tempo de escrever cartas de recomendação aos nossos garotos no B4 dizendo que evitassem ir para a linha de frente, mas que fossem para um treinamento como operador de rádio em Riga e voltassem para nossas tropas. Os primeiros já haviam feito isso e estavam esperando pela partida dos alemães.

Mais algumas horas e o momento chegaria. Juudit veio até mim com ar tímido. Abri bastante espaço ao meu lado. Ela se sentou à distância de um palmo, pegou o cigarro que ofereci e o acendeu com o fósforo que eu havia acendido. Alguns dos seus cachos estavam grudados no rosto; os cílios trêmulos eram um sinal de nervosismo. Notei que seu anel azul, preto e branco voltara para a mão esquerda.

— O que vamos fazer com os porcos? — murmurou em meu ouvido. Um perdigoto atingiu minha orelha. Limpei-o. Sentia o calor de seu corpo e parecia um calor alemão; não gostei. — A família do padre se recusa a deixá-los.

— Então vamos dizer que foram roubados.

Ela assentiu com a cabeça.

A organização de exílios era cada vez mais cara, os preços haviam subido e os especuladores brincavam com o desespero das pessoas. Quem não tinha dinheiro precisava encontrar a própria rota de fuga ou ficar. Mas isso não era o bastante; mesmo dentre os refugiados, muitos queriam jogar sujo. Os barcos tinham espaço limitado e, ainda assim, havia muitos padres como este. Muitos matavam os animais antes de partir e embalavam a carne para levá-la consigo, mas o padre aparentemente pensava que na Suécia conseguiria um preço melhor por porcos vivos.

— Fique de vigia aqui — pedi, e me dirigi à saída. Eu levaria os porcos para o porão das ruínas, até que algum de nós viesse pegá-los.

— O que há para vigiar aqui? Vou com você.

Na escadaria escura, Juudit pousou a mão no meu ombro. Afastei-a. A voz dela ficou tensa.

— Eu sei que você tem problemas comigo, mas não há coisas mais importantes em jogo?

— Você é como todos os outros.

— O que quer dizer?

— Você está preparando um bom futuro para si — retruquei, com uma raiva desnecessária.

— Roland, eu ainda penso em estoniano.

Comecei a descer as escadas com cuidado, segurando o corrimão. A lua estava escondida, a noite era perfeita para a viagem.

— A Alemanha não vai perder — continuou Juudit.

Bufei, um som carregado de escárnio, e ela notou.

— E eu nem estou ganhando dinheiro para isso — observou ela. — Ao contrário de Aleksander Kreek e sabe-se lá mais quem. E você também.

— Não faço isso por dinheiro — gritei de repente.

Juudit se deteve e começou a rir. A risada se espalhou pela escadaria e queimou o oxigênio de tal forma que o ar não se movia mais no meu peito. Teria ela pensado que eu estava juntando dinheiro para mim, para que eu pudesse fugir pelo mar? Ou só queria me provocar porque eu a provocara sobre seu alemão?

O corrimão balançou, Juudit se apoiou nele, e tive de soltar minha mão, as escadas balançavam com o peso da risada. Lá embaixo, uma porta abriu e fechou, alguém tinha saído para dar uma olhada no corredor. Agarrei Juudit pelos ombros e a chacoalhei, de sua boca aberta veio um cheiro de barões bálticos, um fedor quente e nauseante; tive de levar a mão ao nariz. Com a outra mão apertei o braço dela, quase quebrando sua frágil ulna. Ela não parou, a risada atingiu meu corpo, sacudindo-o, desdenhando da minha impotência. Deveria simplesmente tê-la silenciado, mas eu não sabia o que fazer, pois podia senti-la perto de mim, como um passarinho na palma da mão.

— Você quer que descubram a gente? Acho que sabe o que eles fariam com você. É isso que você quer? É isso que você deseja?

Prestei atenção para ouvir o barulho da vizinha do andar de baixo e os sons da rua. Talvez a vizinha tivesse chamado a polícia e fosse necessário evacuar o apartamento, mas o caminhão ainda levaria horas para buscar o carregamento. Com a mão livre, toquei minha Walther, e meu equilíbrio frágil falhou. Juudit cambaleou e nem tentou se soltar. Rolamos escada abaixo até o patamar; o corpo leve de Juudit caiu por cima de mim, minha mão ainda apertando seu braço, sua boca aberta perto da minha, seus seios saltaram da blusa; no silêncio, seu cheiro mudava, salgado como pedras no mar, e sua língua, como um peixe escorregadio, nadou para minha boca. A deslealdade que há em mim fez com que minha mão soltasse seu

braço e fosse para seus quadris, e aconteceu o que não deveria ter acontecido.

Quando saímos ao pátio, ajeitei minhas roupas muitas vezes. Juudit lavou as mãos na água gelada de chuva em um barril. Não olhamos um para o outro.

— Você acha que sua vizinha vai chamar a polícia?

— Vizinha?

— Sua vizinha veio até a porta.

Juudit pareceu se assustar.

— Não, não vai chamar, ela conhece minha mãe. Vou conversar com ela quando entrarmos.

— Vamos ter de dar dinheiro a ela?

— Roland, a senhora é amiga da minha mãe!

— Nesses tempos, paga-se até aos amigos. Estranhos demais frequentam este lugar, e sua mãe supostamente ainda não sabe o que está acontecendo.

— Roland!

— Dê dinheiro!

— Vou dar cupons de alimento a ela. Direi que não preciso deles.

Tomei a mão úmida de Juudit e a apertei contra os meus lábios, que ainda tinham o gosto salgado de sua boca. Sua pele recendia a outono, a gotas de chuva sobre maçãs maduras. Contive meu impulso de morder sua mão. Aonde tinha ido aquele cheiro de alemão de antes? Agora ela recendia a meu país, a alguém nascido no meu país e que seria enterrado no meu país, a uma noiva própria do meu país; imediatamente senti uma enorme necessidade de pedir desculpas por tê-la tratado mal em tantas ocasiões. As estrelas cintilavam por trás das nuvens e em seus olhos e eram como pombos-bravos banhados em leite. A escuridão dissimulou meu desconforto e não abri mais a boca. Gentileza não combinava com aquela época nem com aquele país.

Pus a mão no ombro dela e enrolei um cacho de seu cabelo no dedo. Seu pescoço tinha a maciez de tempos de paz.

1943

Reval,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

Edgar olhou rapidamente para o ss-Hauptsturmführer Hertz, que estava sentado ao seu lado. Suas costas se apoiavam no encosto do Opel; suas pernas, esbeltas e viris, estavam afastadas; parecia entediado com a viagem, olhava constantemente para o relógio, era claro que queria chegar logo ao destino e provavelmente de volta a Talim. Isso não era um bom sinal; Edgar havia se preparado com cuidado para a visita, atualizara os números que aguardavam organizados na pasta. Planejara muito bem a apresentação dos avanços da fábrica de Vaivara. Ao mesmo tempo, teria de avançar em outros assuntos também. Já havia concordado antecipadamente com o ss-Obersturmführer sobre os tópicos que eles deveriam enfatizar. Teriam de conversar sobre prisioneiros de guerra, sem os quais seria difícil fazer Vaivara ser bem-sucedida. A lista do próximo comboio de prisioneiros estava novamente cheia de nomes judaicos, e os judeus não eram responsabilidade da Organização Todt; o próprio Edgar não podia fazer nada se os outros se recusavam a falar do assunto. Era preciso encontrar uma solução, Hertz teria de ouvir Bodman, que era, afinal, o médico-chefe do campo. Porém, ao mesmo tempo sua mente refletia sobre o relacionamento entre o capitão e Juudit. Nesse mesmo carro, a mão dele havia tocado a orelha dela, a mão de Juudit talvez tenha estado na maçaneta da porta, sua bolsa naquele estofado; nesse mesmo assento, Juudit havia se inclinado em direção ao amante, apoiando-se em seus braços, apertara seu rosto contra o colarinho, sua

saia talvez tenha revelado os joelhos, nos quais o homem mais tarde teria colocado as mãos, e Juudit o chamara pelo primeiro nome.

Dessa vez não havia nenhum vestígio de maquiagem no pescoço de Hertz, nem as dobras do uniforme tinham o cheiro de uma mulher que se esfregara nele. O homem voltaria para a Alemanha, ou mais cedo ou mais tarde cansaria de sua namorada de guerra, como todos faziam. Porém, o movimento que a mão dele descrevera para tocar a orelha de Juudit ainda o perturbava, pois era diferente do que havia esperado. A cidade estava cheia de mulheres mais requintadas, porém Juudit conseguira seduzir aquele homem, que comia ostras em Berlim com a mesma tranquilidade com que ditava sentenças de morte em Ostland e cuja pontaria com uma Parabellum provavelmente era impressionante. Juudit tinha seduzido um homem capaz de conseguir mulheres melhores que ela. A situação era problemática.

Edgar apoiou a cabeça na janela do carro, batendo a testa no vidro a cada buraco da estrada. Isso era bom, agitava seus pensamentos colocando-os no lugar, afundava mais a imagem daquele gesto na mente. Nunca estivera tão perto de Hertz, do ss-Hauptsturmführer Hertz. O pescoço do motorista era largo, sua voz ressoava quando ele cantava. Juudit provavelmente não falava do casamento entre os lençóis confortáveis, mas como Hertz reagiria ao marido de sua amante se soubesse que tal marido era Herr Fürst? Iria odiá-lo, isso estava claro, e era exatamente esse ódio que Edgar não queria.

— Bauführer Fürst, ouvi dizer que você teve problemas relacionados ao contrabando de comida. É verdade que os homens da OT a estavam fazendo chegar clandestinamente aos prisioneiros?

— É verdade, capitão. Estamos tentando quebrar a corrente, mas, por outro lado, o clima de rebelião seria apaziguado se...

— Nenhuma exceção pode ser permitida. Por que estão fazendo isso?

Edgar se concentrou em olhar para as patentes, não queria que suas palavras soassem confusas. Não sabia ao certo que respostas Hertz esperava: queria que Edgar reforçasse suas especulações ou o contrário, ou talvez nenhuma das duas coisas? O gesto de Juudit mais uma vez atravessou a mente de Edgar, e ele desejou saber que tipo de

conversas ela tinha com aquele homem. Teria Juudit sido honesta com o amante ou teria ela contado o que ele queria ouvir?

Edgar pigarreou e respondeu:

— Esses estonianos são casos excepcionais, uma vergonha para a raça. É também possível que eles tentem levar comida somente para os estonianos no campo, e não para os judeus.

— De acordo com os relatórios, até os habitantes locais dão comida aos que saem para trabalhar fora do campo. De onde vem essa compaixão?

— Casos excepcionais, Herr ss-Hauptsturmführer. Não estou certo se algo assim acontece, os habitantes locais alimentam apenas prisioneiros de guerra. Eles sabem que foram os judeus que lideraram os batalhões de destruição aqui em 1941. O Comissariado de Assuntos Internos do Estado e o partido bolchevique foram liderados pelos judeus, todos sabem disso. Os *politruks* e os comissários eram todos judeus! E Trotski, Zinoviev, Radek, Litvinov! A origem de todos os líderes bolcheviques é de conhecimento geral! Quando a União Soviética ocupou a Estônia, houve uma avalanche de judeus, que eram muito ativos na organização política, Herr ss-Hauptsturmführer!

Hellmuth Hertz abriu a boca e respirou fundo como se fosse dizer algo, mas calou-se, sem comentar o tom de voz na defensiva do outro. Edgar decidiu arriscar:

— É claro que a questão é auxiliada pelo fato de que alguns estonianos conheciam homens dos batalhões de destruição que não eram judeus.

— Sem dúvida havia outros dentre eles, porém os mais importantes, aqueles que tomavam as decisões de assassinato eram...

— Judeus, eu sei. — Edgar cometeu a imprudência de terminar a frase de Hertz, mas este não parecia ter notado, simplesmente sacou uma frascadeira e dois copos.

A súbita demonstração de camaradagem o encantou, e o ardor do conhaque dispersou a insegurança que Edgar sentira enquanto pensava em possíveis respostas. Não tinha certeza absoluta de que o Untersturmführer Mentzel havia guardado segredo de suas atividades durante o domínio soviético, embora Mentzel tivesse dado

sua palavra ao oficial. Porém, sua experiência no Comissariado de Assuntos Internos do Estado se provara útil na questão Vaivara e, portanto, Edgar havia tido a coragem de assegurar os alemães de que o transporte da mão de obra por trem ocorreria sem nenhum problema: ninguém perguntaria sobre eles, e ninguém, de fato, perguntou. Eles tiveram muitas discussões interessantes sobre o assunto com Bodman, a psicologia estava entre os interesses de Edgar. As pessoas tinham muito medo dos trens, cada vagão as lembrava de que, se os alemães se retirassem, os próximos trens levariam os estonianos direto para a Sibéria. Alguém corajoso poderia ter levado pão e água, se é que os judeus conseguiriam abrir as janelas e colocar as canecas para fora. Edgar não relatou esses casos, omitiu-os até mesmo para Bodman. Para aumentar a capacidade de trabalho dos presos, valia a pena se arriscar um pouco. E se as conversas de Hertz sobre os batalhões de destruição fossem indiretas para Edgar? Ele sabia melhor que ninguém que os rumores sobre judeus integrando os batalhões de destruição eram muito exagerados, mas teria isso se tornado subitamente um problema? Talvez estivesse se preocupando à toa, contagiado pelo nervosismo dos alemães. Por toda parte os rostos estavam cada vez mais tensos, com mais rugas, como cogumelos secando em uma bandeja.

Quando o ss-Hauptsturmführer Hertz afundou suas botas engraxadas com esmero no chão lamacento, ele torceu o nariz discretamente. Edgar olhou para os guardas, muitos deles homens da Todt desconhecidos, dentre eles muitos russos. Tudo bem. Von Bodman saiu da barraca da administração assim que Hertz e Edgar chegaram. Bodman e Edgar trocaram olhares, era preciso ir direto ao ponto uma vez terminadas as formalidades. Bodman sugerira a Edgar que, excepcionalmente, se tratassem pelo primeiro nome quando notou que eles compartilhavam a preocupação sobre assegurar os meios para o sucesso dos campos. Às vezes, parecia que o assunto não interessava a mais ninguém, exceto a eles. A mão de obra era fraca e uma epidemia de tifo a reduzira gravemente: algum sabotador tinha coletado piolhos dos doentes em caixas de fósforos e os espalhara.

Bodman enviara repetidas mensagens sobre medicamentos e vestimentas, mas sem resultados. Se Edgar via os habitantes locais dando comida aos prisioneiros, fazia vista grossa sempre que não houvesse risco de que o repreendessem por não cumprir as medidas de segurança. As famílias trazidas pelos engenheiros alemães, por outro lado, eram surpreendentemente severas. A mulher de um engenheiro tinha espancado a faxineira judia até ela perder a consciência simplesmente porque a mulher roubara a chave da caixa de pão. Com Bodman, era ao menos possível discutir o problema dos alimentos; com os engenheiros e suas esposas, certamente não.

— Cada prisioneiro produz dois metros cúbicos de xisto por dia, e isso produz cem litros de óleo em duas horas. — Bodman ergueu a voz ao pronunciar “cem”. — Você compreende o problema que o Reich terá se o trabalho de apenas um prisioneiro for deixado inacabado? E isso acontece com muita frequência. Prisioneiros de guerra são fisicamente mais fortes; os judeus dos guetos de Vilna chegam em condições tão deploráveis que, para que eu consiga deixá-los aptos ao trabalho, preciso de mais... Bauführer Fürst, explique a situação.

— Os empresários e os homens de negócios não querem trabalhar com judeus. Embora estejamos falando de um grupo de apenas alguns milhares, comparado às dezenas de milhares de prisioneiros de guerra, alocá-los é um desafio. Há muito mais demanda de prisioneiros de guerra; os resultados são muito melhores se pudermos usar uma mão de obra fisicamente apta.

— Isso está absolutamente correto — concordou Bodman, e acrescentou: — ss-Hauptsturmführer Hertz, temos perguntado em muitas ocasiões o que fazer com os idosos. Alguém lê nossos relatórios? Por que enviaram famílias inteiras de Vilna? Algumas famílias não têm sequer um homem apto para o trabalho.

— Mande-os para outro lugar — contestou Hertz.

Edgar notou um traço de desrespeito no tom da voz dele. Bodman era tenente, afinal, e parte da liderança do campo.

— Para longe de Estland, certo? — confirmou Edgar.

— Para longe dos meus olhos, para qualquer lugar!

— Obrigado, era exatamente o que eu queria saber. Não recebemos confirmações desse tipo de medida, apesar dos nossos pedidos e de o Mineralölkommando de Estland ter prometido mais mão de obra. Precisamos de pessoas úteis. — Edgar decidiu mudar de assunto para os progressos do campo. — Construímos uma tubulação de água, então não há mais necessidade de buscar água fora do campo. Quando tinham de buscá-la, os judeus entravam em contato com os habitantes locais e, embora tivéssemos decidido pegar água de manhã bem cedo para que esses contatos fossem evitados, a situação era desesperadora; agora não é mais.

Um silêncio desconfortável se instalou na barraca. Bodman meneou discretamente a cabeça.

— Talvez mais tarde pudéssemos dar uma olhada nos métodos de trabalho. Senhores, pedi que preparassem um modesto lanche para nós, vamos à mesa? — sugeriu Edgar, recebendo murmúrios de aprovação em resposta.

Ouviu-se um tiro do lado de fora, seguido de silêncio. Aparentemente, o ss-Unterscharführer Karl Theiner havia iniciado sua ronda habitual depois de sair da enfermaria. Uma veia no nariz de Hertz pulsava, e ele se levantou para sair; seu copo permaneceu na mesa, intocado.

Do lado de fora, uma fila de prisioneiros nus, de pele pálida e ressecada, tiritava e tentava tapar as genitálias com as mãos. A julgar pelos espasmos e arquejos, o prisioneiro baleado ainda não estava morto, mas ele já não tinha dentes e um desenhista havia se apresentado para documentar o que havia ocorrido.

Edgar distinguiu apenas a boca aberta no rosto satisfeito de Theiner. Tinha certeza de que o Unterscharführer tivera uma ereção e que, após esse evento excitante, o homem teria uma noite muito agradável pela frente. O petróleo não era o principal interesse de Theiner. E aí estava o problema.

Hertz se afastou mais, um isqueiro estalou, e um cigarro foi aceso com seu brilho dourado. O grafite tocou o papel do desenhista, e o som de páginas virando podia ser ouvido acima das tosses e dos

arquejos. Edgar ouviu Hertz resmungando para si que o poder não era bom para ninguém.

1943

Reval,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

Assim que Juudit entrou e colocou o casaco em um banquinho no vestibulo da casa de sua infância, ouviu uma batida à porta. Não era a senha combinada; seu coração bateu mais rápido. Juudit abriu o forno e tirou, de trás da lenha, uma Mauser embrulhada em um pano; abriu o casaco sobre o banco e colocou a arma debaixo dele. As batidas se tornaram insuportáveis. Ela se olhou no espelho, o batom estava bom, assim como os cachos. Talvez devesse fugir. Não havia muitas opções: a janela era alta demais. Talvez sua hora tivesse chegado. Ou talvez alguém tivesse apenas esquecido o código, isso acontece. As pessoas se esqueciam de coisas importantes quando seus nervos falhavam. Ela perdera a sensibilidade da mão que segurava a maçaneta.

Um homem desconhecido estava no corredor. Seu casaco era feito de um bom tecido e seu corte de cabelo estava na moda. O homem ergueu o chapéu.

— Boa tarde, senhora.

— Sim?

— Não é agradável ficar aqui no corredor. Talvez pudéssemos conversar lá dentro?

— Estou um pouco ocupada.

O homem se aproximou. Juudit não se moveu. Sua mão apertava a maçaneta. O homem se inclinou na direção dela.

— Quero ir para a Finlândia — sussurrou ele. — Pago o que for preciso.

— Não sei do que você está falando.

— Três mil marcos alemães? Quatro mil? Seis? Ouro?

— Por favor, vá embora. Não posso ajudá-lo — respondeu Juudit. As palavras saíram facilmente, sua postura havia melhorado. Ela ia sobreviver.

— Seu amigo me sugeriu que eu viesse aqui.

— Meu amigo? Não acredito que tenhamos amigos em comum.

— Dez mil? — propôs o homem, sorrindo.

— Vou chamar a polícia. — E fechou bruscamente a porta.

O tremor voltou imediatamente. Pela porta podia ouvir os passos do homem descendo as escadas. O relógio se aproximava das oito horas, a primeira família chegaria logo, e eles foram descobertos. Tinha de se acalmar, tomar alguns Pervitins para pensar. Talvez ela devesse simplesmente sair a pé, talvez tivesse tempo de fugir. Cada barulho da rua ou das escadas a assustava, mas, mesmo assim, Juudit se manteve parada. O que havia de errado com ela? Por que se importava com a cara que Roland faria se ela não estivesse lá para abrir a porta? Não deveria se importar nem se todos que se encaminhassem para lá fossem pegos, um por um. Ela ainda podia se salvar, teria até tempo de avisar Roland, mas os refugiados já se dirigiam para o apartamento e ela não sabia para onde podia mandá-los. Roland saberia, mas ele não estava lá. Juudit agarrou o casaco e a bolsa, escondeu a Mauser debaixo do casaco e abriu a porta. O pátio estava em silêncio, havia apenas o cheiro do toucinho que a vizinha fritava. Desceu na ponta dos pés, evitando os degraus barulhentos, e saiu pela porta dos fundos. Foi para a parte de trás do depósito de lenha, por onde sabia que Roland também passaria, usando a mesma rota que os refugiados, entre as ruínas de um prédio destruído por uma bomba. Ela esperaria, se fundiria à parede do barraco e esperaria. Talvez o homem a estivesse vigiando há mais tempo. Talvez eles tivessem escapado de uma batida somente porque o apartamento parecia vazio, ou porque ela não admitira nada ao homem. O visitante surpresa podia estar apenas procurando informações sobre rotas de fuga, talvez uma emboscada só fosse acontecer depois que a informação fosse confirmada. Se o homem que aparecera à porta fosse

da polícia e se sabia quem ela era, a informação estaria nas mãos de Hellmuth a qualquer momento; mas aquela não era uma boa hora para se pensar em Hellmuth e na possibilidade de ele descobrir o que estava acontecendo. Ela tinha de pensar em outras coisas. No que faria quando saísse daquela encruzilhada. Já sabia. Não permitiria que mais ninguém usasse aquele apartamento como abrigo, pelo contrário, lavaria o lugar com detergente, até os papéis de parede, jogaria soda cáustica na água e ferveria os lençóis e as cortinas, tiraria as manchas escuras da banheira esfregando-as, poliria seus aparelhos de cobre até desaparecer com todas as propostas vis feitas pelos refugiados, que tentaram usar um relógio de ouro para comprar um lugar nos barcos para seus pertences. Quando terminasse, não se lembraria mais das pessoas que estavam dispostas a deixar mães, sogras ou avós fora do barco para poderem levar mais coisas ou um cavalo. No verão seguinte, faria o que teria feito com Rosalie, iria colher flores na floresta e cobriria o chão com elas. O ar ficaria mais fresco, os pisos ficariam limpos, o perfume das plantas acabaria com o cheiro dos visitantes. Era isso que ela iria fazer quando saísse daquela confusão.

Juudit encontrou um banquinho perto do barraco de madeira e se sentou nele. Seus joelhos tremiam, ela arquejava de medo. Roland já devia estar chegando, mas não foi ele quem surgiu primeiro das ruínas, e sim um homem e duas crianças. Já de longe, Juudit adivinhou que eram refugiados: seu andar era descuidado, pensando que a escuridão poderia protegê-los. Interceptou-os. Senhas corretas. Ela orientou a família sobre o caminho para o apartamento e lhe entregou uma chave. Não poderia ter feito nada além disso. A próxima família apareceu uma hora depois: novamente um homem religioso, com medo da União Soviética, e sua jovem esposa, sem crianças, apenas pequenas malas de madeira compensada. Mesmo na escuridão era possível ver como os olhos da mulher estavam cheios d'água, o homem se assustava com o menor dos barulhos, com as sombras. Depois do casal veio um grupo de rapazes. Dois deles já haviam sido alistados nos livros do Exército, mas desertaram. Juudit não ousava acender um cigarro, pois temia que um cigarro aceso fosse revelá-la, e baixou mais o chapéu para esconder os cabelos loiros. No

dia anterior, colocara galhos de baga na mesa da cozinha. As bagas tinham cruces que serviriam de proteção, exatamente como as sorvas e as cerejeiras. Ao lado deles, colocara a Bíblia e uma imagem de Jesus na cruz; tudo servia naqueles dias, tanto para ela quanto para os refugiados. Por que concordara em fazer aquilo? Por que deixara a vida perdida de Roland arruinar a sua? Por que tinha se deixado levar, por que não usara seus cotovelos como Gerda, por que arriscara tudo que havia conseguido, o sabor de mel e leite sob sua língua, Hellmuth, Berlim, um cozinheiro, uma criada e um chofer, o Opel, os vestidos de seda, os sapatos com solas de couro, o pão sem serragem? Roland jamais poderia lhe oferecer uma vida como aquela, nem mesmo parte dela, apenas perigo. E se Roland estivesse certo sobre Juudit jogar para os dois times? Ela estava fazendo isso? Por acaso ela não acreditava na vitória da Alemanha, teria acreditado algum dia? Algum dos fugitivos no apartamento de sua mãe teria acreditado? Teria ela acreditado nas promessas alemãs sobre a independência da Estônia, mesmo tendo ouvido o que eles conversavam enquanto bebiam conhaque? “Novecentas mil pessoas não bastam para formar um país independente, certamente elas mesmas sabem disso.”

Juudit sacou mais um comprimido de Pervitin da bolsa, para manter afastados os ratos dos seus ouvidos. Roland estava demorando. Juudit não ousava pensar no que faria se ele não viesse. Isso não era uma opção, Roland tinha de vir e saberia o que fazer, embora ele parecesse duvidar da capacidade de seus homens. Aparentemente, muitos estavam com ele porque procuravam uma aventura, como se não tivessem ideia da situação do mundo. As palavras de Roland cuspiam desprezo. Não, Juudit não pensaria em tais coisas naquele momento. Só mais tarde.

Juudit sentiu que Roland se aproximava antes de vê-lo. O homem estava acostumado com caminhos escuros, seus olhos ficavam mais alertas na escuridão; ela estava adquirindo habilidades semelhantes. Quando a mão de Roland pousou no ombro dela, Juudit não se assustou.

— Por que você não está lá dentro?

— Eu estava esperando você. Aconteceu uma coisa — sussurrou ela, e lhe contou.

Os pelos do seu corpo se arrepiavam como as penas de um pássaro no frio, Roland estava tão perto... Ele tirou o chapéu e correu a mão pelos cabelos por um momento. Juudit quase sentiu seu toque áspero, por um instante se lembrou de como o cabelo de Roland espetara seu pescoço junto à escada, mas aquele não era um bom momento para pensar nisso. Se Roland simplesmente dissesse que estava tudo bem, ela acreditaria nele. Ele pôs o chapéu de volta e respondeu:

— Temos de parar de usar esse apartamento. Você está dispensada do trabalho depois da noite de hoje. Me entregue a Mauser, a que você está escondendo debaixo do casaco.

Roland estava calmo, muito mais calmo do que Juudit esperava. Como se contasse com um incidente como aquele. Talvez fosse comum para ele.

— E se... — A voz de Juudit se apagou. As palavras de conforto que esperava não vieram.

— Não ouvi o que você disse. Você tem dinheiro na bolsa? Me entregue a arma.

Juudit balançou a cabeça. Roland bufou, virou-se e foi em direção à porta dos fundos. Juudit correu atrás dele, agarrando-o pelo ombro, mas ele se livrou dela.

— Não vamos entrar aí, Roland. Vamos embora.

— O transporte tem de ser feito.

As palavras golpearam o peito de Juudit, oprimindo-o. A cada passo, Roland queria se virar e pedir que fugisse, que corresse o mais rápido que podia, mas ele não o fez. Por ter sido revelado, o pátio havia se tornado uma vitrine de loja e, ainda assim, ele se comportava como se não ligasse para Juudit, como se fosse uma situação normal. Aquela podia ser sua última oportunidade de dizer a Juudit tudo o que guardara no peito, a inquietação cuja razão ele não queria conhecer e que havia começado junto à escada, quando Juudit chegara perto demais, uma inquietação que não era adequada a um guerrilheiro. O espaço junto à escada tinha sido pintado de branco, para que fosse mais fácil andar no escuro, mas mesmo assim Roland

tropeçou. Limpou os joelhos e baixou os olhos. Ainda estava em tempo de se virar, envolver Juudit com os braços, e ela não resistiria; Roland sabia disso, eles podiam fugir juntos, mas sua mão não foi em direção a Juudit, e sim à porta para bater o código combinado.

O nome de Juudit causou surpresa ao ser mencionado. Sentado em uma confortável poltrona do Esporte Clube Kalevi e com um copo de cerveja oferecido por Kreek, Edgar olhou fixamente para o velho colega do B4 e tentou esconder sua reação, fingindo ser uma informação trivial. Aleksander Kreek sempre havia sido ganancioso e pediria mais dinheiro se notasse o interesse de Edgar. A cooperação com Kreek funcionara bem no B4 Em Talim e, embora Edgar estivesse totalmente ocupado com o trabalho no campo de concentração, ainda conseguia visitar seus velhos contatos naquela cidade de vez em quando, incluindo Kreek. O dinheiro investido naquele homem tinha valido a pena, tanto antes como agora. Edgar mudou de assunto para despistar, perguntou sobre o clube. Desde que os alemães chegaram, o clube voltara para a sede na rua Gonsiori. Kreek ficou imediatamente entusiasmado em lhe mostrar as instalações, haviam consertado tudo, Edgar realmente nunca tinha ido lá antes? Enquanto seguia Kreek e fingia interesse, Edgar se esforçava em pensar como poderia obter todas as informações gastando o mínimo possível. Lembrou-se de elogiar a carreira atlética de Kreek, exagerando seu talento no arremesso de peso. Aquilo não impediria o outro de pedir ouro, marcos não significavam nada para ele. Seu confidente se ofereceu para acompanhar Edgar até a porta.

— Sobre aquele apartamento de que falei, o novo ponto de encontro... Enviei um homem para investigá-lo ontem e uma mulher abriu a porta. Ele a reconheceu, era uma mulher que ele tinha visto na companhia de um oficial alemão no clube Estônia. Essas vagabundas são todas parecidas, é claro, mas a noiva do meu enviado frequentava a mesma escola de meninas que essa mulher, então elogiou as roupas dela na porta do clube e insistiu que eles se apresentassem. Quando meu homem se aproximou da mulher, ela lhe deu as costas. A noiva ficou muito ofendida com isso. Interessante, não?

— Quanto?

— Bem, agora estamos falando do que importa. — Kreek riu. Edgar supôs que ele estivesse planejando fugir do país.

— Não pago por coisas inúteis. Me dê o endereço. Nomes.

— Meu homem só se lembrava do primeiro nome da mulher: Juudit.

Edgar colocou um saco no bolso de Kreek, que se afastou alguns passos e logo voltou.

— O endereço é na rua Valge Laeva, número cinco, porta dois.

O apartamento da sogra de Edgar. Aquele em que Juudit morara antes de conhecer seu alemão. Aquele para onde mamãe tinha dito que Juudit se mudara antes de Johan ser levado. Edgar se controlou; Kreek poderia fazer mais exigências se percebesse o quão valiosa era a informação que ele vendera. Era hora de agir. Juudit seria capturada e o grupo seria desarticulado, Edgar estava certo disso. Se ele acabara de ser informado sobre o assunto, mais gente já sabia, com certeza. A situação tinha mudado: não dispunha de tempo para tirar proveito da relação de Juudit com Hertz, mas tinha a oportunidade de se beneficiar das outras atividades dela. Se desbaratassem o grupo graças a Edgar, todo o mérito seria dele. E, para isso acontecer, Edgar precisaria de alguém a quem Juudit desse informações, um intermediário. Alguém em quem Juudit confiasse pelo menos um pouco. Alguém em quem, preferivelmente, Edgar também pudesse confiar. Mamãe e Leonida.

1943

**Reval e vilarejo de Taara,
Comissariado-Geral de Estland,
Comissariado do Reich para Ostland**

Quando Juudit finalmente foi buscar a correspondência no apartamento, já sem refugiados, foi recebida por uma pilha de cartas da sogra e de Leonida. O tom era tenso. Leonida não entendia por que ela não as visitava havia tanto tempo, e sua sogra se perguntava se ela estava planejando abandoná-las completamente. Teria de visitá-las: Aksel mataria um porco para o Natal, elas cozinhariam algo gostoso. Sentiam saudade, da nora, muita saudade. Sabendo que a fazenda dos Armis recebia jovens das cidades para coletar feno e colher batatas, por causa de um decreto que obrigava as pessoas a trabalharem, Juudit não havia ido trabalhar nos campos, alegando que seu empregador a mantinha ocupada. Suas desculpas eram perfeitamente críveis, mas não as de sua sogra e de Leonida. Depois de verificar que nada que pudesse indicar que seu proprietário realizava atividades clandestinas tinha sido deixado no apartamento, Juudit tomou uma decisão. Queria descobrir o que estava acontecendo. Não seria má ideia refletir sobre as coisas por um momento em um lugar distante dos olhos de Hellmuth, pensar em algo completamente diferente, embora sua menstruação tivesse começado exatamente quando deveria e Roland tivesse sumido. Tudo aquilo terminara, e a vida de Juudit voltara ao normal ou, ao menos, tão normal quanto era possível com a situação tensa da Alemanha. Iria mesmo assim, mesmo que fosse apenas para ficar em outro lugar por um tempo. Juudit não sabia como tinha ficado o último transporte de refugiados nem queria saber.

Ela havia sido salva, isso era o mais importante, e talvez a sorte não fosse tão gentil com ela uma segunda vez. O medo que sentira durante o último transporte era algo que nunca havia sentido antes. Tinha, entretanto, ficado com a Mauser e a escondido no mesmo armário onde um dia guardara botas de feltro para Roland.

Decidiu desinfetar o apartamento da mãe de cima a baixo. Os produtos químicos eram escassos, mas isso podia ser arranjado por intermédio de Hellmuth.

Juudit se preparou para ouvir as insinuações sobre seu estilo de vida indecente, caso os rumores tivessem chegado ao interior. Entretanto, nada indicava que eles tivessem se espalhado. Na casa dos Armis ela foi recebida como uma filha perdida há muito tempo e imediatamente levada para a mesa de jantar, onde grandes costeletas a esperavam. O petróleo que trouxera como presente recebeu muitos agradecimentos. A sogra e Leonida continuaram com suas tarefas e recusaram sua ajuda: Juudit devia relaxar depois da longa viagem. O granito na parte de trás do forno era aquecido, e Leonida abriu o bucho de um porco; a sogra participava de seu modo inútil, zanzando atrás dela. Além do porco, também reviravam as entranhas do povo do vilarejo: os ratos haviam matado o melhor gato caçador, um oficial de alto escalão levava Lydia Bartels para Berlim, a senhora Vaik estava morando sozinha na casa dos Bartels. Nenhuma das duas parecia preocupada com o destino dos filhos, mesmo agora, mas o cavalo de Roland estava bem; Aksel disse que sempre ia ao estábulo lhe fazer companhia quando uma tempestade começava a se formar.

As mulheres faziam rodeios em torno de algo, circundavam o assunto como abutres famintos. A atmosfera na cozinha era pesada por causa das pessoas ausentes, grossa com o tagarelar sem sentido, que havia chegado aos últimos movimentos da propaganda de guerra: aparentemente em Teerã dariam um ultimato para a Alemanha e aliados. Leonida relacionou aquilo a um esquema típico da guerra psicológica contra o Reich.

— De fato, sabemos, é claro, que cada agitação serve apenas para mascarar a própria fraqueza e as dificuldades. Temos de nos lembrar

disso. Temos de nos preparar para bombas psicológicas. Não é verdade, Juudit?

Juudit se assustou e assentiu com a cabeça. Elas não falaram nada sobre seu marido, não ainda. Não faziam insinuações sobre sua má reputação. Leonida bufava e arquejava enquanto colocava uma pedra pesada no estômago do porco, a fumaça subiu e em um instante a carne estava limpa; quando o estômago foi virado, o cheiro de carne cozida se espalhou pela cozinha. Juudit se lembrou da primeira visita à casa dos Armis depois de conhecer o destino de Rosalie. Ela fora para lá imediatamente e encontrara uma cozinha fria como uma câmara funerária, inativa exceto pelo fogo no forno. Leonida tinha feito menção de pegar um lenço sem nunca o sacar de verdade, ele continuava pendurado no bolso como um tumor. Agora, o espírito de Rosalie havia partido da casa, tudo o que se relacionava a ela fora tirado dali. Agora Leonida tinha de tirar os intestinos, limpar e salgar o estômago sozinha, fazer as salsichas sozinha, sem Rosalie. Juudit não compreendia: era como se Leonida nunca tivesse tido uma filha e Juudit uma prima, como se Rosalie nunca tivesse pertencido à família e Roland nunca tivesse contraído noivado com a filha de Leonida. A casa nunca havia parecido tão estranha, e Juudit nunca se sentira tão deslocada ali.

Era igualmente impossível para Juudit entender a si própria e o fato de jamais ter feito uma única pergunta sobre Rosalie, de ter se juntado a elas no silêncio. Talvez não houvesse nada a ser perguntado. Talvez a vida fosse tão trivial e frágil que não valia a pena dar a ela um peso extra, quando havia salsichas a fazer, banha a derreter, intestinos a salgar para as salsichas do ano seguinte, todo tipo de coisa a ser feito para manter a própria vida como as demais. Quando esperara pela destruição de Talim e ao mesmo tempo desejara a sua própria, ainda não havia entendido isso, mas agora, depois do evento do transporte dos refugiados, Juudit passou a entender. Ela tinha muito a perder. Talvez sua sogra e Leonida também tivessem. A ideia fez com que visse as mulheres com outros olhos. Seriam os benefícios financeiros provenientes da venda da banha razão suficiente para se manter em silêncio?

A pedra dentro do estômago do porco parara de sibilar. Leonida e Anna observaram Juudit a noite inteira; ela havia reparado.

— Juudit, tem uma coisa...

Foi apenas quando Juudit voltou para casa que sua paciência de ferro se partiu em pedaços. O sidecar preparado com mãos trêmulas transbordou e o piso da sala de estar balançava como o convés de um navio. Teria sua sogra enlouquecido, o que havia acontecido com a sensata Leonida? Suas exigências eram absurdas, ultrapassavam as de Roland.

Depois do terceiro drinque, sua mente começou a clarear, mas ela não conseguia ficar parada: abria as portas dos armários da cozinha toda hora, grata por ter dado folga aos cozinheiros durante sua visita. Havia uma mensagem escrita por Hellmuth em cima da mesa: por causa de assuntos urgentes, ele tivera de viajar, estaria de volta em uma semana. Então havia tempo para se acalmar, para pensar no que fazer. Por fim, Juudit encontrou os ovos, conferiu se a tigela estava limpa, quebrou-os, mediu o açúcar e começou a bater. Ela foi até o quarto ainda os batendo, pegou um disco da prateleira de baixo do armário, usou a mão esquerda para colocar as Boswell Sisters para tocar e continuou a bater. Paul Whitman esperava por sua vez. Bateu até começar a escurecer e ser dado o toque de recolher. A espuma havia se tornado brilhante e dura. Depois de escrever a inicial do amado na espuma, como sempre fazia, notou que na superfície amarelo-clara não havia H de Hellmuth, mas A de alemão.

Juudit foi buscar uma colher, sentou-se ao lado do gramofone e comeu a tigela toda. Seu acesso a um armário cheio de ovos poderia acabar a qualquer momento. Depois do transporte dos últimos refugiados, pensara que não teria mais de arriscar seu padrão de vida, mas como podia imaginar que a próxima ameaça estaria esperando na esquina? Juudit abriu a bolsa repentinamente e sacou um frasco de Pervitin. Dois comprimidos. Ajudou um pouco, mas não o bastante, sua mente ainda girava como a roda de fiar da sogra. Como a sogra e Leonida resolveram se meter a organizar rotas de refugiados? Elas não temiam pela própria proteção e pela casa? Leonida claramente

não compreendia o trabalho nem a posição de Juudit. Tinha ficado até surpresa ao ver a reação de Juudit às suas propostas e ao ouvir suas palavras.

— Como você pode estar planejando uma coisa dessas, os alemães fizeram tanto pelo país!

— Eles têm de ser transportados!

— O que eu tenho a ver com isso? Além do mais, estamos no inverno — gritou Juudit.

— É possível atravessar pelo gelo também! Temos de salvar os que podem ser salvos!

A pele de sua sogra, que se afinara, tinha marcas escuras de empolgação, e sua voz aguda se juntara à voz mais grave de Leonida.

— Minha nora podia, ao menos uma vez, ser útil para alguma coisa. Você se esqueceu do meu tio? Ou do que ele contou sobre a Revolução Russa? Não se lembra do motivo pelo qual ele se matou, você se esqueceu? Ele se matou assim que os primeiros aviões russos apareceram nos nossos céus, porque ele havia testemunhado a revolução! Você se esqueceu do que nós mesmos passamos durante a era bolchevique? Os comunistas vão matar todos nós!

Juudit saíra imediatamente depois de uma troca de gritos, sem se despedir e sem levar salsichas. Elas realmente pensavam que seria mais fácil para Juudit, que trabalhava para um alemão, atuar como contato? Era muita coincidência que duas velhas senis resolvessem sugerir atividades clandestinas justamente para Juudit, justamente agora. Se Leonida sabia, o país inteiro sabia. Aquele país era pequeno demais para segredos; apenas Rosalie continuava a ser um deles.

Aksel havia alcançado Juudit rapidamente com o cavalo, ordenando que ela subisse no trenó. Por um momento, Juudit continuara andando com suas botas de feltro, de punhos cerrados dentro da manga, mas então concordou. Aksel havia se mantido calmo, não exigira que Juudit retornasse, mas apenas a levava até a estação de trem, dera um tapinha desconfortável em seu ombro e dissera lentamente que Juudit deveria perdoar Leonida.

— Ela não é mais a mesma. O luto tem poucas palavras.

A única mudança que Juudit havia notado era que o coração dela se tornara frio, mas não queria discutir com Aksel.

— Anna, por outro lado, teme que os russos venham. Ela mal consegue dormir, fica acordada a noite toda prestando atenção no céu. É isso.

Aksel já tinha dado as costas, indo embora.

— Nossa única filha... — dissera Aksel, subindo no trenó, e o trenó desapareceu, deixando para trás uma nuvem de neve.

Juudit quebrara um pingente de gelo da calha da estação e o mastigou enquanto procurava a bilheteria. Havia um telefone lá, e ela ligou para seu motorista, que tinha ido para um hotel depois de deixá-la na estação para esperar por Aksel. Teria sido muito complicado explicar como uma secretária tinha um Opel à disposição.

Depois de uma noite no hotel, Juudit pedira ao motorista que parasse em um cemitério. O túmulo não tinha identificação. Como se Rosalie nunca tivesse existido. Juudit não sabia o que fazer, mas de uma coisa tinha certeza: jamais se envolveria com a sogra nem com Leonida. Subitamente, entendia aqueles que preferiam levar as posses aos parentes nos barcos.

1943

Reval,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

Já era a segunda vez que Juudit deixava Roland entrar em seu apartamento durante a ausência de Hellmuth. Ela já não sabia a razão disso, nem sabia a quem temia mais ou por quê. Havia alemães demais na Roosikrantsi, as lojas do Exército e o tribunal de guerra eram quase vizinhos, e mesmo assim tinha deixado Roland vir. Ontem ele se vestira como limpador de chaminé, hoje como entregador da loja Weizenberg. As precauções não acalmavam Juudit, que mantinha guarda no vestíbulo, tão atenta às escadas quanto ao escritório, onde Roland fazia alguma coisa. Porém, o que mais ela podia ter feito depois de voltar do interior a não ser encontrar Roland? Não havia mais ninguém com quem conversar sobre as intenções de sua sogra e Leonida, não havia mais ninguém que pudesse ajudar ou ao menos dar algum conselho, ninguém mais em quem ela pudesse confiar sequer um pouco nesses assuntos. A reação de Roland novamente a surpreendera. Ele alegara que o incidente era uma coincidência e, ao mesmo tempo, usara o momento de fraqueza de Juudit para exigir acesso ao apartamento da rua Roosikrantsi. Os planos de Roland eram ingênuos. Ao contrário do que ele imaginava, a Estônia não precisaria de evidências da destruição causada pelos alemães nem exigiria reparações de guerra, pois a Alemanha não perderia. Ou teria ela deixado Roland entrar porque não acreditava mais na vitória alemã? Ou a razão estaria nas palavras de Hellmuth antes de partir para Riga, que talvez a vida em algum lugar campestre no sul da Estônia não

fosse para eles, afinal? Talvez a Estônia inteira não fosse para eles. Hellmuth tinha imaginado que Berlim sempre estaria aberta para ele, mas quem iria se sentir bem-vindo em qualquer lugar onde a guerra fosse visível? Juudit tinha exatamente a mesma opinião. Ela queria partir. Com Hellmuth, e logo.

Juudit pensara nisso noite e dia, em Berlim ou em outra metrópole, onde ninguém soubesse que ela havia se divorciado e deixado o marido. Parentes, conhecidos e Roland poderiam refletir sobre o assunto e ela não teria de se preocupar nem um pouco com isso. Mas Berlim era longe. Qualquer lugar era longe. Estaria Hellmuth realmente preparado para ir a outro lugar que não a Alemanha, algum lugar onde ninguém olharia com desprezo para uma união entre um alemão legítimo e uma estoniana? Como Drosihn, o comandante do campo de Ereda, e aquela mulher judia, Inge Sylten. Juudit vira o relatório no escritório de Hellmuth. Eles haviam se apaixonado, o comandante desertara e os colegas de prisão haviam cavado um túnel para Inge. Quando tentavam ir para a Escandinávia, foram capturados e cometeram suicídio. Sua situação com Hellmuth certamente não era a mesma, é claro. Ao apagar o cigarro, Juudit se perguntou se teria coragem de perguntar a Hellmuth se tinham dinheiro que não fossem marcos orientais. Tinham marcos do Reich o suficiente? Melhor ainda seria se tivessem ouro. Ou, pelo menos, prata. Alguma coisa. Ela deveria, afinal, ter aceitado os relógios de ouro dos refugiados; por que tinha sido tão ingenuamente honrada? Se Hellmuth não estava disposto a ir para outro lugar que não a Alemanha, não estaria dando voltas em lugares sem marcas de guerra, isso poderia ser mal interpretado. Então por que ela pusera em risco seu futuro com Hellmuth, deixando Roland vasculhar o escritório dele? O cozinheiro e Maria voltariam do mercado a qualquer momento.

A porta do escritório foi aberta bruscamente; os passos de Roland podiam ser ouvidos da sala de estar.

— Você deixou tudo como estava, não deixou? — perguntou Juudit.

Roland não respondeu, simplesmente foi em direção à porta de serviço e colocou as anotações no bolso interno do paletó. Parou junto

à porta e se virou para olhar para Juudit, que vacilava entre as portas de vidro da sala.

— Venha aqui.

Os cílios de Juudit estavam tão pesados que a obrigaram a voltar os olhos para o chão. Tinha passado rímel demais, era só isso, nada mais. Havia uma distância tão grande entre eles, Roland estava longe. Juudit se apoiou no batente da porta, moveu o pé direito para a frente, depois o esquerdo, apoiou-se na mesa da cozinha, na pia e, finalmente, pôs-se diante de Roland, cambaleando como se fosse de gelatina.

— Eu também tinha outra coisa a dizer... — avisou Roland. Seu casaco cheirava a lugares suspeitos, fumaça, a um casaco que não era tirado para dormir. — A Feldgendarmerie capturou três caminhões. Estavam cheios de refugiados. Dois dos caminhões foram organizados por Kreek — continuou.

— Kreek?

— Sim, você deve se lembrar dele, o atleta de arremesso de peso. Ele está ativamente recrutando pescadores, e dois deles pertencem ao nosso grupo. O motorista ganha vinte por cento dos três mil marcos do Reich exigido por Kreek; o dinheiro é coletado das pessoas antes de elas pisarem no caminhão. Os pescadores não precisam ser pagos se a carga nunca chegar ao porto. Kreek precisa ser detido, já devia ter sido detido antes. Você poderia... Juudit, não me olhe com essa cara espantada.

— Como?

— Conte ao seu alemão.

Juudit quase caiu para trás.

— Você não pode pedir uma coisa dessas para mim. Como eu explicaria que algo assim chegou ao meu conhecimento?

— Você simplesmente diz para ele que ouviu rumores sobre alguém que transporta refugiados pelo mar. Seu alemão cuidará do resto.

— Mas eles serão mortos.

Roland chegou bem perto. Não dava para ver seus olhos muito bem sob o chapéu, que ele não havia tirado ao entrar.

— O que você acha que acontece àqueles que são pegos pela Feldgendarmerie?

Juudit abraçou o próprio corpo, como uma mulher solitária. Seu lenço vibrava debaixo da manga.

— Não pense mais nas sugestões de Leonida e Anna. Eu já lhe disse para esquecer essas conversas.

— Como?

— Acredite em mim, é uma completa coincidência que elas tenham expressado essas ideias para você. Mulheres velhas, conversa boba.

Juudit não acreditava em Roland. Não se tratava de uma coincidência. Roland só queria mantê-la calma. Ela apertou mais os braços. Talvez toda a situação fosse tão sem esperança que até Roland pensasse secretamente em fugir. Talvez todos eles soubessem em seu íntimo como aquilo acabaria. Portanto, era inútil contar a Roland das discussões que Hellmuth tivera com outros oficiais no escritório, à noite: "... o Führer mudaria de opinião se tivéssemos de deixar a Finlândia... Ostland não pode ser entregue, Ostland não será entregue, eles ficam repetindo em Berlim... Pela Suécia, é claro, para que a Suécia possa manter sua política, e aparentemente o Führer também acredita que tenhamos amigos finlandeses que não aceitam a nova administração, mas precisam da nossa ajuda... Isso é loucura! E tudo pela BaltÖl, não resistiremos a outro ataque, não podemos nos defender..." Certa vez, Hellmuth se arrastara ao seu lado após conhaques demais e tinha dito que duvidava que eles pudessem deter os bolcheviques por muito tempo. "Mas você entende, não pode falar isso para ninguém, pense nisso, que tipo de histeria surgiria se os estonianos pensassem que não podemos mais nos defender dos bolcheviques..." E Juudit concordara com a cabeça, é claro que ela não contaria a ninguém.

Pelo contrário, agora, antes de sequer refletir sobre o assunto, fez uma exigência a Roland:

— Vou entregar Kreek e os outros, contanto que eu e Hellmuth tenhamos lugares em um barco apropriado quando a hora chegar. Se for o caso, pago as despesas de todos que vierem.

Juudit ficou imediatamente atemorizada com as próprias palavras. O que ela dissera? Não havia falado de tais planos com Hellmuth. Esperava que Roland não concordasse, que lhe pedisse para ir com ele, que quisesse fugir com ela? Por que não dera nenhuma explicação, por que não dissera que estava com medo demais dos planos da sogra?

As maçãs do rosto de Roland estremeceram. Entretanto, ele não perguntou por que Hellmuth poderia querer partir, não perguntou por que Juudit estava preparada para renunciar não só a Talim mas também a Berlim, não perguntou se ela planejava aquilo com Hellmuth. Não perguntou nada.

— Claro — limitou-se a dizer.

1944

Reval,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

No apartamento reinava um silêncio absoluto. Juudit sentiu o cheiro de Hellmuth já à porta, mas a sala de estar estava quieta, o ar estava parado, os serviços haviam sido dispensados. Ela sabia que a hora tinha chegado. O piso do corredor suspirou como se dissesse que sentia muito, as cortinas da sala estavam fechadas, as folhas imóveis da figueira tinham um tom cinzento. Juudit colocou em cima do sofá sua echarpe de pele, que caiu no chão e rolou como uma bola. Tirou o casaco. Ele tentou resistir, as mangas não queriam sair. Juudit ainda poderia correr para a rua, mas talvez um carro já a esperasse lá. Talvez houvesse uma fila de homens esperando por ela. Talvez a casa inteira estivesse cercada. Sua respiração chiou, e o chiado ecoou pela sala; sua boca estava seca, os lábios rachados. Seus sapatos esbarravam nos móveis prontos para a mudança. Ainda poderia ao menos tentar correr. Ainda havia tempo... Porém, ela entrou no quarto. Já sabia que Hellmuth estaria sentado em sua poltrona, sobre a mesa ao seu lado havia uma toalha de renda, sobre a toalha de mesa havia uma Parabellum. Ele não havia tirado o casaco, o chapéu estava jogado em cima da cama, a Mauser de Juudit ao lado do chapéu. O ar quente queimou o rosto dela. Hellmuth estava pálido, a testa seca. Com mãos trêmulas, Juudit tirou o chapéu, mas não o broche. Estava tão quente que o suor já escurecia sua anágua, logo se veria a marca sobre o vestido.

— Você pode ir embora, se quiser.

O tom de voz de Hellmuth era indiferente. O mesmo que ele devia usar enquanto andava pelo quartel-general, o que certamente usava todos os dias em Tõnismägi, mas jamais quando falava com Juudit, não até agora.

— Eu permito que você vá.

Juudit entrou no quarto.

— Ninguém irá atrás de você.

Juudit deu outro passo.

— Você tem de partir imediatamente.

A mão de Hellmuth estava sobre a toalha de mesa de renda. A Parabellum reluzia ao lado de sua mão, bem-cuidada, pronta.

— Não quero ir assim. — Juudit ouviu a própria voz como se viesse de longe.

— Agora mesmo já detiveram o grupo inteiro. Tenho certeza de que você entende que não deve me insultar com explicações.

Juudit deu mais um passo. Ela estendeu a mão em direção à penteadeira, onde havia um maço de cigarros e um isqueiro. Acendeu o fogo. Roland! Teria Roland sido capturado também?

— Posso me sentar?

Hellmuth não respondeu. Juudit se sentou. Roland era passado. Era assim que tinha de ser. Uma mola quebrada cutucou sua coxa. Não consertaria mais aquela poltrona. Ela nunca mais iria se vestir diante daquela penteadeira para ir ao clube Estônia. O broche do chapéu estava ficando molhado de suor em sua mão, o cigarro tremia na outra.

— Eu havia recebido uma missão e tinha de conhecer outra pessoa, não você — disse Juudit. — No Kultas eu deveria começar um relacionamento com outro homem. Foi ideia do noivo da minha amiga, não minha. Mas então você apareceu.

A brasa do cigarro caiu no carpete. Juudit pisou nela com a sola de couro do sapato, depois deixou o calçado cair dos pés e tirou a pulseira que Hellmuth lhe dera, deixando-a cair em cima da penteadeira com o tilintar de vinte moedas de prata.

— Não tive coragem de contar a você. Queria continuar a vê-lo.

— Eles devem ter ficado muito felizes com você. Excelente trabalho, parabéns.

Juudit se levantou e começou a tirar o vestido.

— O que você está fazendo? — perguntou Hellmuth.

— Isto é seu. — Juudit dobrou o vestido cuidadosamente ao lado da pulseira. Marcas de suor haviam se espalhado das laterais para as costas e para os quadris. — Entendo o que isso pode significar para você.

— Você está me ouvindo? Eles virão e a levarão daqui a qualquer momento. Você tem de ir.

— Mas se eu for a única a escapar, eles vão suspeitar que eu os traí...

— Isso não é mais problema meu. Os prisioneiros não sabem quem foi pego, eles são mantidos separados.

— Seus superiores vão acreditar que você não teve nada a ver com isso? Que você não sabia de nada? Hellmuth?

— Não fale meu nome.

Hellmuth desviou o olhar, a cabeça erguida. Juudit estendeu o braço para ele, que a rechaçou. Ela tentou olhar nos olhos dele inutilmente. Hellmuth se levantou, deu alguns passos rápidos, agarrou-a pelo braço e começou a empurrá-la em direção à porta. Juudit lutou, passou os pés em volta da perna de uma poltrona, agarrou a maçaneta, o broche caiu no chão. Hellmuth a afastou do batente da porta, em direção ao vestíbulo, ainda sem olhar para ela.

— Venha comigo — sussurrou Juudit. — Venha comigo para longe daqui, longe de tudo.

Hellmuth não disse nada, simplesmente puxou Juudit, que continuava a tentar se soltar, os pés se enroscando nas poltronas da sala de estar; mesas e cadeiras caíram, o tapete se enrolou, a figueira caiu, tudo caiu, Juudit caiu, Hellmuth caiu com Juudit, seus corpos caíram em cima um do outro e as lágrimas o dominaram.

1944

Vaivara,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

O campo de concentração de Narva foi o primeiro a ser evacuado; alguns dias mais tarde foi a vez de Auvere e Putki, depois da Organização Todt de Viivikonna. Todos com destino a Vaivara. Por causa da falta de espaço, as crianças de Vaivara e a enfermaria foram levadas para Ereda, e o centro de comando de Viivikonna, para Saka. Edgar corria de um lugar para o outro, xingava a escassez de transportes e alimentos e as condições climáticas, recebia refugiados que cambaleavam por conta da longa caminhada, conduzia os carros da Wehrmacht, trazendo os prisioneiros que haviam desmaiado pelas estradas, enviava mais homens da OT para cuidar dos cavalos de transporte de doentes, enviava alguns dos mais fracos para hospitais civis e se recusava a parar para não voltar a sentir aquele desespero que havia experimentado quando sua companhia fora instruída a receber as pessoas do campo evacuado de Narva. Os alemães não paravam de repetir insistentemente que era apenas uma solução temporária, mas quem acreditava neles? Os preparativos para a destruição da fábrica provavelmente já estavam em andamento. Era apenas uma questão de tempo até a fachada cair.

Quando o fornecedor de cigarros de Edgar trouxe sua carga mensal de Manon direto da fábrica de Laferme, Bodman viera pegar sua parte, balançando a cabeça. Os planos de evacuação não eram realistas, os prisioneiros jamais conseguiriam andar até Riga. Pediram a opinião de Bodman, mas ele não tinha sido ouvido. Edgar passou

noites em claro pensando em suas opções. As oportunidades para seu negócio de cigarros oferecidas pelo campo logo seriam passado, e ele não ia a Talim havia meses. A operação para eliminar o grupo que organizava o transporte de refugiados fora bem-sucedida, mas não sabia quem tinha sido preso. O simples plano original se tornara subitamente complicado, e ele havia cometido um erro ao pensar que sabia como a esposa agia e pensava. Não voltaria a cometer tal erro. Mamãe e Leonida fizeram o melhor possível e não revelaram os reais motivos de seu plano ultrassecreto. O comportamento de Juudit, porém, havia sido o oposto do que havia suposto; ela ficara brava e partira correndo, cortando o contato por completo. No fim, encontrou uma solução. Tinha enviado algumas crianças que fingiam ser refugiadas à rua Roosikrantsi para tocar a campanha quando Juudit estivesse em casa, e ela não tivera alternativa senão deixar o grupo entrar e levá-lo imediatamente ao centro de contato. Edgar mandara seus homens informarem o endereço do local a Hertz, sem mencionar o nome de Juudit. Hertz prometera cuidar do assunto, mas depois disso não havia feito contato nem viera a Vaivara. Ele tinha sido transferido. O fim da gangue de refugiados não garantia a Edgar o mérito que ele havia esperado, e maus augúrios se esgueiraram para sua mente: além de ter feito o trabalho de graça em Vaivara, seus esforços também pareciam ter sido inúteis em relação a outras ações. Agora estava com as mãos atadas e não podia fazer nada útil.

Em maio, o Führer ordenou a interrupção de todos os planos de evacuação: a linha de frente voltara a se estabilizar. Ao mesmo tempo, uma ordem chegou para que comesçassem a construir novas fábricas. As notícias poderiam ter sido animadoras, se o fornecedor de cigarros de Edgar não soubesse de algo mais: os habitantes de Tartu, obrigados a lutar, estavam certos de que os alemães iriam forçar a evacuação das mulheres e das crianças, e os homens seriam levados para trabalhar nos campos de concentração. Talim estava um caos. As estradas estavam cheias de gente fugindo da cidade para o interior e de pessoas que esperavam chegar à cidade para ir ao porto. Os alemães, por outro lado, tentavam oferecer uma saída legal: ir para a

Alemanha. Mas o destino não parecia interessar a ninguém. O Reichsführer tinha perdoado todos os estonianos que haviam desertado do Exército do Reich, assim como aqueles que lutaram no Exército finlandês; alguns retornaram ao país para lutar contra os bolcheviques quando se viram livres das acusações de traição da pátria. No meio de tudo isso, Edgar tinha ficado preso na lama de Vaivara, mas teve uma nova chance quando os homens do grupo B Vieram fazer suas inspeções e falaram dos problemas no campo de concentração de Klooga. A mão de obra de lá havia sido evacuada e, como os trens estavam cheios, não era permitido levar sacolas, e os campos tinham pilhas de objetos, que os homens da OT recolhiam como corvos. Os habitantes locais viram os montes de roupas abandonadas e os guardas gananciosos, e agora espalhavam rumores de que os barcos dos evacuados seriam afundados, então o departamento B4 enviou homens para controlar a situação em outros campos de concentração. Edgar recebera ordens de apresentar o informe sobre Vaivara, para provar que não tinham tais problemas. Ao mesmo tempo, um novo plano lhe ocorrera. Bodman dissera que as condições de vida em Klooga eram as melhores de todos os campos na Estônia, e os resultados eram perceptíveis: a mão de obra fora colocada em casas de pedra e o racionamento dos alimentos era razoável, pois a distribuição era feita por meio do Truppenwirtschaftslager, as tropas de apoio ao campo da Waffen-SS. O trabalho também era mais limpo: minas para submarinos e produtos de serralha. A melhor coisa sobre Klooga, porém, era ser mais perto dos pontos de evacuação, Talim e Saaremaa, e mais distante de Narva. Edgar decidiu ir para lá; durante a visita, distribuiu vários cigarros Manon e falou de sua carreira no B4, dando a entender que ficaria feliz em continuar na OT, mas... Gesticulou com as mãos e recebeu gestos de compreensão. Prometeram pensar no assunto. A ordem de evacuação interrompeu o processo, uma ordem revogada duas horas depois. As semanas seguintes continuaram igualmente caóticas: o comandante passava a noite toda ao telefone; as instruções do dia anterior eram anuladas pela manhã; às vezes a mão de obra era enviada para o porto, às vezes tinha jornadas de trabalho normal na

produção de óleo, às vezes era evacuada. Por fim, Edgar recebeu a ordem de ir a Klooga. Sentia-se tão aliviado que deixou seu estoque inteiro de Manon para Bodman.

1944

Klooga,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

Uma metralhadora havia aparecido ao lado da cabana.

Iam fazer a chamada.

O ss-Untersturmführer Werle se apresentou.

Os prisioneiros seriam evacuados para a Alemanha.

O ss-Hauptscharführer Daiman começou a selecionar os homens em boa condição física para começar a preparar a evacuação.

Uma nova chamada.

Eu já estava acostumado com os repetidos controles e chamadas, mas agora havia algo diferente. Alguma coisa estava acontecendo. Reconheci alguns estonianos entre os prisioneiros. A maior parte era de judeus da Lituânia e da Letônia. Esperei meu nome. Ainda não havia chegado. Chegaria logo, eu estava certo disso. Tão certo quanto estivera de que estava sendo levado para ser executado quando tinha entrado em um caminhão em Patarei. Não fui levado, fui trazido para cá. Tentei ver outros estonianos com quem havia compartilhado a viagem; não ousei virar a cabeça, mas meus olhos encontraram pelo menos três: ao meu lado ainda estava Alfons, que tinha sido trazido para cá de Patarei. Ele havia desertado do Exército alemão e fora capturado. Meu nome logo seria chamado. Eu estava certo disso.

Mais guardas foram colocados no campo ontem.

O trabalho havia sido interrompido, ninguém podia entrar nem sair para trabalhar, nem mesmo aquele finlandês, Antti, que uma vez me dera um pedaço de pão. Os relacionamentos entre os prisioneiros

eram bons, mensagens eram escondidas nas mercadorias levadas de um campo para o outro. Eu mesmo tinha encontrado uma lista de nomes, na qual as pessoas haviam anotado de onde vinham e para onde estavam sendo levadas. Perguntei de Juudit. Também perguntara sobre ela em Patarei. Ninguém ouvira nada, nem mesmo nossa sentinela estoniana de confiança. Talvez Juudit tivesse conseguido entrar em algum barco com o ouro do seu alemão. Ou então havia sido morta com um tiro na nuca.

Na hora do almoço nos serviram sopa. Estava boa, um pouco melhor que o normal, o que acalmou os outros prisioneiros, mas não a mim. Werle caminhava perto de mim, falava alto, quase gritando. Ordenava aos cozinheiros que deixassem um pouco de sopa para os trezentos que foram levados para a floresta: eles precisariam se alimentar após o trabalho duro.

Ordenaram que formássemos filas novamente. Ficar de pé fazia com que eu me sentisse tonto, embora tivesse acabado de comer.

Os portões do campo de concentração estavam bloqueados por caminhões.

Eu não sairia dali com vida.

A tarde avançou. Seis homens foram escolhidos de cada fila para que rolassem dois barris de petróleo para um caminhão. Os homens da OT receberam ordens de se sentarem junto às cabanas, estavam inquietos, pálidos. Um deles estava tão nervoso que não conseguia acender o cigarro e o jogou no chão, de onde logo em seguida desapareceu. A expressão no rosto dos guardas era mais assustadora que a dos prisioneiros.

Ordenaram que os próximos cinquenta avançassem. A evacuação ocorreria em grupos de cinquenta, cem no máximo. Até agora, apenas judeus haviam sido chamados. Alfons, ao meu lado, sussurrou que os estonianos logo voltariam a trabalhar: os judeus seriam mortos primeiro, os estonianos seriam os últimos. Os alemães foram acompanhar o grupo e, ao mesmo tempo, Alfons fez um movimento súbito. Um cozinheiro passando por nós tropeçou. Os guardas ficaram alerta. O cozinheiro gemeu e colocou a mão no tornozelo. Alfons recebeu ordens de carregá-lo e empurrar o caldeirão de sopa. Fui

mandado com eles. A cozinha estava deserta. De repente, o cozinheiro jazia no chão com o pescoço quebrado. O guarda que estava junto à porta observava o pátio. Alfons piscou um olho para mim. Saímos rápido pela janela da cozinha, entramos por outra janela e subimos as escadas em direção ao sótão, e de lá seguimos até o telhado.

Lá embaixo reinava a confusão. Tentamos nos manter o mais escondido possível, o que não era difícil; estávamos muito magros. O guarda que ficara junto à porta da cozinha corria de um lado para o outro, gritando para que os outros viessem. Eles entraram na cozinha e inspecionaram os armários.

Alfons sussurrou ao meu lado:

— Eles vão embora logo. Procurar prisioneiros em fuga chamaria atenção e causaria inquietação, e Werle deu ordens de que se comportassem com calma.

Alfons estava certo: os guardas deixaram a cozinha e o corpo do cozinheiro e foram embora. Observei-os atravessando o pátio. Quando vi um rosto familiar passando pelo grupo de guardas, estive a ponto de cair do telhado, mas recuperei minha atenção e tensionei os músculos.

— Você já viu aquele Todt aqui antes? Como guarda ou fazendo outra coisa?

— Aquele? Não tenho certeza.

Um grupo de prisioneiros estava sendo levado em direção à barraca das mulheres: eu conseguia distinguir o barbeiro e o sapateiro do campo de concentração. Dentre os guardas, vi de relance uma pessoa que não deixava nenhuma dúvida de me ser familiar. Reconheci seu andar, era diferente dos outros pelo vigor.

Estávamos longe demais, não vi bem a expressão em seu rosto, mas supus que meu primo não estava dominado pelo mesmo pânico que os guardas, muito menos que os prisioneiros, e que seu pulso estava acelerado de empolgação, não de medo.

Ele estava de cabeça erguida.

O campo de batalha jamais combinara com ele. Aparentemente, isso combinava.

1944

Reval,

Comissariado-Geral de Estland,

Comissariado do Reich para Ostland

Edgar bateu à porta do ss-Hauptsturmführer Hertz de novo, agora com o punho fechado; o barulho ecoou pelas escadas. Parou para ouvir. A casa estava silenciosa, só se ouvia o latido de um cachorro no andar de baixo, mais nada. Não se via um único alemão na Roosikrantsi, as portas da loja do Exército foram deixadas abertas e o estabelecimento tinha sido saqueado, os pacientes haviam desaparecido do hospital. Edgar pegou do bolso uma gazua feita por ele mesmo que provara ser muito útil; a tranca se abriu. O apartamento estava deserto, os serviçais haviam partido. A sala de estar estava uma bagunça, uma figueira seca caída em meio aos pedaços de um vaso quebrado, a terra espalhada pelo chão, o tapete estava dobrado, as cortinas quase arrancadas. Edgar olhou rapidamente cada cômodo. O armário do escritório estava escancarado, as gavetas vazias. No quarto, era possível sentir o cheiro do perfume de Juudit, alguns vestidos ainda estavam pendurados no armário. As gavetas da penteadeira estavam abertas. Vazias. Os armários da cozinha estavam vazios. Conferiu as janelas: exceto por algumas rachaduras, estavam intactas. Em cima de uma cômoda e do parapeito da janela havia apenas pó, e não a cinza dos bombardeios. A terra da figueira estava seca, no carrinho de bebidas ainda havia copos cujo conteúdo havia evaporado, em uma mesa de tabaco havia a edição de abril da *Revaler Zeitung*. Na geladeira, Edgar encontrou uma garrafa de suco, que abriu com avidez e se sentou para refletir. O caos

do apartamento não tinha nada a ver com a partida dos alemães: era anterior àquilo. Se Juudit tivesse sido presa, provavelmente não poderia fazer as malas. Teriam os serviçais saqueado o apartamento depois disso? Por que a bagunça, por que a pressa? As cadeiras da sala de jantar haviam desaparecido. A pressa parecia ter sido ainda maior que a dos outros alemães. Teria havido uma briga no apartamento, seria o caos devido à captura do grupo de refugiados ou a outra coisa? Teria Hertz ocultado a participação de Juudit ou postergado sua revelação para que as atenções não se voltassem para ele, teria o próprio homem tido problemas? Talvez tanto Juudit quanto seu amante já estivessem a caminho da Alemanha.

Quando Edgar por fim saíra de Klooga para ir a Talim, a cidade já estava sem alemães. Seu estômago começou a torturá-lo, mas ele não deixou que a dor o dominasse, não se dera permissão para ter um colapso, embora já intuísse que os navios já haviam partido. O Opel Blitz que entrara em Klooga no dia anterior, transportando um grupo especial de alemães apressados, havia desaparecido imediatamente após o campo de concentração ter sido desmantelado. Ele deveria ter fugido depois disso, ou ido durante a noite com os guardas que escapavam de Klooga, não deveria ter esperado permissão para entrar no caminhão que levaria os últimos para o porto. Era tarde demais para se arrepender. Tudo havia desaparecido. O estoque de medicamentos dos alemães e as clínicas tinham sido saqueados, os barbeiros e os sapateiros do Exército haviam desaparecido, de Soldatenheim restava apenas o letreiro, apenas uma pia construída no chão fora deixada na lavanderia da rua Vene. A bandeira da Estônia ondulava na torre Gran Hermann. Parou para olhar para ela. Um garoto correndo na rua lhe contou que os homens do almirante Pitka estavam se juntando para defender o novo governo da Estônia. “E o capitão Talpak está aqui também! Todos os bons homens da Estônia estão armados! Nunca mais vão deixar que os russos entrem aqui!”

Ele estava atrasado, não chegaria a Danzig. O assunto seria confirmado no porto.

Não havia tempo para refletir muito. Levantar-se subitamente da mesa fez sua cabeça girar, mas apenas por causa da fome e do vômito que grudara em sua bota de couro no campo de concentração. Edgar só havia notado o fedor agora. Limpou as botas rapidamente com uma toalha que umedecera e foi se arrumar sem olhar no espelho. Conhecia-se bem o bastante para saber que seu rosto não tinha a mesma expressão que o dos outros no caminhão para Talim. Depois que o motor quebrou, os outros homens viraram as costas para o porto, para o Exército alemão e para as ordens alemãs. Começaram a caminhar para casa. Edgar, em direção ao porto.

A água ainda fluía das torneiras do banheiro, e ele se permitiu se arrumar rapidamente; balançou a cabeça para afastar a névoa do cérebro, causada pela falta de sono, e depois foi investigar o escritório. Não encontrou nada de valor, nem ouro, nem prataria. Dos materiais de papelaria da escrivaninha, restavam apenas algumas manchas de tinta no apoio para escrever. Devia ter agido antes, forçado Juudit a contar onde tudo estava escondido, onde ficavam os papéis mais importantes, onde estavam o ouro e os objetos de valor; devia ter previsto que teria a oportunidade de saquear o apartamento enquanto o grupo de refugiados era capturado. Edgar tinha sido otimista demais, de uma maneira infantil. Perdera essa oportunidade também. Mas não havia tempo para desanimar. Pegou algumas fronhas do quarto e começou a enchê-las com os papéis deixados. Por um breve momento, pensou se os alemães haviam deixado aqueles arquivos propositalmente e, se tivessem, se seriam eles talvez falsificados; ou seria mesmo o caso de o apartamento de um capitão da SS, que servira no Serviço Secreto, não ter sido inspecionado e esvaziado, ou que o próprio homem não tivesse levado papéis confidenciais consigo. Se Juudit tivesse sido pega, Edgar acreditava que os alemães não seriam descuidados com documentos, mas isso não importava. Qualquer papel podia ser útil como mercadoria para ser vendida, tivesse sido deixado propositalmente ou não; caso o saque se provasse insuficiente, ele sempre podia falsificar alguns documentos contendo informações de maior peso. Só por precaução, Edgar recolheu também formulários em branco, envelopes e papéis, até alguns carimbos. Pensando melhor, levou tudo o que restara do material de escritório,

incluindo máquina de escrever, fitas e frascos de tinta que foram encontrados no fundo de uma gaveta. Em meio aos relatórios, encontrou alguns que já lhe eram familiares, alguns feitos por ele mesmo com afeição; esses ele queimou, e com eles os documentos de identificação de Eggert Fürst, a braçadeira de OT-Bauführer e a permissão de evacuação, com a qual ele ficara maravilhado havia tão pouco tempo. Fechou a porta do forno com a mão direita. Primeiro, esconderia o tesouro que havia encontrado; teria de resistir, por mais que as fronhas fossem pesadas. Logo voltaria a Klooga. Lá, encontraria um uniforme adequado da pilha de roupas e se deixaria encontrar pelos bolcheviques. Voltaria a ser Edgar Parts, prisioneiro e testemunha forçada dos horrores, salvo no último instante pelo Exército soviético.

1944
Klooga,
RSS da Estônia, União Soviética

O campo de concentração estava deserto, inclusive de alemães.

Nós nos arrastamos pelo telhado de volta ao sótão. Escondidas lá, havia criaturas esqueléticas com uma permanente expressão aterrorizada no rosto. Tentei puxar uma delas; o homem se defendeu gritando, ele não entendia o que eu dizia e eu não entendia a língua dele. Repeti que os alemães tinham ido embora. Soletrei palavras em alemão, *keine Deutsche, kein mehr*, e, embora quase não soubesse alemão e o idioma resistisse a sair da minha boca, tentei fazer com que ele entendesse. Mas não entendeu. Os gritos eram carregados de um pânico animalesco, vazio de humanidade, de qualquer vestígio dela. Havia algo ameaçador naquela gente. Eu não me atrevia a dar as costas a eles. Alfons começou a se mover lentamente em direção à porta, de costas. Segui seu exemplo e, depois de chegar à porta, saímos correndo.

O portão do campo de concentração estava aberto. Não se via ninguém. Começamos a correr. Eu estava fraco, arrastava os pés mais do que corria. Tensioneiei os músculos para clarear meus pensamentos, a fome não havia conseguido corroer meu cérebro. Os alemães podiam voltar. Ninguém nos seguira desde o sótão.

Uma vez do lado de fora, fomos em direção à floresta. Levei a mão à boca e tapei o nariz com os dedos. Aqueles que tentaram escapar foram abatidos com tiros nas costas, havia cadáveres em todo canto por entre as árvores. Eu e Alfons não éramos capazes de olhar um para o outro, não olhei para baixo ou para os lados, nem na direção de

onde vinha um calor intenso. Não olhei para os troncos carbonizados, não olhei para a claridade das árvores recém-cortadas, não olhei para o que havia entre elas, não olhei para as mãos, para as pernas, para os pés com ou sem sapatos espalhados pelo chão. Foquei meus olhos ao longe. Encontraria a primeira estalagem, trocaria de roupas, pediria comida. Alguém nos ajudaria. Eu diria que os alemães partiram. Em frente. Nunca mais pensaria no que tinha deixado para trás. Agora era o momento que esperávamos e para o qual havíamos nos preparado. Os alemães tinham ido embora e os russos estavam a caminho para conquistar nosso país. Mas não permitiríamos que eles entrassem.

SEXTA PARTE

“No Ocidente imperialista, a voz insolente dos revanchistas nacionalistas grita cada vez mais alto, as colônias criadas em Nova York, Toronto, Londres, Estocolmo e Gotemburgo fervilham como vespeiros. É preciso lembrar que os ‘comitês’ ou ‘conselhos’ formados nesses focos são sempre ninhos de cobras e de destruição. O grupo de traidores nacionalistas não descansa! O inimigo não dorme nem esquece! Ele continua com seu trabalho destrutivo e, portanto, a nova geração tem de ficar alerta. Após a queda da Alemanha nazista, uma nova geração foi forjada, que conhece essa época de estranheza apenas por meio dos livros escolares e dos relatos dos contemporâneos da guerra. Logo não haverá mais testemunhas oculares, e as únicas testemunhas daquele sadismo serão os livros. Mas a nova geração precisa ser lembrada de que no chamado ‘mundo livre’ há assassinos nacionalistas andando em liberdade, e seus trombones ressoam livremente em Nova York!”

Edgar Parts. *No coração da ocupação nazista*. Eesti Raamat: Talim, 1966.

1965
Talim,
RSS da Estônia, União Soviética

Comeram a salada russa, beberam um pequeno bule de café. O camarada Parts pediu outro bule, embora isso não fosse aliviar sua frustração. Já estava sentado no café Moscou havia horas e não via sinal do Objetivo, o moleque estava atrasado e Parts não sabia quando poderia voltar para casa. Talvez somente depois que o café fechasse as portas. Parts piscou repetidamente para se manter acordado. A nova missão era honrosa, com certeza, mas de início fora um choque.

Parts olhou fixamente para a foto do Objetivo sobre a mesa na central de inteligência: costeletas, espinhas, a autocomplacência típica da juventude e uma pele quase intocada pela vida. Edgar ainda não entendera o que havia acontecido. Tinha recebido uma tarefa cujo objetivo, julgando pelo todo, era mapear as atividades antissoviéticas dos estudantes. A nova prioridade de Parts era um garoto de 21 anos: com quem ele se encontrava, onde e quando. Tinha permissão para continuar a escrever, desde que isso não interferisse na nova tarefa.

Quando Parts pôs os pés na rua após ter recebido a missão, os paralelepípedos sob seus sapatos pareciam escorregadios, apesar do tempo ensolarado; a náusea era um sinal de enxaqueca iminente. Seu relacionamento com Porkov já era de confiança, o manuscrito progredira bem e nenhuma insatisfação havia sido expressada, e o prazo de três anos ainda não expirara. Mas Parts não seria mais subordinado direto do camarada Porkov, fora designado a um novo oficial de contato. Seu último encontro com Porkov fora totalmente normal, não tinha havido nada de extraordinário. Teria alguém

finalmente notado que ele afanara o diário? Mas por que, então, ninguém viera atrás dele? Teria ele cometido outros erros, seria a operação Moscou uma medida disciplinar? Ou talvez teria o próprio Porkov sido transferido para outras atividades por causa de alguma má conduta? A nova tarefa de Parts não fazia o menor sentido: o Gabinete tinha seus próprios homens para seguir pessoas, e ele não era um expert na área, nem mesmo após o curto treinamento oferecido pelo Gabinete. Embora Parts fosse um renomado especialista em caligrafia, o Gabinete o considerara adequado para aquela tarefa; o mesmo Gabinete cujas políticas não incluíam a transferência de pessoas consideradas eficientes para fora do próprio território.

Ao lado das informações relativas ao Objetivo havia uma lista de materiais que deviam ser devolvidos ao Gabinete, incluindo a versão mais recente de *Informações proibidas em publicações, programas de rádio e televisão*, que ele havia recebido de Porkov. Parts duvidara que receberia a versão atualizada quando estivesse pronta, duvidara que ela fosse considerada útil para ele. Embora soubesse as instruções de cor, não gostara do tom humilhante da ordem de devolução. Tratava-se de um lembrete, um modo de dizer quem manda. Ao menos ele poderia ficar com a máquina de escrever em casa.

Um colega no canto do salão pediu uma xícara de chá. Parts desviou o olhar, sentindo vergonha pelo homem. Uma piada popular circulava pela cidade: como se reconhece um espião bebendo café? Porque ele fecha um dos olhos — um velho hábito dos russos, graças à colherzinha deixada dentro da xícara. A anedota havia feito Parts rir uma vez, mas agora não mais. O homem podia ser identificado como um integrante do Gabinete já a distância; só ficava sentado observando, a mesa vazia. Talvez se tratasse de um novo método do Gabinete, deixar o ambiente ciente de todos os olhos do Estado. Parts não acreditava em tais métodos. Acreditava em ser natural e invisível e, por causa disso, até pensara em flertar com alguma secretária ou balconista ociosa da fábrica Norma; as mulheres sempre ofereciam uma desculpa conveniente para passar o tempo no café. Mas sair com mulheres consumia tempo e era caro e, no fim das contas, Parts optara por uma alternativa mais fácil: fingiria ser um professor corrigindo

provas, ou talvez até mesmo um escritor. O manuscrito também tornava possível anotar imediatamente tudo o que acontecia durante o dia — assim, a transcrição seria mais fácil. Parts havia deixado para lá a humilhação trazida pela nova tarefa e, ao deixar seu casaco no guarda-volumes e subir as escadas para o salão no andar superior, já assumira uma boa postura que era acompanhada por um balanço energético da pasta. As pessoas vinham ao café para se divertir, logo ele tinha de parecer estar se divertindo, tinha de manter o rosto alegre.

A situação era ainda mais peculiar pelo fato de que, junto da nova tarefa, haviam por fim lhe indicado uma editora, a Eesti Raamat, e um editor. O camarada Porkov não conseguira cuidar desse assunto, apesar de suas promessas, ainda que metade do adiantamento fosse dele. O novo supervisor não havia expressado nenhum interesse no dinheiro; graças a ele, Parts pudera finalmente deixar seu cargo de guarda na fábrica Norma. Porém, o tempo que tinha agora, depois de ter deixado o trabalho diurno, era consumido seguindo jovens estudantes, e não no manuscrito.

A visita à editora tinha sido estranha: o chefe de lá não parava de olhar para ele com ar nervoso, mantendo constantemente um olho na porta. Era quase possível ouvir os passos dos inspetores da Glavlit nos corredores. O próprio Parts já identificara um deles junto à porta pela expressão do rosto, que não parecia ver nada. Atrás da escrivaninha, o editor puxava inquieto a gola da camisa, seu pomo de adão subindo e descendo de temor pelo emprego. Observar as expressões do homem divertira Parts o suficiente, fazendo com que a melancolia causada pela nova tarefa fosse amenizada. Ninguém havia feito nenhuma pergunta sobre o manuscrito, apenas entregaram o envelope com o dinheiro sem falar nada. Nos corredores da editora, era olhado como alguém cujos contatos o protegiam, e ele sentia no rosto o toque doce do poder, quase sentia na pele um suspiro de admiração dos empregados da Glavlit. Talvez não houvesse razão alguma para a confusão, talvez Parts tivesse entendido tudo errado, talvez o Gabinete simplesmente o considerasse tão polivalente que ele teria uma chance de promoção também na nova tarefa. Ao menos ter

deixado a fábrica Norma era um progresso, assim como o contrato com a editora.

Porém, durante a noite, a renovada confiança de Parts veio abaixo. Não havia sinal do Objetivo, nada parecia acontecer. Parts havia colocado seu manuscrito entre um prato de trufas e um bule de café e trabalhava na estrutura das frases. Duas garotas se sentaram à mesa habitual do Objetivo e se perguntavam se suas permissões de viagem para Saaremaa seriam aprovadas antes que o pai delas, que morava lá, comemorasse o aniversário. Um grupo de estudantes de engenharia entrou subitamente pela porta e se juntou às garotas. Pediram uma garrafa de conhaque e café para a mesa toda. O colega de Parts vigiava os jovens sem deixar passar nenhum detalhe. Os rostos não eram familiares, eles não apareciam nas fotografias que lhe foram mostradas na central de inteligência. O grupo se mexia impacientemente, havia expectativa no ar, um espírito nervoso em sua comunicação: ninguém parecia prestar atenção na conversa, um deles não parava de brincar com a carteirinha de estudante nas mãos, outro ficava arrumando o chapéu de estudante e tocando sua aba — todos estavam interessados no conhaque e nos biscoitos Valeri. Parts notou que uma das moças vestia calças. Olhou-a com desaprovação enquanto brincava com o lápis, sem desviar a atenção do grupo, da presença imóvel de seu colega e do que acontecia no recinto de modo geral. Os dois homens que se sentaram à mesa ao lado das garotas enchiam os copos de Lõunamaine, e o licor intensificava o flerte do mais novo: ele comia biscoitos de cominho, que queria dividir com o mais velho, transformando isso em uma operação complicada, na qual inicialmente eles os partiam ao meio, depois um deles os colocava na boca e então transferia uma das metades de sua boca para os lábios do outro, que ficavam entreabertos, esperando. O mais velho acendeu um cigarro, o fósforo explodiu em chamas, e o fogo brilhou em seus olhos. Parts conseguia ver o movimento de seus pés pelo balanço discreto da toalha de mesa. Percebeu que a perna do mais novo se movera para tocar a do mais velho pelo modo como as narinas dos dois tremeram com o movimento da toalha de mesa; eles se entreolhavam, seus olhos

já antevendo os lençóis. Parts franziu o cenho. Toda essa atividade capturara sua atenção de tal maneira que ele não havia notado que o Objetivo aparecera na sala. Teria ele vindo sozinho, já estaria há muito tempo em pé no café Moscou? Parts olhou para o grupo em volta da mesa, vasculhou-o em busca de novos rostos, tentou notar quem partira. Seu colega no canto olhava diretamente para Parts e tinha um vislumbre de sorriso na boca, escárnio no canto do olho. Parts desviou o olhar para a mesa habitual do Objetivo e depois novamente para a sala. Não era possível. O Objetivo tinha desaparecido.

1965

Talim,

RSS da Estônia, União Soviética

A voz de Rein veio da cozinha e chegou aos ouvidos de Evelin enquanto ela esperava na sala de estar. Tentou ouvir, mas um rádio alto e o toca-discos que foram ligados assim que chegaram abafavam a conversa. Então essa era a casa aonde Rein sempre ia, sem dizer o motivo nem com quem se encontrava. A casa para onde Rein nunca a levava até então. Evelin estava nervosa e tensa em seu assento, embora estivesse sozinha e ninguém visse o que ela fazia na sala, se estava sentada de forma decente. Na mesa de centro havia uma tigela cheia de línguas de gato, o relógio de carrilhão tiquetaqueava e batia a cada quinze minutos, o pêndulo oscilava, cortinas esvoaçavam com a corrente de ar, o creme formara flocos no café e ela não sabia onde esvaziar a xícara. Talvez Rein só quisesse protegê-la e, por isso, não havia lhe contado tudo. Ou talvez ele quisesse bancar o misterioso, parecer ser um pouco mais importante, pois queria confortá-la para que ela não se sentisse tão só. Os outros companheiros que foram promovidos com Evelin tinham ido para Tartu, pois o curso de economia havia sido transferido para lá; ela não quis ir, porque Rein morava em Talim. Candidatara-se a uma transferência aleatória. Não ia se tornar gerente de banco como pretendia, mas sim engenheira. A União Soviética precisava de engenheiros, com eles seria formada a base de toda a sociedade. Evelin se arrependia de não ter se preparado para uma tarde sem nada para fazer. Podia ter levado consigo as anotações da aula ou aquele livro terrivelmente chato, a obra de Saarepera, *Metodologia de cálculo de indicadores e programa-modelo para os*

informes anual e trimestral de empresas industriais. Agora tudo o que podia fazer era comer passas e biscoitos.

No primeiro ano como estudante, Evelin fora ao café Moscou algumas vezes. Notara imediatamente Rein e o grupo que se juntava em volta dele. Era impossível deixar de notar Rein ou as garotas do grupo. Evelin nunca teria acreditado que Rein fosse se interessar por ela, uma menina do interior que tinha dois suéteres, uma saia e um vestido, e que não fazia ideia de todas as coisas que Rein sabia. As garotas que se sentavam em torno dele mudavam de vestido, blusas e calças diariamente, sempre novos. Calças! Sua mãe prometera que com os próximos bezerros ela receberia um vestido novo, mas mesmo isso levaria tempo. Quando era mais jovem, não fazia ideia de como a vida de estudante podia ser difícil se tivesse apenas um vestido no guarda-roupa. No colégio tudo havia sido fácil, bastava cuidar da gola e do vestido, só isso. Provavelmente os outros não sentiam saudade de uniformes escolares.

Evelin estava com sede, mas não tinha coragem de deixar a sala de estar. O café, que agora estava frio, já a esperava em cima da mesa quando eles chegaram. Percebia-se um toque feminino na maneira como a mesa fora posta, mas além daquilo havia apenas o homem de óculos que abrira a porta da casa. Talvez Rein só fosse para lá quando o homem estivesse sozinho em casa. A decoração moderna revelava que o proprietário da casa tinha boas conexões; a estante estava cheia de livros que só podiam ser obtidos no mercado negro ou diretamente da prensa. Evelin admirou os armários que iam até o teto e sonhou em tê-los um dia em sua casa, a sua casa com Rein. Haveria conhaque no bar para servir às visitas, a roupa de cama estaria organizada na prateleira, ela limparia as portas dos armários diariamente, as superfícies seriam imaculadas e o verniz reluziria e faria a sala parecer maior do que na verdade era. Ela e Rein beberiam Aroom todas as manhãs depois de fecharem juntos o sofá-cama, colocarem o encosto de volta no lugar, dobrarem e guardarem os lençóis. Para as visitas, haveria café, um café no qual mais nada teria sido moído e misturado. No parapeito da janela, atrás das cortinas, haveria cactos. No magnetofone, Rein colocaria para tocar música das guitarras elétricas

gravada pelos seus amigos, e, enquanto os discos girassem, ele a puxaria para o seu lado no divã. Os lençóis por fim seriam dela mesma.

Antes de Rein concordar em levar Evelin consigo para aquela casa misteriosa, ela dera a entender que suspeitava de outra garota. A acusação deslizara dos lábios de Evelin sem pensar e com facilidade. Todas aquelas garotas bem-vestidas que iam ao Moscou a incomodavam, especialmente a estudante de arte de pernas brancas como leite que dormia na cama de cima do beliche, com quem dividia o quarto com outras duas meninas. Toda vez que Evelin levava Rein sorrateiramente para o quarto, a garota da cama de cima do beliche já estava deitada e, de debaixo dos lençóis, podia-se sempre ver um pouco de uma coxa, seios ou pernas, os cabelos pendendo da beira da cama. Os olhos de Rein grudavam nas pernas da garota e nos seios que escapavam do cobertor, brilhando no escuro como uma lua branca; a garota movia o braço como se estivesse dormindo e erguia o seio, fazendo-o parecer ainda maior, esperando por uma boca aberta para cair nele, esperando por uma gota de saliva. Era por isso que Evelin não queria levar Rein para o próprio alojamento, pois ele estava cheio de garotas correndo em anáguas, pijamas, gracejando na cozinha, e porque a garota da cama de cima do beliche sempre se deitava mais cedo, para esperar que ela e Rein se esgueirassem para dentro do quarto. Evelin só o levava para o alojamento quando ele insistia muito. Então, ela cozinhava mais batatas e as fritava com o óleo que guardava em uma xícara, enquanto Rein distraía o supervisor, que sempre se esquecia da regra das dez horas quando se tratava dele. Evelin nem sonhava em ir ao alojamento estudantil do namorado; os garotos do último ano haviam decorado as paredes com besouros presos com tachinhas. E, de qualquer maneira, seria ainda mais desconfortável — todos aqueles rapazes... Tampouco Rein a convidara para ir lá.

Eles entraram na casa do homem de óculos pela porta dos fundos. Para chegar lá, passaram por ruelas e caminhos entre os prédios até uma rua maior; de lá, Rein a conduziu para os arbustos através dos

quais eles chegaram ao quintal da casa. Ali, Rein tirara alguns galhos do cabelo dela e limpava o próprio. As meias conseguiram ficar intactas, e Evelin se sentira aliviada. Rein tinha batido ritmicamente à porta cinza e, enquanto eles esperavam que fosse aberta, Evelin observara a vizinha. A mulher carregava baldes de água pesados, e atrás dela havia fraldas penduradas no varal, secando como mortalhas. Depois de esvaziar os baldes em uma tina, a mulher se virara para pegar mais água. Alguém estava afiando uma foice. Evelin se lembrava de uma garota que havia sido expulsa do alojamento estudantil e da risada da garota de pernas brancas dizendo que acidentes só aconteciam com pessoas bobas. Evelin não queria ser uma boba, não queria ter a vida arruinada, manchar-se, embora Rein tivesse alegado que ninguém arruinava a vida assim. Mas Evelin tinha certeza de que era possível, e isso a fazia temer cada encontro; não poderia explicar o abandono dos estudos para os pais. Além do estipêndio, a permissão de criar bezerros garantia o dinheiro necessário para que ela estudasse, mas isso significava que sua mãe tinha de cuidar dos bezerros além do trabalho no colcoz. Ela dava o sangue para que Evelin pudesse estudar; mas, sempre que Rein deslizava as mãos para onde não devia, ele a levava sem cessar para uma situação que poderia pôr seus estudos em risco. Toda vez que conseguia ficar no alojamento feminino, Rein apertava seu corpo contra o dela, tocava seus seios e sua mão descia em direção ao ventre. Enquanto isso, Evelin fechava os olhos, rechaçava o pensamento sobre o seio na cama de cima do beliche e empurrava a mão de Rein para o lado, afastando-a; para não pensar na possível raiva de Rein, focava no período de provas de verão, um pouco preocupada também por Rein, pois ele teria dificuldades para passar. Ele parecia simplesmente não se preocupar, havia tanto a fazer, coisas mais importantes...

A voz de Rein agora vinha de mais perto; o riso soava como o som que os homens soltam quando, após uma longa discussão, chegam a uma solução que satisfaça a todos. Havia certo alívio nela, embora fosse intensa demais para soar despreocupada; intensa demais, a risada de Rein frequentemente era assim. As risadas de alívio

continuaram quando Evelin foi levada novamente à porta dos fundos e eles partiram através dos mesmos arbustos por onde entraram. Por causa das meias, Rein tirou o casaco e o enrolou nas pernas dela, levantou-a no colo e a carregou até a rua. Só no ponto de ônibus Evelin notou que Rein carregava um saco de pano no braço.

— O homem lhe deu alguma coisa?

— Livros — respondeu Rein.

— Que livros?

— Você os acharia insuportáveis.

Evelin não fez mais perguntas, pois Rein não gostava de garotas que perturbavam. Agora ele estava de bom humor; tocou levemente sua clavícula, sussurrando em seu ouvido: “Veja, nada mais estranho que isso acontece por aqui.” Os lábios de Rein estavam tão próximos dos seus que ela já sentia o beijo, então deu um passo para trás.

— Todo mundo está vendo.

— E daí?

Ela virou a cabeça e os lábios de Rein roçaram sua orelha, a respiração dele explodiu em seu canal auditivo e era como se ela tivesse levado uma concha ao ouvido, o mesmo tipo de concha que guardara como souvenir da viagem que fizeram juntos de carona para o Cáucaso. Pôs os braços em torno dele, forçando-o a se afastar um pouco.

Apesar da aparente tranquilidade, Rein estava tenso, a palma de sua mão mais quente que o ônibus sufocante que pegaram. O nervosismo não era por causa da saia de Evelin, embora ela a tivesse encurtado mais do que pretendia. Evelin colocou suas costas contra Rein para evitar homens com mãos bobas. Eles se tornaram um verdadeiro problema nos ônibus.

No ônibus lotado, ela conseguiu deslizar a mão para dentro da sacola de Rein e sentiu papel fotográfico. Uma grande pilha de papel fotográfico. Tirou a mão, e o hálito dele acariciou sua nuca.

À noite, antes de retornar ao alojamento estudantil, Evelin colocou a mão no bolso de sua jaqueta, impressionada com sua coragem. Havia secretamente roubado uma foto da sacola de Rein. A foto tinha apenas

texto: a reprodução de uma página de algum livro. As palavras estavam em um idioma estrangeiro.

1965

Talim,

RSS da Estônia, União Soviética

Sozinha na mesa habitual do Objetivo, a garota que vestia calças balançava novamente as pernas. Outra moça havia se sentado à mesa e elas começaram a escrever algo em pedaços de papel retangulares. Uma tensão irritante se espalhou pelas têmporas do camarada Parts. Lá estava ele, um homem competente, e sua tarefa era observar garotinhas preparando colas para uma prova. Parts vira seu colega atravessando a porta do Palace quando ele próprio estava a caminho do café Moscou. Naquele exato momento, o homem poderia estar bebericando champanhe e comendo pão de trigo com caviar em uma atmosfera internacional. Por que Parts não havia recebido ordens para ir para lá, pelo menos? Teria alguém reclamado de seu trabalho? Estaria o Gabinete insatisfeito com ele? Teriam os órgãos realmente pensado que ele era mais adequado para aquele tipo de tarefa, observar estudantes negligentes? Não havia nada que fizesse Parts acreditar nisso. Ele sabia suficientemente bem como se comportar com os ocidentais para se adequar aos círculos internacionais no Palace, a questão era outra. Teriam ocorrido reclamações sobre o comportamento de sua mulher? Seria ela tão problemática que o comitê de segurança tinha achado melhor não dar um papel mais visível para Parts? A ideia não era inconcebível. Ele não era mais convidado para consultas em Pagari com pessoas do alto escalão, os convites para jantares também haviam parado. Parts deu um suspiro que balançou os papéis. A meia-luz do café cansava seus olhos. Ele sempre enrubescia ao se lembrar do encontro dele e da esposa com o

chefe da Agência de Notícias da Estônia, Albert Keis, em que ela interrompera a conversa para falar das coleções de arte das escolas. Na hora, Parts não havia suspeitado de nada negativo e simplesmente deixara a conversa fluir, até seu cérebro perceber que sua esposa estava elogiando os trabalhos do jovem Alfred Rosenberg, pendurados nas paredes da Escola de Peetri. Ele começara a tossir, sua garganta ficara subitamente seca. As sobrancelhas de Albert Keis se ergueram, seus olhos se arregalaram.

— Do que você está falando?

— Dos trabalhos do jovem Alfred Rosenberg. Sinais de um verdadeiro talento, um domínio de traço realmente notável.

Felizmente, Parts tinha conseguido se recompor e salvara a situação expressando sua reprovação — de fato, ele também ouvira dizer que as obras de Rosenberg ainda estavam penduradas nas paredes das escolas; por que ninguém havia feito algo a respeito? Conseguira se lançar em tal fúria que a conversa cheia de admiração e a expressão encantada de sua mulher foram jogados para segundo plano. O novo ferro de passar roupas, comprado para substituir o velho que estava quebrado, pesava na sacola; Parts queria deixá-lo lá mesmo, na rua. Havia muita gente ao redor deles, as vitrines das lojas Kaubamaja reluziam, Keis continuava encarando-os fixamente, a voz de Parts se elevava, os transeuntes olhavam para eles e a mão que carregava o ferro ficou dormente. Sua esposa se virara para olhar para as vitrines das lojas como se não tivesse nada a ver com o incidente.

Mais tarde, Parts ouvira dizer que haviam, de fato, encontrado obras de Rosenberg na Keskkooli II de Talim, antiga Escola de Peetri, e que elas foram discretamente removidas. Sua esposa tentara explicar que ela lhe fizera um favor, pois contara um fato chocante, cuja revelação só poderia beneficiar Parts. Mas ele se lembrava dos adjetivos usados por sua mulher: talentoso e notável, um artista de verdade. E se Keis tivesse relatado aquele incidente ao Gabinete?

Parts pediu uma salada russa, um bule de café e três trufas. Quando a garçonete veio com a bandeja, seu colega chegou ao café e foi para o mesmo canto onde estivera na noite anterior. Os olhos do homem

estavam carregados de escárnio e seu alvo só podia ser o próprio Parts. Este tentou esconder sua vergonha batendo a pilha de papéis contra a mesa, e, depois de arrumá-la, colocou-a diante de si e tocou o bolso interno do paletó. Seu passaporte estava lá, como sempre. Percebeu que esse movimento era compulsivo e tentou controlar a mão quando notava que ela ia em direção ao bolso interno de novo, movendo-se para tocar o colarinho branco. As passadeiras do Centro de Serviços Kiire sabiam como passar muito bem, porém, graças ao adiantamento, ele havia começado a sonhar em ter uma empregada doméstica; as roupas lavadas em lavanderias públicas nunca voltavam totalmente limpas. Os Martinsons certamente tinham uma empregada doméstica, talvez tivessem até uma máquina de lavar. Com uma daquelas era fácil acentuar sua posição social, mencionando por acaso a máquina de lavar e como ela tornava a vida fácil. Outros tinham Maria, Anna ou Juuli para lavar as roupas e limpar a casa por três rublos por dia; logo uma delas viria para sua casa também e passaria as enormes pilhas de lenços resultantes dos colapsos nervosos de sua esposa.

Parts não gostava de ferros de passar, e dos de carvão gostava ainda menos do que sua mulher, mas por razões diferentes. Seu fulgor avermelhado lembrava a cozinha em Patarei, para onde ele tinha sido levado depois da retirada dos alemães. Podia-se ouvir gritos na sala ao lado: era Alfons, o judeu, que sobrevivera aos alemães e que por isso, aos olhos soviéticos, era obviamente um espião do Reich. Ao ouvir aqueles gritos, Parts prometera a si mesmo que não morreria na cozinha. O fato de que os altos órgãos haviam descoberto seu treinamento como espião na ilha de Staffan ainda machucava; os órgãos tinham, mais uma vez, provado sua superioridade e ele falhara. Mesmo depois de todos aqueles anos, o fulgor do ferro trouxe de volta o cheiro de carne queimada, o cheiro de humilhação. O tesouro dos documentos alemães o salvara da tortura com ferro em brasa, mas ele teria partilhado seu conhecimento com os russos com prazer, de qualquer forma. Era um homem sensato, não havia necessidade de ameaçá-lo, apenas perdedores eram torturados por motivos insignificantes.

Depois de se acalmar com as trufas, começou a organizar seus papéis e tomar notas, sem deixar seus pensamentos divagarem como há pouco. Teria de analisar suas conjecturas sobre a esposa em outro momento. Não queria que suas preocupações transparecessem, tinha de manter uma expressão de coragem, embora houvesse restado suspeitas indelévels nos lugares mais distantes de seu cérebro, desde que finalmente conseguira informações sobre as esposas daqueles levados à Sibéria. Seus argumentos fracos e suas explicações confusas foram aceitos: ele viu o olhar de Porkov já apontado para Moscou, sua mão em direção às estrelas do Kremlin. O homem lhe prometera também informações sobre Cabeça de Repolho, mas, antes disso acontecer, ele havia parado de cooperar. As listas não revelaram nada útil em um primeiro momento, ninguém que ele poderia pensar ser a namorada de Roland. Riscou imediatamente as mulheres que moravam longe demais da terra natal de Roland; não acreditava que o primo fosse se juntar a uma completa desconhecida, morando em algum lugar distante, e as descrições da natureza no diário pareciam apontar para a conclusão de que Roland não se afastara de sua terra natal. Ele só confiaria em uma mulher com quem já tivesse algum tipo de conexão prévia. Havia apenas um nome familiar na lista, mas era improvável: a própria esposa.

Durante os últimos dois anos, Parts tinha lido a lista repetidamente e sempre voltava ao nome da esposa. Passara a observá-la com outros olhos, tentando encontrar uma pista em seu comportamento, uma brecha que a forçasse a se abrir e conversar sobre algo que daria a ele a certeza ou os meios para trazer a verdade à tona. As suspeitas cresciam, porque Parts não sabia o que ela realmente fizera enquanto ele estava longe. Ela não havia ido ao funeral de mamãe, mas a visitara no interior enquanto ainda era viva, e mamãe escrevera que, pelo menos uma vez, sua nora tinha sido útil: ela ajudara a preencher as cotas de trabalho da melhor maneira possível, colhendo amoras e cogumelos e preparando compotas quando as forças de Leonida e Aksel esvaneceram, e em troca de banha de porco obtivera um pouco de ácido carbólico para árvores frutíferas e amoreiras, borrifando-o segundo as instruções de Roland, de forma que houve colheitas de

qualidade para vender no mercado. Ela havia plantado flores, coletara lenha da floresta e tinha passado a maior parte das noites no estábulo, no celeiro e, às vezes, na velha cabana de Leonida na floresta, para a qual o colcoz não encontrara nenhum uso. Isso, é claro, fora sensato: havia muitas testemunhas do relacionamento de sua esposa com os alemães, os tempos eram difíceis e seu marido estava na Sibéria. Mas, mesmo assim... E se a nostalgia súbita de sua mulher pelo campo e as repetidas visitas à mamãe tivessem algo a ver com Roland? E se sua mulher tivesse, de fato, corrido para o colo do primo com sua cesta cheia de amoras, e se ele derramara os segredos de sua alma no ouvido dela enquanto os dois compartilhavam travesseiros?

Olhando de esguelha, a perna da garota que vestia calças balançava o tempo todo. Parts comeu a salada bem devagar, buscando com a língua as ervilhas congeladas e mordendo-as com os caninos, uma por uma, às vezes limpando a maionese da boca com um guardanapo. Talvez estivesse perdendo o rumo. Sempre soubera que caminho tomar, sempre tivera um instinto natural. Agora se sentia confuso, a pesquisa para o manuscrito sempre acabava em um beco sem saída, em um obstáculo ou nos olhos da esposa como se fossem um muro de concreto. Parts tampouco entendia a situação para a qual o Gabinete o tinha enviado. Sentia-se um pouco enferrujado para uma missão de campo, apesar do treinamento. Na noite anterior, tinha entrado em pânico e recolhera seus papéis quando estivera certo de que o Objetivo havia desaparecido e não apenas ido ao toalete; correria para a rua, parara para ouvir por um instante e fora para o alojamento estudantil do Objetivo. A janela do Objetivo estava escura. Parts tinha se sentido como um cachorro que perdera sua pista e desistira, a lua refletida com escárnio na janela escura. À tarde, esperara confiante, mas em vão, escondido em um recesso da parede, pela aparição do Objetivo. O garoto de costeletas não estava na multidão que saía do alojamento, obviamente um indivíduo diferente das pessoas do grupo do Moscou; estes eram estudantes comuns, não tinham o ar tenso de agitação que podia ser sentido no café e que se exacerbava quando o convidado trazido para o estabelecimento começava a falar seriamente. Aulas secretas, era disso que se tratava. Não era surpresa

que os estudos regulares não interessassem ao rapaz. Ele estava interessado no pacto Molotov-Ribbentrop e em como era a vida na Finlândia ou nos países ocidentais. Dentre os alunos de suas aulas, provavelmente havia alguns que já tinham viajado ao Ocidente, jornalistas e atletas que passaram pelas análises do Gabinete e receberam uma permissão de viagem. Era assim que agradeciam por seus privilégios... Seria inveja o que picava a pele de Parts como um mosquito, ou seria apenas o ar abafado do café que fazia sua pele coçar?

Parts tinha de conseguir resultados, pôr sua carreira novamente em marcha. Tinha de varrer a incerteza para debaixo do tapete, lembrar-se das próprias habilidades, de como as coisas se tornavam magicamente verdade quando ele as dizia em voz alta ou as escrevia. Passara por isso pela primeira vez na escola. Havia sumido dinheiro do bolso do jaleco do professor e mandaram-no ficar de pé em um canto da sala até confessar. Ao término do dia, o professor havia recolhido seus livros e anunciado que Edgar passaria a noite na sala se não confessasse. Sua culpa era clara: quando os outros foram para o recreio, ele tinha permanecido para apagar o quadro-negro, pois era sua vez de fazê-lo. Edgar negara sua culpa e, enquanto deixava as palavras escorregarem da boca, sentia a batida pesada do coração, um zumbido nos ouvidos, mas nenhum suor com cheiro de medo emanara da pele, as axilas se mantiveram secas e a respiração continuara calma como um sermão de igreja. Não obstante, a insegurança pesava como chumbo no estômago, ele achava que aquilo não ia colar de forma alguma, que o professor não acreditaria. Mas ele acreditava, e a crença tinha se tornado mais forte quando Edgar continuara com um tom de voz confiante do qual a irreverência adolescente se apagara, ele mantivera a voz calma de um homem que falava a verdade, que devia ter sido Ants. Ants precisava de dinheiro porque não tinha tempo de fazer a lição de casa e pagava aos outros que a fizessem. Ants tinha vindo à sala enquanto ele estava apagando a lousa... Edgar saíra da escola naquele dia tentando esconder o sorriso. Depois de virar uma esquina, havia deixado o sorriso se espalhar pelo rosto e permanecera assim enquanto passava por

garotos brincando de guerra dos bôeres, enquanto andava pelo parque, passando por um sapateiro, e continuara a sorrir até chegar ao seu quartirão, e o sorriso ainda aquecia seu rosto quando pousou a cabeça no travesseiro de penas, debaixo do qual tinha escondido as coroas que Ants lhe dera para que fizesse suas lições de casa.

O Objetivo chegou com os amigos às cinco e quarenta, e, mais uma vez, pediu um bule de café preto e um pãozinho Moscou. Parts estava alerta.

— A gente se preparou para perguntas sobre o vigésimo congresso do Partido Comunista da União Soviética, o vigésimo primeiro e o vigésimo segundo.

— Faça uma cola para mim também.

— Faça você mesmo. — A garota riu, dando um tapinha no Objetivo.

A caneta de Parts não parava, ele conseguira anotar tudo. O pianista ainda não havia começado a tocar e o café estava relativamente vazio, era possível ouvir a conversa com facilidade.

A sem-vergonha de calças se levantou e passou por Parts em direção ao toalete. Parts limpou a boca, irritado, notando que o Objetivo acenava para um homem que tinha acabado de subir as escadas. Em volta do pescoço do homem havia um cachecol amarrado com um grande nó, mas Parts o reconheceu mesmo assim. Era o radialista Mägi. O homem se sentou à mesa e se inclinou para perto do grupo; os sussurros começaram. A garota de calças voltou do toalete e apressou o passo ao notar o convidado. Parts conseguiu entender algumas frases por meio de leitura labial. Reconheceu as palavras “Revolta da Noite de São Jorge”, anotando-as enquanto folheava seus papéis de maneira teatral. Muito provavelmente haviam colocado microfones nas mesas habituais dos estudantes, mas Parts não permitiu que aquela suposição diminuísse sua concentração, mesmo que as palavras anotadas só viessem a ser necessárias caso o lado tecnológico falhasse. Chovia lá fora, aqueles que entravam chacoalhavam seus chapéus de estudante. Parts se compadeceu do fotógrafo que estava agachado em algum lugar, tirando fotos das

peessoas que entravam e saíam do café Moscou, certamente sonhando com uma bebida quente e um bolo de carne. Ajeitou o colarinho e tentou se animar, desembulhou uma trufa, mordiscou metade dela e deixou o restante no papel. Seu colega estava sentado à mesa de sempre. Talvez não estivesse observando o Objetivo de Parts, mas outra pessoa. A simples ideia de passar noites intermináveis naquele café o fazia sentir uma pressão nas têmporas. Embora os estudantes, pela arrogância própria da juventude, possivelmente estivessem convencidos de que a operação não duraria muito, Parts decidiu apressar seu fim. Os marginais cometeriam um erro, ficariam ainda mais confiantes e esqueceriam as precauções, disso Parts estava certo. Poderia prendê-los com facilidade por vadiagem, e então ele, o especialista, poderia voltar ao trabalho normal e comprar o papel especial mais branco que houvesse para a última versão do manuscrito; no que se referia ao livro, não havia tempo a perder.

No alojamento estudantil do Objetivo ele certamente encontraria um informante, alguém que tomava nota e conhecia o conteúdo dos telegramas e das cartas enviadas ao Objetivo. O comitê de segurança ainda não dera permissão para recrutar um informante, mas Parts pensaria em um argumento que não pudesse ser refutado; o Gabinete nunca recusava um informante quando este era bom de verdade. Ainda teria de ser capaz de justificar por que justamente ele, e não qualquer outra pessoa. Por outro lado, mesmo se o Gabinete desse o serviço de recrutamento a outro, Parts poderia se arriscar e abordar o escolhido, deixar claro que não deveria contar a outros contatos sobre seus encontros. O informante provavelmente não questionaria a autoridade de Parts. Embora tivesse fracassado no recrutamento de Müller, esse tipo de tarefa geralmente era fácil e barata, e sempre gerava bons resultados. Na melhor hipótese, conseguiria um *verbovka agenta* por poucos rublos ou algum favor trivial. Algumas pessoas queriam compensação de verdade: viagens ou vagas na universidade para os filhos, empregos melhores. Era compreensível. Quem não ia querer trabalhar como guia para a Inturist? Quem não gostaria que seus filhos passassem nos exames, mesmo que carecessem de inteligência? Quem não queria avançar na fila de espera para obter

uma casa ou um carro, que o filho enviado ao Exército fosse destacado para um lugar seguro de onde voltasse vivo, ou até conseguir livros que ainda nem haviam chegado ao mercado negro? Mas o que dizer daqueles que agiam de graça, que deduravam as ações de vizinhos e colegas de trabalho sem nenhuma compensação? A quem eles pensavam estar agradando? E por quê? Por outro lado, o movimento ocidental pela paz parecia encontrar mais e mais informantes úteis, e eles não enfrentavam os mesmos problemas que havia ali. Sua avidez era inacreditável, eles nem eram pagos. Por quê? *Verbovka da idejno-polititšeskoj*, o recrutamento de base político-ideológica, saía barato, mas Parts tinha dificuldades de entender a psicologia de tais pessoas; confiava mais nos argumentos comprometedores de um *verbovka agenta*. Havia, é claro, aqueles que sentiam prazer em investigar a vida dos outros, e aqueles cuja motivação parecia ser inveja. Parts considerava esses os informantes menos confiáveis. Recrutas que nem sequer estavam cientes das possibilidades de promoção que as tarefas lhe ofereciam; não, isso ele não compreendia. Teriam essas pessoas alcançado o comunismo espiritual, e não sentiam falta de dinheiro ou compensação? Degeneração, isso sim. Não podia dizer isso em voz alta, mas a teoria comunista se beneficiaria caso admitisse a degeneração biológica de certas nacionalidades, algo que não estava relacionado ao desmoronamento da sociedade de classes nem aos conflitos causados por ela.

O próprio Objetivo, infelizmente, era uma dessas pessoas cujo recrutamento provavelmente fracassaria. O garoto já recebia atenção, as moças o mimavam e ninguém parecia falar quando ele abria a boca. O Objetivo não precisava ser recrutado para se sentir importante: estudava em um bom lugar, tinha roupas da moda, e era tão jovem que os benefícios do dia a dia, as listas de espera e as oportunidades de seus futuros filhos ainda não ocupavam sua mente. Seus pais aparentemente tinham dinheiro ou meios de consegui-lo. Além disso, o Objetivo queria obviamente bancar o herói, e essas pessoas traziam problemas. Os mais fáceis de recrutar eram sempre os mais sem graça do grupo: a garota que nunca era convidada para dançar ou o garoto de quem ninguém nunca se lembrava, a mulher que sempre pedia a

mesma bebida que os outros e o homem que era chamado de Mariposa, pois ninguém se lembrava de seu nome. Uma garota cujo medo só precisava de um leve incentivo. Parts já tivera tempo de notar muitos informantes em potencial dentre os bocós que cercavam o Objetivo.

1965

Talim,

RSS da Estônia, União Soviética

Evelin colocou biscoitos, coalhada e geleia em uma bandeja e tentava não chorar. Rein havia perguntado mais uma vez por que ela não o apresentava aos pais, e Evelin não podia contar o real motivo. Teria chorado se estivesse sozinha, mas a cozinha estava cheia de resmungos tensos: os estudantes de engenharia tinham mais uma vez visitado a despensa das meninas enquanto estavam bêbados à noite, e as preciosas salsichas e as não tão preciosas verduras em conserva haviam desaparecido em suas bocas famintas. Nas prateleiras de Evelin restaram apenas potes de geleia. Teria de sobreviver com isso e biscoitos até o começo do novo período da bolsa. Mas a fome não era o que a preocupava agora, e sim Rein. Lora passou com a saia do vestido esvoaçante e colocou um pouco de leite em um copo para lavar o rosto. Essas garotas não tinham problemas parecidos com os de Evelin: ocupavam facilmente os cantos dos salões e as cadeiras do fundo dos cinemas, suspirando e gracejando com os namorados. Evelin era provavelmente a única que tentava se concentrar no que acontecia na tela, embora Rein sempre enfiasse a mão debaixo de sua saia até tocar a cinta-liga, mas ela sempre afastava sua mão. Logo ele ia se cansar e ir embora no meio de um filme, forçando o público a se levantar de seus assentos; então todos a encarariam, conhecidos se cutucariam e olhos cobiçosos seguiriam Rein, que, ao sair da sala, sairia também da vida dela. O lenço enfiado sob a manga latejava com o pulso de Evelin, as garotas tagarelavam e seus chinelos faziam barulho no piso de linóleo, cada vislumbre de uma anágua lembrava a

Evelin de que ela deveria deixar Rein tirar a sua, tinha de permitir. Há pouco tempo tudo ia bem: ela estava entusiasmada, como os outros, com o novo alojamento estudantil, eles se livraram dos percevejos e Rein era adorável. Depois de alguns encontros, ficar só de mãos dadas não bastava mais para ele, e então vieram outras exigências, como a de conhecer os futuros sogros. Evelin não queria que Rein visse os ancinhos de fazer feno e o trabalho no celeiro, a paisagem do colcoz e a pobreza. Seu pai forçaria Rein a beber com ele, ficaria bêbado, qualquer coisa poderia acontecer. Rein era da cidade, de uma boa família, sua mãe nunca saía de casa sem chapéu. Evelin colocou a lata de biscoitos de volta no armário e se retirou para o quarto para remendar meias, para pensar em uma solução, mas as lágrimas embaçavam a agulha e, quando a garota de pernas brancas entrou no quarto, Evelin se levantou rapidamente e saiu correndo. Era a última pessoa que gostaria de ver, não tinha um segundo de paz em lugar algum. Deteve-se diante da porta da rua e fungou, caminhar não parecia mais ser uma boa ideia: a Mustamäe era vazia e escura, e ela não queria ir até uma rua grande. Os muros altos dos prédios ao lado dos alojamentos cortavam a escuridão, e durante o dia mantinham escondidos os prisioneiros que trabalhavam nas obras.

No corredor, Evelin encontrou garotos carregando o magnetofone de Lora, que gritava atrás deles pedindo que gravassem música de guitarra elétrica para garotas. Com grande desenvoltura, gritava: “Música para dançar!”, e levantou a perna, oferecendo um vislumbre da coxa nua sob o vestido. Uma bobina caiu das mãos de alguém e rolou pelo corredor, e Alan correu atrás dela, em direção à coxa de Lora; ele olhou rapidamente para Evelin, o mesmo Alan que uma vez a convidara para sair à noite com os colegas de classe, o mesmo Alan cuja mão suada deixara uma marca molhada em seu vestido. Mas a música era boa, de guitarra elétrica, e Alan dissera que pretendia construir uma para si também. Teria sido Alan uma alternativa melhor que Rein, teria ele feito exigências parecidas? Não podiam ser todos como Rein. Evelin se virou e voltou para o quarto, onde a garota de pernas brancas arrumava o cabelo com um pente e verniz para móveis.

Rein com certeza já estava no Moscou. Era para lá que ele dissera estar indo após sua conversa. Ou discussão. Se é que havia sido uma discussão. Talvez fosse. Se Evelin levasse Rein para casa, talvez Rein também a levasse ao Moscou. Não, talvez apenas tirasse sua anágua. Ou talvez ela levasse Rein até sua casa, afinal. Então ele poderia ter certeza de que ela estava comprometida e não simplesmente provocando os homens para se divertir, como ele alegava. Ou não, talvez a anágua, afinal... Evelin se lembrou de novo da garota que havia saído chorando do alojamento, sob o escrutínio dos demais. Abandonou os estudos. Isso seria lembrado para sempre. Sabia-se por que as garotas abandonavam os estudos. Não, ela não tiraria sua anágua. Rein rira quando ela dissera que não acreditava que todo mundo fizesse aquilo. Não, de jeito nenhum. A garota de pernas brancas do beliche de cima, talvez ela. Uma estudante de arte, é claro. E Lora, que sempre se exibia. Lora estava estudando para virar professora, obviamente. As garotas do departamento de pedagogia eram assim. E se ela fosse capaz de conversar de forma brilhante como as garotas do café Moscou? Iria Rein, quando em sua companhia, se concentrar em outras coisas além de anáguas? Possivelmente. O verão que se aproximava era preocupante: Rein o passaria na cidade, primeiro como estagiário; depois, na praia, tomaria sol com o grupo do Moscou, comendo enguias defumadas. Depois do estágio, Evelin trabalharia na fazenda, a mesma em que trabalhava nos fins de semana na época em que era estagiária. Borrifaria DDT em folhas de repolho e empunharia o ancinho enquanto Rein se divertia. Rein teria dois meses inteiros para encontrar outras anáguas, umas que ele pudesse tirar.

Se Evelin não pensasse em uma solução, perderia Rein, e isso ela não aguentaria. Sabia como tudo iria acabar. Voltaria para a vida que tivera antes de Rein. Ele havia mudado tudo. Quando começaram a namorar, as outras garotas passaram a tratá-la de outra maneira, levavam-na consigo, convidavam-na para se sentar à mesa, sentavam-se ao seu lado durante as aulas. Nas festas, ninguém caçoava de seu vestido, que era sempre o mesmo.

1965

Talim,

RSS da Estônia, União Soviética

Sua esposa passava creme nos cotovelos descamados com pequenos movimentos circulares; estivera evidentemente esperando o marido. O camarada Parts pôs suas sacolas de compras no chão da cozinha e começou a preparar um sanduíche. Não prestou atenção na esposa até ela colocar mais creme na palma da mão e perguntar por que não estava mais passando as tardes em casa. A pergunta era um mau sinal. Ele tinha conseguido mantê-la calma por alguns doces meses, graças ao contrato com a editora, à torta napoleão e ao champanhe, a três garrafas de conhaque Belii Aist e à instalação de gás em casa. Sua esposa interpretara isso como sinais de que o Gabinete os estava favorecendo. Mas as crises logo voltaram. Para manter a paz no trabalho, Parts não podia responder, mas explicou que havia recebido uma nova tarefa, uma que exigia que trabalhasse à tarde.

— Não é relacionada ao livro?

— Não diretamente. De certa forma — respondeu Parts.

— De certa forma?

Sua esposa parecia ter entendido imediatamente que a nova tarefa era um rebaixamento, pois uma sobranceira se ergueu de escárnio. Parts tivera a ideia de acrescentar que escrever exigia outras atividades, para que o resultado fosse o melhor possível: depois de se sentar à escrivaninha por tanto tempo, ele precisava de ar fresco, caminhadas. Sua esposa bufou, mostrando os dentes manchados de batom. O desprezo dela era paralisante. O rádio foi ligado com um

clique, seu som ensurdecedor fazia as cortinas e os cabelos da mulher voarem quando ela se inclinou e sussurrou:

— Alguém já leu seu manuscrito? Talvez eles tenham percebido que você é incapaz de escrever um livro. Como isso vai afetar o que você me prometeu? Que você ia garantir que não houvesse nada com que me preocupar?

Ela endireitou a postura, examinou o tubo de creme e o espremeu até o conteúdo pingar no tampo da mesa. Parts olhou para as manchas lustrosas e desejou que a indústria militar melhorasse para que não houvesse glicerina suficiente para fábricas de cosméticos e para a provocação de sua esposa. Ela franziu a testa e tocou a pele enrugada dos cotovelos, ainda saía creme. Parts pegou o tubo e o jogou com violência no cesto de lixo. As mãos da esposa pararam, a respiração se deteve. Parts deixou a cozinha. Às suas costas ele ouvia que ela tinha começado a quebrar porcelanas. Logo tudo o que restava dos pratos de mamãe estaria em pedaços: perder a paciência lhe custara a última memória da mãe. Um erro, um erro terrível. O que mais o incomodava era a sensação de que existia um pouco de verdade no que sua esposa dissera, e ele o havia admitido. Ao reagir com intensidade demais, revelara-se de forma vergonhosa. Algo como isso não podia acontecer de novo. Deveria direcionar a atenção da esposa para outro lugar, concentrando-se em como ela negligenciava a casa e como isso afetava seu trabalho, como a vontade de trabalhar desaparecia com o cheiro de leite queimado que chegava ao seu nariz a caminho de casa. No vizinho, eles provavelmente haviam feito macarrão para as crianças. Aquele era o cheiro de uma família de verdade, que o afetava terrivelmente quando abria a porta de casa e encontrava o ar abafado e a frieza do lar. Parts primeiro se beliscou para acalmar a fúria crescente, fortificou o sangue com um gole de Hematogen, mas, ao chegar à cozinha, seu autocontrole fracassou. As palavras da esposa ainda o machucavam.

— E se for um sinal de que o Gabinete não tem mais interesse no seu livro? E se for um sinal de que nós seremos os próximos? E se eles estiverem preparando o terreno para rebaixá-lo?

Um trem que passava fez as janelas tremerem, e Parts esperou que a vibração parasse antes de começar a trabalhar. Ele preferia ter escolhido outra vizinhança, mas não havia alternativa; ao menos a casa era só deles. Tinham pouco mais que os nove metros quadrados alocados por pessoa; era possível se vangloriar de morar em uma casa na cidade, receber olhares de inveja. Tudo havia sido arranjado pelo Gabinete, além de um pouco de conhaque e trufas. Um amigo da esposa tinha escrito um atestado dizendo que ela esperava gêmeos, e Parts se lembrava de dois parentes velhos com problemas respiratórios que queriam se mudar para morar com eles. Desde então, ninguém perguntara sobre os gêmeos ou sobre os velhos. Mas ele tinha pensado que ia se acostumar com os trens, e estivera errado.

Ao contrário do que pensava sua esposa, o Gabinete estava em dia com o manuscrito e ele caminhava na direção certa. Porém, pelo que Parts sabia, os colegas que trabalhavam com tópicos nazistas não eram alocados em operações como aquela do café. Eles se sentavam em departamentos do Gabinete, bibliotecas especiais e redações de jornais, ou eram escritores em tempo integral, alguns deles recebiam prêmios públicos, outros eram convidados para ir a Moscou — e todos publicavam muitos trabalhos sobre o tema. Não faziam nada diferente dele e, ainda assim, suas condições de trabalho eram diferentes das suas. O camarada Barkov já era o chefe do departamento de pesquisa do comitê de segurança da República Socialista Soviética da Estônia e aparentemente preparava uma tese de doutorado sobre como a classe burguesa nacionalista estoniana acabara se voltando para o fascismo. Sem dúvida, sua esposa era sua assistente, arquivando papéis, datilografando-os e se assegurando de que Barkov pudesse se concentrar no essencial. Ou ele tinha uma secretária. Talvez muitas. Ervin Martinson as teria... Martinson era produtivo. Já havia uma pilha de papéis com marcas de revisão à espera de Parts sobre a mesa, os pontos de exclamação saltavam furiosamente à vista, exigindo ação imediata em relação aos problemas. O Gabinete estava cheio de datilógrafas, nenhuma delas disponível para o manuscrito de Parts. Velhas dúvidas retornaram à sua mente: talvez o Gabinete considerasse seu passado como um obstáculo para o reconhecimento

público, talvez ele não fosse receber flores daqui a alguns anos, e sim tivesse de ir para o interior, marcando áreas que não podiam ser visitadas por estrangeiros, ou perseguindo vândalos, ou, pior, servindo como guarda em algum lugar pouco importante, espionando conversas de outros funcionários. A Optima seria levada embora.

E os antecedentes e o estado atual de sua esposa? Cuidar de suas necessidades farmacêuticas já exigia planejamento. Ele tinha de assumir a responsabilidade de encher o armário de remédios, pois ela provavelmente não teria forças para aplicar sozinha a tática de ir a farmácias alternadas. Pegar aquela quantidade de remédios no mesmo lugar levantaria suspeitas, e Parts não precisava disso. As pessoas começariam a falar, e o falatório chegaria ao Gabinete. Era exatamente esse tipo de material que eles coletavam no Gabinete: anotavam os remédios que precisavam ou não de receita das pessoas sob vigilância, suas visitas ao médico e o consumo de álcool, e compilavam relatórios com base nessas informações que indicavam a pouca confiabilidade ou os pontos fracos em potencial dos alvos, criando meios para garantir a lealdade de um trabalhador ou fazendo com que os vigiados se comportassem como o Gabinete esperava.

Ele nunca considerara seriamente colocar a esposa no Paldiski 52, mas talvez estivesse chegando a hora de refletir sobre essa opção. O histórico problemático da esposa era um motivo convincente para explicar a situação de Parts, senão o mais provável. O divórcio não era uma opção, pois abandonar uma esposa doente seria um ato imoral, mas, se a esposa fosse enviada a um sanatório para se recuperar, Parts continuaria a vida normalmente, talvez até fosse alvo de compaixão. O Gabinete facilmente apoiaria a decisão. Parts sabia como o assunto devia ser apresentado. Ele se lembrava de uma mulher russa da fábrica Norma que tivera sua velha sogra enviada da Rússia para Talim. A sogra havia parado de falar russo completamente e começara a conversar apenas em francês. A família inteira estava desesperada, trancaram a velha no quarto. Ninguém teria ficado sabendo do caso se a sogra não tivesse conseguido escapar. Parts tinha achado a história engraçada, pois o filho era uma pessoa conhecida no Partido. Ele ensinava teoria comunista na universidade e sempre lembrava os

alunos de como os rublos logo desapareceriam, pois o dinheiro era uma invenção capitalista, e de repente ele tinha em casa uma mãe que falava francês, que sentia saudade da amiga, a condessa Maria Serafina, e que elogiava a nora, dizendo que ela se parecia com uma tsarina ou algo parecido; isso tudo eles supunham, ninguém na família sabia francês. A sogra fora transferida para o Paldiski 52. A história não era mais engraçada. Parts via sinais de fragilidade mental e imprevisibilidade todo dia em casa. Todos tinham um limite, e, se outra coisa não o fizesse perder a razão, então o tempo o faria, levando-o a épocas para as quais não queria voltar, à nostalgia das condessas e das tsarinas, às lembranças de quando Lili Brik dirigiu um dos primeiros carros de Moscou, ou aos carros de motor a vapor da Sibéria, uma tora de bétula depois da outra sendo lançada ao fogo, o som do gerador, lembranças da madeira estalando e queimando gordura e pele, e aquele cheiro... A fragilidade da mente traria de volta as lembranças do fogo revelando crânios e fêmures, memórias que deveriam ser esquecidas e que já haviam sido esquecidas, até que a alma decaída as trouxesse de volta e as tornasse reais, tornando reais o fogo, a fumaça, os estalos, as toras umas em cima das outras, e aquele cheiro e os tiros e os gritos agonizantes, e todo o passado se apresentaria, e ele próprio estaria gritando suas lembranças enquanto estivesse na fila mais longa do dia em uma loja, entrando nas mesmas trevas para a qual já haviam ido todos aqueles que pensara ter eliminado do caminho para sempre, as mesmas, exatamente as mesmas. Isso não podia acontecer nem com ele nem com a esposa.

Às vezes, Parts estivera certo de que um avanço estava próximo, momentos em que estivera absolutamente convencido de que sua esposa era o Coração mencionado no diário de Roland. Nesses momentos, imaginava o dia em que mostraria as evidências da atividade antissoviética da esposa durante o tempo que ficara na Sibéria. Imaginava a situação antecipadamente, gostava daquela imagem mental. Ele agiria calma e educadamente, talvez estivesse de pé, empertigado sob a luz laranja da sala de estar, sua voz soaria estável e grave e ele apresentaria as evidências detalhadamente. O

olhar da esposa se partiria como uma casca de ovo já na primeira evidência indiscutível e, durante suas últimas palavras, ela iria se deitar no chão como um bezerro natimorto que Parts tivesse tirado com as próprias mãos, segurando o cordão com firmeza.

Sonhando com esse momento, Parts até viajara para a antiga casa dos Armis no vilarejo de Taara. A paisagem parecera ao mesmo tempo familiar e estranha. Ele sentia o cheiro do chiqueiro do colcoz já do ônibus. Havia um cheiro de fumaça no ar — queimaram feno perto das macieiras, e um pouco mais adiante havia pilhas de folhas do ano anterior, e, entre as árvores, um gavião podia ser visto mudando a direção do voo no ar. As galinhas já tinham sido colocadas para fora após o inverno e corriam com vontade, algumas estavam só aproveitando o sol da primavera. Parts notara que faltava um galo no galinheiro da casa dos Armis. As pessoas não tinham mais dinheiro para bocas inúteis. Uma nova piada provavelmente já havia chegado aos ouvidos do Gabinete: o novo sistema levava até os galos das galinhas.

Parentes distantes de Leonida se mudaram para a casa e reagiram ao visitante com reservas. Com a sopa, a atmosfera havia relaxado um pouco, e Parts perguntara, por acaso, dos anos anteriores, fazendo menção à esposa, que no passado ajudara na casa. Tinha falado com segurança. O nome dela não era familiar para aquelas pessoas, mas Parts tivera a ideia de pedir para ver as fotografias do funeral de mamãe; algumas certamente haviam ficado com Leonida. Como havia imaginado, Roland não aparecia nas fotos. Funerais e aniversários eram sempre muito vigiados e causaram a queda de muitos Irmãos da Floresta; nem todos eram capazes de não comparecer a eventos importantes da família. Roland era uma exceção. A ideia de que o funeral de mamãe não contara com nenhum dos filhos fez os olhos de Parts se encherem de lágrimas. Aquilo não podia ser desfeito. Mas ele não permitiu que os outros o vissem se emocionar e se levantou para ir embora. No caminho, havia parado na destilaria. Até aquilo fora tomado por novas pessoas, que recomendaram que ele fosse aos estábulos da mansão para falar com o agrônomo-chefe do colcoz. Parts, mais uma vez, fingira estar só de passagem, procurando por

alguém que estivera em contato com sua mãe antes que ela falecesse; teria ficado feliz em falar com alguém sobre os últimos momentos dela. O agrônomo se lembrava dos moradores anteriores da destilaria e de que uma das mulheres vivia agora em uma casa de sílica no centro do vilarejo com a filha, que trabalhava como contadora. Quando Parts batera à porta, a mulher tinha ficado desconfiada. Somente depois de começar a falar de seus anos na Sibéria que a mulher por fim se lembrara de Rosalie; havia achado estranho que o noivo da garota tivesse fugido para a Suécia, mas nunca se lembrara de sua mãe com pacotes e acrescentara que obviamente era assim naquela época. Não conseguira mais nada dela, apenas uma história que mamãe e Leonida inventaram a respeito do destino de Roland para esconder sua localização ou porque parecia adequada.

Parts também viajara a Valga, tinha procurado velhos vizinhos e tentara encontrá-los, como que por acidente, no mercado. Diante de um copo de cerveja, levava a conversa para o passado e lamentara não ter tido tempo de encontrar seu agora falecido primo, que com frequência tinha visitado sua esposa antes de ele próprio voltar para a Estônia. O vizinho tentara se lembrar dos visitantes de sua esposa. Depois de franzir a testa por um tempo, lamentara não se lembrar do primo, de nenhum visitante, se é que houvera algum, afinal. A esposa aparentemente gostava de se isolar. Parts havia acreditado no homem e esmagara a frustração como se fosse uma barata. Tempo demais havia sido perdido sem resultados, ele tinha de abandonar suas digressões e voltar à tarefa principal, como um profissional.

No entanto, havia continuado a observar a esposa, e analisara repetidamente como ela se comportara logo após ele ter voltado para casa. Não parava de pensar em seus anos em Valga, as primaveras do divã, uma ratoeira em cada canto da sala, o barulho dos bebês do vizinho, a vida sexual deles que, quando ouvida através das paredes, perturbava as noites, e os movimentos ternos com que ela acendia o fogão e lavava garrafas de leite antes de levá-las para a loja. Lembrava-se da esposa do primeiro dono da casa, um empresário do transporte; lembrava-se do rosto derrotado de sua esposa, de seus vestidos antiquados, de como ela sempre se desculpava por atrapalhar

quando ia à cozinha partilhada e a outra mulher já estava lá, dando a entender que era uma estranha na casa onde eles eram os únicos estonianos. Mas ele não se lembrava de nada que parecesse suspeito. A esposa não se dava ao trabalho de pegar as correspondências, nunca era chamada para atender o telefone, não mantinha contato com ninguém e não recebia nenhum visitante, apenas ficava em casa.

As pessoas se mantinham caladas sobre os anos de domínio alemão, com exceção de um pequeno incidente no qual Parts descobrira o destino de Hellmuth Hertz. Alguns meses depois de retornar à Estônia, uma noite ele encontrara a esposa em casa com uma garrafa de licor e uma vela acesa. Quando perguntara a razão da comemoração, ela respondera que era o aniversário de seu amante alemão. Parts tinha perguntado o que acontecera com o alemão, e ela dissera que ele havia sido executado a tiros na praia, como um cachorro. Dissera isso como se a informação fosse óbvia. Como se esperasse que Parts soubesse tudo sobre suas aventuras. Ele agira como se realmente soubesse tudo, inclusive o fato de que, após ser pega, ela havia atirado nos alemães que os perseguiam, mas atirara mal, tão mal que não tinha conseguido salvá-lo. Ela rira, despejara o conteúdo do copo na garganta, balançara a cabeça; sua esposa gostaria de ter matado quem havia tentado acertar. Parts se lembrara da carícia de Hertz na orelha dela. O gesto já não fazia com que ele sentisse nada, apenas certa nostalgia. Parts tinha se levantado e saído. Caminhara a noite inteira, e havia retornado pela manhã.

Depois de acordar, a esposa não parecia se lembrar de nada do que havia falado na noite anterior. Nunca mais falaram do alemão de novo. Posteriormente, chegou a lhe ocorrer se sua esposa não estava, afinal, até calma demais, considerando que havia perdido o amante e uma nova vida, mas concluiu que o tempo também seguira seu curso para ela, pois o próprio Parts já não chorava mais por Danzig. Tinha conseguido seguir em frente. E Roland? Teria o tempo esfriado as memórias em sua cabeça também? O próprio Parts se lembrava bem de que, em 22 de setembro de 1944, o martelo e a foice foram tirados do estandarte de Grande Hermann e não foram substituídos pela bandeira de Hitler, mas pela da própria Estônia. Cinco dias de

independência. Uma liberdade de cinco dias. Parts vira a bandeira pessoalmente, embora, no manuscrito, obviamente não fosse mencionar esse detalhe, pois tinha sido a União Soviética que libertara a Estônia dos nazistas. E Roland, teria Roland visto a mesma cena? E, se ele vira, teria ele conseguido se esquecer disso?

Os passos no andar de cima interromperam as reflexões de Parts. Talvez o Gabinete não soubesse que ele estava prestes a enviar a esposa para algum lugar onde ela não fosse mais um risco... Mas não. O Gabinete tinha de saber da situação. Técnicas de vigilância certamente haviam sido usadas em sua casa também, provavelmente ainda o eram. Cada palavra de escárnio dita quando eles estavam sozinhos havia sido gravada, incluindo o incidente em que sua esposa, do nada, atirara um pote de creme no rosto dele. Parts limpou a bagunça. Ele fechou os olhos. E se sua esposa tivesse sido contratada para observá-lo?

Depois de abrir os olhos, Parts foi ao banheiro, fortaleceu o espírito com outro gole de Hematogen, lavou o rosto e, depois de secá-lo com leves toques da toalha, tirou do rosto os fiapos que se soltaram. Ele parecia cansado, tinha entradas no cabelo. Pegou o rímel da mulher, cuspiu na escovinha como a vira fazer e penteou as têmporas. Jogou no ralo a caspa que caíra na pia e examinou o resultado no espelho. O rímel o rejuvenescera. O hematoma no rosto causado pela esposa clareava rápido. Não havia motivo para ficar mal-humorado, embora o avanço que buscava com relação à esposa não tivesse sido alcançado. Às vezes, é preciso aceitar que se chegou a um beco sem saída, às vezes sua desconfiança era infundada; talvez não houvesse motivo algum para trancar a porta do escritório antes de dormir. No caminho de volta à escrivaninha, parou para olhar para uma ratoeira colocada no canto do vestíbulo. Sua esposa não tinha ninguém com quem se preocupar, então por que ela as conferia a intervalos regulares, logo ela, que era tão preguiçosa com assuntos domésticos?

1965
Talim,
RSS da Estônia, União Soviética

A fumaça sobre a mesa era tão densa que Evelin não conseguia distinguir o rosto das pessoas que lhe foram apresentadas. Um homem tinha a barba espessa demais, três das garotas vestiam calças, uma tinha a franja longa demais; ela esquecia o nome de cada um assim que lhe era apresentado, e, antes que tivesse tempo de se sentar direito, já estava no meio de uma conversa: os lituanos têm seu próprio homem no Kremlin, que sabe como agir, como se movimentar convenientemente e com discrição, devíamos seguir o exemplo da Lituânia, e, o mais importante, os lituanos não têm problemas com os russos, pelo menos não como nós temos, como eles conseguem, o que eles fizeram de certo, os poloneses não param de ir à Lituânia, apenas poloneses, imagine!

— Não matamos russos o suficiente, esta é a razão. Os russos nem se atrevem mais a ir para a Lituânia.

— Todas aquelas fábricas novas, elas só aceitam lituanos, não russos, por que não conseguimos fazer isso?

— Se nos comportarmos como eles se comportam na Lituânia, a situação pode mudar. Todos os jovens no Partido, como na Lituânia.

— Exatamente como na Lituânia.

— Só assim conseguiremos benefícios para o nosso país, só assim.

— Só assim. — Um suspiro passou pela mesa. — Só assim.

Evelin ficou sentada em silêncio, não tinha nada a dizer. Os dedos de Rein se soltaram dos seus, que tremiam sob a mesa ritmicamente com a conversa entusiasmada. Algumas horas antes, na praça da

Vitória, Rein beijara suas mãos unidas e soprara entre suas palmas, dizendo que nelas repousava seu coração partilhado, sempre quente e amoroso. O bom humor de Rein havia agitado os cabelos de Evelin como o vento do solstício de verão em Pirita, e ela acalmara seus cachos com as mãos. Eles deram risadas, e Rein a convidara para encontrar seus amigos no Moscou. Evelin olhara para a porta de vidro do café, não muito longe de onde estavam. Ela logo estaria passando a noite lá. Tudo isso só porque dissera que havia escrito uma carta para a mãe, contando que Rein iria visitá-los no verão depois das provas. Rein tinha ficado imediatamente imóvel e, naquele momento, Evelin tivera certeza de que havia feito a coisa certa. Nada mais podia dar errado. Depois disso, nunca mais teria de provar seu amor a Rein, nem que estava comprometida e não brincando com os sentimentos dele, não estava provocando, seria sempre dele. Rein começaria a lhe contar as coisas que contava aos amigos, falaria dos livros gravados em microfilme dos quais um homem de óculos tirara fotografias em uma sala escura no porão de sua casa cinzenta. Ela teria tempo de organizar as coisas em casa antes da chegada dele, seria necessário, ela daria um jeito. Durante a colheita, seu pai talvez não tivesse tempo para beber, a avó poderia ser mandada para visitar parentes, a mãe poderia ajudar com os preparativos, e ela certamente entenderia que não seria bom para um jovem casal passar o verão inteiro separado. Agora Evelin estava no café Moscou vestindo sua melhor blusa, mas não sabia o que dizer, embora tentasse muito pensar em algo. Os tópicos de discussão em volta da mesa lhe eram estranhos, e ela não gostava da maneira como eles sussurravam disfarçadamente. Uma sensação sufocante subiu por seu pescoço, e Evelin puxou a manga de Rein. Queria ir para casa.

— Mas por quê? A noite está só começando.

— Não estou me sentindo bem.

— Não foi por causa do conhaque, suponho.

— Não, simplesmente não estou bem, sinto muito.

Rein a acompanhou até as escadas. Evelin olhou de soslaio para o homem de quem eles haviam falado à mesa e na mesma hora entendeu: KGB. Claro! Meu Deus, essas pessoas eram loucas, suas

conversas eram insanas. Seu querido Rein era louco. Um lunático. Ela deveria ter sabido, imaginado, com todas as precauções de Rein, todos os segredos. Quando Evelin passou pela mesa do homem da KGB, ele mexia em sua pilha de papéis e não olhou para Evelin quando a mão dela tocou levemente a toalha de mesa e derrubou a embalagem da trufa no chão. Evelin notou caspa nos ombros dele, o cabelo repartido, o brilho do nariz, os poros da pele, uma pequena cicatriz. Sentiu-se um pouco tonta e apertou a mão de Rein, que estava seca. Rein estava despreocupado, acostumado com o fato de que a KGB observava seus encontros. Pessoas loucas. Loucos varridos. Evelin imaginou o rosto horrorizado da mãe se descobrisse com que tipo de companhia ela passava o tempo.

O camarada Parts sentiu suas pálpebras pesarem de cansaço novamente e decidiu molhar o rosto no banheiro, enquanto o Objetivo acompanhava sua pálida namorada até em casa. Ele teria bastante tempo, o Objetivo demoraria um pouco para se despedir. A garota nunca fora vista no café, mas o comportamento do Objetivo revelava que aquela era a jovem que ele poderia apresentar aos pais e levar ao altar; as outras no café eram diferentes. Aquela ali havia se arrumado para a noite, preocupara-se em usar a melhor roupa, como a filha de uma família pobre que sabia que não teria outro vestido até o ano seguinte; sua aparência era um pouco tensa, o rosto, assustado, as expectativas certamente haviam sido altas. Parts estava convencido de que o Objetivo não teria paciência de acompanhar a moça até em casa, embora devesse (qualquer namorada, em tal situação, ficaria terrivelmente magoada, ainda mais aquela ali), porque aquela menina estava preparada para aceitar qualquer desculpa. O Objetivo, por sua vez, era o tipo de jovem que estava bastante ciente da extensão infinita daquele perdão. Casais como aquele ofereciam pouquíssimas surpresas, eram sempre iguais. Era só uma questão de tempo até o Objetivo recrutar a menina para alguma bobagem.

No exato momento em que Parts abriu a porta do banheiro masculino e prendeu a respiração o máximo que podia por causa do fedor, uma palavra chegou ao seu ouvido. Dois dos garotos do grupo

do Objetivo discutiam em um canto alagado pelos canos estourados. A conversa morrera quando Parts havia entrado no banheiro. Mas uma palavra e a frase seguinte já haviam entrado no seu canal auditivo e, embora uma tempestade tivesse começado a tomar corpo dentro de Parts, ele caminhou em direção à pia como se nada estivesse acontecendo, abriu a torneira, esperou a água começar a correr e molhou as mãos, bateu-as de leve no rosto e entrou em uma cabine. Fechou a porta e se apoiou nela. A trava estava quebrada. Os garotos partiram. “Cabeça de Repolho”. Ele não havia se enganado. Um dos estudantes dissera claramente que a nova antologia de Cabeça de Repolho já havia sido lançada no Ocidente e que os poemas provocaram enorme interesse.

Parts olhou fixamente para os escritos nas paredes da cabine, as curvas das letras, obscenidades e slogans contrarrevolucionários. Reconhecia algumas caligrafias e sentiu compaixão pelos colegas que perseguiam os autores do banheiro. Não era um deles nem nunca seria, suas dúvidas sobre tal futuro desapareceram em um instante — Parts sentiu, mais uma vez, que estava de volta ao caminho certo. Saiu da cabine, molhou o rosto de novo e jogou um rublo para a inspetora do banheiro. Observou o rosto dela, mas não conseguiu determinar se a mulher estaria propensa a cooperar. Talvez estivesse. Poderia Cabeça de Repolho ser tão burro a ponto de ainda usar o mesmo nome? Ou seria um seguidor do Cabeça de Repolho original? Se fosse, sem dúvida saberia algo sobre seu ídolo. Parts descobriria. Ao sair do banheiro, já sorria um pouco, e cada passo aumentava sua confiança, com a qual continuaria a operação no café Moscou. Ele só precisava acreditar que a escória sempre se junta em algum lugar por conta própria.

1965

Talim,

RSS da Estônia, União Soviética

A inspetora do banheiro provou ser um fracasso: a velha era religiosa, do contrário provavelmente não estaria cuidando de banheiros. Mas no alojamento estudantil ele acertou na mosca. O camarada Parts encontrou sua nova informante no parque Glehn, localizado próximo aos alojamentos. Ela chegou mancando, reclamando do pé. Parts a ouviu quase rudemente e tentou adiantar o assunto. Não havia mais necessidade de fingir ser amigável, quando se tornara claro que a vigilante dos alojamentos estudantis provara ter uma surpreendente prontidão para a ação e para o patriotismo — além de ler as cartas, havia copiado à mão todos os telegramas enviados ao Objetivo. Parts agradeceu à mulher profusamente, prometeu devolver a pilha de papéis em uma semana e a enfiou na pasta. Então deixou o contato descansar sua perna dolorida, assim como deixou os russos que passavam o dia à sombra dos arbustos, comendo ovos cozidos e cebolinha, e os estudantes que se preparavam para suas provas, e os amantes que se beijavam nas ruínas do castelo de Glehn. O Gabinete não lhe mostraria em circunstância alguma as cópias das cartas recebidas pelo Objetivo, no máximo trechos selecionados e datilografados, a menos que ele quisesse começar a escrever correspondências sob o nome do Objetivo, mas, no momento, não receberia uma tarefa assim. Na pilha de papéis havia apenas algumas cartas, e Parts não ousou pensar que Cabeça de Repolho fosse mencionado nelas; não acreditava que a namorada soubesse tanto. Mas mesmo algumas páginas seriam o suficiente como amostra da

caligrafia, e talvez algo útil fosse encontrado. Com as amostras poderia falsificar cartas para criar evidências ou para tirar Cabeça de Repolho do esconderijo.

Na porta de sua casa, tropeçou na pilha de sapatos da mulher. Os sapatos dela se amontoavam no canto, e encontrar calçados de inverno era impossível. Durante o verão sua esposa se satisfazia com sandálias. Toda vez que ela massageava os pés doloridos no vestibulo, reclamava perguntando quando poderiam comprar nas lojas especiais em Toompea. “Na próxima vida, é isso?”, perguntava ela, e caçoava, dizendo que, apesar das conversas do marido, só vira evidências de sua carreira retrocedendo: ele nunca conseguiria comprar carne moída sem rato. Parts removeu uma sandália enroscada em um chinelo e a jogou no canto. Sua esposa estava certa. A situação teria de ser consertada antes que fosse tarde demais. Se nada mais ajudasse, Parts obteria bismuto e o acrescentaria aos envelopes. O laboratório do Gabinete o encontraria; se ele se lembrava corretamente, o departamento de espões americanos usava procedimentos parecidos.

Na cozinha, acendeu o fogo e esperou a água ferver, ignorando o som de passos no andar de cima. Não havia nada particularmente interessante nos telegramas, a namorada do Objetivo só informava suas idas e vindas. Sua informante também havia catalogado as visitas recebidas pelo jovem, e a lista tinha notas ocasionais sobre atividades que considerava suspeitas, como roupas estranhas. Isso tampouco tinha valor. Nada sobre Cabeça de Repolho. Parts correu os dedos sobre o endereço do remetente: Evelin Kask, vilarejo de Tooru. A caligrafia era redonda e precisa, a ponta da caneta pressionara o papel com a força exata, não em excesso, a tinta não borrara lugar nenhum, e as letras se comprimiam para formar as palavras. A caligrafia de uma boa menina. Dentro do envelope, havia eventos e histórias infantis: “Estou estudando muito para as provas e todos estão ansiosos pela sua visita, até a vizinha, Liisa. Minha mãe queria lhe enviar um cartão de aniversário só dela, mas preciso adverti-lo sobre minha avó: ela é estranha. Agora está sentada do outro lado desta mesa, perguntando muitas coisas sobre você.” Havia rosas no cartão de aniversário. Parts jogou o cartão em cima da mesa. A carta só continha assuntos

entediantes, e ele não podia acreditar que mesmo uma menininha boba como a namorada do Objetivo poderia querer entediar o namorado com descrições maçantes sobre o campo ou fofocas inúteis do vilarejo. Eram mensagens codificadas, sem dúvida, e para decifrá-las ele precisaria de mais cartas. Havia algo acontecendo, mas o quê? E qual era o papel de Cabeça de Repolho? Se conseguisse encontrar Cabeça de Repolho antes do Gabinete e se fosse a pessoa mencionada no diário, poderia tirar dele a identidade de Coração?

A água da panela tinha evaporado. Parts apagou as luzes e foi para a janela. A vinha e a árvore morta em frente à vidraça haviam se fundido na escuridão imóvel. Ele estava pisando em um território perigoso. Abrir cartas não fazia parte de suas competências, não fora incumbido de conhecer totalmente o Objetivo, só deveria fazer sua parte, não ultrapassar limites. Talvez estivessem escrevendo relatórios sobre ele naquele exato momento, novas fotos sendo coladas na cartolina, dados pessoais sendo anotados, enquanto o arquivo com seu nome aumentava; talvez os métodos adequados estivessem sendo analisados com base no perfil que o arquivo oferecia, claramente já estavam usando controle de correspondência, assim como técnicas de vigilância. Ele se lembrava do fio de cabelo que havia deixado entre os papéis e que desaparecera quando não estava por perto. Talvez tivesse suspeitado da esposa sem motivo. Ou talvez só estivesse imaginando coisas. Depois de acender as luzes, Parts pegou um sanduíche de atum, mas desistiu dele. O atum era de uma lata aberta no dia anterior. Encontrou na geladeira uma fechada e, na caixa de pães, pão fresco intocado. Sem mais erros.

Voltou a estudar o material que havia recebido do contato e mais uma vez tentou encontrar palavras repetidas, sinais de um código. Era impossível evitar a frustração, palavras bobas de uma menina boba poderiam ser apenas isso, palavras bobas. Deu uma mordida no sanduíche e mastigou um pouco. No momento que a raiva começava a crescer, seus olhos notaram um mata-borrão salpicado de tinta rosa que tinha sido usado para embrulhar as flores secas. Um nome ficara marcado no papel: Dolores Vaik. Por um instante, pensou estar

sonhando, mas estava acordado. O nome do remetente era Marta Kask. Parts começou a salivar, a filha de Dolores Vaik se chamava Marta. Colocou o mata-borrão cuidadosamente à sua frente, assim como o envelope e o cartão de aniversário, e lentamente, bem lentamente, formulou deduções: a namorada do Objetivo estava no interior, na casa dos pais; de lá escrevera uma carta usando mata-borrão; outra pessoa também o havia usado, a própria Dolores Vaik ou alguém que havia escrito sobre Dolores Vaik, mas provavelmente ela mesma; segundo a carta de Evelin Kask, a senhora Vaik vivia na casa de Marta Kask, o nome da filha da senhora Vaik era Marta e a filha de Marta Kask por acaso era a namorada do Objetivo. Teria o Gabinete lhe servido a namorada do Objetivo em uma bandeja? Poderia ser mesmo disso que tudo se tratava? Teria o Gabinete feito isso porque ele havia conhecido Marta e a senhora Vaik? Era complicado demais, não podia ser isso, era muito improvável — e, ainda assim, fazia sentido. A senhora Vaik ficara na Estônia quando Lydia Bartels partira com os alemães, conseguira um emprego como recepcionista em um consultório veterinário e colaborara com atividades ilegais. Disso Parts já sabia. Suas atividades provavelmente foram vigiadas, porque a senhora Vaik tinha um contato com a Alemanha assim como com os ilegais e os emigrantes, conhecia pessoas demais comprometidas com atividades antiestatais. Mas por que o Gabinete daria a Parts um parente próximo de tal pessoa? Ou seria isso na verdade a respeito do próprio Parts? Estariam os órgãos experimentando um novo método preventivo? Estranho. Muito estranho.

Lembrava-se bem de Marta Kask. Depois de se tornar viúva, a senhora Vaik, junto com Marta, ganhava a vida ajudando Lydia Bartels no consultório. Frequentemente, Parts tivera de esperar por alemães na cozinha de Bartels, quando eles insistiam em participar de suas sessões. Marta oferecera a ele e ao motorista algo para comer, os alemães piscaram para ela ao partir e ela balançara os cabelos loiros e compridos e rechaçara outras tentativas de aproximação. Muitas pessoas passavam pela recepção, Bartels havia se tornado alguém de confiança dentre os oficiais interessados em espiritualismo. Parts mal

notara os passos que haviam começado no andar de cima. Tentou encontrar contra-argumentos e motivos pelos quais o incidente seria apenas uma coincidência. Teria de descobrir mais sobre as atividades posteriores da senhora Vaik e de Marta, a resposta poderia ser encontrada lá. Tentou acalmar a imaginação, não havia tempo para fantasias. Karl Andrusson. Os classificados no jornal *Kodumaa* renderam frutos. Por meio deles recebera uma carta de Karl, que em sua carta com selos canadenses havia agradecido à senhora Vaik por ter tratado tão bem de seu pé. Em mãos menos hábeis, sua carreira de piloto teria chegado ao fim.

Parts abriu a gaveta e tirou dela sua pilha de cartas do Canadá. Karl sempre grudava muitos selos nos envelopes, porque sabia o quanto eram valiosos os selos ocidentais entre os filatelistas do leste.

O camarada Parts molhou a caneta na tinta.

1965

Vilarejo de Tooru,
RSS da Estônia, União Soviética

Seu pai estava deitado na grama de outono com um filete de saliva saindo da boca. Havia uma pistola no bolso de sua calça, isso Evelin sabia. Deixou o pai em paz e entrou no vestíbulo. Ele não usaria a arma, não de verdade. Riksi, que estivera esperando por Evelin no ponto de ônibus, entrou sorrateiramente na cozinha passando por entre suas pernas. A mãe correu para cumprimentá-la com a avó ao lado. A cozinha emanava calor, “entre, entre rápido”, a mesa logo foi posta, café de cereais e pão doce fresco, o atizador de fogo tilintou; o cheiro do bolo de sêmola se sobrepôs a todos os outros no nariz de Evelin quando sua mãe o tirou do forno e perguntou como ela estava. Não queria que a mãe perguntasse nada sobre Rein e felizmente ela se entusiasmou com Liisa, a vizinha, que havia recebido uma carta da Austrália do filho, que ela pensara estar morto; não tivera notícias dele por vinte anos e, então, uma carta! O filho enviara um lenço de chiffon com a carta e enviaria mais, ele sabia que na Estônia era possível ganhar bastante dinheiro com eles e eram fáceis de serem enviados. Liisa estava tão orgulhosa, repetia havia semanas que o filho estava vivo, como se não fosse uma certeza, apenas um sonho. Evelin fingiu prestar atenção, e deixou a mãe prosseguir, suas palavras eram pontuadas pelo barulho da avó trabalhando com lã, e Evelin fazia sons de concordância de tempos em tempos, enquanto pensava em Rein, esticando seus cachos. Os cabelos da mãe, dos avós e do pai eram lisos. O cabelo do pai era como uma crina de cavalo. Por que ela se tornara essa aberração da natureza? Os cabelos da garota de pernas

brancas eram loiros e macios, Rein sem dúvida preferiria que seu cabelo fosse assim.

Depois do encontro no Moscou, eles se viram com menos frequência. Rein a chamara de covarde, primeiro havia caçoado do fato de ela ter ficado com medo, depois lhe assegurara que não havia nada com que se preocupar, que estava tudo bem, embora não estivesse. Ele não a convidara mais para encontros como aquele, nem para o café, nem para a casa do homem de óculos. Tinha sido natural adiar a visita aos pais de Evelin, porque Rein estivera muito ocupado o tempo todo. Isso fora um alívio. Quando Evelin voltara à cidade no começo de setembro, a tensão que a noite no café Moscou criara havia melhorado, quase como se nunca tivesse acontecido. Rein não se esquecera dela durante o verão. Pelo contrário, levou-a imediatamente ao cinema e para dançar. Rein cheirava a álcool velho e enguia defumada. Evelin imaginava com quem eles foram compartilhados, e não pôde recusar quando Rein começou a perguntar novamente quando poderia visitar os pais dela. Pensaram na época do Natal, Evelin teria de começar os preparativos novamente. O velho terror voltava. Como podia levá-lo para lá?

— Amanhã trabalharemos com o linho — disse sua mãe. — Liisa prometeu que vem ajudar. E, por favor, ajude seu pai, ele tem de voltar para dentro.

— Deixe-o deitado lá. Ele voltou a receber em álcool? O telhado está consertado?

— Evelin, por favor.

Logo chegaria a época da matança de Natal e, antes disso, teria algumas tarefas de outono. No vilarejo, não havia homens o suficiente em idade para trabalhar, seu pai cuidaria de tudo, seria pago em bebidas, desapareceria por longas noites na casa da esposa do peixe grande do Partido com o pretexto de consertar uma coisa ou outra na ausência do marido dela. Ele sempre voltava bêbado. Seu pai faria Rein beber, e então? Evelin não podia deixar de imaginar a cena: um jantar desconfortável, a bebedeira do pai, os assuntos simples da mãe sobre bezerras e linho, sobre a infância de Evelin e suas ovelhas favoritas, sobre como Evelin sempre gostara de observar a água

começar a ferver em volta do linho imerso. Evelin olhou para a avó separando fibras no canto da sala. Onde a colocariam durante a visita de Rein? Ela não podia ser levada para outro lugar para o Natal. Evelin ouvira o pai falando com a mãe, e ambos concordaram que não era bom para a avó viajar, e, pelo menos daquela vez, Evelin concordara com ele. Não queria mais a avó como sua convidada em Talim, não queria desde que havia conhecido Rein. Se, por outro lado, seus pais fossem visitá-la depois daquilo e encontrassem Rein, talvez ele não insistisse mais em visitar a fazenda, porém seus pais diriam que não podiam deixar os animais e a casa sozinhos, o vilarejo estava cheio de ladrões. Ficaria Rein satisfeito se apenas sua mãe fosse? Seu pai poderia cuidar dos bezerros e das galinhas enquanto isso. Ela tocaria no assunto quando uma boa oportunidade surgisse, mas não agora, não queria que a mãe começasse a fazer perguntas sobre como eles estavam, como iam as coisas com Rein, o que o garoto fazia. O que ela poderia responder sem mentir? E por que Rein estava envolvido em tudo aquilo, e se alguém descobrisse? Se Rein fosse expulso da universidade, terminaria no Exército e ficaria longe por anos. Ele entendia isso? Como podia não se importar? Ser tão egoísta? O que aconteceria às suas roupas de cama, aos cactos no parapeito da janela, aos armários envernizados? E se Rein estivesse envolvido em algo que o levasse à prisão? Evelin não conseguia se imaginar esperando por Rein atrás dos muros de Patarei e correndo atrás de garrafas de Vana Talim, enviando-as ao quartel onde Rein estivesse alocado. Ela se lembrava de Jaan, que voltara em um caixão de metal: fracassara duas vezes nas provas, não se apresentara ao comitê e fora enviado para o Exército. Rein era louco, brincando com fogo.

Evelin fizera a escolha errada, deveria ter aceitado aquele estudante de engenharia polonês que tinha dito diretamente que queria uma esposa da Estônia. O polonês estudava bastante, nunca fora como Rein, que se recusava a chamar a praça da Vitória pelo nome porque não queria usar as denominações comunistas. Ou deveria ter ido para os bailes do primeiro ano com Meelis, que a convidara; mas não tinha ido, continuara procurando garotos mais velhos, como todas as outras calouras. Os estudantes mais velhos

pareciam mais inteligentes, e Meelis parecia simples quando sempre dizia, no meio de uma noite divertida, que tudo o que ele queria era dormir entre lençóis brancos, nada mais. Meelis havia crescido na Sibéria. Lençóis brancos limpos eram o suficiente para ele, não para Evelin. E para onde tal ambição a levaria?

A mãe tossiu e levou a mão às costelas. Estava melhor, só doía ao tossir e respirar fundo demais. Evelin disse que faria todos os trabalhos do celeiro durante o fim de semana, mas a mãe não gostava disso. Ela disse que estudar era o mais importante, e seu pai dizia o mesmo. Nada era mais importante que Evelin ter saído do colcoz, e, assim que o linho estivesse trabalhado, sua mãe faria um cardigã para ela que seria bom para estudar no inverno, ela não sentiria frio. Deixaria as mangas longas e largas como Evelin tinha pedido, embora não tivesse contado à mãe a razão para o pedido: as colas tinham de caber nelas facilmente. As provas de verão correram bem, até as orais, até as perguntas sobre a história do Partido e sobre as possibilidades de aumentar a eficiência do uso de ferramentas de trabalho. Evelin tivera até tempo de revisar todas as oitenta perguntas dadas pelo professor e, baseada nelas, havia preparado colas para si e para Rein. Às vezes ia ao interior estudar e então voltava para a cidade, e ia ao parque Glehn para estudar todos os dias. Exibicionistas eram um problema no parque, assim como rapazes da cidade ávidos por companhia e casais que iam namorar lá. Ela não era a única a quem eles incomodavam, outras mulheres iam sozinhas para os bancos junto ao lago artificial para ler e tomar sol. Conhecera uma delas, a mulher tinha comida demais e deixara o restante de suas laranjas para Evelin. Até a ajudara, fazendo perguntas sobre Marx. Tinha sido mais divertido assim, e Evelin conseguira se manter acordada. A mulher também recomendara um cabeleireiro que tinha um talento especial em secar cabelos naturalmente cacheados, o problema dos cabelos rebeldes lhe era familiar também. A mulher rira, mas no fim sua presença havia se tornado opressora: ela fazia perguntas demais, considerando que era uma estranha. Evelin acabara parando de ler no parque Glehn e não fora ao cabeleireiro recomendado, embora visse

como Rein olhava para os cabelos balançantes da garota de pernas brancas.

Depois das provas de verão, Evelin havia estudado química e física para o outono, para que a mudança de matérias fosse fácil. Tinha se saído bem em técnicas de escritório e datilografia, mas essas matérias não valiam nota para o certificado. As provas de história do Partido, problemas com análises econômicas e problemáticas da metodologia analítica se aproximavam. Já tinha de pensar em um bom lugar para estudar para as provas de janeiro, isso já a preocupava. Na biblioteca sempre adormecia, os alojamentos estudantis eram barulhentos demais, no inverno não se podia sair. Ou talvez encontrasse uma matéria mais interessante. E se pedisse transferência para estudar outra coisa? Estradas, pesquisas? Ciências sociais estava fora de cogitação, não aguentava mais estudar Marx. Pensaria em algo porque estava preocupada com Rein, que não se importava em não ter um lugar para estudar. Talvez ele passasse em técnica de cálculo e programação, Rein sabia programar em Algol, e as provas finais consistiam simplesmente em solucionar algum problema em um computador, mas não passaria na prova oral. Por outro lado, os pais de Rein tinham dinheiro; sem isso, ele não teria sido aprovado nos exames anteriores. Rein tinha planejado a manifestação estudantil durante o mês de novembro, e havia passado a falar disso com Evelin.

1965
Talim,
RSS da Estônia, União Soviética

Parts enviara lembranças da senhora Vaik em sua carta a Karl Andrusson, com quem a esposa estava “constantemente em contato”. Também mencionara que a senhora Vaik estava maravilhada com o fato de que, graças aos seus talentos, Karl havia se tornado piloto. A resposta viera dentro de algumas semanas, surpreendentemente rápido, considerando os controles postais. Em seu entusiasmo, Parts rasgou os selos canadenses ao abrir o envelope e sequer lamentou por isso. Karl estava muito feliz em ter notícias da senhora Vaik e lhe pedira que desse seu endereço. Depois que a senhora Vaik havia se mudado com a filha, a mãe de Andrusson tinha perdido contato com ela, mas ouvira rumores de que a neta da senhora Vaik estaria estudando em Talim para se tornar gerente de banco.

Parts havia recebido sua confirmação: estivera o tempo todo seguindo a neta da senhora Vaik. Não havia nada mais importante na carta de Karl, apenas perguntas se a senhora Vaik sentia falta de sua terra natal tanto quanto ele, embora ele estivesse separado de sua casa por um mar, e a senhora Vaik ao menos vivia no país de origem. Parts praguejou. Se tivesse algum tipo de relacionamento com a própria esposa, já teria recebido essas notícias e não teria de caçá-las lá do Canadá. Karl Andrusson talvez tivesse notícias de Roland, mas ele não ousava perguntar, ainda não queria que o Gabinete prestasse atenção em Roland. Usar um pseudônimo, entretanto, poderia levantar suspeitas em Karl, que começaria a fazer perguntas. Parts pôs um Pastilaa na boca e limpou os dedos em um lenço, ignorando a

passagem do trem, que balançava as janelas. Fechou os olhos para ver melhor a imagem e não ficar se remoendo por não ter pensado em perguntar a Karl sobre isso antes. Ele já fora claramente cegado pela sua pesquisa: uma deformação profissional. Quanto mais Parts pensava no assunto, mais improvável parecia que o Gabinete o tivesse treinado e transferido para essa tarefa por acaso. Seu Objetivo real era, de fato, Kask ou a família Kask, talvez o objetivo final fosse que Parts aplicasse métodos preventivos em Evelin Kask ou em seus pais, ou talvez até que fizesse a garota se confidenciar com ele. Seria ela realmente um Objetivo tão importante? Já havia bastante material comprometedor. Seria provavelmente o suficiente para sugerir a ela o quão fácil era ser expulsa da universidade, o quão fácil seria colocar sua avó em um trem partindo para um país frio. Parts ouvia a si mesmo. Causar confusão era parte dos métodos do Gabinete, e eles o deixaram confuso, tinha de admitir isso. Caso começasse a caçar Cabeça de Repolho por meio da garota, teria de tomar cuidado para que o Gabinete não percebesse. Sentiu-se tentado, entretanto, a arriscar e deslocar sua atenção para a garota em vez de acompanhar o Objetivo. Ao menos por um tempo... Seria isso notado?

O fim da operação Moscou começou a despontar, e aquilo deixava Parts animado enquanto ele seguia Evelin Kask em Toompea depois do fim da aula dela. Observou a garota com outros olhos, faminto, e farejou uma pista. Uma boa e velha pista, embora ela se comportasse exatamente como antes. Os passos de Parts se fundiam com os paralelepípedos, seu paletó se fundia com o muro, sentia sua própria invisibilidade. O comprimento da saia de Evelin era mais moderado que o das outras, e ela tinha luvas de primavera brancas da marca Marat, com as quais mexia e puxava os cabelos a cada três passos. Seus saltos de metal escorregavam nas pedras, e ela cambaleou ao entrar em um ônibus, saltando com insegurança em um ponto próximo aos alojamentos estudantis. Parts, que mantinha uma distância segura, deixou que a garota entrasse na fila de um local para recarga de canetas-tinteiro antes de segui-la. Tirou da bolsa um monte de potes de tinta vazios e deixou a fila crescer o suficiente antes de

entrar nela. A mulher atrás do balcão pegou os potes com cuidado, enfiou-os em uma máquina, girou uma manivela, devolveu-os cheios e aceitou os coqueques. Havia um tagarelar na fila, não via sinal dos estudantes do café. De repente, o rosto da garota ficou tenso. Ela afastou do corpo a mão que segurava a sacola. Um estudante de engenharia desconhecido veio cumprimentá-la e se afastou imediatamente. Parts olhou à sua volta e viu o garoto sair pela porta com a sacola da garota nas mãos. Saiu da fila e foi atrás da sacola. Permitiu que o garoto abrisse uma boa distância, caminhando em paz pelos quarteirões, passando por uma enorme pomba da paz pintada na parede de um prédio, e deixou-o esperar pelo ônibus no ponto por um tempo antes de se juntar ao grupo que estava lá. Foi o último a entrar e a sair do veículo. Quando o garoto saiu da rua e se embrenhou nos arbustos, Parts quase tropeçou e pensou que tivesse cometido um erro — já havia perdido o Objetivo algumas vezes naquela mesma rua, mas culpara o próprio cansaço e o excesso de cuidado. Só então percebeu que não se tratava de uma coincidência. Os desaparecimentos hábeis mostravam que o Objetivo sabia que alguém o estava seguindo. Porém, o Objetivo era melhor em despistar pessoas que aquele rapaz. O garoto não tomou muito cuidado, seus movimentos eram indiscretos, ele praguejou ao tropeçar nos arbustos. Parts o viu se esgueirando para dentro de uma casa cinzenta pela porta dos fundos e anotou a hora. Concluía que eram realizadas atividades ilegais na residência do homem de óculos que havia deixado o garoto entrar.

Um garoto brincava com um pião em uma caixa de areia cheirando a xixi de gato, próximo a uma casa. Ele aceitou um rublo com prazer e disse o nome do poeta que morava naquele lugar.

Parts foi à biblioteca para estudar poesia. O poeta havia publicado elogios à ascensão dos trabalhadores ao poder justamente nos anos em que Roland xingara Cabeça de Repolho. É claro que poderia ser uma coincidência, mas quantos poetas envolvidos em atividades ilegais poderiam ter usado o mesmo pseudônimo?

1965

Talim,

RSS da Estônia, União Soviética

Na noite seguinte, o camarada Parts pegou no sono no café Moscou, em cima da trufa e da salada russa. Sua atenção fora comprometida porque tinha trabalhado até tarde, familiarizando-se com poesia. Quando seu queixo bateu no peito, Parts se controlou e olhou ao redor. Estudantes de arte, alguns com chapéus violeta, outros sem nada, juntaram-se ao grupo do Objetivo. Uma das garotas usava uma saia curta demais e parecia ciente disso, pois, quando andava, mantinha uma das mãos apertada contra a coxa, como se não conseguisse decidir se puxava a saia para baixo ou se simplesmente fazia com que parasse de subir. Acima da saia azul usava uma camisa branca; Parts não podia esquecer de mencionar no relatório a preferência por cores nacionalistas.

Os chapéus violeta vinham acompanhados de um homem baixo de cabelos escuros, longos como os de uma mulher descuidada, e uma barba que cobria suas expressões faciais. Parts reconheceu o homem como um pintor de obras antissoviéticas de mau gosto. O Gabinete, sem dúvida, já notara as atividades dele há muito tempo. As roupas do homem, imitando tendências da moda dos países capitalistas, exalavam imperialismo. O pianista dava o melhor de si, o homem de cabelos compridos flertava com duas garotas. Os gracejos atravessaram a fumaça e acordaram Parts de sua letargia. Seus olhos se abriram. Aquelas notas? Teriam elas vindo de sua cabeça? De sua boca? Teria ele sonhado? Os compassos ao ritmo de jazz continuavam, mas as garotas haviam parado de gracejar, e um fumante na mesa ao

lado esquecera de bater as cinzas do cigarro, que caíram em cima da mesa. O Objetivo tinha se levantado. Parts virou a cabeça disfarçadamente. O grupo de estudantes havia se virado para o pianista com pulsos relaxados, a mulher à mesa ao lado dele dava um sorriso radiante, a mão pousada no ombro do acompanhante. Sua boca se movia sem emitir nenhum som: *Saa vabaks Eesti meri, saa vabaks Eesti pind...* Parts piscou. O ritmo de marcha militar veio por meio da improvisação do pianista, desaparecia e voltava, desaparecia e voltava, e os lábios da mulher continuaram o canto silencioso, até que o homem barbado se levantou, assim como as mocinhas que riam em seus braços. Logo o grupo todo estava de pé. Parts ouvia a própria respiração ofegante, deu uma olhada no colega à mesa do canto. Ele também se levantara, sua postura era tensa, como se estivesse pronto para saltar. Os olhos vigilantes corriam pela sala e, por um momento, encontraram os olhos de Parts; naquele exato instante, a marcha que ia e vinha ficou lenta, e o homem barbado e o Objetivo abriram os olhos e entoaram: *Jään sull'truuiks surmani, mul kõige armsam oled sa*, “Eu me mantenho fiel a você até a morte, você é a mais amada para mim”. O colega de Parts passou correndo pela sala como um furacão, bateu a tampa do piano e parou diante do boquiaberto homem barbado; o colega gesticulava com as mãos e, depois de dizer algo, deixou o café tão rápido quanto corraera para o grupo. A barra de seu casaco resvalara em Parts ao passar; o homem tinha manchas escuras no rosto, seus olhos eram quase apenas linhas. Depois que ele desapareceu nas escadas, o pianista abriu a tampa do piano e retomou seu repertório noturno regular. Os amigos do homem barbado começaram a puxá-lo para as escadas, com as cabeças unidas, o suor brilhando na testa, os sussurros ressoando em um frenesi. Eles não olhavam ao redor, ninguém olhava para eles, como se tivessem se tornado invisíveis; e, entretanto, a sala inteira estava como o mar antes da tempestade. Parts escutava palavras soltas aqui e ali, mal conseguindo acreditar nas suas conclusões. Teria seu colega realmente ido até a mesa do homem barbado e dito: “Pelo amor de Deus, fiquem quietos, eu sou da KGB!”

O pianista era o mesmo no dia seguinte e no dia depois deste, e Parts começou a duvidar que seu colega tivesse sequer relatado o incidente. De qualquer forma, ele não foi ao café e, no terceiro dia, havia sido substituído por outro agente. O homem barbado não voltou a aparecer. Já havia material comprometedor mais que suficiente. O grupo claramente planejava algo relacionado à parada das tochas, e, se fosse esse o caso, a tarefa de Parts na operação Moscou terminaria antes de março ou pouco depois disso. Ele percebeu que tinha pressa. Precisava conseguir confirmações enquanto o grupo, com todas as suas ramificações, ainda estava em liberdade e era de fácil acesso.

O próprio poeta abriu a porta. A casa estava tão cinzenta quanto antes. As roupas do homem se fundiam com as paredes e ele arrumou os óculos; seus olhos mal podiam ser vistos através das lentes grossas.

— Cabeça de Repolho — disse Parts com um sorriso cortês.

Sem dúvida o momento era emocionante. Parts sabia que o homem à porta não imaginava que, naquele instante, os sentimentos de ambos eram provavelmente iguais. O homem tinha uma oportunidade, uma boa atuação poderia tê-lo salvado, uma boa defesa. Parts havia encontrado, em sua vida, muitos mentirosos capazes de lutar, tornando as coisas confusas, mas o homem diante dele não era assim. A expressão no rosto do poeta desabou como a parede apodrecida de uma casa que podia ser atravessada com um único golpe.

— Temos de conversar um pouco. Não há motivos para velhos assuntos perturbarem sua carreira literária atual. — Parts fez uma pequena pausa antes de continuar. — Também é hora de pensar nos seus jovens seguidores. Seus escritos atuais não levantam o moral da juventude o suficiente.

— Minha esposa logo estará de volta.

— Ficarei feliz em encontrá-la também. Podemos continuar a conversa dentro de casa?

O poeta recuou.

— Bem, obviamente tentaremos fazer com que a proibição de suas publicações dure o mínimo possível, certo?

O poeta era um caso fácil. Muito mais fácil do que Parts poderia ter imaginado. Depois de deixar a casa, Parts se perguntou como ele conseguira operar ilegalmente por tanto tempo, debaixo dos olhos do Partido. O homem havia trabalhado como um poeta soviético renomado por décadas e muito provavelmente o departamento de propaganda do Partido, a Glavlit e todos os departamentos possíveis estavam satisfeitos com ele; mesmo assim, ele continuou trabalhando clandestinamente. Ao mesmo tempo que escrevia odes ao Partido! Parts caminhou rapidamente para o ponto de ônibus. Somente então se sentiu cansado e teve de se agachar. O poeta havia sido fácil porque Parts tinha o material adequado para a chantagem. Não tinha nada com o que chantagear a esposa. Embora o poeta tivesse jogado a identidade de Coração no colo de Parts como um avião Junker sem combustível, ele ainda não podia ter certeza de que Roland havia dividido tudo com sua esposa. Seria a parede entre ele e a esposa intransponível justamente por causa disso? Teria ela sabido desde o começo por que ele tinha de se livrar de Roland? Ainda fazia alguma diferença? Também pensou no pouco tempo que levava para confirmar o assunto. Estava surpreso, talvez até admirado, com a própria calma. Talvez suspeitasse disso o tempo todo, mas isso não era importante. Sentia um prazer como há muito não experimentava. Sentia-se no controle da situação, quase havia se esquecido daquela sensação. Como se suas mãos tivessem capturado um bando de pássaros no ar e o bando tivesse congelado com seu toque em uma formação de fácil manuseio. Sua esposa e as teclas impacientes da Optima o esperavam em casa, o Gabinete se ocuparia com os trâmites finais.

1965

Talim,

RSS da Estônia, União Soviética

Tudo dera errado. Rein e os outros três organizadores da marcha foram presos. Evelin tremia debaixo do cobertor, o silêncio dos alojamentos estudantis fazia o quarto parecer pequeno, os gritos ainda ecoavam em sua cabeça. “Milícia, milícia!” Ela não queria sair do quarto, imaginava as pessoas cochichando na cozinha do alojamento. Não tinha notícias, não sabia onde Rein estava nem o que aconteceria com ele. Sabia, porém, o que não aconteceria: Rein não voltaria para a universidade, mas disso todos sabiam de qualquer maneira, não havia nada para se cochichar a respeito. Ela deveria ir para casa. Poderia? Iria a milícia atrás dela, seria expulsa dos alojamentos, da universidade? Sua mãe não aguentaria, ela não aguentaria, não podia ir para casa, não podia contar o que havia acontecido. O que diria? Não podia. Iria Rein para a prisão, ou para o Exército, ou para a prisão e para o Exército, ou para um hospício? Evelin saltou da cama, sentando-se. Para o hospício! Bom Deus, isso tinha acontecido com um autor de panfletos cuja máquina de escrever havia sido procurada, o alojamento masculino inteiro fora deixado de cabeça para baixo, todos os quartos, todas as mil camas, todos os mil guarda-roupas. A máquina de escrever não havia sido encontrada, mas o garoto fora levado para Paldiski 52; ninguém teve notícias dele desde então. Rein era louco, Evelin estava certa, ela havia se apaixonado por um homem louco e se deixara levar pela loucura dele. Ela colocara o vestido de formatura em risco e possivelmente sua chance de se tornar uma das formandas com chapéu desbotado e canetas esferográficas gastas, sua

chance de se tornar engenheira. Ela e Rein não voltariam a se ver, não dividiriam lençóis, cactos no parapeito da janela, nem armários lustrosos. Ela não tinha mais de pensar se deixaria Rein tirar sua anágua ou não. Teria deixado. Ela deveria ter escolhido alguém do Partido. Deveria ter ouvido aquela garota que dissera que Rein era uma escolha ruim, deveria ter pensado em si mesma: quero me formar, quero uma família, quero um lar, quero me casar, quero um bom emprego. Evelin correu para o guarda-roupa. Não havia nada de incriminador, ela sabia disso, mas logo viriam e inspecionariam guarda-roupas, camas e travesseiros. Evelin jogou suas coisas em uma maleta de madeira compensada, colocou os sapatos e correu pelo corredor e escada abaixo. As pessoas espiavam dos quartos; ela sentiu os olhares no corpo, espetavam como espinhos na pele. Seus passos ecoaram em seus ouvidos. Ladeou o muro em direção ao ponto de ônibus, por trás do qual os prisioneiros trabalhavam. Estaria Rein entre eles, ou ela mesma? Correu mais rápido, a maleta estava pesada, mas ela tinha forças, o medo a conduziu ao ponto e ao ônibus número 33, tão cheio de operários que mal tinha espaço para entrar, mas abriu caminho. O ônibus começou a andar, e Evelin se apoiou em uma trouxa de linho branco de uma *babuchka*, uma velhinha que estava indo para a Sibéria; era semelhante a todas as malas brancas enormes, cheias de coisas compradas na Estônia, que os russos carregavam com as costas dobradas para a estação de trem e em direção à Sibéria. Logo ela estaria indo para lá também, era para lá que seria levada, o rangido do trilho do trem era o rangido de seus dentes, e o rangido do medo estava prestes a apunhalá-la nas costas, enfiar suas garras em sua carne... Mas ainda não, ainda não, primeiro tinha de voltar para casa, queria ver sua mãe antes que viessem, pois viriam, sempre vinham. Talvez já estivessem esperando por ela na casa de sua mãe. Os olhos de Evelin estavam secos, embora tivessem ficado levemente molhados, assim como os de Rein, enquanto assistiam à parada de tochas dando a volta na Kiek in de Kök. Eles se deram as mãos, tudo transcorrera com tranquilidade, e Rein se lembrara da Revolta da Noite de São Jorge. Nela, também, as tochas dos escravos subiram na escuridão, mas tudo terminara em um massacre; Evelin devia ter se

lembrado disso. Já deveria ter se lembrado quando ouvira Rein falando disso, deveria ter se lembrado e não apenas sorrido enquanto eles caminhavam pela rua Narva em direção a Kadriorg, cantando *Saa vabaks Eesti meri, saa vabaks Eesti pind*, mas ela havia sorrido e vibrado com os outros como uma tola, até ouvir alguém gritando “Milícia” e ver uma garota que andava à sua frente tirar os sapatos de salto alto e começar a correr de meias até uma ruela lateral, e as pessoas começaram a voltar correndo na direção deles. Algumas tochas caíram no chão, “Milícia”, gritara alguém, e sua mão se soltara da de Rein e ela não o vira mais em lugar nenhum, e ela havia começado a correr, “Milícia”, correria sem saber para onde ir e acabara em Patkuli, em frente a um portão fechado, e se acorara nas escadas para esperar o caos diminuir.

Conforme se aproximava do ponto de ônibus de sua casa, Evelin compreendeu que não podia fazer aquilo com os pais, não podia deixar que fosse levada de casa. Todos veriam, o vilarejo todo veria. Voltou para Talim.

1965

Vilarejo de Tooru,
RSS da Estônia, União Soviética

O camarada Parts se acomodou no fim da fila, as mulheres de lenço viraram a cabeça. Parts não conhecia ninguém no vilarejo, nunca estivera nem perto daquele lugar e não tivera tempo de se preparar mentalmente para a tarefa. Tudo havia acontecido tão rápido que ele percebera subitamente que estava sentado em um veículo do Gabinete, sendo levado para o interior. Os órgãos não deram a entender que sabiam que os caminhos da senhora Vaik ou de Marta tinham cruzado os de Parts no passado, mas não conseguia pensar em nenhuma outra razão pela qual logo ele tivera de cuidar de medidas preventivas que não faziam parte de suas atribuições. Marta Kask deveria ir ao vilarejo no dia de compras, como todas as outras pessoas. Havia uma grande confusão. Com as costas envergando, homens levavam sacos de pão para as vacas. Bicicletas passavam carregadas de garrafas de leite vazias.

Ele reconheceu Marta sem nenhum problema.

— Marta, é você?

A mulher se assustou e seus olhos se arregalaram como se Parts tivesse jogado uma pedra em um lago; naquele momento, as dúvidas dele desapareceram. Marta não saberia como usar o que sabia em seu próprio benefício. Ela não sabia que aquelas informações eram um material a ser negociado para salvar sua filha, para chantagear Parts por ter se relacionado com homens de Berlim. Ela não compreendia o valor de suas informações, Parts estava certo disso. Por um segundo, sentiu pena de Marta; mas logo pôs mãos à obra e abriu caminho na

multidão até ela, falou da incrível coincidência e contou que só ficaria no vilarejo até o dia seguinte, por causa de alguma tarefa relativa à reforma da escola de professores da RSS da Estônia.

— Eles querem transferir o treinamento de professores de história inteiramente para Moscou, mas o plano não deve ser bem-sucedido. — Parts riu, piscando um olho. — Não vou permitir isso. Vamos tomar um café por nos encontrarmos depois de tanto tempo. O que acha?

Parts notou que Marta olhava ao redor à procura de alguém, mas quem? Percebeu que ela queria dar um alerta. Quando o filho de uma amiga correu até ela, Parts tirou imediatamente uma moeda de três rublos do bolso e a colocou na mão do garoto.

— No dia das compras, até as crianças devem comprar algo doce para comer, certo? Vou inspecionar sua escola amanhã. Vá e fale para sua professora que vai correr tudo bem.

A criança desapareceu.

— Por que essa expressão tão desanimada, Marta?

Parts olhou nos olhos dela, notou o movimento de suas pupilas, o modo como ela transferia o peso de um pé para o outro e como ela arrumava o lenço na testa.

— É realmente uma coincidência nos encontrarmos desta forma. E sorte. Como velho amigo da família, devo dizer que estou um pouco preocupado com sua filha, Evelin... É esse o nome dela, certo?

— Preocupado? Com Evelin? — A voz de Marta estremeceu.

— O Ministério da Educação é um lugar excelente para se trabalhar. Uma visão de todo o futuro da nação, nos preocupamos muito com o futuro da nossa juventude. É tão triste quando um jovem toma o caminho errado na vida. Você já ouviu falar do desfile da associação de estudantes?

Marta se assustou com a pergunta, não sabia se devia admitir ou negar conhecimento, continuou calada por tempo demais.

— Evelin é inocente, é claro, mas sua companhia... O namorado dela foi preso.

Marta parecia hesitar.

— Vamos conversar mais enquanto tomamos café. — Parts indicou a multidão com a mão. Marta olhou ao redor, como se procurasse ajuda. — Talvez você queira fazer as compras primeiro, depois nós vamos.

Ela parecia tão assustada que não conseguia se mexer. Parts a acompanhou em direção à fila, e ela seguiu a ordem como um cordeirinho. No balcão, uma senhora usava o ábaco com velocidade; ainda havia quatro pés de porco, e o papel de embrulho fazia barulho conforme era manuseado. Marta não parava de puxar o lenço, arrumava-o melhor na testa, empurrava os cabelos úmidos para debaixo dele, uma gota de suor escorreu pelo rosto como uma lágrima. Alguém veio lhe dizer que o marido tinha sido o primeiro da fila naquela manhã. Marta balançou a cabeça. Parts olhou para ela inquisitivamente.

— As compras são sempre uma tarefa das mulheres — comentou Marta.

Parts adivinhou o que aquilo significava. O marido de Marta tinha vindo comprar bebida pela manhã e se esquecera de comprar o restante. Todos tinham o mesmo problema, em todo colcoz. Em dias de compras e de pagamento, ninguém estava interessado em trabalhar, as vacas eram abandonadas sem ser ordenhadas. O camarada Parts se animou, a situação parecia avançar com facilidade.

Ele a ajudou a colocar os potes de creme na sacola e a acompanhou até o lado de fora. Os passos de Marta oscilavam, a bicicleta que ela empurrava caía para o lado de tempos em tempos, a sacola tilintava, as paredes de sílica do centro emanavam frieza. O ar tinha cheiro de neve e gelo. A atmosfera era opressiva, mas Parts se sentia bem. Marta embicou a bicicleta para a rua de casa. Saía fumaça da chaminé, mugidos podiam ser ouvidos do celeiro. Os troncos riscados das macieiras criavam linhas no jardim.

— Está uma bagunça dentro de casa — disse ela. — E se...

— Não faz a menor diferença, querida Marta.

Marta lançou um olhar breve para o prédio da sauna, e Parts se deteve. Ele deu meia-volta e correu em direção à sauna. Marta correu atrás dele e agarrou sua mão, seu casaco, mas Parts se livrou da mulher aos chutes e a deixou para trás gritando. Abriu a porta

abruptamente. Roland dormia em um banco, os suspensórios caídos, a boca entreaberta. Ele roncava.

1965
Talim,
RSS da Estônia, União Soviética

Roland Simson, conhecido como Mark, havia se tornado Roland Kask e vivia modestamente e sem chamar atenção no vilarejo de Tooru. Sua filha, Evelin Kask, estudava em Talim. Quem acreditaria que um homem que fingia ser um bom pai pouco tempo antes havia atirado impiedosamente em bebês recém-nascidos diante de suas mães? Quem acreditaria que pessoas capazes de tais atos espalhavam sua perigosa doença para as próximas gerações? Evelin Kask seguiu os passos do pai, tornando-se uma anticomunista fervorosa e defensora do imperialismo nacionalista.

O camarada Parts apoiou os pulsos nos joelhos. Chegava aos últimos capítulos; o trabalho progredira como uma brincadeira de criança desde que havia começado a dedicar os dias a ele. Ele mesmo elegera as fotografias. Tinha selecionado como foto do autor uma das fotos tiradas na época do regime fascista. O Exército Vermelho havia feito muitas fotografias do campo de concentração de Klooga desde que chegara à Estônia; Parts escolhera sua foto dentre as pessoas que foram metralhadas pelas costas. Para sua sorte, os magros e moribundos ou mortos eram sempre parecidos. O camarada Parts sobrevivera a Klooga fingindo estar morto. Pertencia ao bravo grupo de prisioneiros soviéticos que fora trazido de Patarei a Klooga para ser assassinado. Testemunhou horrores: tentaram forçá-lo a queimar outros cidadãos soviéticos em uma pira e ele tentou fugir. Foi baleado nas costas e ficou gravemente ferido. Se o Exército Vermelho tivesse libertado o campo de Klooga apenas um dia mais tarde, ele teria morrido. Graças à sua versatilidade, está aqui hoje para testemunhar contra os fascistas cancerosos e

contar a verdade. Seria essa uma biografia adequada para a foto, ou a coisa de ser baleado era um exagero? E se alguém quisesse provas? Ainda era possível pensar no assunto, o Gabinete não faria mais comentários, no entanto era necessário lapidar alguns detalhes. Ainda era possível tornar o texto um pouco mais vívido, e então a obra estaria pronta para sair pelo mundo. A visita ao vilarejo de Tooru dera o toque final à sua história — ver a vida por lá, captar o colorido local, estimar distâncias, estudar marcos e se arrastar pelos campos até uma pilha de rochas, de onde era possível ver a casa dos Kask sem obstruções. Ele havia se preparado contra cobras, vestindo galochas e dois pares de meias de lã. E levava binóculos. Observara a vida da casa para coletar detalhes, seguindo duas mulheres de lenço na cabeça enquanto elas faziam as tarefas do lar.

Parts não estava nem um pouco cansado, embora a noite anterior tivesse sido agitada. O encontro com o Gabinete fora seguido por um longo almoço, e depois vários bares. Parts não estava acostumado a tal comoção, porém uma vez só não ia matá-lo. Já tivera tempo de fazer insinuações sobre os novos tópicos de sua pesquisa e indiretamente lembrou sua experiência na Finlândia durante a juventude. Misturar-se na Finlândia seria fácil e, como historiador, ele já teria um pano de fundo perfeitamente crível. O mundo acadêmico não seria um problema. Era hora de começar a pensar no futuro. Que tal a embaixada da União Soviética em Helsinque? O cargo de adido cultural seria bom. O tráfego de balsa reaberto entre a Finlândia e a Estônia indicava que o quadro de funcionários do Gabinete estava no limite, os órgãos tinham pressa em obter mais empregados operativos, pessoas de confiança. O perigo era que o Gabinete o visse como uma pessoa adequada para observar turistas ocidentais em Talim para aumentar a rede de correspondências para a Finlândia, e não como um agente locado no país. Parts acreditava, porém, que seu livro dissiparia essa chance assim que fosse publicado. Não iria somente observar as balsas daquela praia. Ele mesmo estaria na balsa, partindo.

E que tal seria trabalhar no departamento de cultura dos expatriados soviéticos na RDA? Seu alemão era excelente. Quem sabe

ele acabasse pesquisando nos arquivos alemães, seria até possível encontrar evidências de um homem chamado Fürst. Até agora o nome não surgira, mas cedo ou tarde apareceria, ali ou no exterior. Isso poderia até ser divertido. Parts decidiu procurar alguém do Gabinete sob cuja supervisão estivesse o departamento. Alguém que pudesse lhe dar uma pista sobre o assunto. Seria melhor se alguma outra pessoa descobrisse que ele era adequado para uma missão na Finlândia ou em Berlim. Nunca era bom mostrar iniciativa demais. Suspeitariam de planos de deserção. Só mais algumas páginas, o clímax final. As teclas impacientes da Optima dançavam com facilidade.

Os oficiais fascistas estavam subitamente com pressa, pois o Exército Vermelho se aproximava com tudo em 1944. Pela manhã, os prisioneiros do campo de Klooga receberam ordens de formar uma fila para a chamada. Para manter a situação sob controle, o ss-Untersturmführer Werle mentiu que os prisioneiros seriam evacuados para a Alemanha. Duas horas mais tarde, o assistente do líder do campo de concentração, o ss-Unterscharführer Schwarze, liderava a seleção: trezentos dos homens mais fortes foram separados do grupo de prisioneiros. Eles foram informados de que teriam de ajudar com a evacuação. Isso também não era verdade. De fato, os homens carregaram toras para uma clareira fora do campo, que ficava a cerca de um quilômetro do campo de concentração. À tarde, selecionaram novamente seis cidadãos soviéticos fortes. Eles deveriam carregar dois barris de gasolina ou diesel em um caminhão. Os barris eram para uma pira. Mark liderou a construção das piras.

No campo de concentração, Mark se comportava impiedosamente, o que correspondia à sua natureza. Pouco antes de o Exército soviético libertar a Estônia da escravidão fascista, Mark fora um homem de confiança para os alemães no campo de Klooga. Os alemães não sabiam o que fazer com os prisioneiros. Não havia tempo para transferi-los, pois o Exército soviético vitorioso já estava a caminho e a maior parte deles fora terrivelmente torturada, de forma que não teria força para viajar. Navios esperavam por soldados e oficiais, mas o que fazer com os prisioneiros?

A solução foi sugerida por Mark: uma pira.

As toras foram colocadas no chão. Em cima delas foram postas tábuas de madeira. As toras eram de pinho ou abeto, as tábuas tinham setenta e cinco centímetros de comprimento. No meio da pira, posicionaram quatro tábuas em quatro direções diferentes. Estas eram sustentadas por alguns pedaços de madeira. Muito provavelmente deveriam funcionar como uma espécie de chaminé para a pira. A área da pira era de cerca de seis metros por seis metros e meio. Em um raio de cerca de cinco a duzentos metros da pira foram encontrados dezoito cadáveres despedaçados. Buracos de bala foram encontrados nos corpos. Posteriormente foram identificados pelos números usados na prisão.

Às cinco da tarde, o assassinato sádico de bravos cidadãos soviéticos teve início. As vítimas recebiam ordens para se deitar sobre as toras com o rosto para baixo. Então, eram executadas com um tiro na nuca. Quando a fileira de corpos estava cheia, uma nova fileira de toras era colocada em cima dela. As piras consistiam em até três, quatro camadas. O local ficava a vinte e sete metros do caminho da floresta, as piras ficavam a três, quatro metros umas das outras.

Quando uma comissão especial da União Soviética estudou essas crueldades, também encontrou uma casa queimada nas proximidades, da qual apenas as chaminés haviam restado. Cento e trinta e três corpos carbonizados foram localizados no porão da casa, alguns deles completamente reduzidos a cinzas. A identificação era impossível. Todos que estiveram presentes em Klooga em 19 de setembro de 1944 devem ser acusados do assassinato em massa de cidadãos soviéticos e julgados com a maior severidade.

EPÍLOGO

1966
Talim,
RSS da Estônia, União Soviética

O camarada Parts estudou a aparência de sua esposa da janela do primeiro andar. Sentada em um banco do parque, ela parecia calma. Nem sequer cruzara as pernas, que apontavam para a frente, as mãos descansando ao lado do corpo. A mulher ao lado dela parecia fumar, tragando com movimentos rápidos, mas sua esposa não virou o rosto para a vizinha de banco. Parts via seu rosto de perfil; a esposa visivelmente havia inchado. Ele nunca a vira tão imóvel, como uma estátua.

— Uma transformação significativa — comentou o camarada Parts.
— Antes ela fumava sem parar.

— De fato — disse o médico-chefe. — A insulina ajudou. Ainda não estamos certos do diagnóstico de sua esposa. Neurastenia astênica, ou possivelmente até uma psicopatia ligada a alcoolismo crônico. Ou psicopatia astênica. Ou esquizofrenia paranoica.

Parts assentiu com a cabeça. Na última visita, o médico-chefe lhe contara dos pesadelos de sua esposa. Naquela ocasião, não permitiram que ele a visse; os efeitos colaterais da medicação eram lamentáveis, as alucinações haviam piorado. Por outro lado, o tratamento estava apenas no começo. O médico-chefe considerava o caso dela interessante; ele nunca vira antes um paciente cujas alucinações se concentravam tanto nos horrores nazistas. Uma característica mais comum dos sintomas da esposa era a necessidade de cuidar de alguém, de qualquer pessoa, embora aparentemente isso fosse mais comum em mulheres que perderam um filho de forma

trágica. O médico-chefe parecia estar preparado para falar ainda mais sobre o caso dela. Ofereceu uma cadeira a Parts, que já queria ir embora, mas se afastou da janela e se sentou educadamente. Talvez o médico achasse que, como marido e parente mais próximo, ele precisasse de atenção especial. O médico-chefe parecia lamentar o fato de que fosse justamente a esposa de Parts que tivera de ser transferida. Paldiski 52 tinha muitos pacientes que nunca recebiam visitas.

— Surgiu alguma alucinação nova? — perguntou Parts.

— No momento, não. Espero que as fantasias criadas pela mente dela desapareçam durante o tratamento. A fantasia sobre uma filha continua. Em dias melhores, ela conversa com a filha imaginária o tempo todo, pergunta sobre seus estudos, dá dicas de beleza e conselhos sobre cabeleireiros bons para cabelos cacheados e outras coisas parecidas, coisas inocentes. Diferente de outras personagens imaginárias, a filha não a deixa agressiva — esclareceu o médico. — Pelo contrário, ela se sente orgulhosa, imagina que a filha faça faculdade.

— Talvez o fato de nunca ter tido um filho tenha provocado a doença — disse o camarada Parts. — Ela nunca concordou em se consultar com um especialista, embora eu tenha insistido muito. Poderia tudo isso ter sido evitado se ela tivesse concordado em ser tratada a tempo?

Parts fez sua voz estremecer na intensidade certa, fingindo esconder a emoção, embora fosse, na realidade, mais um alívio que qualquer outra coisa. Segundo a descrição do médico, sua esposa por fim se tornara uma completa lunática. Ele se apressou em assegurar que Parts não tinha motivo algum para se sentir culpado, essas eram questões difíceis.

— O ministro de Assuntos Internos recomendou Minsk. Não é muito longe — disse Parts.

— Você não tem com o que se preocupar, os novos hospitais psiquiátricos especiais são muito avançados. Sua esposa terá o melhor tratamento possível.

Parts deixou uma caixa de chocolates Kalevi e um saco de laranja na mesa do médico-chefe. Ele jamais pediria que a esposa recebesse alta do hospital para voltar para casa. Desde então, a casa se tornara silenciosa, seus pensamentos estavam mais claros, como vidro. Ele fora sentimental demais, cauteloso demais; deveria ter feito isso muito antes.

Era uma manhã particularmente clara, com uma luz inspiradora. Os esquilos do parque acompanharam Parts enquanto ele deixava o Paldiski 52 e refletia sobre o fato de que nunca mais teria de ver a esposa. Aquele era um fim e um começo; os passos de Parts se tornaram mais leves, cada vez mais leves. Decidiu dar uma longa caminhada. Estava com vontade de caminhar, seguia em frente como um balão solto. A primeira tiragem do livro havia sido de oitenta mil cópias, enquanto a tolice de Martinson tivera apenas vinte mil; as gráficas já estavam imprimindo mais. Amanhã seria dia de compras nas lojas especializadas, iria comprar carne moída; em um mês iria para a RDA, onde imprimiriam duzentas mil cópias do livro, depois para a Finlândia, onde também seria publicado. Conheceria novas pessoas, faria novos contatos; mas hoje, hoje era dia de folga. Afinal, ele tinha realmente um motivo para comemorar, e com ânimo para celebrar decidiu conferir o desenvolvimento da cidade. Tomou o novo ônibus elétrico para o hipódromo e o Estônia, comprou um sorvete e continuou a caminhar, sentindo-se descansado. Notou que tinha caminhado até a Mustamäe. Os estudantes iam e vinham e aquilo não o perturbava mais nem um pouco; pelo contrário, sentia como se pertencesse ao grupo, pois ele também estava começando uma nova vida. O sol surgiu por entre as nuvens, a força do vento limpando o céu. A luz se refletia na sílica, Parts teve de proteger os olhos com a mão. Ao lado de um arbusto, um bando de pombas levantou voo; virou a cabeça na direção delas, mas não viu nada, o céu estava branco demais. O ar estava limpo, imaculado como uma parede de cal, como o rosto de Rosalie ao ficar subitamente pálido contra a parede de cal do celeiro, quando ela se virara para olhar para Edgar, furiosa, tão furiosa e tão pálida.

— O que você está fazendo com os alemães? Eu o vi — sussurrara ela.

— Nada. Negócios.

— Você os alimenta com comunistas!

— Pensei que você fosse ficar feliz! O que você estava fazendo lá? Roland sabe que a noiva dele passa a noite na casa dos alemães?

— Não era nada. Eu só estava visitando Maria da destilaria.

— Então por que você não contou a Roland?

— Como você sabe que eu não contei? Leonida nem sempre tem forças para levar comida para a destilaria. Eu tenho pernas mais jovens.

— Devo perguntar? Devo contar a Roland que você ficou cansada de esperar por ele?

— Devo contar à sua esposa que você voltou para casa?

— Vá em frente e conte.

— Não quero machucá-la com isso. É tarefa sua — dissera Rosalie.

— Ela está melhor sem viver com um homem impotente e doente.

— O que você está insinuando?

— Eu vi como você olhou para o alemão com quem estava lidando. Eu vi quando ele saiu daqui.

— Na sua cabeça louca é proibido olhar? O que você fazia lá, o que você estava olhando? Eu vi você olhando para eles.

— Eu vi quando ele saiu daqui, ele saiu de trás do celeiro e eu vi. Eu sei, você entende? Juudit não compreende, não quer compreender, ela não entende, nunca ouviu falar dessa doença de que você sofre. Eu pensei sobre o assunto, pensei muito sobre isso, mas pensei nisso sozinha. Juudit merece outra coisa, algo melhor! Vou sugerir a ela que anule o casamento. Há razões para isso, um homem anormal é uma boa razão, a doença o torna impotente para ter filhos, como um marido deveria. Eu verifiquei tudo isso. É repugnante!

O rosto de Rosalie estava cheio de rugas, as rugas começaram a ficar vermelhas, as bordas brancas começaram a rachar; exalavam nojo. Não era parte da natureza de Rosalie mostrar tais sentimentos, ela era uma garota alegre, mas o nojo era maior, era invencível.

O pescoço de Rosalie era fino como um galho de amieiro. Ela havia usado tais galhos para fazer uma vassoura alguns meses antes, para limpar as paredes do celeiro antes de serem pintadas com cal. Depois misturara água com cal, batera no recipiente, pegara uma nova escova que Roland tinha feito com crina de cavalo cortada para a primavera e pintara as paredes voltadas para a luz para que ficassem mais brancas, cada vez mais e mais brancas, voltadas para a luz, com aqueles dedos magros que Roland tanto havia amado.

Termos que aparecem no romance

Durante a ocupação soviética na Estônia (1940-1941, 1944-1991)

Comitê de Segurança da RSS da Estônia
A unidade estoniana da KGB.

Departamento de antibandidismo

O Banditismivastase Võitluse Osakond (BVVO) era parte do Commissariado do Povo para Assuntos Internos (NKVD), cuja missão era lutar contra bandidos políticos e criminosos entre os anos 1944-1947; em 1947 a unidade foi incorporada ao Ministério de Segurança como uma unidade contra o banditismo político (resistência armada antissoviética), sob a supervisão do ministério.

Erna

Uma unidade de estonianos que recebiam treinamento militar na ilha de Staffan (Espoo, Finlândia) e que operou na Estônia ocupada pela União Soviética em missões de inteligência e guerrilha em 1941.

ETA

Eesti Telegraafiagentuur, a agência de notícias estatal da República Socialista Soviética da Estônia.

Glavlit

O principal órgão de censura na União Soviética relacionado a materiais impressos e emissões de rádio e televisão.

Irmãos da Floresta

Relvastatud Võitluse Liit (RVL), ou União pela Luta Armada (ULA), era um movimento armado clandestino que lutava contra a ocupação soviética no fim dos anos 1940.

KGB

A agência de segurança estatal para a União Soviética de 1954 até 1991. A KGB era responsável pela segurança e pela inteligência, à exceção da inteligência militar, que era competência da GRU. As agências de segurança da União Soviética passaram por numerosas mudanças de nome: Tcheka (1917-1922), GPU (1922-1923), OGPU (1923-1934), GUGB (1934-1941), parte do NKVD (1941-1943), NKGB e MGB (1941, 1943-1945, 1945-1953), MVD (1953-1954).

NKVD

O Commissariado do Povo para Assuntos Internos (1922-1923, 1934-1954). O NKVD da Rússia se tornou o NKVD da União Soviética em 1934. O MVD (Ministério de Assuntos Internos) foi formado como seu sucessor em 1946. Não houve mais commissariados do povo após a guerra, os ministérios os substituíram. O MVD continuou sua função como ministério, embora algumas de suas tarefas tenham sido repassadas à KGB, fundada em 1954.

PCUS

Partido Comunista da União Soviética. O PCUS era o único partido político permitido na União Soviética e, na prática, exercia a autoridade máxima.

RSS da Estônia

República Socialista Soviética da Estônia

Durante a ocupação da Alemanha nazista na Estônia (1941-1944)

Abwehr

Inteligência militar e órgão de contrainteligência da Wehrmacht.

AEL

Arbeitserziehungslager, campo de educação pelo trabalho, campo de trabalhos forçados.

Aufsegelung

Conversão de finlandeses na região do mar Báltico ao cristianismo. Para a Alemanha nazista, o Aufsegelung significava colocar a região do Báltico sob a esfera da cultura germânica.

BaltÖL

Baltische Öl GmbH (Gesellschaft mit beschränkter Haftung, ou sociedade de responsabilidade limitada).

Feldgendarmerie

A polícia militar da Wehrmacht.

Kommandeur der Sicherheitspolizei und des SD Estland

A unidade estoniana da polícia de segurança alemã. Os órgãos de segurança eram divididos em um setor alemão (grupo A) e um setor estoniano (grupo B). O Abteilung (unidade, abreviação Abt.) B IV formava a polícia política estoniana. No romance é denominado departamento B4.

Legião da Estônia

A Legião da Estônia era parte da Waffen-SS entre 1942-1943. A legião não conseguiu o número planejado de homens e, como um todo, não participou de batalhas. Em 1943, a Estnische SS-Freiwilligen-Brigade, ou Brigada Estoniana de Voluntários, foi formada para substituí-la, na qual eram mobilizados homens estonianos nascidos entre os anos de 1919 a 1924. Aqueles que eram mobilizados para prestar serviços ao Estado podiam escolher entre estes e a brigada.

Omakaitse

Guarda Doméstica Armada formada por estonianos. A Omakaitse foi formada pela primeira vez em 1917 para proteger os cidadãos e a propriedade privada em uma época em que o Estado não podia oferecer proteção. A primeira ocupação soviética aboliu a organização. Em 22 de junho de 1941, os Irmãos da Floresta, que estavam evitando a mobilização soviética e o alvo da repressão, reformaram a organização e participaram ativamente da Guerra de Verão (22/07/1941-21/10/1941). Depois do desfile da vitória dos alemães, a Omakaitse, formada por tropas guerrilheiras, foi dispersada e suas armas recolhidas. A Omakaitse foi fundada novamente em agosto do mesmo ano, dessa vez sob supervisão da potência ocupante. Em 1943, o alistamento à Omakaitse se tornou compulsório para homens entre 17 e 45 anos; em 1944, para homens entre 17 e 60 anos que não estivessem sujeitos à mobilização geral.

Ostland

Reichskommissariat Ostland era o governo da ocupação alemã das regiões da Estônia, da Letônia, da Lituânia, da Bielorrússia e do norte da Polônia que estavam fora da zona de guerra durante os anos 1941-1944.

OT

Organização Todt era a Organização de Construção do Estado, que consistia em civis e soldados. A organização era responsável por grandes projetos de construção, tanto na Alemanha como em terras ocupadas ou conquistadas. Usava trabalho forçado.

RSHA

Reichssicherheitshauptamt, Escritório Central de Segurança do Reich. O principal departamento da segurança do Estado sob supervisão da SS, funcionou entre 1939-1945. Era

formado pela Gestapo, a polícia secreta do Estado, pela Sicherheitsdienst, o serviço de inteligência da SS, e pela Kriminalpolizei, a polícia criminal do Estado.

SD

Sicherheitsdienst, serviço de segurança, era a organização de inteligência da SS.

SS

Schutzstaffeln der NSDAP era uma organização militar subordinada ao Partido Nacional-Socialista.

SS-WVHA

SS-Wirtschafts-und Verwaltungshauptamt, principal departamento econômico e administrativo da SS.

Todt

Ver OT.

Waffen-SS

A ala militar das tropas da SS.

Wehrmacht

O Exército da Alemanha nazista (1935-1945).

NOTA DA AUTORA

Eu já procurava por um personagem principal adequado para meu próximo romance havia algum tempo, quando encontrei acidentalmente um modelo para ele em 2009. O tema e o tópico eu já sabia em teoria, faltava apenas o rosto. Li um artigo por acaso, e qualquer uma de suas muitas personagens históricas poderia ter feito parte da minha história, pois todas eram pessoas que, de alguma forma, afetaram o modo como o mundo se transformou e ainda afetam como o passado é lido hoje.

Uma dessas personagens, entretanto, chamou especial atenção dentre as outras. Um homem que admirava fortemente as celebridades de sua época, *superstars*, ídolos — pilotos —, e queria ele mesmo ter sido um deles. Fingiu ser piloto e contava histórias das situações perigosas que havia encontrado durante seus voos e das celebridades para as quais pilotara. Até manipulou fotos em que aparecia como piloto.

Ele nunca voou de verdade. Nem tinha brevê de piloto.

Comecei meu trabalho assistindo a velhas exibições de acrobacias aéreas, experimentando uma submetralhadora finlandesa Suomi KP/-31 e pensando na esposa de um homem e em um casamento baseado em uma mentira.

Sofi Oksanen

**Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S.A.**

Quando as pombas desapareceram

Site da autora:

<http://www.sofioksanen.com/>

Wikipédia da autora:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Sofi_Oksanen

Facebook da autora:

<https://www.facebook.com/sofioksanen>

Twitter da autora:

<https://twitter.com/sofioksanen>

Goodreads da autora:

http://www.goodreads.com/author/show/1129509.Sofi_Oksanen

Goodreads do livro:

<http://www.goodreads.com/book/show/32079972-quando-as-pombas-desapareceram>

Skoob da autora:

<https://www.skoob.com.br/autor/16913-sofi-oksanen>

Skoob do livro:

<https://www.skoob.com.br/quando-as-pombas-desapareceram-608149ed608346.html>

Sinopse do livro:

http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=29418

Perfil da autora no site da Record:

http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=6439